



PAULO MANUEL MARANHÃO DE MIRANDA

TURISMO BALNEAR E DINÂMICAS TERRITORIAIS CASOS DE ESTUDO – PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA

Tese de doutoramento em Geografia, ramo de Geografia Humana,
orientada pela Professora Doutora Fernanda Delgado Cravidão e apresentada ao
Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Maio/2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PAULO MANUEL MARANHÃO DE MIRANDA

TURISMO BALNEAR E DINÂMICAS TERRITORIAIS
CASOS DE ESTUDO – PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA

Tese de doutoramento em Geografia, ramo de Geografia Humana,
orientada pela Professora Doutora Fernanda Delgado Cravidão e apresentada ao
Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2017

Ninguém escapa ao sonho de voar, de ultrapassar os limites do espaço onde nasceu, de ver novos lugares e novas gentes. Mas saber ver em cada coisa, em cada pessoa, aquele algo que a define como especial, um objecto singular, um amigo, é fundamental. Navegar é preciso, reconhecer o valor das coisas e das pessoas, é mais preciso ainda”

Antoine de Saint-Exupéry in “O Príncipezinho”

RESUMO

Os territórios do litoral oferecem um campo permanente para a investigação geográfica. Descrever as dinâmicas territoriais da paisagem litoral é descobrir as reações dos sistemas naturais à ação do ser humano, bem como, colocar em evidência a formação das complexas formas de vivenciar o espaço marítimo, de que somos todos herdeiros e dele fazemos parte. É neste contexto que pretendemos com este trabalho evidenciar a importância do turismo balnear nas dinâmicas territoriais de duas antigas localidades piscatórias, Praia de Mira e Praia da Tocha.

Apesar de ser um fenómeno relativamente recente, as práticas turísticas têm uma história longa. No mundo helénico os homens livres realizavam viagens por terra e pelo Mediterrâneo, estimulados pela sua natureza curiosa e vontade de conhecer outras realidades, de forma a aumentar os seus conhecimentos, dedicando-se, ainda, à contemplação ociosa do mundo que viam. No império romano era comum o ócio entre os cidadãos, pois acreditavam e praticavam o descanso do corpo e da mente, imprescindível à produtividade no trabalho. Desde sempre que a ânsia de saber e conhecer constituía a principal motivação das deslocações, intensificando-se as viagens com fins diplomáticos e com objetivos educativos. Contudo, é nos séculos XVII e XVIII, com o surgimento do *Grand Tour*, que se encontra a génese do turismo moderno. Nesta época do *Grand Tour* já havia alguma organização no que respeita ao alojamento destes turistas. No último terço do século XVIII, começam a ganhar projeção as idas às praias. A novidade reside, agora, na conciliação entre as finalidades terapêuticas e higienistas das águas marítimas, do revigorante ar à beira-mar, com uma sociabilidade festiva, dominada pelo lazer. Em consequência da crescente pressão urbanística, antigas aldeias de pescadores são transformadas em estâncias de veraneio. A vista para o mar é o fator principal para a localização das casas de praia.

Da necessidade ao desejo e gosto de estar em contacto com o litoral, a praia, o mar, o sol e todas as atividades que este espaço faculta, levou ao surgimento e desenvolvimento do **turismo balnear, costeiro, de sol e mar**. Este segmento turístico é constituído pelas atividades turísticas ligadas à recreação, entretenimento

ou descanso em praias, num ambiente costeiro, explorando e usando os seus recursos naturais na tríade praia, sol e mar.

Em Portugal o pioneirismo de veranejar em praias deve-se à família real portuguesa, com a instalação da corte em Cascais durante o verão na segunda metade do século XIX, estando na origem do movimento precursor da moda do banho em Portugal e que viria a consolidar-se ao longo do século XX.

Nos anos 60 e inícios da década de 70 o turismo nacional encontra um verdadeiro desenvolvimento. O *boom* económico dos países europeus, a massificação do uso do automóvel e as férias pagas são fatores que concorrem para o desenvolvimento da atividade turística em Portugal e do turismo balnear, em particular. Grandes empreendimentos turísticos são criados na costa algarvia, na Ilha da Madeira e nas praias da península de Tróia, bem como a construção dos aeroportos internacionais do Algarve e do Funchal. O território em estudo, não fica alheio a este fenómeno, sendo que também foi alvo de uma intervenção urbanística nos anos 50 do século passado, na localidade da Praia de Mira, a fim de dar resposta à crescente procura turística no lugar.

Este território é caracterizado por uma elevada fragilidade física, onde todas as iniciativas para desenvolver o turismo balnear devem ser planeadas, avaliadas e monitorizadas de forma sistemática, a fim de evitar uma degradação paisagística e ambiental e, por outro lado, para não colocar bens e vidas em risco.

Na Praia de Mira e a Praia da Tocha, do ponto de vista demográfico, é a população flutuante que apresenta maior dinamismo, sobretudo na Praia da Tocha. São lugares que surgiram e se desenvolveram pela exploração dos recursos marinhos, com um processo de crescimento demográfico contínuo, à custa de migrações internas, populações das proximidades, atraídas pelo seu desenvolvimento, sobretudo na década de oitenta do século passado na Praia de Mira e, uma década depois, um forte incremento populacional na Praia da Tocha. A expansão dos alojamentos nos lugares em estudo aconteceu segundo o ritmo de crescimento populacional, sendo que na Praia da Tocha foi onde o fenómeno mais se evidenciou. A população residente apresenta uma estrutura etária envelhecida.

O arrendamento informal a veraneantes é uma prática comum. A época de arrendamento do imóvel a veraneantes na Praia de Mira acontece no verão, enquanto na Praia da Tocha também sucede fora do época balnear, ao longo de todo o ano. A reincidência do alojamento de uns anos para os outros é uma realidade muito forte na Praia de Mira, pois há uma tradição enraizada em arrendar os espaços de uns anos para os outros aos mesmos veraneantes. Na Praia da Tocha ainda se encontram ecos de um lugar com um passado de terra de pescadores sazonais e ocupação temporária pelos proprietários das residências secundárias, na época de verão.

A estrutura etária dos veraneantes revela-nos também que a Praia de Mira é mais procurada por jovens e idosos e que a Praia da Tocha é frequentada maioritariamente por adultos. A Praia de Mira atrai mais estrangeiros do que a Praia da Tocha. A casa de férias é a razão principal dos turistas que frequentam a Praia da Tocha, pois são, na sua maioria, proprietários da mesma. É lugar de residências secundárias. A Praia de Mira tem mais e melhor disponibilidade e capacidade hoteleira do que a Praia da Tocha, bem como melhores estruturas para a prática de campismo.

Enquanto a Barrinha é o recurso de referência para os veraneantes da Praia de Mira, os turistas da Praia da Tocha consideram os campos agrícolas das aldeias próximas, a segurança, a tranquilidade e a luz da praia como sendo os aspetos e referências que mais apreciam na localidade.

São lugares onde o turismo balnear se instalou, moldou e alterou a organização do território, embora separados por uma distância curta, a evolução que apresentam mostra como a procura os diferencia e, sobretudo, a relação com o mar e agricultura os tem mantido social e economicamente diferentes.

Palavras-chave:

Turismo Balnear; Praia de Mira; Praia da Tocha; Planeamento

RÉSUMÉ

Les territoires du littoral offrent un champ permanent pour l'investigation géographique. Décrire les dynamiques territoriales du paysage littoral c'est découvrir les réactions des systèmes naturels à l'action de l'être humain, ainsi que, mettre en évidence la formation de complexes formes de vivre de l'espace maritime dont on est tous héritiers et duquel on fait partie. C'est dans ce contexte qu'on prétend, avec ce travail, mettre en évidence l'importance du tourisme balnéaire dans les dynamiques territoriales de deux anciens villages de pêcheurs: Praia de Mira et Praia da Tocha.

Malgré que ce soit un phénomène relativement récent, les habitudes touristiques ont une longue histoire. Dans le monde hellénique les hommes libres réalisaient des voyages par terre et par la Méditerranée, stimulés par leur nature curieuse et volonté de connaître d'autres réalités, de façon à augmenter leurs connaissances, se dédiant encore à la simple contemplation du monde où ils vivaient. Dans l'empire romain le vice du loisir était commun entre les citoyens, car on croyait et on pratiquait le repos du corps et de l'esprit, indispensable à la productivité dans le travail. Depuis toujours le désir de savoir et de connaître constituait la principale motivation des déplacements, intensifiant les voyages aux fins diplomatiques et avec des objectifs éducatifs. Cependant, c'est au XVII et XVIII siècle avec le surgissement du Grand Tour qu'on connaît la genèse du tourisme moderne. À l'époque du Grand Tour il y avait déjà une certaine organisation en ce qui concerne le logement de ces touristes. Au dernier tiers du siècle XVIII les déplacements aux plages commencent à acquérir une certaine projection. La nouveauté réside maintenant dans la conciliation entre les finalités thérapeutiques et hygiénistes des eaux maritimes du vivifiant air au bord de la mer avec une sociabilité de fête dominée par le loisir. En conséquence de la croissante pression urbanistique, les anciens villages de pêcheurs sont transformés en stations d'été. La vue face à la mer devient le facteur principal pour la localisation des maisons de plage.

Du besoin au désir et le goût d'être en contact avec le littoral, la plage, la mer, le soleil et toutes les activités que cet espace favorise, a emmené au surgissement et développement du tourisme de plage, côtier, de soleil et de mer. Ce segment

touristique est constitué par les activités touristiques liées à la récréation, loisir ou repos sur les plages, dans une ambiance côtière, exploitant et utilisant ses recours naturels dans la triade plage, soleil et mer .

Au Portugal on doit la nouveauté de passer l'été sur les plages à la famille royale portugaise avec l'installation de la cour à Cascais pendant l'été, à la deuxième moitié du siècle XIX étant à l'origine du mouvement précurseur de la mode du bain au Portugal et que sera consolidé tout au long du XX ème siècle.

Dans les années 60 et début des 70, le tourisme national trouvera un vrai développement. Le boom économique des pays européens, la massification de l'utilisation de la voiture et les vacances rémunérées sont des facteurs qui contribuent à la croissance de l'activité touristique au Portugal et du tourisme de plage en particulier. Des grandes entreprises touristiques sont créées dans la côte de l'Algarve, à l'île de Madeira et dans les plages de la péninsule de Troie, bien comme la construction des aéroports internationaux de l'Algarve et Funchal. Le territoire en étude n'est pas étrange à ce phénomène, étant aussi cible d'une intervention urbanistique dans les années 50 du dernier siècle, au village de Praia de Mira afin de répondre à la croissante recherche touristique.

Ce territoire est caractérisé par une haute fragilité physique où toutes les initiatives pour développer le tourisme de plage doivent être planifiées, évaluées et suivies de façon systématique afin d'éviter une dégradation paysagiste et environnemental et, d'autre côté, pour ne pas mettre en risque des biens et des vies.

La Praia de Mira et la Praia da Tocha du point de vue démographique est la population flottante qui présente le plus de dynamisme, surtout sur la Praia da Tocha. Ce sont des endroits qui ont surgi et se sont développés par l'exploitation des recours marins avec un processus de croissance démographique continu, dû aux migrations internes, aux populations des proximités attirés par son développement, surtout dans la décennie 80 du dernier siècle sur la Praia de Mira et une décennie plus tard une forte augmentation de la population sur la Praia da Tocha. L'expansion des logements aux endroits en étude est arrivée selon le rythme de la croissance de la population,

étant sur la Praia da Tocha où le phénomène s'est prouvé le plus. La population résidente présente une structure vieillie.

Le loyer informel aux vacanciers est une pratique commune. L'époque du loyer des immeubles aux vacanciers dans la Praia de Mira arrive dans l'été, tandis qu'à la Praia de Tocha il arrive aussi en dehors de l'époque balnéaire, tout au long de l'année. La répétition du logement d'une époque à l'autre est une réalité très forte à la Praia de Mira car il y a une tradition très enracinée de loyer les espaces d'une année à l'autre aux mêmes vacanciers. À la Praia da Tocha on rencontre encore des échos d'un endroit avec un passé de terre de pêcheurs saisonniers et d'occupation temporaire par les propriétaires des résidences secondaires pendant l'époque d'été.

La structure de l'âge des vacanciers nous révèle aussi que la Praia de Mira est la plus recherchée par les jeunes et les personnes les plus âgées et que la Praia da Tocha est, en majorité, fréquentée par des adultes. La Praia de Mira est plus fréquentée par des étrangers que la Praia da Tocha. La maison de vacances est la principale raison des touristes qui fréquentent la Praia da Tocha, car ils en sont propriétaires. C'est l'endroit d'habitations secondaires. La Praia de Mira a plus de disponibilité et capacité hôtelière que la Praia da Tocha, ainsi que des meilleures structures pour la pratique du camping .

Tandis que Barrinha est le destin de référence pour les vacanciers de la Praia de Mira, les touristes de la Praia da Tocha considèrent les champs agricoles des villages voisins, la sécurité, la tranquillité et la lumière de la plage comme les aspects les plus appréciés dans cet endroit.

Ce sont des endroits où le tourisme de plage s'est installé, modelé et altéré l'organisation du territoire, malgré la courte distance qui les sépare, l'évolution qui présentent démontre comme la recherche les distingue et surtout la relation avec la mer et l'agriculture les maintient social et économiquement différents.

Mots-clés:

Tourisme balnéaire; Praia de Mira; Praia da Tocha; Planification

ABSTRACT

The coastal territories offer a permanent field for the geographical investigation. Describing the territorial dynamics of coastal landscape is to discover the reactions of natural systems to the action of the human being, as well as, to put in evidence the formation of complex forms of experiencing the maritime space, of which we are all heirs and part of it.. It is in this context that we intend with this work to point out the importance of beach tourism in the territorial dynamics of two former fishing villages, Praia de Mira and Praia da Tocha.

Although it is a relatively recent phenomenon, the tourist practices have a long story. In the Hellenic world free men travelled by land and by the Mediterranean, stimulated by their curious nature and will of knowing other realities, in a way of increasing knowledge, dedicating themselves, still, to idle contemplation of the world they were seeing. In the Roman Empire leisure among citizens was common, as they believed and practiced body and mind rest, essential to work productivity. Since always the anxiety to know was the main motivation of the trips, intensifying travel with diplomatic purposes and educational objectives. However it is in the XVII and XVIII centuries, with the emergence of the GRAND TOUR, that one finds the genesis of modern tourism. During the time of the GRAND TOUR there was already some organization on what concerns accommodation of these tourists. In the last third of the XVIII century, the trips to the beach begin to gain projection. The novelty lies, now, in the conciliation between the therapeutic and hygienic purposes of the maritime waters, the invigorating air at the seaside, with a festive sociability, dominated by leisure.

As a consequence of the increasing urban pressure, old fishing villages are transformed in holiday resorts. The sea view is the main factor to the beach houses location.

From the necessity to the desire and liking of being in touch with the coast, the beach, the sea, the sun and all the activities this space offers, all this led to the emergence and development of beach tourism, sun and sea. This tourism segment is made up of tourist activities linked to recreation, entertainment or resting on

beaches, in a coastal environment, exploring and using its natural resources in the triad beach, sun and sea.

In Portugal the pioneering of beach vacation is due to the Portuguese royal family, with the installation of the court in Cascais during the summer in the second half of the XIX century, being in the origin of the precursor movement of the bath fashion in Portugal and that will consolidate throughout the XX century.

During the 60's and beginning of the 70's national tourism finds a real development. The economic boom of the European countries, the massification of car use and paid vacation are the factors that contribute for the development of the touristic activity in Portugal, and beach tourism in particular. Great tourist resorts are built on the Algarve coast, Madeira Island and on the beaches of the Tróia Peninsula, as the building of Algarve and Funchal international airports. The territory under study, does not remain unaware of this phenomenon, being also the subject of an urban intervention during the 50's of the last century, in the location of Praia de Mira, in order to respond to the increasing tourist demand.

Territory characterized by a high physical fragility, where all the initiatives to develop beach tourism, have to be planned, evaluated and supervised systematically, so as to avoid landscape and environmental degradation, and on the other hand, not to put goods and lives at risk.

Praia de Mira and Praia da Tocha, from the demographic point of view, it is the floating population that shows greater dynamism, principally in Praia da Tocha. These are places that have arisen and developed due to the exploitation of marine resources, with a process of continuous demographic growth, thanks to internal migrations, nearby populations, enticed by its development, mainly in the 80's of last century in Praia da Tocha and, a decade later, a strong population increase in Praia da Tocha.

The expansion of lodgings in the places under study happened according to the pace of population growth, being in Praia da Tocha where the phenomenon gained more evidence. The resident population presents an ageing structure.

Informal rental to vacationers is a common practice. The time of estate rental to vacationers in Praia de Mira happens during summer while in Praia da Tocha that also happens out of the beach season along the whole year. The recurrence of the accommodation from one year to the other is a very strong reality in Praia de Mira, as there's a strong tradition to rent the spaces from one year to another to the same vacationers. In Praia da Tocha one can still find echoes of a place with a past of a land of seasonal fisherman and temporary occupation by the owners of secondary residences, during summer time.

The age structure of vacationers also shows us that Praia de Mira is mostly wanted by the young and the old and that in Praia da Tocha the majority are adults. The house of the holidays is the principal reason of the tourist that go to Praia da Tocha, because they own it. It is a place of secondary residences. Praia de Mira has more and better availability and hotel capacity than Praia da Tocha, as well as better structures for camping.

While Barrinha is the reference resource for vacationers of Praia de Mira, the tourists of Praia da Tocha consider the farms of the villages near the place, the security, the tranquility and the light of the beach as the aspects and references that they most appreciate in the location.

These are places where beach tourism has settled, shaped and changed the organization of the territory, although separated by a short distance the evolution they present shows how the demand differentiates them and principally the relation with the sea and agriculture have kept them social and economically different.

KEY - WORDS:

Beach tourism; Praia de Mira; Praia da Tocha; Planning

AGRADECIMENTOS

Pode-se sonhar, idealizar, delinear, mas para concretizar o sonho e chegar ao ponto idealizado, necessitamos do “outro”, que abraça a nossa causa, nos ajude, suavizando o percurso e reforçando a certeza de cumprir o objectivo inicialmente proposto. A realização deste trabalho de investigação não se traduziu num percurso solitário. Um estudo de tal natureza não poderia nunca ter resultado da mesma forma se não fosse pela ajuda e orientação prestadas por diversas pessoas e instituições, cujo contributo se revelou decisivo nas diferentes fases desta jornada académica.

Regozijo-me ao abrir esta dissertação agradecendo a todos aqueles que de forma direta ou indireta estiveram comigo ao longo de todo este percurso. Em primeiro lugar uma palavra de especial atenção, reconhecimento e uma profunda gratidão, à minha orientadora Professora Doutora Fernanda Cravidão, por tudo o que me fez ver, pensar, questionar, (des)creditar, (des)construir, formar e transformar, desde o primeiro ano da licenciatura em Geografia, mas também por sempre ter acreditado em mim, pelo testemunho de rigor científico que sempre imprimiu e do qual tanto desejamos aproximar-nos, numa sempre disponibilidade infinita. Enfim, por ter sido um exemplo personificado de mente instigante de responsabilidade e de sucesso. Somos eternamente devedores, e estamos crentes de que o que nos ensinou e estará sempre na origem de tudo quanto de melhor empreendermos realizar.

Agradeço ao Serviço Municipal de Inovação e Qualidade, da Câmara Municipal de Cantanhede, na pessoa do Sr. João Ferra, que sempre se disponibilizou para me facultar cartografia atual da Praia da Tocha. Aos Serviços Comerciais – INOVA - Empresa de Desenvolvimento Económico e Social de Cantanhede - EM - SA, também da Câmara Municipal de Cantanhede, na pessoa do Sr. Fernando Silva, que também sempre se disponibilizou também para me facultar valores de consumo de água na Praia da Tocha.

Agradeço à Associação de Moradores da Praia da Tocha, na pessoa da Sra. Maria João, pela disponibilidade e empenho na realização dos inquéritos aos residentes e veraneantes. Muito obrigado.

Agradeço ao Serviço de Planeamento Ordenamento e Sistemas de Informação Geográfica, da Câmara Municipal de Mira, na pessoa da Sra. Sandra Domingues, que sempre se disponibilizou para facultar cartografia atual da Praia de Mira. Ao Posto de Turismo da Praia de Mira, da Câmara Municipal de Mira, na pessoa do Sr. João Cupido, pela disponibilidade e empenho na realização dos inquéritos aos residentes e veraneantes. Sou muito agradecido. À Biblioteca Municipal de Mira, na pessoa da Sra. Lurdes, pelo auxílio na procura de referências bibliográficas do concelho de Mira.

Agradeço à Comissão de Coordenação da Região Centro (CCRC), na pessoa da Dra. Adelaide Loio, colega de curso e querida amiga, pela disponibilidade e prontidão em facultar informações estatísticas de índole regional. A Dona Isabel Coelho, da Biblioteca do Departamento de Geografia e Turismo, pela sempre disponibilidade em ajudar na procura de literatura geográfica. Um muito bem haja.

Uma palavra de amizade e reconhecimento aos professores doutores Lúcio Cunha, Norberto Santos e Campar de Almeida, pelo incentivo, palavra amiga e conversas frutuozas sobre o nosso trabalho.

Aos meus queridos amigos José, ao Nelson, ao Ricardo, à Ana, à Teresa R., à Teresa A, à Matilde e à Lola pela revisão do texto. À Margarida, à Arcelina e à Gi, que nestes últimos seis anos tantas vezes me disseram “*tu consegues*”. Um muito obrigado a todos vós. Sou infinitamente reconhecido pelo que foram e são para mim.

À minha mãe, agradeço o ensinamento de que o verbo *desistir* raramente é conjugado na nossa vida. Por fim, ao meu pai (*in memoriam*) e aos meus queridos avós (*in memoriam*), a quem devo o que sou e em que me transformei.

Muito obrigado!

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL.....	1
ÍNDICE DE FIGURAS	2
ÍNDICE DE QUADROS.....	3
ÍNDICES DE GRÁFICOS	4
INTRODUÇÃO	5
ÁREA DE ESTUDO.....	14
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	17
PARTE I	22
CAPÍTULO I – O FENÓMENO TURÍSTICO.....	22
1.1 – TEMPO LIVRE, RECREAÇÃO E LAZER.....	22
1.2 – TURISMO E TEMPO: DOS CONCEITOS ÀS PRÁTICAS	26
CAPÍTULO II – TURISMO BALNEAR EM PORTUGAL	70
2.1 – TURISMO E CULTURA BALNEAR	70
PARTE II.....	84
CAPÍTULO I – OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO	84
1.1 – QUADRO FÍSICO – FRAGILIDADE DO TERRITÓRIO	85
1.2 – A POPULAÇÃO E O TERRITÓRIO	90
CAPÍTULO II – DINÂMICAS ATUAIS: OFERTA E PROCURA TURÍSTICA NAS LOCALIDADES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA.....	147
2.1 – QUESTÕES METODOLÓGICAS ESPECÍFICAS.....	147
2.2 – OFERTA TURÍSTICA NAS LOCALIDADES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA....	148
2.3 – PROCURA TURÍSTICA NAS LOCALIDADES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA.	189
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	212
ANEXOS	261
(quadros).....	261
ANEXOS	271
(modelo inquérito preliminar população residente Praia de Mira e Praia da Tocha)....	271
ANEXOS	278
(modelo inquérito preliminar veraneantes Praia de Mira e Praia da Tocha)	278
ANEXOS	285
(modelo inquérito população residente Praia de Mira e Praia da Tocha)	285
ANEXOS	292
(modelo inquérito veraneantes Praia de Mira e Praia da Tocha).....	292

INDICE DE FIGURAS

FIGURA 1: LOCALIZAÇÃO DOS LUGARES DE ESTUDO.....	14
FIGURA 2: MODELO TEÓRICO DA ABORDAGEM ESPACIAL DE LEIPER	29
FIGURA 3: MODELO DE SISTEMA TURÍSTICO DE MATHIESON AND WALL.....	31
FIGURA 4: MODELO DE SISTEMA TURÍSTICO DE MURPHY	32
FIGURA 5: MODELO DE SISTEMA TURÍSTICO DE GUNN	32
FIGURA 6: MODELO DE SISTEMA TURÍSTICO DE INSKEEP	33
FIGURA 7: MODELO DE SISTEMA TURÍSTICO DE COSTA	34
FIGURA 8: MODELO DE SISTEMA TURÍSTICO DE LEIPER <i>IN</i> COOPER	35
FIGURA 9: PRAIA DE BRIGHTON COM MÁQUINAS DE BANHO, 1880.....	41
FIGURA 10: PALÁCIO DE BLEINHEIM.....	43
FIGURA 11: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO TURISMO DE MASSAS	58
FIGURA 12: VELHO TURISTA VERSUS NOVO TURISTA.....	62
FIGURA 13: MARQUES DE OLIVEIRA, PRAIA DE BANHOS. PÓVOA DE VARZIM, 1884.....	72
FIGURA 14: CARTAZES TURÍSTICOS	74
FIGURA 15: FIGUEIRA DA FOZ, 1920/1930	75
FIGURA 16: PRAIA S. JOÃO DO ESTORIL.....	77
FIGURA 17: CARTAZES DE PROMOÇÃO TURÍSTICA DA COSTA DO ESTORIL, ANOS 40 DO SÉCULO XX	79
FIGURA 18: CARTAZES DE PROMOÇÃO TURÍSTICA DA COSTA DO ESTORIL, ANOS 50 DO SÉCULO XX	81
FIGURA 19: ENQUADRAMENTO GEOMORFOLÓGICO DA ÁREA DE ESTUDO	85
FIGURA 20: FASES DA FORMAÇÃO DA RIA DE AVEIRO.....	86
FIGURA 21: MIRAVILLAS, MIRAÓASIS.....	96
FIGURA 22: DENSIDADE POPULACIONAL EM PORTUGAL.....	102
FIGURA 23: PRAIA DE MIRA (1958)	117
FIGURA 24: CARTOGRAFIA DA PRAIA DE MIRA EM 1948	118
FIGURA 25: CARTOGRAFIA DA PRAIA DE MIRA EM 1973	120
FIGURA 26: IMAGEM AÉREA DO MIRAVILLAS E MIRAÓASIS (PRAIA DE MIRA).....	123
FIGURA 27: CARTOGRAFIA DA PRAIA DE MIRA EM 1999	124
FIGURA 28: PLANTA DA PRAIA DE MIRA EM 2015, ESCALA 1/10000.....	126
FIGURA 29: AZULEJARIA PORTUGUESA - ANTIGA VILA PISCATÓRIA DA PRAIA DA TOCHA.....	133
FIGURA 30: CARTOGRAFIA DA PRAIA DA TOCHA EM 1947.....	134
FIGURA 31: CARTOGRAFIA DA PRAIA DA TOCHA EM 1977.....	135
FIGURA 32: CARTOGRAFIA DA PRAIA DA TOCHA EM 1999.....	137
FIGURA 33: PLANTA DA PRAIA DA TOCHA EM 2015, ESCALA 1/10000.....	138
FIGURA 34: PALHEIROS DA PRAIA DA TOCHA.....	142
FIGURA 35: CARACTERIZAÇÃO GERAL DA POPULAÇÃO RESIDENTE, QUANTO AO GÉNERO, À IDADE, ESTADO CIVIL, AGREGADO FAMILIAR E ESCOLARIDADE, EM 2012.....	150
FIGURA 36: INSERÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA QUANTO À ATIVIDADE ECONÓMICA DESENVOLVIDA EM 2012.....	158
FIGURA 37: CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO VERANEANTE, QUANTO AO GÉNERO, À IDADE, ESTADO CIVIL, AGREGADO FAMILIAR E ESCOLARIDADE EM 2012.....	191
FIGURA 38: NATURALIDADE DOS VERANEANTES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012.....	194
FIGURA 39: RESIDÊNCIA DOS VERANEANTES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012.....	195

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1: INQUÉRITOS APLICADOS À POPULAÇÃO RESIDENTE	19
QUADRO 2: INQUÉRITOS APLICADOS AOS VERANEANTES	20
QUADRO 3: A ORGANIZAÇÃO DO TEMPO LIVRE	24
QUADRO 4: VARIAÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE EM PORTUGAL; CONCELHOS DE MIRA E CANTANHEDE;	91
QUADRO 5: DENSIDADE POPULACIONAL NAS ESCALAS DE ANÁLISE NACIONAL, CONCELHIA E LOCAL.....	101
QUADRO 6: ALOJAMENTO NA PRAIA DE MIRA	120
QUADRO 7: HABITAÇÃO NA PRAIA DE MIRA EM 2014	131
QUADRO 8: INFRAESTRUTURAS E IMOBILIÁRIO URBANO NA PRAIA DE MIRA EM 2014.....	132
QUADRO 9: ALOJAMENTO NA PRAIA DA TOCHA	135
QUADRO 10: HABITAÇÃO NA PRAIA DA TOCHA EM 2014.....	141
QUADRO 11: INFRAESTRUTURAS E IMOBILIÁRIO URBANO NA PRAIA DA TOCHA EM 2014	143
QUADRO 12: INDICADORES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2014.....	145
QUADRO 13: REPARTIÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE SEGUNDO O ESTADO CIVIL,.....	151
QUADRO 14: NATURALIDADE E NACIONALIDADE DA POPULAÇÃO RESIDENTE.....	153
QUADRO 15: EXPERIÊNCIA DE VIVER EM OUTRO PAÍS,	155
QUADRO 16: CARACTERÍSTICAS DA HABITAÇÃO NA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012,	163
QUADRO 17: CARACTERÍSTICAS DO ARRENDAMENTO INFORMAL	168
QUADRO 18: SATISFAÇÃO PELAS INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS.....	176
QUADRO 19: O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS ANOS.....	183
QUADRO 20: NACIONALIDADE DOS VERANEANTES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012	194
QUADRO 21: RENDIMENTO DOS VERANEANTES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012.....	197
QUADRO 22: FREQUÊNCIA, ÉPOCAS ESPECÍFICAS, PERSPECTIVA DE VOLTAR; TRANSPORTE UTILIZADO, TIPO DE DESLOCAÇÃO DOS VERANEANTES E ESTADA ATUAL E EM ANOS ANTERIORES	199
QUADRO 23: TIPO DE ALOJAMENTO: HOTELARIA E CAMPISMO DOS VERANEANTES	201
QUADRO 24: DURAÇÃO DA ESTADA E PREÇO MÉDIO POR NOITE.....	203
QUADRO 25: UTILIZAÇÃO E SATISFAÇÃO DE EQUIPAMENTOS PELOS VERANEANTES.....	204
QUADRO 26: SUGESTÕES DE EQUIPAMENTOS NA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012.....	205
QUADRO 27: SATISFAÇÃO PELO USO DE EQUIPAMENTOS E SUGESTÕES DOS TURISTAS.....	206
QUADRO 28: OUTRAS PRAIAS QUE FREQUENTAM E VISITAS PARA OUTROS LUGARES	207
QUADRO 29: POPULAÇÃO RESIDENTE EM PORTUGAL; CONCELHOS DE MIRA E CANTANHEDE;	262
QUADRO 30: EVOLUÇÃO DOS ALOJAMENTOS E DA POPULAÇÃO RESIDENTE NA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA.....	262
QUADRO 31: EVOLUÇÃO DA PERCENTAGEM DOS ALOJAMENTOS E DA POPULAÇÃO RESIDENTE NA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA.....	262
QUADRO 32: DISTRIBUIÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS DOS RESIDENTES INQUIRIDOS	263
QUADRO 33: ESTADO CIVIL DA POPULAÇÃO RESIDENTE INQUIRIDA	263
QUADRO 34: ESCOLARIDADE DA POPULAÇÃO RESIDENTE INQUIRIDA	264
QUADRO 35: PROFISSÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE INQUIRIDA.....	264
QUADRO 36: MOTIVAÇÃO PARA EXERCER OUTRA ATIVIDADE ECONÓMICA DA POPULAÇÃO RESIDENTE INQUIRIDA.....	264
QUADRO 37: RENDIMENTO DA POPULAÇÃO RESIDENTE INQUIRIDA	264
QUADRO 38: ARRENDAMENTO DO IMÓVEL A VERANEANTES EM 2012	265
QUADRO 39: RAZÕES DO ARRENDAMENTO INFORMAL A TURISTAS	265
QUADRO 40: ASPECTOS A MELHORAR NA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012	265
QUADRO 41: IMPORTÂNCIA DO TURISMO BALNEAR NAS LOCALIDADES	266
QUADRO 42: DISTRIBUIÇÃO POR GRUPOS ETÁRIOS DOS VERANEANTES INQUIRIDOS	266
QUADRO 43: ESTADO CIVIL DOS VERANEANTES INQUIRIDOS	267
QUADRO 44: ESCOLARIDADE DOS VERANEANTES INQUIRIDOS	267
QUADRO 45: NATURALIDADE DOS VERANEANTES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012.....	267
QUADRO 46: RESIDÊNCIA DOS VERANEANTES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012	268
QUADRO 47: PROFISSÃO DOS VERANEANTES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012	268
QUADRO 48: RAZÕES DA ESCOLHA DOS VERANEANTES.....	268

QUADRO 49: ALOJAMENTO DOS VERANEANTES	269
QUADRO 50: RAZÕES NA ESCOLHA DO ALOJAMENTO DOS VERANEANTES	269
QUADRO 51: O QUE MAIS APRECIAM OS VERANEANTES	270

ÍNDICES DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: POPULAÇÃO RESIDENTE EM PORTUGAL; CONCELHOS DE MIRA E CANTANHEDE;	92
GRÁFICO 2: EVOLUÇÃO DOS ALOJAMENTOS E DA POPULAÇÃO RESIDENTE	104
GRÁFICO 3: EVOLUÇÃO DA PERCENTAGEM DOS ALOJAMENTOS E DA POPULAÇÃO RESIDENTE	106
GRÁFICO 4: ARRENDAMENTO DO IMÓVEL A VERANEANTES EM 2012	165
GRÁFICO 5: RAZÕES DO ARRENDAMENTO INFORMAL A TURISTAS	174
GRÁFICO 6: ASPECTOS A MELHORAR NA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012	177
GRÁFICO 7: IMPORTÂNCIA DO TURISMO BALNEAR NAS LOCALIDADES	182
GRÁFICO 8: PROFISSÃO DOS VERANEANTES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA EM 2012	196
GRÁFICO 9: RAZÕES DA ESCOLHA DOS VERANEANTES	198
GRÁFICO 10: ALOJAMENTO DOS VERANEANTES	201
GRÁFICO 11: RAZÕES NA ESCOLHA DO ALOJAMENTO DOS VERANEANTES	202
GRÁFICO 12: O QUE MAIS APRECIAM OS VERANEANTES	208

INTRODUÇÃO

Os territórios do litoral oferecem um campo extraordinário para a investigação geográfica. As dinâmicas territoriais provocadas pelo turismo balnear no litoral, nas suas diversas escalas, correspondem a diferentes intensidades de relações entre natureza e sociedade, com singulares repercussões no território. O litoral é por natureza uma área de transição, sujeito a um forte desgaste e alteração.

Descrever as dinâmicas territoriais da paisagem litoral é descobrir as reações dos sistemas naturais à ação do ser humano, bem como, colocar em evidência a formação das complexas formas de vivenciar o espaço marítimo, de que somos todos herdeiros e dele fazemos parte. O conhecimento do processo e a sua reflexão são fundamentais para entender e explicar as sequências socioeconómicas, políticas e culturais que envolvem os diferentes territórios costeiros, na medida em que da interação natureza/sociedade resulta, em grande parte, a organização geográfica do litoral.

O desenvolvimento das sociedades industriais e, conseqüentemente, de consumo, provoca o crescimento de novas formas de comunicação e de transporte, criando várias mudanças, principalmente na organização das atividades turísticas nas zonas costeiras (SANTOS, 2008). O consumo de espaço torna-se mais intenso.

As diferentes formas de utilização das zonas costeiras deixaram numerosos traços na paisagem e na cultura das populações, depositárias de um testemunho de interações profundas entre o ser humano e o espaço geográfico. Depois da *“invenção da praia”*, em finais do século XVIII, o litoral converteu-se num espaço iminentemente social, criando uma complexidade na paisagem, com ritmos de evolução e ajustamentos naturais às diversas tentativas de controlo, como sendo um reflexo do processo de ocupação humana que se fez por etapas, de acordo com a relação e percepção que as comunidades humanas foram desenvolvendo com esse território. Depois da obra de Alain Corbin - *O território do vazio. A praia e o imaginário ocidental* (1989), os investigadores procuram

aprofundar as relações entre o ser humano e o litoral, bem como, conhecer as suas transformações ao longo do tempo (FREITAS, 2010).

No país “*onde a terra se acaba e o mar começa*”¹, o litoral português teve uma ocupação tardia, relativamente ao todo nacional. DIAS (2005) refere que embora tenham existido desde muito cedo cidades e vilas de importante tradição marítima, em finais do século XVIII uma grande extensão do litoral encontrava-se ainda praticamente deserta ou seria habitada por pequenas comunidades de pescadores, que aí viviam em aglomerados de carácter precário e sazonal, constituídos por palheiros ou cabanas. Também FREITAS (2007), salienta que no início do século XIX, o litoral português ainda é um território pouco apetecível, sendo visto como áreas desoladas, areentas, sujeitas a ventos fortes e carregados de salsugem e a invasões do mar, oferecendo assim, reduzido sustento às populações, já que, por um lado, a atividade pesqueira tradicional era dificultada pelas condições de passagens dos barcos na zona de rebentação das ondas, e por outro, a agricultura é praticamente impossível de se desenvolver, devido à ausência de solos aráveis. A mesma autora refere ainda que, em apenas alguns pontos do litoral aberto é possível encontrar algumas áreas abrigadas e propícias à fixação de comunidades humanas, sendo constituídas por barracas ou palheiros, como o exemplo da Praia da Vagueira, Palheiros de Mira, Palheiros da Tocha, Palheiros de Quiaios, Costa de Lavos, Praia da Vieira e Cabanas (de Tavira).

No decorrer do século XIX, o litoral entra num novo ciclo de ocupação, em grande parte devido à medicina, que dá conta das propriedades terapêuticas do mar e da exposição ao ar da praia. ORTIGÃO (1876) refere que o banho de mar tem duplo carácter, sendo higiénico e terapêutico. MACHADO (1996) salienta que o uso terapêutico da ida à praia por parte das classes sociais mais elevadas, contribui para uma conversão deste lugar inóspito e repulsivo que é o litoral, num lugar civilizado e mais tarde, popularizado pelos restantes grupos sociais. A intensificação do uso do litoral não significou, porém, a mistura entre as classes e grupos sociais. DIAS (2005) corrobora a autora anteriormente citada e reforça que, pelo contrário, fez despontar novas

¹ Luís de Camões, *Os Lusíadas*, canto VIII, estrofe 78

² São as praias da Aguda, Albufeira, Algés, Ancora, Apúlia, Areia Branca, Armação de Pêra, Arrábida, Paulo Manuel Maranhão de Miranda

estratégias de distinção social, como por exemplo, a utilização de diferentes trechos da costa por diferentes grupos, a frequência de uma mesma praia em épocas distintas do ano, ou a existência num mesmo local de zonas separadas para os diferentes grupos sociais. O mesmo autor salienta ainda que as práticas talassoterapêuticas (banhos de mar) apenas ocupavam uma parte do dia, sendo importante arranjar ocupação para os turistas, nos longos tempos livres nesses lugares. Este concatenamento de factores sociológicos com disponibilidade económica e de tempo livre conduziu ao aparecimento de vários serviços, no que hoje se chama de apoio de praia, de onde se destacam os clubes, os casinos e os hotéis de luxo. Começam, assim, a surgir em litorais que durante séculos tinham estado ausentes de qualquer ocupação humana, ou muito baixa densidade populacional, edificações várias para apoio à nova atividade do turismo balnear, sejam casas para alojamento de famílias, sejam hotéis para o visitante ocasional, sejam clubes e casinos para ocupação de tempos livres.

A difusão do hábito de *“ir para a praia”*, inicialmente limitada ao grupo seletivo daqueles que tinham posses para o fazer, é referido por FREITAS (2007), que só teve lugar a partir da segunda metade do século XIX. Salienta ainda que cada praia tinha características próprias definidas em função daqueles que ali se instalavam sazonalmente. Umas, eram mais cosmopolitas, largamente abertas a todas as regiões do país e até à vizinha Espanha, sendo frequentadas por aqueles que procuravam a agitação e os divertimentos (por ex. Póvoa do Varzim, Espinho e Figueira da Foz). Outras eram apanágio quase exclusivo de algumas famílias aristocráticas, que as tomavam só para si, como acontecia em Vila do Conde, Granja e Cascais. Outras ainda eram utilizadas essencialmente por gente das regiões e localidades mais próximas, como sucedia nas modestas praias do Furadouro, Vieira, Lagos e Monte Gordo. Por fim, existiam aquelas onde todos os anos se reunia um reduzido número de famílias conhecidas (Apúlia, Costa Nova, S. Jacinto, Torreira, Mira, Pedrogão, Baleal). Ainda a mesma autora salienta também que pequenos aglomerados piscatórios ou áreas desertas foram pouco a pouco crescendo com a construção de todo um vasto leque de infraestruturas essenciais à acomodação de grandes afluências de turistas no verão. O aparecimento e difusão do caminho-de-ferro contribuiu decisivamente para a afirmação de certas praias, tornando-as acessíveis a um maior número de pessoas.

O advento do século XX trouxe para os vilegiadores e conseqüentemente, para as zonas costeiras, novas práticas turísticas e novos usos do espaço como consequência da intensificação da ida e permanência na praia. Foi durante a Primeira República que a ida à praia se impôs como prática social mais generalizada, como afirma VIEIRA (1999) no seu *Portugal Século XX. Crónica em Imagens*, (1999, pág. 27), “desaparecida a anterior classe dominante [...] a nomenclatura republicana, os novos-ricos que surgem a partir de certo momento e a arraia-miúda tomam conta dos espaços de convívio colectivo”. Nesta época, nos primeiros anos do novo século, para o fenómeno turístico balnear, a propaganda turística, que então começou a surgir de forma intensa, teve um papel importante, captando novas clientelas para as estâncias balneares (MARTINS, 2011). O mesmo autor refere ainda que também uma das fontes para esse período, e que através da qual é possível compreender o grau de importância das praias no panorama nacional, o tipo de pessoas que as frequentavam, bem como o seu potencial turístico, é o guia “*As nossas praias: indicações gerais para o uso de banhistas e turistas*”, publicado em 1918 pela Sociedade Propaganda de Portugal. O guia tem um cariz essencialmente elogioso, optimista e confiante no progresso, fazendo parte dum pensamento inerente ao republicanismo português e à própria Sociedade Propaganda de Portugal.

A novidade nas duas primeiras décadas do século XX para o turismo encontra-se no interesse do Estado pelas áreas litorais. As razões prendiam-se com a necessidade de controlar os rendimentos gerados pelas atividades turísticas, quer pela sua relevância para a economia nacional quer pelas receitas auferidas pelo erário público através da cobrança de impostos (FREITAS, 2007). O Decreto-lei nº 8714 de 14-03-1923, publicado na *Revista de Turismo*, nº 130, de 01-04-1923, refere quais as praias portuguesas classificadas na década de vinte do século XX como estâncias de turismo², de acordo com o que se mencionou nos parágrafos anteriores, e que serão responsáveis pelo

² São as praias da Aguda, Albufeira, Algés, Ancora, Apúlia, Areia Branca, Armação de Pêra, Arrábida, Buarcos, Cacela, Carcavelos, Caxias, Cesimbra, Consolação, Baleal, S. Bernardino, Costa da Caparica, Costa Nova, Barra, Dafundo, Esposende, Ericeira, Espinho, S. João do Estoril, Estoril, Figueira da Foz, Foz do Arelho, Foz (Douro), Miradouro, Granja, Lagos, S. Roque (Lagos), D. Ana, Estudantes (Lagos), Pinhão (Lagos), Entre Santos (Lagos), Leça da Palmeira, Moledo, Monte Gordo, Montedor, Oeiras, Paço de Arcos, Parede, Peniche, Pedrouços, Porto Covo, Póvoa do Varzim, Nazaré, Praia das Maças, Praia da Rocha, Quarteira, S. Cruz, S. Amaro, S. Martinho, S. Pedro de Muel, S. Julião, Sines, Sur (Lajes), Ferreira (Estarreja), Trafaria, Viana do Castelo, Vieira, Vila do Conde, V.N. Milfontes, Ilhavo, Mira, Almogrove, Zambujeira, N. S. da Luz.

desenvolvimento do fenómeno turístico balnear em Portugal, nas décadas seguintes.

Vinte anos depois, nos anos 30 e 40 do século passado, várias localidades costeiras foram objeto de estudo e planificação em termos urbanísticos, por parte do Estado, com consequências, por um lado, no desenvolvimento do turismo balnear e, por outro, como forma do estado poder reivindicar mais e melhores dividendos, obtidos pelas receitas do turismo que se desenvolve e pratica nas praias portuguesas. A exemplo disso, foram alvo de alterações urbanísticas a Praia do Cabedelo da Foz do Lima (1934), a Praia da Rocha (1935), Vieira de Leiria (1937-1947), Monte Gordo (1941), Moledo do Minho (1941), Quarteira (1942), Costa de Caparica (1947), Praia de Mira (1948), entre outras.

A mesma fonte refere que o ponto de viragem, no que concerne ao interesse (e à aposta) das autoridades nas áreas costeiras anteriormente desertas, dá-se em meados do século XX, com a emergência do fenómeno do turismo balnear, que implicou novas formas de perceber o litoral e fez despontar novas potencialidades no que dizia respeito ao seu aproveitamento económico. O slogan “*sol e mar*” foi um dos principais cartazes turísticos nacionais a vender no estrangeiro. A nível interno, esforçaram-se por desenvolver uma política de turismo, que servisse de suporte ao crescimento desta indústria de serviços e garantisse a existência das infraestruturas básicas de apoio às novas atividades. Tudo isto teve forte impacto no litoral, que se tornou o principal destino de férias dos estrangeiros de visita a Portugal e dos próprios cidadãos nacionais, com repercussões evidentes a nível da dinâmica territorial costeira.

Foi neste contexto de profundas alterações da percepção do litoral em Portugal, anos 50 do século XX, que a Praia de Mira entra num declínio enquanto povoação de homens do mar, de vocação essencialmente pesqueira, e começa a construir-se como localidade de turismo balnear por excelência. Há toda uma transformação nas funcionalidades do solo, que ocorrem para dar resposta à crescente procura turística nesta praia, culminando na atualidade como um lugar de veraneio consolidado por excelência. Até aos anos oitenta do século XX a Praia da Tocha era uma localidade de pescadores, de ocupação sazonal por parte destes e por turistas que procuravam a praia no verão, e só apareciam aí no período estival. O resto do ano encontra-se despovoada. As alterações funcionais do lugar só começaram a acontecer há 30 anos, e hoje tem uma

vocação diferente, estando ainda em processo de afirmação de identidade e funcionalidade.

O principal propósito deste trabalho é evidenciar a importância do turismo balnear nas dinâmicas territoriais de duas antigas localidades piscatórias, Praia de Mira e Praia da Tocha. Demonstrar como este fenómeno as pode diferenciar, mesmo que distando uma da outra pouco mais que uma dezena de quilómetros. A investigação desenvolvida no âmbito do programa de doutoramento em Geografia, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tem como temática central o turismo balnear e as dinâmicas territoriais originadas por este. Para o estudo definiu-se um tema, questões a tratar, e um conjunto de hipóteses, conforme o esquema seguinte.

Tema: o turismo balnear e as dinâmicas territoriais – o caso da Praia de Mira e Praia da Tocha

Questões-chave:

- a) Que papel tem tido o turismo balnear enquanto gerador de mutações espaciais em antigos lugares piscatórios?
- b) Será o turismo balnear o motor fulcral para uma revitalização destes lugares piscatórios?

Questões-específicas:

- a) Serão as dinâmicas territoriais semelhantes nos casos em estudo?
- b) Onde se baseiam as diferentes forças que concebem dinâmicas territoriais singulares, despertadas pelo mesmo fenómeno?
- c) Estas dinâmicas territoriais conduziram a um crescimento e/ou desenvolvimento destes espaços?

- d) Onde residem os contributos que concorrem para que estes lugares manifestem crescimento/desenvolvimento no quadro regional do centro do país?
- e) A partir dos resultados obtidos, poder-se-á criar um arquétipo para outras realidades?

Hipótese: o papel do turismo balnear tem sido fundamental para a coesão territorial e social das localidades em estudo, com ações concretas e dinâmicas, levando à transformação dos lugares com desenvolvimento efetivo, nulo ou atrofico?

Neste sentido a tese procura demonstrar que:

- I - O pensamento geográfico, pela análise das dinâmicas dos territórios, dos lugares, à escala regional e local, em muito beneficia o entendimento do fenómeno turismo balnear, numa perspectiva do tempo presente e, sobretudo, numa perspectiva de futuro;
- II - No âmbito do turismo balnear e nos territórios de vocação de sol e mar, as estratégias de desenvolvimento passam por garantir a qualidade dos espaços, a sustentabilidade dos lugares, a inovação e competitividade das práticas turísticas, nas tomadas de decisão futuras, nestes territórios tão frágeis do ponto de vista do suporte físico e ambiental;
- III - Dois lugares próximos e idênticos conseguem ter comportamentos e dinâmicas territoriais diferentes, tendo o mesmo recurso e produto turístico a impulsionar o mesmo fenómeno, conseguindo atrair turistas com perfis bem diferenciados.

O ponto de partida para a escolha do tema foi a realização de trabalhos académicos anteriores, licenciatura e mestrado, também eles abordando a temática turística no território em estudo. O desejo de aprofundar resultados anteriormente conseguidos foi determinante.

A Praia de Mira e a Praia da Tocha são localidades que têm a mesma origem – a pesca nos meses de verão – com uma ocupação sazonal, correspondendo a essa

atividade. No período de defeso, os pescadores voltavam para as suas terras de origem, deixando os lugares vazios de habitantes, porque não garantiam sustento às famílias durante o inverno. A Praia de Mira, e segundo BRITO (1981), ainda na primeira metade do século XIX passa a lugar de residência permanente todo o ano. A Praia da Tocha é localidade de ocupação temporária, com uma população flutuante, e segundo a mesma autora, até aos anos 60 do século XX.

Nos primórdios a Praia de Mira é um lugar humilde, habitado por uma população pobre, que se dedicava à exploração de recursos no mar e em terra. Por imposição estatal, nos anos 50 do século XX, é desenvolvido um plano urbanístico na localidade, que constou na substituição das primitivas habitações de madeira – palheiros – por habitações de tijolos e cimento, para assim dar resposta à crescente procura turística, de veraneantes oriundos dos concelhos do interior, que para aí se deslocavam, a fim de passar as férias de verão. A Praia da Tocha nunca foi alvo de uma intervenção urbanística, a fim de dar resposta à crescente procura turística nos locais costeiros, mantendo desse modo a primitiva fisionomia urbana de localidade de pescadores sazonais, que viviam nos típicos palheiros.

Na atualidade são lugares de vilegiatura. O espaço urbano desenvolve-se na Praia de Mira como lugar de turismo balnear bem consolidado, enquanto a Praia da Tocha tem especial vocação para localidade de residências secundárias, conforme os valores publicados pelo INE.

As transformações ocorridas nestes lugares provocaram inquietações que motivaram à realização deste trabalho. A forma como a população local foi deslocada dos primitivos palheiros para as novas casas de cimento, e como as comunidades tradicionais que habitavam as áreas costeiras se começaram a comportar perante o desenvolvimento do turismo balnear, constituem os principais pontos de investigação.

As localidades da Praia de Mira e da Praia da Tocha dispõem de consideráveis recursos e produtos turísticos, como um areal e mar livres de poluentes, uma floresta bem desenvolvida, perfeita para passeios e atividades ao ar livre, lagos e ribeiras ideais para a pesca desportiva e utilização náutica lúdica sem motor, uma gastronomia típica das zonas costeiras, uma cultura tradicional que é selo de identidade destes lugares

litorâneos, entre variados atrativos turísticos.

Da relação entre turismo e ambiente costeiro surgem diferentes dimensões espaciais de abordagem do tema, que se enriquecem através da análise comparativa. Assim, surgiu a opção de investigar duas praias da costa portuguesa, como consequência do crescimento da procura pelo turismo de praia, sol e mar, e que apresentam dinâmicas territoriais bem diferenciadas.

Este estudo desenvolve-se em **duas partes e quatro capítulos**, que se relacionam entre si, que visam responder a três questões nucleares, à tríade de *o quê, onde e como*, no que vai ser estudado (tema); onde vai ser estudado (território), e como vai ser estudado (metodologias).

A **primeira parte** corresponde ao argumento e sua dimensão teórica e metodológica a utilizar nesta tese. Aqui cabem dois capítulos. No **capítulo I**, subdividido em dois pontos, tratar-se-á de conceitos relacionados na dimensão teórica de tempo livre, recreação e lazer, bem como, o conceito de turismo e suas práticas históricas, de forma breve. O **capítulo II** refere-se ao fenómeno e dinâmica do turismo balnear em Portugal, desde a origem e até ao presente, na sua dimensão temporal e espacial.

Na **segunda parte** é apresentado o estudo de caso, com dois capítulos. No **capítulo I** é focada a dimensão território como objecto de estudo, nos domínios físico e ocupação humana. Tratar-se-á de uma descrição física do território em que se inserem as localidades em estudo, bem como, uma análise demográfica das localidades, e povoamento destas. O **capítulo II** apresenta uma análise dos resultados conseguidos através dos instrumentos de investigação utilizados para aferir do fenómeno turismo balnear nestes lugares, que é o centro de toda esta tese de doutoramento. As questões da oferta e procura turística serão tratadas e analisadas mediante os resultados dos inquéritos lançados às populações residentes e aos veraneantes de cada localidade.

O último ponto corresponde às **considerações finais**, que resultam de toda a investigação. O procedimento metodológico que seguiremos para realizar a investigação, será tratado no ponto seguinte.

ÁREA DE ESTUDO

A delimitação da área de estudo está relacionada com os objectivos da investigação, previstos anteriormente. As praias escolhidas encontram-se localizadas na região centro.



Figura 1: Localização dos lugares de estudo

Fonte: <https://www.google.pt/maps/@39.5926097,-8.1120438,7z>,
acedido em 1 de Dezembro 2014

A Praia de Mira e a Praia da Tocha apresentam diferenças no modo como os dois territórios foram povoados e ocupados. Numa escala maior, com maior detalhe, os dois lugares dispõem de pontos semelhantes, tais como as praias compostas por sedimentos quaternários, poucos consolidados, tradição das atividades de pesca e atração para o desenvolvimento das atividades turísticas, conforme discutido no capítulo I da segunda parte.

A Praia de Mira é uma vila e sede de freguesia, do concelho de Mira, distrito de Coimbra. Teve a sua origem num povoado de pescadores sazonais, onde *“os avós e bisavós dos atuais moradores vinham do Norte (não sabem já exatamente de onde) fazer aqui a temporada de verão”* (BRITO, 1981, pág. 25), passando ainda no decorrer do século XIX, a lugar de residência permanente. Em meados do século XX, por decisão estatal, sofreu uma importante alteração urbanística, *“onde um geógrafo soubera ver ‘incomparável pitoresco’ e ‘valor técnico’ na arte de edificar em madeira, não viram os autores do plano de urbanização, e as autoridades que os apoiaram, mais que ‘extrema humildade’, para a qual o bota-abaixo seria, como em tantos outros casos, o radical remédio”* (BRITO, 1981, pág. 14), eliminando por completo marcas do povoamento primitivo, com os seus típicos palheiros, para satisfazer a crescente procura turística. Na atualidade é uma localidade bem consolidada nas suas funções residenciais e de veraneio, equipada com as valências necessárias para satisfação das necessidades dos seus habitantes e turistas que a procuram.

A Praia da Tocha é uma localidade da freguesia da Tocha, concelho de Cantanhede, também do distrito de Coimbra. À semelhança da Praia de Mira, é igualmente um lugar com origem num povoado sazonal de pescadores, mas ao contrário da Praia de Mira, só um século mais tarde se torna localidade de residência permanente, com poucos habitantes. Nunca foi alvo de uma intervenção urbanística para fins turísticos. É uma localidade que preserva a fisionomia do povoado primitivo, com as casas de madeira, palheiros, a construírem a paisagem.

A escolha destes lugares prende-se com dois motivos que se cruzam em ambas as localidades, ainda que de forma bem individualizada: o primeiro, pelo facto de o turismo balnear ser uma atividade que já se encontra instalada nos lugares, ainda que com

intensidades e estágios bem diferenciados para cada praia, mesmo distando uma da outra poucos quilómetros, e com diferentes dinâmicas territoriais causadas por esta prática nos recursos naturais e, principalmente, na população residente. O segundo motivo da escolha prende-se com o facto de ser um território sem estudos académicos no tema do turismo balnear, sobretudo a Praia da Tocha. No caso da Praia de Mira já se realizaram alguns. Também, e no caso da Praia de Mira, por o turismo balnear se encontrar bem desenvolvido e consolidado no lugar, o seu estudo permite entender a maturidade das relações estabelecidas entre ambiente costeiro e população, e as suas inevitáveis consequências no território. Por outro lado, como na Praia da Tocha o turismo balnear é uma atividade que está a surgir num estágio muito embrionário, o seu estudo nesta fase permite a compreensão das primeiras consequências originadas pelo turismo nos recursos naturais e população local, e, sobretudo, permite compreender a diferenciação com a Praia de Mira, mesmo que seja o mesmo fenómeno a despoletá-las. O aumento do fluxo de pessoas e de veículos nos meses de época alta, julho, agosto e setembro, provocam vários impactos ao ambiente costeiro (CUNHA, 1997), que nas localidades em estudo, se manifestam em escalas diferenciadas.

Nas páginas seguintes iremos fazer uma abordagem ao fenómeno turístico para melhor compreender o processo que justificam as atuais dinâmicas territoriais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No desenvolvimento da metodologia utilizada no trabalho de investigação, dois pontos são importantes a considerar: o primeiro contém a ideia de que as dinâmicas territoriais provocadas pelo turismo balnear podem ser positivas e/ou negativas para as sociedades e território que ocupam, dependendo do modo como cada espaço esteja estruturado. Para tal analisaram-se as especificidades de cada lugar, na Praia de Mira e na Praia da Tocha, para em seguida se poderem estabelecer comparações entre as duas localidades, a fim de identificar diferenças e semelhanças, na forma como turismo e território se encontram organizados. O segundo advém do papel que o turismo balnear pode ter na revitalização destes lugares piscatórios.

O território resulta das interações continuadas no tempo que envolvem factores físicos e humanos, conforme será discutido no capítulo I da segunda parte. Na abordagem sobre a relação entre turismo e ambiente costeiro, tanto na Praia de Mira como na Praia da Tocha, a análise sobre a barrinha, as dunas, a floresta e a forma como a população interage nessas áreas será indispensável, pois a maioria dos problemas encontrados tem origem na sociedade, no uso que esta faz do território.

O desenvolvimento da abordagem ao turismo tem uma delimitação temporal identificada, segundo a literatura consultada³, em três fases de existência do turismo. A primeira corresponde ao turismo de elite, por se tratar de uma atividade praticada pela população de maior poder aquisitivo, que se estendeu até à Segunda Guerra Mundial. O segundo período ficou designado como turismo de massas, por envolver grande número de turistas a fazer a mesma coisa, e que teve o seu auge até à década de oitenta. A terceira fase corresponde à Nova Era do Turismo, que se desenvolveu depois da década de oitenta do século XX. Em todo este tempo considerado, as práticas turísticas provocaram uma maior relação entre turismo e ambiente costeiro. As fases do turismo anteriormente mencionadas não têm rigidez temporal nem espacial, pois dificilmente

³ Neste assunto são referenciada, Poon, 1993; Fernandes, 2010; Sarmiento, 2010; Moreira, 2012/2013, entre outros

não estão presentes em cada território convertido em território de turismo. Encontramos sempre os três tipos de turismo: de elite, de massa e ambiental, em espaços bem próximos. No nosso trabalho o destaque temporal é aquele que acontece a partir da década de 70 do século XX, visto que foi a partir dessa década que as localidades da Praia de Mira e da Praia da Tocha passaram a ter maiores influências das atividades turística balneares aí desenvolvidas. Também salientamos que é a partir da década de setenta do século passado que a Praia da Tocha começa a reunir população residente de forma permanente.

Os métodos de investigação em Geografia, pela análise quantitativa e qualitativa, são caminhos e abordagens na investigação científica e também no domínio do turismo. As técnicas de recolha de dados passam pela observação, pela análise documental e estatística, por inquéritos e por questionário. A triangulação⁴ destes faculto o cruzamento de informação e promove uma maior reflexão.

Pelo método dedutivo, partimos da análise geral do território à escala nacional e regional, para depois enfatizar a escala local, dos lugares de estudo. Primeiro analisámos as realidades do território investigado, para depois estabelecer comparação, de modo a identificar as principais diferenças e semelhanças encontradas, para cada lugar. Na utilização do método comparativo, sistematizaram-se os dados e as informações recolhidas nos diferentes órgãos de informação e publicação, nos principais centros de investigação e diretamente no terreno.

A maioria dos dados estatísticos encontrados correspondem à escala nacional e regional, o que tornou o trabalho de campo fundamental para aprofundar a investigação e colmatar a escassez de dados, realizado durante seis meses consecutivos, de maio a novembro de 2012. Este trabalho de campo foi desenvolvido com a utilização de variadas técnicas de análise geográfica, como aplicação de inquéritos, entrevistas, conversas informais com diferentes segmentos da população, aquisição de imagens fotográficas, filmagem e atualização de cartas militares e topográficas.

⁴ O termo “**triangulação**” surge na área da psicologia com Campbell e Fiske (1959, in Tashakkori e Teddlie, 1998), que se propuseram completar ou testar empiricamente os resultados obtidos utilizando diferentes técnicas quantitativas. Permite produzir um retrato do fenómeno em análise mais completo e holístico.

No âmbito da aplicação de inquéritos por questionário, aplicamos um às populações residentes e outro aos veraneantes, para cada localidade, sendo o critério de seleção por conveniência da amostra. Num primeiro momento aplicou-se um inquérito sob a forma de modelo⁵, para avaliar a relação entre as questões e as respostas. Após ter-se verificado que era exequível, passámos à aplicação em definitivo⁶. Ao inquirir as populações residentes pretendeu-se conhecer a estrutura demográfica, estrutura familiar e estrutura económica dos lugares, e também a sua instrução. Por outro lado, pretendeu-se igualmente conhecer hábitos e práticas num lugar onde se pratica turismo balnear. Por fim, saber a opinião dos residentes quanto à satisfação das infraestruturas turísticas, bem como, a percepção que estas populações têm do fenómeno turístico nas suas vidas.

De acordo com o quadro 1 do total dos inquéritos aplicados nas duas localidades, 341 inquéritos foram aplicados na Praia de Mira e 127 realizados na Praia da Tocha, perfazendo um total de 468 inquéritos. Ou seja, 73% foram utilizados na Praia de Mira e os restantes 27% foram aplicados na Praia da Tocha, conforme a tabela de KREJCIE, R. *et al.* (1970) *“Determining sample size for research activities”*. Não ocorreram inquéritos inválidos.

RESIDENTES		Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Total	Válido	341	127	468
	Inválido	0	0	0
	% Total	72,9%	27,1%	100,0%

Quadro 1: Inquéritos aplicados à população residente

Fonte: Trabalho de campo, 2012

Ao inquirir os veraneantes pretendeu-se conhecer a sua origem, instrução, rendimento. Por outro lado, pretendeu-se igualmente conhecer hábitos, práticas e

⁵ Ver anexo: (modelo inquérito preliminar população residente na Praia de Mira e Praia da Tocha e modelo inquérito preliminar população veraneante da Praia de Mira e Praia da Tocha)

⁶ Ver anexo: (modelo inquérito definitivo população residente na Praia de Mira e Praia da Tocha e modelo inquérito definitivo população veraneante da Praia de Mira e Praia da Tocha)

razões que os levam a escolher estes lugares para aí passar o tempo de férias. Por fim, conhecer a opinião dos turistas quanto à satisfação relativamente às infraestruturas turísticas, motivações, bem como a percepção que estes veraneantes têm do fenómeno turístico nestas localidades.

Conforme o quadro 2, do total dos inquéritos aplicados, 172 inquéritos foram aplicados na Praia de Mira e 123 realizados na Praia da Tocha, perfazendo um total de 295 inquéritos. Ou seja, 58% foram utilizados na Praia de Mira e os restantes 42% foram aplicados na Praia da Tocha. Também não ocorreram inquéritos inválidos.

VERANEANTES		Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Total	Válido	172	123	295
	Inválido	0	0	0
	% Total	58,3%	41,7%	100,0%

Quadro 2: Inquéritos aplicados aos veraneantes

Fonte: Trabalho de campo, 2012

As informações mais relevantes e decisivas que se pretenderam obter para este estudo, com a aplicação deste instrumento próprio, nunca foram objeto de recolha por qualquer entidade ou organismo, de modo tão detalhado e específico.

Depois de realizadas as diferentes etapas do trabalho de campo, analisaram-se os dados e as informações recolhidas, com o apoio dos recursos disponíveis do Excel e do SPSS (Statistical Package for the Social Sciences). Num primeiro momento, organizou-se e construiu-se uma base de dados, com as informações mais importantes, referentes aos objetivos da investigação. Estas informações já organizadas, num segundo momento, servirão de base à elaboração dos mapas, gráficos e tabelas, que partindo do total de resultados em ambas as localidades, determinaremos o valor em percentagem para cada um dos lugares, a fim de inferir a grandeza de cada um. A interação entre uma interpretação geral e particular da realidade, levou-nos à utilização das pequenas, médias e grandes escalas, para acompanhar as transformações espaciais decorrentes das dinâmicas territoriais, nos lugares da Praia de Mira e da Praia da Tocha.

O texto produzido resume e descreve as investigações realizadas. A bibliografia consultada, as imagens captadas e os inquéritos aplicados, são os fundamentos da tese. Ao longo da escrita e sempre que pertinente, incorporamos resultados obtidos pelos inquéritos, a fim de melhor descrever e caracterizar um fenómeno.

A necessidade de obter informações em escalas de maiores detalhes nos dois municípios e a exigência de tempo no trabalho de campo, principalmente no que se refere à aplicação dos inquéritos à comunidade, motivou a delimitação da área de estudo.

Como já referimos, a área de estudo distribui-se por dois lugares com origens temporalmente diferentes e economicamente dependentes, sobretudo dos recursos marinhos, pescado, e portanto, funcionando como lugares de veraneio.

PARTE I

CAPITULO I - O FENÓMENO TURÍSTICO

1.1 - TEMPO LIVRE, RECREAÇÃO E LAZER

Os autores que a seguir referenciamos, retratam melhor no nosso entender, que os conceitos de tempo livre, recreação e lazer são e estão opostos ao tempo de trabalho. Não é nosso propósito problematizar estes conceitos à exaustão, mas tão-somente clarificá-los, a fim de fundamentar o entendimento das práticas turísticas, já que neste tema têm sido outros autores a trabalharem esta temática.

A palavra ócio, derivada do latim *otium*, significando o fruto das horas vagas, o tempo de não trabalho, do descanso e da tranquilidade. O trabalho e o lazer intercalam-se no cotidiano do indivíduo. Neste sentido, a literatura diz-nos que o tempo livre refere-se aqui ao tempo sem compromissos obrigatórios, tempo voluntariamente livre, logo, diferente de ser tempo livre por imposição, por uma situação de desemprego ou outra análoga. Significa um tempo que se utiliza também para práticas turísticas, de lazer e ócio. O ócio constitui uma experiência gratuita, necessária e enriquecedora da natureza humana.

De acordo com DUMAZEDIER (1962, 1973 e 1979), o lazer é exercido à margem das obrigações sociais num tempo que varia segundo a forma de intensidade de ajuste do mesmo nas atividades laborais. O lazer encontra-se submetido num lugar de destaque, com funções de descanso, desenvolvimento da personalidade e diversão. Por outro lado, o ócio, representa algo mais do que essas categorias. Ele está no âmbito do liberatório, do gratuito, do hedonismo e do pessoal, sendo um conjunto de ocupações às quais o indivíduo se pode dedicar de maneira completamente voluntária para descansar, divertir-se, desenvolver uma função desinteressada, liberto das suas obrigações profissionais, familiares e sociais, e assim desfrutar do *“lazer como uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vivencia e cujos valores propiciam condições de recuperação e de desenvolvimento pessoal e social”*, (REQUIXA, 1977, pág.

11). Este autor salienta que o ambiente urbano industrial permitiu que o trabalhador fosse dispoendo de um tempo verdadeiramente livre e com tendência a aumentar.

CAMARGO (1989) conceitua o lazer como um conjunto de atividades que devem reunir certas características: devem ser gratuitas, prazerosas, voluntárias e liberatórias centradas em interesses culturais, físicos, manuais, intelectuais, artísticos e associativos, realizadas num tempo livre, subtraído ou conquistado, historicamente, da jornada de trabalho profissional e doméstica e que interferem no desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos. Também BONIFACE e COOPER (1990) se enquadram nesta perspectiva, considerando que ao lazer corresponde o tempo disponível, o tempo livre para um indivíduo, depois de trabalhar, dormir e desenvolver outras necessidades básicas.

BACAL (2003) e CUENCA (2003) referem que o tempo livre, tal como o concebemos hoje, adveio da natureza cronológica que atinge o apogeu pós-revolução industrial. É da libertação do tempo, que devia ser dedicado ao trabalho, que emerge a noção do tempo livre. Neste caso, o sujeito atua com a percepção de fazer uso desse tempo com total liberdade e de maneira criativa, dependendo da sua consciência de valor sobre o seu tempo. O tempo livre surge da libertação de parcelas de tempo do trabalho, quando poderiam ser desenvolvidas atividades relacionadas com a sobrevivência física e social do indivíduo, pois *“o tempo livre é aquele que nos resta após o término do trabalho, do descanso, das atividades físicas e das obrigações familiares. O tempo livre varia durante as nossas vidas, quando crianças e adolescentes, temos muito tempo livre que se reduz quando começamos a trabalhar e volta a aumentar quando a jornada do trabalho diminui ou se acaba”*, PRADO (2006, pág. 307). Nesta perspectiva o autor mostra um ciclo do tempo livre na vida humana, conforme a idade e responsabilidades que o sujeito tem e vai tendo ao longo da sua vida: da juventude e maturidade livres de compromissos, depois de uma idade adulta de responsabilidades laborais.

A ideia de que *“redução e a delimitação do tempo de trabalho têm como corolário a formação de um tempo livre,”* SANTOS e GAMA (2008, pág. 59), reportando-nos para as consequências do aumento do tempo de lazer. Este engloba um tempo de lazer que reflete a importância, onde *“as práticas ligadas ao tempo livre têm, como quaisquer*

outras, relação com o espaço” (GAMA, (2008, pág. 12) das formas atuais de massificação do ócio, adquirindo uma dimensão espacial, geográfica, e importância dos lugares de lazer. Neste sentido já BONIFACE e COOPER (1990, citado por SANTOS, 2008, pág. 8) evidenciam a vertente espacial ou geográfica quando abordam a problemática do lazer, conforme o quadro seguinte.

TEMPO LIVRE

Lazer - Espaço de tempo onde o indivíduo satisfaz as suas necessidades básicas			
Em casa: - leitura - jardinagem - visionamento de TV - socialização - etc.	Lazer diário: Visitar teatros ou frequentar restaurantes, praticar desportos (quer como participante quer como espectador, socializar, etc.	Viagens: diárias, visitas a atrações ou fazer piqueniques, etc.	Turismo: Deslocações temporárias do local de residência; atividades de trabalho, atividades realizadas durante a estada e os equipamentos criados para satisfazer as necessidades
ESPAÇO GEOGRÁFICO			
Casa	Local	Regional	Nacional e Internacional

Quadro 3: A organização do tempo livre

Fonte: BONIFACE e COOPER, citados por GAMA, SANTOS, 2008

Efetivamente, (SANTOS, 2008) salienta que o lazer ganha significado, em termos de análise, quando se conjugam diferentes escalas e diferentes tempos. Isto quer dizer que a geografia permite destacar a importância dos lazeres, tanto quando a abordagem é efetuada através das relações entre os espaços e as pessoas (lugares), como quando o é através das relações entre diferentes tempos de vida ou das relações com espaços de apropriação que conjugam acessibilidades e distâncias de grande diversidade. Ambos os autores sublinham a importância dos lugares de lazer ou, pelo menos, do significado das diversas escalas de análise para a sua compreensão, porque *“a relação tempo de trabalho/tempo livre põe em evidência três ou quatro tipos [de lazer], conforme a*

dimensão do tempo livre se relaciona com o dia, a semana, o ano, a vida. Ao primeiro correspondem algumas horas fora do trabalho, do sono, e das obrigações; ao segundo, os fins-de-semana; ao terceiro, as férias; ao último, a reforma” (GAMA, 1988, pág. 210).

Mais recentemente, GRZEGORZ GOŁEMBSKI e AGNIESZKA NIEZGODA (2012, p. 169 e 170), referem e defendem que *“a globalização tem um impacto fundamental sobre o uso do tempo pelo homem. (...) A globalização oferece acesso direto e imediato a uma variedade quase ilimitada de ofertas turísticas, permite a compra direta de bilhetes para todas as partes do mundo, e faz com que seja possível reservar serviços, como hotéis, restaurantes, atrações culturais, entretenimento e transporte em quase todos os cantos do globo.”* Estas transformações, pelo desenvolvimento dos transportes e vias de comunicação, permitem alcançar mais lugares de turismo, lugares mais distantes, e sobretudo, num tempo de viagem também ele cada vez menor e mais bem aproveitado.

Com isto, o tempo livre, a recreação e o lazer surgem com a diminuição e alteração do tempo de trabalho, consequência, como já referido, de uma mecanização e industrialização das atividades económicas. A contemporaneidade imprimiu na globalização e mundialização dos hábitos humanos, maior velocidade nas deslocações. Destinos turísticos localizados nos antípodas da residência do viajante passam a ser alcançados e conhecidos mais facilmente. Se a viagem na atualidade é menos morosa, mais rápida as dinâmicas territoriais acontecem, permitindo transformar e adaptar lugares, para atender à procura turística e às necessidades dos turistas, de forma também mais intensa. O turismo, a atividade turística e o sistema turístico surgem como consequência de uma ampliação do tempo livre e do lazer. É o turismo enquanto fenómeno que iremos abordar no próximo ponto.

1.2 – TURISMO E TEMPO: DOS CONCEITOS ÀS PRÁTICAS

O Dicionário de Língua Portuguesa define turismo como a atividade de viajar, de conhecer lugares diferentes daquele onde se vive habitualmente, com objetivos culturais, de entretenimento; conjunto de serviços relacionados com a promoção e organização desta atividade; movimento dos turistas. A Organização Mundial de Turismo entende que o turismo compreende as atividades de pessoas que viajam de e para ficar em lugares fora do seu ambiente habitual por não mais de um ano consecutivo para lazer, negócios e outros fins.

O turismo “*é uma atividade que resulta do somatório de recursos naturais do meio ambiente, culturais, sociais e econômicos e, assim, o campo de seu estudo é abrangente, complexo e multicausal*” (BENI, 2008, pág. 2), sendo o conceito de turismo dotado de múltiplos significados, conforme o seu enfoque⁷. A literatura produzida apresenta definições de acordo com a área científica pretendida, conforme sublinha o autor supracitado.

As perspetivas económicas, sociológicas, culturais, sistémicas, geográficas, entre

⁷ Dos significados e vertentes possíveis atribuídos ao conceito TURISMO, há uma conotação à INDÚSTRIA, como se o sector do turismo pertencesse à atividade industrial, do sector secundário das atividades económicas. Não é nosso propósito depurar esta temática, porém, balizar esta conotação permite-nos não perder nunca de vista que o turismo, enquanto atividade económica, não é uma indústria mas uma composição de serviços, e portanto, a incorreção, anotada pela própria OMT, da expressão *indústria turística*, resultante da tradução abusiva do termo inglês *tourism industry* (Dewailly e Flament, 1993: 12). Sublinhe-se que, mesmo na literatura anglo-saxónica, a noção de turismo como uma indústria tem gerado forte controvérsia. A génese desta expressão remonta, segundo Leiper (1995, citado por Higgins-Desbiolles, 2006), aos anos 60, época em que as indústrias eram vistas como fatores de crescimento económico. A pregnância da ideologia industrial dessa época, sobre a qual se erigiu uma visão depreciativa do turismo e das atividades terciárias em geral, Davidson (1994) justificou que a expressão *indústria turística* permitiu a sua credibilização no mundo industrial ligado ao dinheiro e ao que o dinheiro representava na sociedade dos anos sessenta do mundo ocidental, desvinculando-a dos conceitos de divertimento, recreio, lazer, carácter improdutivo e estruturalmente dependente. Assim, este lugar do turismo no mundo económico e financeiro, permitiu prender-se e identificar-se com uma imagem económica, lucrativa e geradora de riqueza para fins políticos, de forma a assegurar financiamento público e políticas fiscais favoráveis (Leiper, 1995). Para Higgins-Desbiolles (2006), estes argumentos continuam válidos no atual quadro de neoliberalismo, em que o discurso industrialista do turismo continua a ser utilizado para assegurar apoio e recursos que de outro modo se tornariam inacessíveis.

outras, oferecem entendimentos múltiplos e significados complexos para a conceção de turismo. Autores como MATHIESON E WALL (2006), FÚSTER, (1987), BONIFACE E COOPER (1990), MOESCH, M. (2002), HALL (2003), HALL (2004A), HALL (2004B), HALL, AT AL (2004), FAULKNER, B., & RUSSELL, R. (2003), WILLIAMS, S. (2003), FRANKLIN, A. (2004), SHAW, G. E WILLIAMS, A. M. (2004), HALL, C.M. & PAGE, S. J. (2005), HOLDEN, A. (2005), CAVACO (2006), JAMAL, T., & ROBINSON M. (2009), WILLIAMS, S. (2009), SANTOS, J. H., & COSTA, C. (2010), TRIBE, J. (2010), MARTINS, L. S. (2011), PEARCE, D. (2012), CUNHA (2013), MARUJO, M. N. (2013) e outros, enfatizaram a investigação e estudo do tema turismo, nas práticas turísticas, nos seus domínios multidisciplinares, interdisciplina e transdisciplinares.

Nos últimos dois séculos o turismo desenvolve-se, marcado por práticas turísticas diferenciadas que se ampliam em simultâneo, competem e se complementam entre si, na atração de cada destino turístico. A prática turística, no sentido restrito de viagem de lazer, com uma duração superior a 24 horas, sem exercício de trabalho com qualquer remuneração, nos lugares percorridos e visitados, teve origem no *Grand Tour* dos séculos XVII e XVIII. Estas viagens eram realizadas por jovens aristocratas, em particular por ingleses, seguidos de perto pela nova burguesia endinheirada. O percurso realizava-se pelas principais cidades da Europa, em particular pela Itália clássica e renascentista (Roma, Nápoles, Florença, Veneza, Bolonha), e Paris.

Na obra *Teoria Geral do Turismo*, KRAPF e HUNZIKER (1942) apresentam o turismo como um conjunto de relações e fenómenos produzidos pela deslocação e pela permanência dos indivíduos fora do seu lugar de domicílio, não sendo motivadas por uma atividade lucrativa principal, permanente ou temporária. No quadro da História da Humanidade “o turismo é um fenómeno recente. Apenas a partir do século XVIII se começa a organizar e sistematizar. Porém, de um fenómeno de elites que se deslocavam segundo um mapa mundial bem delimitado, transforma-se, em menos de 50 anos, num fenómeno massificado e global” (CRAVIDÃO, 2006, pág. 260). Também neste assunto, CAVACO (2006, pág. 299) menciona que “o turismo implica deslocação, uma relação com outro tempo e outro eu, contacto, permanência e até familiaridade e apropriação de outro lugar: o lugar turístico é um espaço organizado, codificado, que participa da sociedade de consumo.” É um fenómeno sistematizado, organizado e recente. O território de turismo é

familiar, sentido e consumido. Há mais de vinte anos, MCINTOSH *et al.* (1990) defenderam que o turismo se afirma como um modo de vida para a maioria das pessoas de classe média a nível mundial.

Atualmente é possível conceber dois tipos de definições de turismo. Por um lado, do ponto de vista conceptual, os autores MATHIESON e WALL (1990, pág. 43) propuseram uma definição mais esclarecedora considerando o turismo como “*o movimento temporário de pessoas para destinos fora dos seus locais normais de trabalho e de residência, as atividades desenvolvidas durante a sua permanência nesses destinos e as facilidades criadas para satisfazer as suas necessidades*”. Nesta definição o turismo é considerado uma vasta e variada atividade que engloba as deslocações das pessoas e de todas as relações que estabelecem nos locais visitados, tal como os serviços desenvolvidos para responder às suas necessidades. Do ponto de vista técnico é possível utilizar a definição da Organização Mundial Turismo (OMT, 2001) segundo a qual o turismo corresponde às atividades que as pessoas realizam durante as suas viagens e permanência em lugares distintos do seu entorno habitual, por um período consecutivo de tempo inferior a um ano, com fins de lazer, negócios e outros. Nesta perspectiva o fenómeno turístico é considerado “*um fenómeno gerador de dinâmicas e mudanças, quer dos territórios que emanam turistas, quer nos territórios que os recebem. Acima de tudo, é um fenómeno que gera reciprocidade*” (HOLDEN, 2005, pág. 32). O autor identifica-se assim com o conceito adotado pela OMT, pois este conceito imprime na definição, as atividades desenvolvidas pelos turistas, e estas criam mudanças na paisagem e dinâmicas territoriais. Importa também salientar que este autor refere-se ao fenómeno turístico como tendo beneficiado bastante da era da globalização, através das ligações e suportes que cria para se desenvolver e afirmar.

Como já antes referido, a definição de turismo encerra o estudo do movimento de pessoas para fora das suas áreas habituais de residência, e por períodos superiores a vinte e quatro horas. O movimento de deslocação espacial ligado ao ócio, a viagem, acontece tendo por base um conjunto de motivações centrais, e que as mais importantes e significativas são as que dizem respeito a fatores sociais, culturais, patrimoniais, ambientais e económicos, como sendo o desejo de conviver ou conhecer outros lugares, entre outros, tendo o espaço geográfico como suporte.

Para LEIPER (1979) a viagem assume uma dimensão decisiva no fenómeno turístico, levando à criação de um sistema turístico, em que o percurso corresponde à viagem, e conseqüentemente ao espaço geográfico, que é objeto de estudo da Geografia. O autor citado vai sintetizar no esquema seguinte a viagem, que corresponde à Rota de trânsito, acrescentando alguns conceitos.

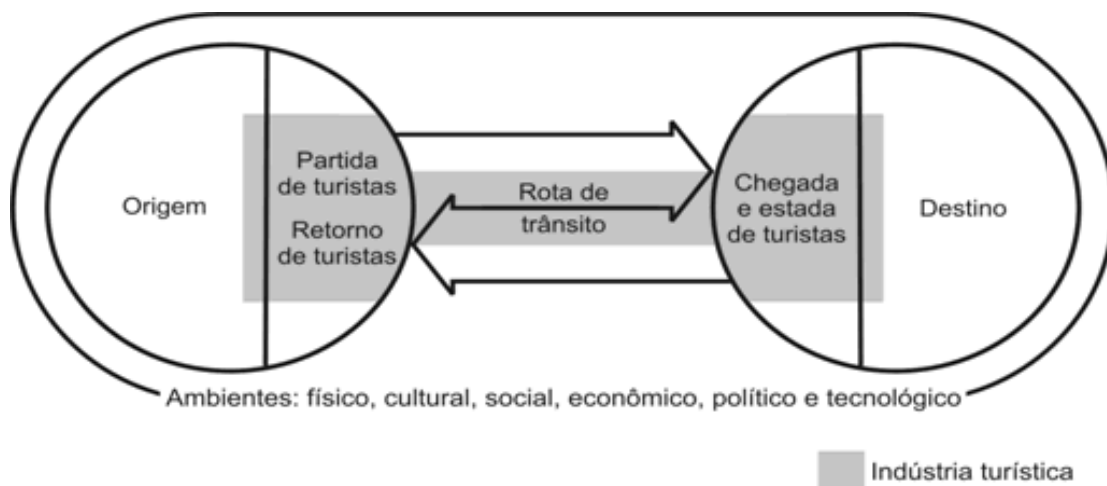


Figura 2: Modelo teórico da abordagem espacial de Leiper

Fonte: LEIPER (1979, pág. 404)

O resultado é fundamentalmente um modelo espacial, mas com a presença de outros tipos de elementos, criando um modelo do sistema turístico com três aspetos básicos:

- ✓ Os **turistas**: são os atores do sistema. Deixam o seu local de residência a fim de viajar para o destino onde permanecem por um tempo e depois regressam ao seu lugar de origem;
- ✓ Os **elementos geográficos**: o espaço emissor de visitantes, que corresponde à localidade de residência habitual, onde se geram os recursos a serem gastos pelos turistas, onde se busca informação sobre a viagem, e onde as reservas para a mesma são feitas. O espaço recetor é a razão da existência do turismo, das viagens e motiva os deslocamentos, e recebe os principais efeitos da atividade turística. O

espaço percorrido inclui todas as localidades, através do qual os turistas passam para chegar ao destino.

- ✓ A **indústria⁸ de turismo**: é o grupo de empresas e organizações envolvidas na oferta do produto turístico. Está representado nos três domínios do esquema: origem, rota de trânsito e destino.

O modelo de sistema turístico de Leiper permite localizar vários sectores do turismo, distinguindo-os como pertencentes maioritariamente à origem, ao destino ou ao espaço percorrido. Por exemplo, a maioria dos agentes de viagens encontra-se a desenvolver as suas atividades na região geradora de turismo, enquanto a indústria do turismo está presente na região de destino. O sector dos transportes é amplamente representado pelo sector do espaço percorrido, conforme o modelo apresentado pelo citado autor.

Tendo em conta a complexidade do conceito de turismo e das relações entre os intervenientes que o caracterizam, a bibliografia sugere-nos variadas definições e interpretações. Retomando a definição de turismo de MATHIESON e WALL (1982), ao defenderem que as atividades turísticas se relacionam com o movimento temporário para destinos fora da residência e locais de trabalho normais, juntamente com as atividades efetuadas durante essa permanência, origina impactes que este sector cria, pelas facilidades criadas para atender às necessidades do turista, pela ótica da procura, criando um modelo de sistema turístico, conforme a figura seguinte.

⁸ Este assunto já foi anteriormente abordado

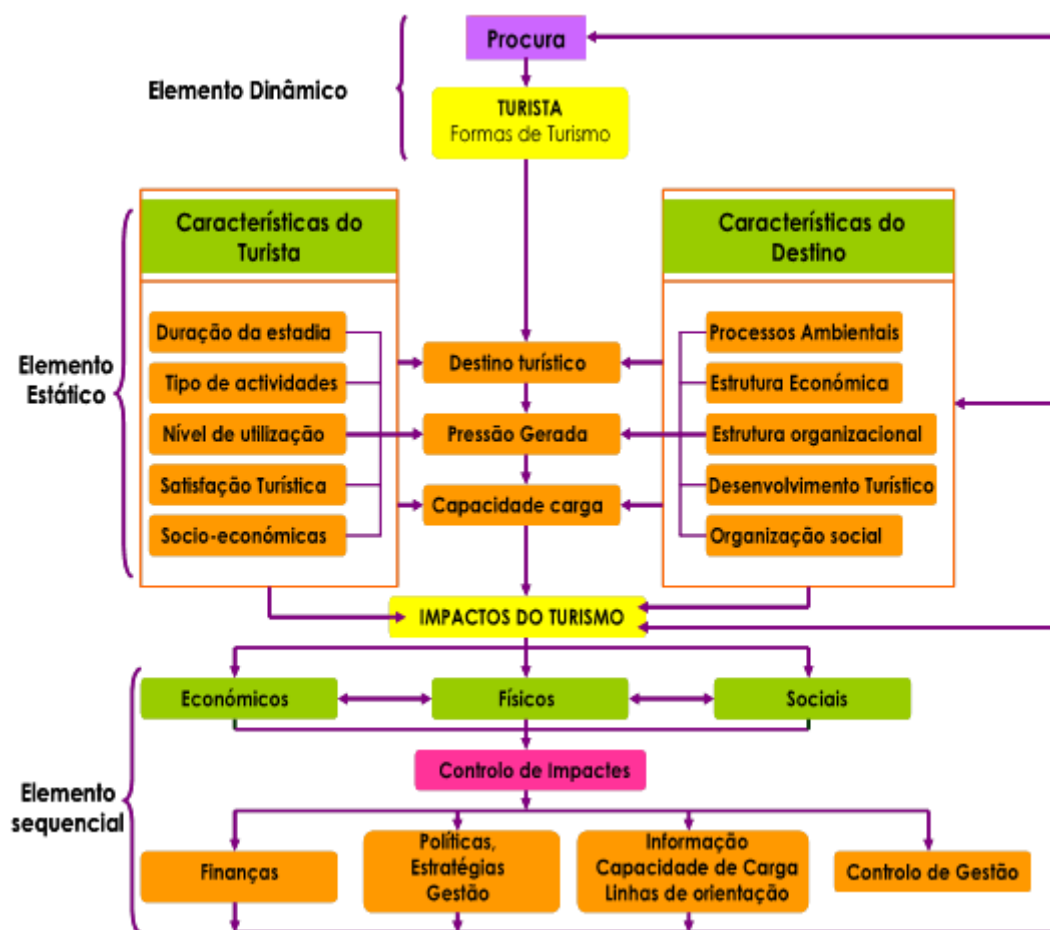


Figura 3: Modelo de Sistema Turístico de Mathieson and Wall

Fonte: Adaptado de MATHIESON & WALL (1982)

Outros modelos surgiram, mantendo um número de critérios ou elementos centrais em comum. MURPHY (1985), conforme o modelo que criou, e representado pela figura seguinte, concentra-se na observação de fatores psicológicos que influenciam a procura, como as motivações, as perceções, as expectativas e como se interligam com os *players* e intermediários do mercado (agências de viagens, operadores turísticos, entre outros), para oferta e acesso a facilidades turísticas.

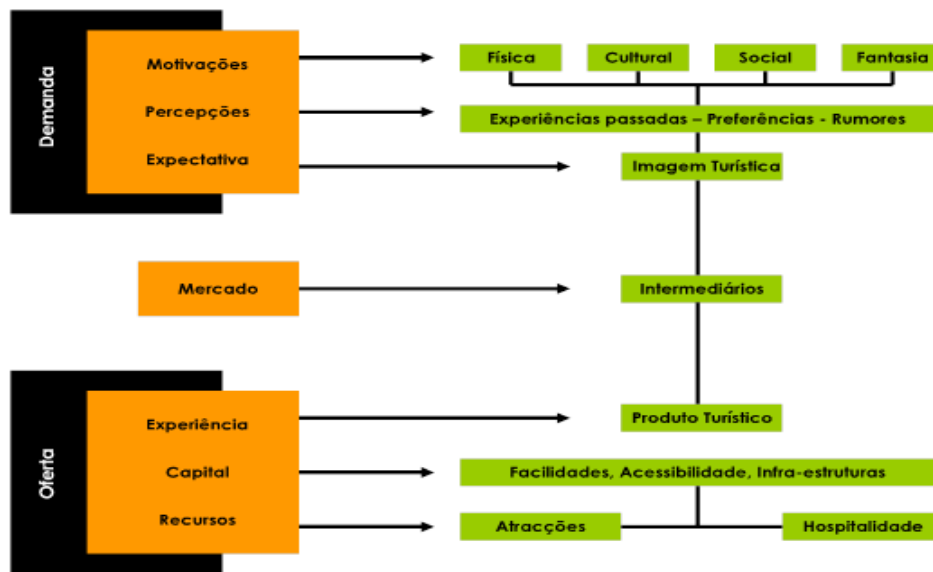


Figura 4: Modelo de Sistema Turístico de Murphy
 Fonte: MURPHY (1985)

A interdependência entre os vários elementos do sistema, encontra-se expresso na figurante seguinte, proposto por GUNN (1988).



Figura 5: Modelo de Sistema Turístico de Gunn
 Fonte: GUNN (1988)

O autor desenvolveu um sistema, expresso na figura anterior, em que reflete a influência do ambiente externo e do relacionamento bidirecional, entre os vários elementos do sistema, numa forma de interdependência. É pela interdependência dos elementos e ambientes que se entende o sistema turístico de Gunn.

Mais tarde, INSKEEP (1991) oferece um modelo de turismo caracterizado como um sistema que inclui a envolvente socioeconómica e ambiental, destacando as atrações, transportes, alojamento, elementos institucionais, e outras infraestruturas e serviço e agentes turísticos, do qual fazem parte as agências de viagens e operadores turísticos, que são utilizados por dois grupos de pessoas – os visitantes e os residentes locais, e que estão todos interligados e trabalham em rede, conforme esquematizado na figura seguinte.

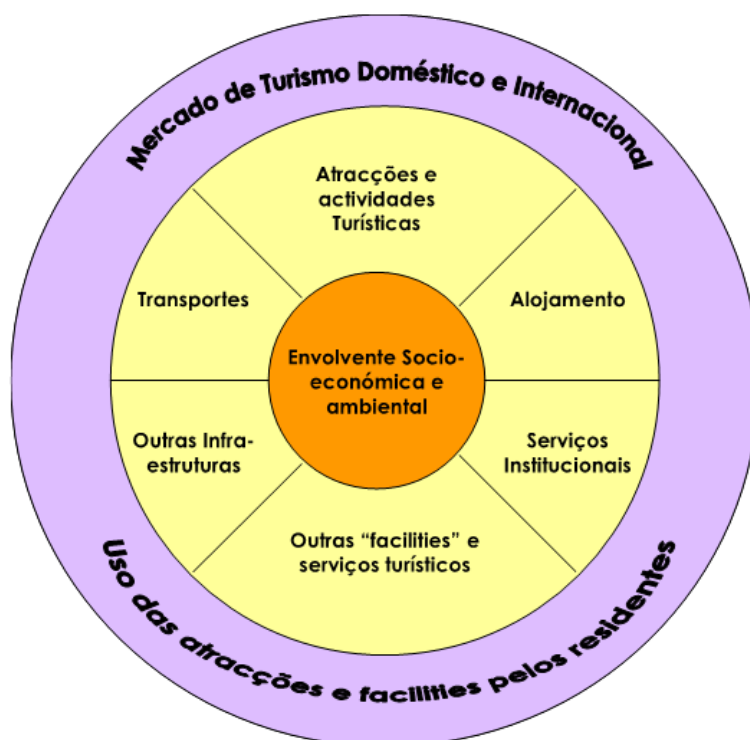


Figura 6: Modelo de Sistema Turístico de Inskeep

Fonte: INSKEEP (1991)

Como já referido oportunamente, relacionando o conceito de turismo com os de

lazer e recreio, os autores BONIFACE e COOPER (1990) defendem que o lazer é o tempo disponível que as pessoas possuem depois de satisfazerem as suas necessidades primárias e depois do tempo de trabalho. O recreio é definido como o conjunto de atividades que podem ser feitas durante esse mesmo tempo livre. Assim, e retomando essas considerações, COSTA (1996) cria um modelo turístico que defende que esse tempo livre se encontra dividido em várias funções, onde destaca 43% do tempo total para o exercício de atividades relacionadas com a existência dos indivíduos, 34% para exercer atividades de subsistência e os restantes 23% são, então, dedicados a atividades de lazer. O tempo dedicado ao lazer pode ser ocupado com atividades de recreio e apenas as atividades realizadas fora do ambiente habitual são consideradas atividades turísticas, logo observa-se que o turismo é a que ocupa a menor parte do tempo livre, como evidencia a figura seguinte.

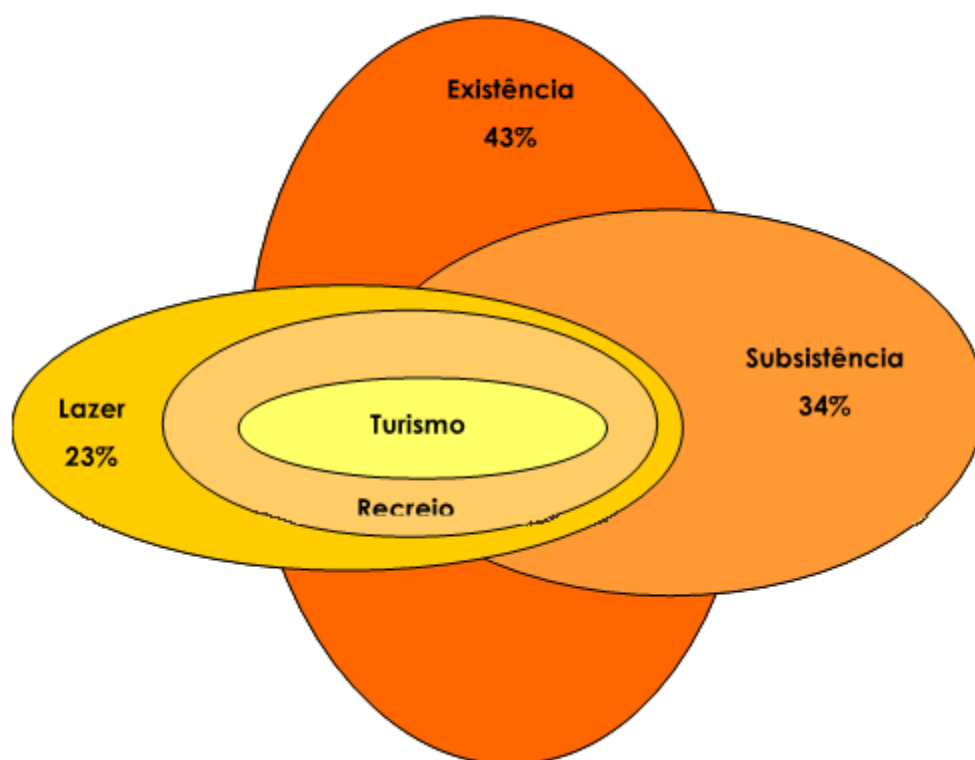


Figura 7: Modelo de Sistema Turístico de Costa

Fonte: COSTA (1996)

Os autores mencionados representam a realidade complexa do turismo e do fenómeno turístico, e LEIPER *in* COOPER (2003), afirma que tal como a sua envolvente, o

turismo está em constantes mutações e adaptações, o que reafirma a necessidade cada vez maior de todas as componentes se integrarem em modelos onde exista a cooperação, a confiança, a coordenação, com um único objetivo comum de todos poderem continuar a crescer, a desenvolver, a melhorar a qualidades dos serviços, a aumentarem as rentabilidades, agindo de acordo com a sustentabilidade e de fomentar mais negócio entre todos os *players* do sector, sejam eles direta ou indiretamente ligados ao turismo, representando algumas hipóteses colocadas neste estudo, conforme a figura seguinte.



Figura 8: Modelo de Sistema Turístico de Leiper in Cooper

Fonte: LEIPER in COOPER (2003)

A viagem no modelo de Leiper assume uma dimensão decisiva para que todo o sistema possa ser válido. O percurso correspondente ao espaço geográfico é objeto de estudo da Geografia.

Como referido, o turismo enquanto fenómeno social acessível a um número cada vez maior de população é de origem recente, com pouco mais de dois séculos, tendo as práticas turísticas sofrido mudanças ao longo desse período, bem como as motivações dos seus praticantes.

Apesar de ser um fenómeno relativamente recente, as práticas turísticas tem uma história longa. Autores como IGNARRA (2002), CRAVIDÃO (2002, 2006), CAVACO (2006, 2009), BARRETO (2008), BRITO (2013), entre outros, referem que no mundo helénico os homens livres realizavam viagens por terra e pelo Mediterrâneo, estimulados pela sua natureza curiosa e vontade de conhecer outras realidades, de forma a aumentar os seus conhecimentos, dedicando-se, ainda, à contemplação ociosa do mundo que viam. No império romano era comum o ócio entre os cidadãos, pois acreditavam e praticavam o descanso do corpo e da mente, imprescindível à produtividade no trabalho. BARRETO (2008) refere que é no tempo dos imperadores de Roma que se encontra a génese do turismo residencial, bem como o termalismo, numa modalidade atualmente enquadrada no turismo da saúde, ambas praticadas pelas elites de Roma. Os romanos, numa atitude de imitar os rivais helénicos (para além de copiarem as divindades gregas), também viajavam com intuito de visitarem centros de interesse histórico e cultural. Estão lançadas, portanto, as bases do turismo termal e cultural na idade clássica, e que chegaram até à atualidade, depois de séculos de evolução.

O período medievo, normalmente aceite pelos historiadores como o período compreendido entre o ano de 476 – data da deposição do último imperador do Ocidente, e 1453 – data da queda da cidade de Constantinopla às mãos dos Otomanos, foi um tempo de insegurança e de guerras entre países. É um período muito pouco propício a viagens de longa distância ou a deslocações com carácter lúdico por parte das populações, mesmo das elites (BARRETO, 2008). O mesmo autor refere que as grandes deslocações, quando aconteciam, realizavam-se por razões militares – quer no combate entre países, como citado anteriormente, quer sob a forma de Cruzadas para libertar o Santo Sepulcro em Jerusalém, que se encontrava na posse dos Árabes. Outras deslocações ocorriam com intuito meramente comercial – pelos mercadores, e mesmo essas, trouxeram um outro foco de temor à Europa Medieval por volta do ano de 1348 a Peste Negra. Esta doença foi responsável pela morte generalizada na Europa, bem como, pela limitação de movimentos por parte das populações com receio de se contaminarem e perecerem.

A literatura regista, entre outros, com destaque para CUVELIER (1999), CAVACO (2006), CRAVIDÃO (2006), BRITO (2013), que a frequência das deslocações aumentou

com o Renascimento, com especial destaque para o período das descobertas. Falamos de Vasco da Gama, Fernão Magalhães, Cristóvão Colombo, Pedro Alvares Cabral, na época dos Descobrimentos portugueses. Este período é caracterizado pelo sentimento de novidade, de mudança e, sobretudo, de rutura com a conceção de vida virtuosa afastada do Mundo na reclusão de um mosteiro que caracterizou os tempos medievos.

O Homem do Renascimento tinha amplos campos de interesse e um grande desejo de explorar e compreender o mundo. Esta ânsia de saber e conhecer constituía a principal motivação das deslocações, intensificando-se as viagens com fins diplomáticos e com objetivos educativos. A Itália era o local de destino eleito pelos ingleses, por ser considerado o centro cultural da época, o espaço mais desenvolvido onde floresciam as artes e a literatura.

Contudo é no séc. XVII e XVIII, com o surgimento do *Grand Tour*, que se encontra a génese do turismo moderno. Tratava-se de um circuito específico à Europa mas não exclusivo a uma determinada classe social. A sua origem remonta ao momento de rutura com a Igreja Católica em 1534, quando os peregrinos espirituais foram convertidos em turistas seculares (CAVACO 2006 e BARRETO 2008).

Nesta época do *Grand Tour* já havia alguma organização no que respeita ao alojamento destes turistas. CAVACO (2006) considera que no final do séc. XVIII, consequência de mudanças estruturais que ocorreram na Europa Ocidental e Central, a exclusividade outrora existente de viajar detida pela aristocracia e pela pequena nobreza é profundamente alterada. Os lucros provenientes das indústrias e a comercialização dos produtos permitiram que a burguesia visse aumentada a sua influência e estatuto, o que conferiu o privilégio de imitar o comportamento da elite.

É na viragem para o século XVIII que se desenvolve uma maior sensibilidade ao clima e aos seus efeitos no estado de saúde. ORTIGÃO (1876a, 1876b), CORBIN (2005), CAVACO, (2006), entre outros autores, referem que os progressos da ciência, das doutrinas racionalistas, positivistas em oposição às superstições e crenças religiosas e, sobretudo, uma nova relação do ser humano com a paisagem e a água, contribuíram em muito para o desenvolvimento destas práticas turísticas ligadas ao lazer e ao tempo livre.

No século XVIII, embora limitada e irregular, uma lenta transformação das práticas de água começa a ocorrer nos hábitos da aristocracia, com o banho, abluções e imersão na água. O aparecimento do banho quente surge mais ligado ao prazer do contacto com a água do que com a higiene, e isso é visto como uma marca de luxo e distinção. Recomendado na primavera e no verão, esta prática banhista, ainda confinada à aristocracia, é uma "*prática sazonal, em grande medida elitista e vagamente sensual*" (VIGARELLO, 1985, pág. 86). Mais do que higiene, dominam as sensações provocadas causadas pela imersão na água. As novas práticas são acompanhadas por literatura médica teórica, na qual são descritas as virtudes da água quente. Algumas décadas mais tarde, médicos e higienistas vão defender as virtudes da água fria, e as suas qualidades revigorantes, tanto para o corpo como para a moral.

Esta nova relação de harmonia entre o corpo e o mar e de um novo prazer levou à descoberta da costa, à invenção da praia e à construção da vigilância marítima (CORBIN, 1989). Lugares que até então não tinham exercido qualquer atração para viagem ou férias, passam a fazer parte dos circuitos turísticos emergentes (PORTER, 2001). Afirmam-se e multiplicam-se as estâncias de veraneio: os balneários termais funcionaram como modelos para a talassoterapia ou cura marinha, com recurso à água do mar, mineralizada como a das termas, prática aliás também muito antiga e conjugada habitualmente com a helioterapia, a oxigenação e as brisas; banhos frios durante a manhã e na época estival, com traje apropriado ao pudor e bons costumes da época; passeios matinais à beira-mar, pela praia. Mas também banhos quentes, de 25º a 36º, com ou sem algas, em banheiras ou duches no interior dos balneários para tal construídos nas praias e explorados por concessionários, como nas termas, mas em terrenos do domínio público marítimo, o que induzia uma certa precariedade e o recurso aos serviços de terra. O custo do seu uso marginalizava os que o não podiam pagar, os pobres, que mais precisavam de frequentar a praia e do banho de mar terapêutico. A talassoterapia renascia como uma prática social elitista e exclusiva, com claras preocupações de saúde, e com ela de produtividade e benefício, na sociedade industrial. Está lançada sob a mão da medicina – na tentativa de cura de doenças, todo o fenómeno turístico de sol, mar e praia, dito turismo balnear, nos tempos modernos e até ao presente.

No último terço do século XVIII, começam a ganhar projeção as idas às praias. A novidade reside, agora, na conciliação entre as finalidades terapêuticas e higienistas das águas marítimas, do revigorante ar à beira-mar, com uma sociabilidade festiva, dominada por lazer. A aristocracia britânica transformou o sacrifício médico de cura no prazer do *tour* (RAUCH, 2001), tendo Brighton inventado a praia. Os tratamentos termais e banhos de mar ocupavam a manhã destes primeiros turistas. O resto do dia era ocupado com excursões, atividades desportivas (aos tradicionais passeios a cavalo, juntaram-se novos desportos como vela, ténis e futebol), concertos à noite, dança e jogos de azar em clubes e casinos.

A família real inglesa assume o pioneirismo, frequentando as praias mais próximas de Londres, como os casos de Rye e Broadstairs. De acordo com PORTER (2001) as estâncias de litoral ganharam, gradualmente, popularidade competindo com as termas, tornando-se Brighton a mais célebre, seguindo-se, anos mais tarde, Blackpool como o grande centro de divertimento. Um aspeto fundamental a reter é que as praias ganham um cariz de diversão mais intensa do que as termas e isto ajudaria a granjear muito mais clientela, pois *“as estâncias balneares inspiraram-se no modelo das termas do interior e dessacralizam-nas, dando-lhes uma orientação fundamentalmente hedonista”*, (PORTER, 2001, pág. 44).

Em consequência da crescente pressão urbanística, antigas aldeias de pescadores são transformadas em estâncias de veraneio. A vista para o mar é o fator principal para a localização das casas de praia.

PORTER (2001) refere que a chegada do vapor, incrementado aos transportes marítimos e ferroviários, e na sequência do aumento de viagens da classe média e respetivas mudanças culturais, a preços cada vez mais acessíveis, os turistas eram cada vez mais indivíduos de menores recursos económicos. A duração das viagens foi-se reduzindo e o programa de atividades foi-se intensificando, privilegiando-se a visita de lugares de interesse e menosprezando-se as obrigações sociais.

No início do séc. XIX a transição para turistas de diferentes classes sociais, associada a um aumento do seu número, acelerou o crescimento de uma atividade turística organizada em muitas regiões da Europa (PINHEIRO, 2012). FREITAS (2007)

refere que a tentativa de imitação da burguesia pelo comportamento da aristocracia gerou processos de segregação, deixando a aristocracia de frequentar um determinado destino turístico, sempre que a burguesia a imitava. Ainda hoje verificamos este padrão comportamental de imitação-segregação nas diferentes classes sociais.

Com o declínio do paradigma higienista do uso da água, a estadia nas estâncias termais diminuiu, e os consumidores começaram a preferir zonas de recreio de água, onde a praia combina com uma crescente disposição para o lazer, como anteriormente mencionado.

A partir do século XIX, alguns médicos afirmam que a brisa do mar e os banhos marítimos, salgados e frios, são benéficos para a saúde, atuando como construtores do corpo. PORTER (2001) diz-nos que os médicos prescreviam banhos de mar ou simples temporadas para usufruir do ar marítimo, com a ideia de que o ambiente do litoral era útil para combater doenças, em particular a tuberculose. O argumento é estendido ao campo da moral, alegando que o banho frio contribuiu para o caráter moral do indivíduo, da nação e até mesmo da espécie. O banho e imersão no mar, como prática mais comum, ao provocar uma mistura de prazer e diminuir a dor, estão na base de uma nova forma de conceber o corpo, refere CORBIN (1988).

Neste assunto, também RAUCH (2001) menciona que em finais do século XIX, começa a surgir a procura das praias em busca do sol, complementando a procura dos banhos frios que inicialmente, anos antes, se realizava. A figura seguinte sugere-nos que estavam lançadas as bases para aquilo que é hoje o turismo balnear, de sol e mar, tal como o conhecemos com as suas inúmeras nuances e dinâmicas.



Figura 9: Praia de Brighton com máquinas de banho, 1880

Fonte: <http://www.photosbrightonandhove.org.uk/beach-scene-with-bathing-machines.html>

Acedido em 10 Dezembro 2014

Com o advento do século XX nasce a prática da natação, onde a experiência de lazer alia-se aos fins terapêuticos. Os banhos de imersão são substituídos pela natação e mergulho. Os Jogos Olímpicos de Atenas de 1896 “já contemplavam a prova de natação em mar aberto” (LOPEZ, 2008, pág. 213). Ao prazer do exercício junta-se a exposição do corpo e uma simplificação dos trajés. O contato com a natureza foi estendido para o desafio das ondas.

Entre o final do século XIX e o início do século XX dá-se a descoberta do prazer do contacto com a areia e com as águas quentes do Mediterrâneo. A elite inglesa desloca-se para o sul da França e para a costa italiana, a última a ter o atrativo de representar o exótico e responder ao desejo de fuga das estâncias termais e das praias do seu próprio país, que foram invadidas pelo campesinato (PORTER, 1995). A tradicional temporada de inverno mediterrânica é substituída pela estadia de verão, que de acordo com BOYER

(1991, pág. 47), “o nascimento do verão Mediterrânico é uma invenção do século XX, com uma origem predominantemente americana”.

Descobrem-se as virtudes terapêuticas do sol para a prevenção do raquitismo. A exposição ao sol, que foi anteriormente evitada, começa lentamente a fazer parte dos hábitos dos turistas de verão. A brancura da pele, que tinha sido um sinal de distinção, dá lugar ao bronzeado (ANDRIEU, 2008; ORY, 2008). O corpo coberto, especialmente das formas femininas, dá lugar à exposição do corpo. No período entre guerras, o discurso que ligava “natação e bronzeado com saúde, higiene e progresso» consolida-se” (CHASE, 2005, pág. 219).

Para além da prática de banhos de mar e a ida à praia se ter desenvolvido bastante no decorrer do século XIX, outras formas e tipos de turismo já existentes, não desapareceram, para dar lugar à vilegiatura nas costas europeias. Pelo contrário, desenvolveram-se.

O climatismo integra a vilegiatura rural, no outono, durante a época da caça e das colheitas, e depois relaciona-se com o lazer, sustentada pelas quintas agrícolas ligadas aos patrimónios fundiários. As construções dos Palácios de Versailles em redor de Paris, Queluz e Mafra na região de Lisboa, as casas de campo inglesas que tanto caracteriza a paisagem rural britânica (*country houses*⁹), entre outros exemplos de todas as dimensões e significados possíveis, são exemplos de marcas na paisagem que perduram no tempo e que permitem compreender as elites sociais deste tempo. A figura seguinte é exemplo de uma *country house*.

⁹ O Palácio de Bleinheim na figura é um monumental palácio rural, situado em Woodstock, Oxfordshire, Reino Unido. É a única residência rural não-episcopal a ostentar o título de "palácio". Foi construído entre 1705 e cerca de 1722. Nesta casa nasceu Winston Churchill, primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial e uma das figuras centrais desta



Figura 10: Palácio de Bleinheim

Fonte: [https://www.google.pt/search?authuser=0&hl=pt-](https://www.google.pt/search?authuser=0&hl=pt-PT&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1809&bih=912&q=Pal%C3%A1cio+de+Bleinheim+&oq=Pal%C3%A1cio+de+Bleinheim+&gs_l=img.3...1347.1347.0.1816.1.1.0.0.0.80.80.1.1.0....0...1ac.1.64.img..1.0.0.D5_Q9FqHJ5I#imgrc=xFmOsceCCUqFIM%3A)

[PT&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1809&bih=912&q=Pal%C3%A1cio+de+Bleinheim+&oq=Pal%C3%A1cio+de+Bleinheim+&gs_l=img.3...1347.1347.0.1816.1.1.0.0.0.80.80.1.1.0....0...1ac.1.64.img..1.0.0.D5_Q9FqHJ5I#imgrc=xFmOsceCCUqFIM%3A](https://www.google.pt/search?authuser=0&hl=pt-PT&site=imghp&tbm=isch&source=hp&biw=1809&bih=912&q=Pal%C3%A1cio+de+Bleinheim+&oq=Pal%C3%A1cio+de+Bleinheim+&gs_l=img.3...1347.1347.0.1816.1.1.0.0.0.80.80.1.1.0....0...1ac.1.64.img..1.0.0.D5_Q9FqHJ5I#imgrc=xFmOsceCCUqFIM%3A), acedido em 14/09/2015

Em meados do séc. XIX surge o fascínio pelas montanhas. Aquilo que durante os séculos XVII e XVIII era tido como algo terrível, ligado a bruxarias e feiticeiras, é agora encarado como um destino privilegiado, como um espaço agradável. O montanhismo tornou-se uma prática desportiva, tendo aparecido em 1857 o primeiro Clube de Montanhismo em Londres, o *Alpine Club*. PINHEIRO, (2012) *apud* PORTER, (2001) referem ainda que as influências do Romantismo, aliado aos benefícios trazidos pelo transporte ferroviário, tornou os ingleses responsáveis pelos fluxos turísticos mais numerosos para os Alpes suíços no século XIX. Já em 1840 contavam-se em Chamonix 3.000 ingleses, o que é ilustrativo das transformações que seriam operadas nas estâncias de montanha.

A montanha passou a ser procurada para vilegiatura estival. Os Alpes suíços e italianos, nos percursos habitualmente seguidos pelos viajantes do Grand Tour: Génève, Chamonix, Merano e Bolzano, na Estrada das Dolomites, foram pontos de passagem e paragem. As novas acessibilidades, ferroviárias e rodoviárias e mais tarde os comboios de cremalheira e os teleféricos, e a realização dos jogos olímpicos de Inverno (1896) reforçaram a atração turística da montanha e alargaram as permanências, com base no

paisagismo, climatismo estival, turismo desportivo (escalada estival, desportos de neve invernais) e turismo de saúde.

No que às termas diz respeito, ou termalismo, as termas ou *spas* afirmaram-se como lugares de cura e, sobretudo, como lugares de repouso e prazer, contra os males do espírito. Na segunda metade do século XVII, a família real inglesa começou a frequentar as termas de Bath, Tunbridge-Wells e Harrogate, o que rapidamente foi seguido pela aristocracia (MILL, 2003). Tratou-se da renovação de uma prática muito antiga, tanto na vertente de cura como na de vida social para as elites, que remonta à Antiguidade ou pelo menos à Grécia e à Roma antigas. Se inicialmente a função termal seria exclusivamente terapêutica, rapidamente os aspetos de lazer e diversão ganham forma e peso determinante, como salienta CUVELIER (1999). Os divertimentos tradicionais das classes superiores passam a ser prática habitual nas estâncias termais, como concertos, bailes, saraus e jogos.

A Inglaterra é assim o caso claro em “ *que a cidade termal enquanto lugar de ócio e de luxo obterá os seus maiores sucessos. Bath é o melhor exemplo, mas Tunbridge-Wells, Scarborough, Buxton, Cheltenham e dezenas de localidades de menor importância tiveram também o seu momento de glória*” (PORTER, 2001, pág. 37).

Com o século XVIII a burguesia começou a ganhar dimensão e poder económico, capaz de acompanhar a aristocracia na ida para as termas. PORTER (2001) explica que o forte desejo da burguesia em consumir e adaptar hábitos semelhantes à aristocracia trouxe grande clientela às estâncias termais, contribuindo assim para um desenvolvimento de verdadeiras cidades em seu redor. Este autor insiste em Bath como o caso mais paradigmático, pois salienta que Bath, uma cidade cuja razão de ser seria as curas pelo termalismo, mas cuja verdadeira função consistia em dar resposta à procura de diversões comercializadas, tornou-se a sétima cidade do reino. Conforme MILL (2003) acrescenta, a melhoria das vias de comunicação e meios de transporte contribuiu para o aumento da afluência às estâncias termais. As viagens continuariam, no entanto, a ser longas, o que faria com que o turista, numa lógica de rentabilização de tempo e dinheiro, efetuasse estadias mais longas – até dois meses, levando a que as estâncias termais tivessem que apetrechar-se com as condições, infraestruturas e

atividades apropriadas para estas estadias mais longas, conduzindo a um processo de desenvolvimento de novas cidades.

A frequência das termas por outros grupos sociais, que não a nobreza ou burguesia endinheirada, começa a ser uma realidade com o séc. XIX. CUVELIER (1999) afirma que a redução progressiva de períodos de tempo na jornada de trabalho ou da semana permitiu ao trabalhador conhecer, desde o século XIX, as alegrias da recuperação das forças de trabalho e de viver as primeiras experiências de lazer. PORTER (2001) reforça esta ideia com o argumento de que o desenvolvimento dos transportes, nomeadamente o comboio, abriria essas termas elitistas às classes operárias urbanas, que a partir de meados do século XIX, progressivamente ganhavam direitos laborais a tempos de descanso e, assim, beneficiando de alguns rendimento, com preços mais competitivos e tempos de viagem mais curtos, tinham condições de frequentar algumas termas, especialmente as mais próximas dos centros urbanos.

Segundo RAUCH (2001) este modelo inglês de desenvolvimento das estâncias termais, impulsionado pelo crescimento da burguesia, pela melhoria das condições económicas e laborais das classes operárias e por melhores acessibilidades, fez escola na Europa continental. Primeiro SPA, na Bélgica, seguindo-se Baden-Badem, Carlsbad e Marienbad, no sul da atual Alemanha e também na atual República Checa, demonstram semelhanças claras no seu processo evolutivo. Também a França verá semelhante desenvolvimento, no fim do século XVIII, destacando-se Vichy e Aix-les-Bains.

Da prática elitista, que marcou os séculos XVIII e XIX, verifica-se uma *“evolução no sentido da democratização do acesso ao turismo no século XX, com o aumento dos tempos livres e a valorização crescente do lazer associados à disponibilidade financeira permitindo deslocações para além dos espaços territoriais nacionais”* (CUVELIER, 1999, pág. 50).

O turismo moderno nasceu no período compreendido entre o fim do século XIX e a 2ª Guerra Mundial, devendo a sua existência à descoberta do corpo e à superação do medo do mar e montanhas, pelo desenvolvimento de uma moral hedonista que privilegia a vida ao ar livre e a exposição do corpo sem restrições, rapidamente se intensifica, atraindo a si cada vez mais intervenientes para o processo e fenómeno

turístico. CAVACO (2006) usa o conceito de turismo de massa para melhor descrever o fenómeno que ocorreu nessa época dos anos 50 e 60, e que significa, muito sucintamente, ter muitos turistas a fazerem a mesma coisa ao mesmo tempo.

A literatura produzida por BUHALIS, D. (2006), HOLLOWAY C. (2000), POON (2003), WALL, G., & MATHIESON, A. (2006), MOUTINHO, L., BALLANTYNE R., & RATE, S. (2011), MEETHAN (2001), entre possíveis, dizem-nos que a dinâmica do mercado de turismo tende a tocar o conjunto da sociedade solvente, sem distinção de classe, passando-se assim do *Grand Tour* e da vilegiatura, de práticas do ócio que excluem o trabalho no sentido industrial, ao turismo, deslocação de recreio, no sentido de recreação, e também de prazer ou recreação, principalmente durante as férias.

A explosão do turismo no mundo ocidental significou, no entanto, uma democratização apenas parcial das partidas em férias, pois nem todos têm a mesma probabilidade de serem turistas, nem toda a gente parte em férias, mesmo nos países mais desenvolvidos e entre os que o desejariam fazer. Há também os que não desejam partir, nem sequer para curtas estadas ou de fim-de-semana, por indiferença e medo do outro, de outros lugares e outras gentes, ou seja que se recusam a aprender a serem turistas.

A democratização do acesso ao turismo desenvolveu facilidades turísticas, que, por sua vez, tem reduzido, e até mesmo abolido, a possibilidade de contemplação, do contacto direto com a natureza.

Após a Segunda Guerra Mundial o turismo de massas desenvolveu-se com muita energia, consequência das influências tecnológicas, social, económicas e políticas. Na Revolução Industrial os operários trabalhavam em média 80 a 90 horas por semana. Após a Primeira Guerra Mundial, a semana laboral foi reduzida para 60 horas em consequência da mecanização, do progresso tecnológico e das reformas sociopolíticas verificadas na altura, como já vimos. A redução do tempo laboral permitiu que as pessoas passassem a usar os diversos equipamentos turísticos. As primeiras décadas do século XX são marcadas pela conquista do direito às férias pelos trabalhadores. Os E.U.A. foram os primeiros a encabeçar esta revolução social em 1914, enquanto na Europa este direito foi conquistado mais tarde, nos anos trinta. Isto teve como consequência

imediate a democratização do turismo (MAGUSTO, 2003).

Também CAVACO (2006), citando COHEN, (1999) e J.-P. RIOUX, (1998), salienta que no período pós guerra se conjugam fatores como a reconstrução, reestruturação e crescimento económico, a generalização do direito a férias pagas, ao pleno emprego, a mobilidade social, a mudança dos modos de vida e dos valores, cada vez mais urbanos e com lugar para o consumo a crédito, permitindo a satisfação imediata das necessidades sentidas; o aumento do nível de rendimento das famílias e difusão e abrangência da segurança social, em termos de apoios em caso de doença e desemprego e sobretudo na velhice; as novas estradas e autoestradas, banalização do automóvel, motorização e mobilidade individuais; o desenvolvimento da aviação comercial, com aviões cada vez maiores e mais rápidos e preços mais económicos, através de voos *charters* e, por último, as companhias *low cost*, que alargaram os fluxos turísticos internacionais a novos destinos, nomeadamente regiões tropicais, regiões do hemisfério sul e ilhas distantes, tornando-os globais; o aumento da esperança de vida, consciência da vulnerabilidade da vida, nova atitude perante esta, com valorização do presente e do prazer, uma nova moral do prazer, alguma obsessão pela preservação do corpo e da beleza e retardamento do envelhecimento; o consumismo sem restrições como que para esquecer as lembranças das carências sentidas durante a guerra, e aparecimento de uma cultura comum de massa, contribuíram muito e foram determinantes para que o número de pessoas que fazem e gozam férias fora do seu local habitual de residência tenha atingido valores nunca antes conhecido, em tão grande número.

HENRIQUES (2003), aponta a pressão demográfica, e conseqüente saturação urbana, como responsável por desencadear um efeito negativo na qualidade de vida dos cidadãos urbanos que, na tentativa de combater esse stress e os males da poluição, começaram a utilizar o seu tempo de férias em programas de viagens.

Nas suas investigações, PINHEIRO (2012) menciona a importância da revolução dos transportes no século XIX que tornou acessível qualquer região do mundo a populações e classes de menores recursos à prática de turismo, destacando o desenvolvimento do caminho-de-ferro que abriu oportunidades espaciais até então limitadas. Este século é um período em que o aparecimento do barco e do comboio a

vapor vieram revolucionar as condições das viagens e as concepções de espaço e de tempo, em consequência da maior capacidade de transporte que possibilitou menores custos e maiores velocidades, contribuindo, assim, para o aumento do número de turistas que começou a viajar.

CAVACO (2006, pág. 328) cita DEPREST, (1997, pág. 19), referindo que o turismo ganha as dimensões e os contornos de um fenómeno de consumo de massa pois *“desde a sua origem, o turismo é chamado a tornar-se de massa, porque na sociedade industrial são as massas que trabalham”*. A massificação prolongou a democratização das práticas turísticas. O lançamento de cada prática turística é quase sempre feito pelas elites, seguindo-se a sua adoção por outros grupos sociais, que não implica a sua total generalização, e o abandono da mesma pelas elites, a favor de outra prática nova e por isso mais distintiva e atraente. Uma característica importante da massificação turística que a supra citada autora refere, é que a massificação induz à passividade e à alienação do turista quanto a escolha de destinos, modos de deslocação, ritmos e ocupações diárias, movimentos, contactos e visitas, pelo que são apreciados depreciativamente, levando à não autonomia de comportamento, de responsabilidades no desenrolar da própria viagem, de iniciativas pessoais para além da decisão de partir. Ela própria é muito influenciada e condicionada pelas ofertas estandardizadas, tanto no turismo associativo como no da indústria turística. Uma ideia importantíssima defendida pela citada autora é a de que o turismo é de massa porque a sociedade também o é.

Ainda segundo CAVACO (2006, pág. 328), que lembra a autora DEPREST, (1997, pág. 19), o que atribui para o significado de massa é *“ao grande número, aos fluxos vultosos, que envolvem grande parte das sociedades, mas também indiferenciação: a massa faz um todo, não é divisível; os indivíduos apagam-se no todo; na massa há nivelamento, homogeneidade, e não lugar para sensibilidades às diferenças, distinção, reconhecimento pessoal; a massa é de gente desconhecida, sem nome nem prestígio, banal, inculta e alienada. Massa não evoca uma simples multidão de turistas, mas turistas com os mesmos comportamentos, embora possam manter-se separados geográfica e socialmente”*. Em sentido amplo, no turismo de massa ressalta a produção em grande escala de produtos relativamente indiferenciados cujo consumo interessa ao conjunto da população: a comunicação de massa permite criar a procura de massa, com

uniformização e nivelamento dos consumos; o trabalhador alienado pelos modos de trabalho seria também manobrado e alienado no tempo livre do trabalho pela industrialização e massificação dos lazeres das férias que lhe são propostos, em resposta a necessidades criadas e manipuladas pelo mercado, traduzida na construção muito intensa nas frentes marítimas em ligação com a prática balnear. Em sentido restrito, o turismo de massa é identificado com o turismo dos circuitos de autocarros (*touring*) a sua combinação com voos charters, e na continuidade, concentração espacial, grandes densidades de presença nos espaços eleitos. A gestão dos fluxos do turismo de massa é operacionalizada, tendo por base princípios de uniformização, centralização e maximização, na lógica do mercado de massa, para uma sociedade de massa, quanto a práticas culturais e turísticas. Reforçamos estas afirmações com o exemplo das férias comuns num mesmo calendário num grupo profissional como os docentes em Portugal. Todos têm as suas férias obrigatoriamente no mês de agosto, entrando deste modo num tal circuito de turismo de massas, que decerto, não é o desejado pelo turista, mas imposto pelo sistema, pelo patrão, originando, assim, um anular do Eu num destino qualquer que frequente, pois esse está cheio de iguais utilizadores com as mesmas contingências de pausa para férias.

A mesma autora (*op. cit.*), refere a oposição do turismo de elites a turismo de massa. Os turistas, sempre de massa, são as multidões de calções coloridos, máquina fotográfica ou de filmar e óculos de sol, chinelos e camisas havaianas, em lugares urbanos, e preferencialmente em destinos de praia soalheiros e de águas quentes. Não se valorizam as diferenças dos destinos e logicamente não se estimula a conservação das identidades dos locais visitados, sobretudo destinos patrimoniais e urbanos e do sol e praia. Mas a massa tem os seus atrativos, mesmo turísticos. A presença humana, muita gente desconhecida e diferente, anonimato, e sobretudo encontro, convívio, companhia, novas amizades, são muito importantes para os mais velhos e menos experientes, sem esquecer a segurança, animação e espetáculo desses lugares. A massa turística é expressão de vida, em contraste com o isolamento, a solidão, a insegurança e os vários riscos dos turismos alternativos. A massa é festa, na medida em que as pessoas estão mais soltas, querem cantar e dançar, não importa o quê, libertam os corpos, e nós acrescentamos, libertam sobretudo a mente, tornam-se mais autênticas, mais próximas do seu Eu. Como exemplo de tudo o que foi descrito, a autora destaca (*op. cit.* pág. 331),

na Europa mediterrânea, o caso de Benidorm como exemplo “*do nascimento e da evolução de uma estância balnear de massas, com desenvolvimento tardio, a partir dos anos 70 do passado século, após abertura do aeroporto de Alicante em 1967. É a maior estância turística internacional do Mediterrâneo, uma estância gigante como Waikiki e Miami e que explora turisticamente o seu gigantismo*”.

O Mediterrâneo foi durante décadas o principal destino turístico do mundo (UNWTO, 2010) e aquilo que é conhecido como o processo de *balearização*, um tipo particular de turismo rápido e não planeado e de crescimento urbano conotado com as Ilhas Baleares durante os anos 60, produziu e continua a produzir, em vários graus, disrupções nas dimensões ambiental, económica, social e cultural. (BOSSEVAIN & SELWYN, 2004).

As inovações nos transportes e na tecnologia foram algumas das mudanças que mais afetaram o turismo do final do século XX, e particularmente de turismo em ambientes de água. O transporte aéreo teve, igualmente, um impacto revolucionário, comparável ao que teve o comboio no séc. XIX.

Também melhoria no equipamento de telecomunicação, especialmente a tecnologia via satélite, a maior cobertura e o fácil e generalizado acesso, permitiu também para a expansão do turismo, nomeadamente o turismo de cruzeiro, e o crescimento do número de pessoas que se aventuram em águas longínquas. Ao mesmo tempo, como já tinha demonstrado SMEDLEY (1995), os avanços na tecnologia também melhoram e ampliaram os grupos de pessoas que podem participar no turismo e atividades náuticas, como os caiaques adaptados, que são utilizados por pessoas com deficiência física.

As motivações¹⁰ da viagem são determinantes e fundamentais para a evolução do fenómeno turístico, pois estão subjacentes a questões de procura, pelo indivíduo, do seu

¹⁰ A propósito do tema motivações, Marques (2009), cita Mowen, (2000), que refere que a motivação é um processo que tem por função iniciar, alimentar, sustentar e orientar um comportamento, bem como terminá-lo ou interrompê-lo. O autor considera que Mowen interpreta este processo como tendo origem numa comparação entre valores e objetivos dependentes de uma hierarquia de traços do indivíduo, da qual resultam as emoções que funcionam como alimentação do processo.

bem-estar físico e psíquico. Enfatizar as motivações das viagens e classifica-las, não é nosso propósito, não é condicionante para a nossa operacionalização na investigação. O ser humano encontra esse bem-estar em ambientes que lhe são favoráveis e que lhe permitem retomar forças e quebrar a rotina quotidiana. É a motivação que faz o ser humano deslocar-se, ter desejo de sair, de conhecer, de viajar, fazendo todo o processo da atividade turística desenrolar-se. SANTOS e GAMA (2008, pág. 59) recordam que o tempo disponível e necessário para isto, foi libertado pela terciarização da sociedade. À medida que as viagens se tornaram acessíveis a camadas cada vez mais vastas da população, os motivos pelos quais as pessoas viajavam foram-se alargando. Atualmente é muito difícil separar os que viajam por puro prazer daqueles que viajam por outras razões, utilizando os mesmos equipamentos e os mesmos serviços. É esta multiplicidade de razões que levam as pessoas a viajar e a deslocam-se, bem como a variedade de situações a que a deslocação pode conduzir, que não torna fácil nem consensual na literatura a definição de turista. Poderemos, no entanto, considerar como motivos que levam o indivíduo, e de acordo com a literatura, a deslocar-se de um sítio para outro, com fins puramente de lazer, a compensação do desgaste gerado pela participação individual no mundo laboral, bem como, o desenvolvimento de novos contactos sociais e a valorização, no indivíduo, do alargamento de horizontes na experiência individual de vida e no conhecimento de outros espaços e culturas.

A estas motivações apresentadas de ordem objetiva, geral e comum a todos, juntam-se fatores de ordem subjetiva, que têm a ver quer com o próprio indivíduo quer com a própria história das sociedades. A estes fatores importa salientar “...das recordações individuais às recordações coletivas.” (CRAVIDÃO, 1996, pág. 49). Isto leva-nos à teoria da imagem de MIOSSEC (1977, pág. 55) em que o autor afirma, quanto à motivação individual, que “*l'espace touristique, c'est avant tout une image*”. Para este autor, a imagem que nos impele à viagem decompõe-se em três partes: imagem global, cultural e construída. Assim, a) a imagem global relaciona-se com imperativos de ordem biológica e territorial, encerrando, provavelmente, o passado ainda não muito longínquo na história do ser humano, de nomadismo, de liberdade, dos grandes espaços. É uma imagem onde o imaginário se confunde com o mítico e na sua essência, na relação harmónica homem/meio; b) a imagem cultural fixa-se ao longo dos séculos. Cada sociedade, cada grupo valoriza o seu território e transmite-o de geração em geração,

tendo constituído, na sua consciência individual e na consciência coletiva, os passados históricos, os espaços míticos, ou, pelo contrário, a repulsa por determinados territórios. Para nós portugueses, a imagem de África, que nos é transmitida pelos familiares e amigos, pode ser uma imagem construída e transmitida ao longo de gerações de colonização. Esta imagem vai-nos transmitir e difundir alguns produtos turísticos em determinados países, que durante séculos foram colonizados. O exemplo disso são os safaris que já se começam a encontrar organizados, sobretudo no Alentejo, em montes privados e de enormes dimensões; c) a imagem construída, controlada e atual não é construída pelo indivíduo, mas sim pelos operadores turísticos. É aquela onde a publicidade e os *mass média*, em geral, mais interferem, explorando o que de subjetivo existe no imaginário do indivíduo e da sociedade e que se desenvolve a partir das anteriores. Pode explicar o apelo atual pelos espaços turísticos exóticos, longínquos, marginais – no sentido em que não fazem parte dos padrões usuais da procura turística.

O autor defende a imagem que se cria e possui de um lugar, como a principal motivação para o conhecer, e desse modo, dar início ao processo de viagem. As estatísticas do turismo publicadas pelos organismos oficiais (INE), referentes a 2012, dizem-nos que 42,1% das viagens realizadas em Portugal tiveram como motivação principal o lazer, recreio e férias, logo a seguir à primeira motivação, que se reporta a visitar familiares e amigos. Os valores apurados para fazer férias são de facto fabricados em grande medida pelas agências de viagem que controlam um determinado destino turístico, vendendo-o como uma imagem aos potenciais clientes, que acabam por adquiri-lo, e deste modo, alimentar os valores que se referem a esta motivação de viajar, que é o lazer, recreio e férias. A atualidade do texto de MIOSSEC (1977, pág. 55), 40 anos depois de ter sido escrito, é evidente, na medida em que o fascínio por atingir outros espaços e territórios, lugares exóticos e distantes, para aí fazer férias, se encontra ligado ao nosso passado nómada, conjugado atualmente com uma enorme facilidade de comunicar e dar a conhecer, através dos media, é muito grande, criando assim uma imagem mental que se pretende concretizar, através de uma viagem.

Estas motivações criam e justificam diferentes tipos de turismo, pois cada imagem que o sujeito constrói e possui é projetada num tipo de prática turística e num determinado território turístico. Quando se viaja para conhecer outros povos e

civilizações, para visitar os grandes centros arqueológicos mundiais ou para assistir a festivais de música, todas essas pessoas que viajam por esses motivos têm em comum o aspecto cultural, logo podemos falar num turismo de cariz cultural. Assim, para satisfazer as suas necessidades de viagem, correspondente à imagem criada, as pessoas dirigem-se para os lugares onde se reúnem as variáveis que constituem o objeto da sua procura. Um turista que busca uma praia para ocupar o seu tempo de lazer, as suas férias, responde à imagem de sol e mar que criou e que originou a necessidade de frequentar uma estância balnear. Com a identificação dos vários tipos de imagens, é possível avaliar a adequação da oferta existente às motivações da procura, logo, o sucesso de um destino poderá depender da sua capacidade em dar resposta a motivações diversificadas, correspondentes a um determinado tipo de turismo. Ao estabelecermos a relação entre os motivos que estão na origem das deslocações e as características dos destinos, identificam-se os diferentes tipos de turismo que, no entanto, não esgotam todos aqueles que se poderão identificar. No entanto, embora com designações por vezes comuns aos produtos turísticos, não deverão nem se podem confundir.

A relação entre a motivação da viagem, a característica do destino e as afinidades com este constituem uma resposta ao sujeito turístico. Um destino turístico pode, simultaneamente, pelas suas características e pela diversidade de atrativos que oferece, corresponder a motivações culturais, religiosas, saúde, profissionais, desportivas, recreativas e/ou outras. Estas motivações que conduzem o sujeito a um determinado destino turístico criam diferentes **tipos de turismo**.

A literatura refere que se pode classificar o turismo e as suas práticas, distinguindo diversos tipos e segmentos de turismo, sem contudo, esgotar todos os tipos que se podem identificar, nem estabelecer uma barreira rígida e delineadora entre eles.

O encontro com grandes museus, monumentos, locais e territórios das grandes civilizações, reporta o sujeito para uma vivência cultural, motivado pelo desejo de conhecer valores cultural que valoriza, engrenando-se num **turismo cultural**. A OMT em 1985 definiu este tipo de turismo como correspondendo a movimentos de pessoas impulsionadas essencialmente com motivações culturais, tais como viagens de estudo, visitas a monumentos, entre várias. Em 1997, ANDRADE (cit. por GOULART e SANTOS,

1998), valoriza o encontro do sujeito com emoções artísticas, científicas, de formação e informação nos diversos ramos existentes, em decorrência das próprias riquezas da inteligência e da criatividade do homem. Também, DIAS (2006) corrobora a definição anterior, referindo-se ao turismo cultural como uma segmentação do mercado turístico que incorpora uma variedade de formas culturais, em que se incluem museus, eventos culturais, sítios históricos, entre outros. É um tipo de turismo que se estrutura a partir da visitação ou do conhecimento, *in loco*, de recursos de origem cultural (COSTA, 2009). O turismo e a cultura mantêm relações profundas e têm um sentido duplo. O turismo também é um ato cultural e forma de cultura.

Quando a viagem integra importantes motivos de curiosidade, desfrute de paisagens e lugares, o recreio é de facto o fundamento maior. BENI, (2008), considera que o **turismo de recreio** tem origem nas deslocções de pessoas que viajam por motivos de curiosidade, das distrações das grandes cidades, de procurar condições climáticas mais favoráveis ou simplesmente de desfrutar das paisagens. É um tipo de turismo muito heterogéneo.

O repouso físico e mental, que promova a saúde e bem-estar geral no ser humano, é procurado por quem pratica um turismo de repouso. MÜLLER, H. *et al* (2001) e CUNHA (2007) consideram que o **turismo de repouso** é procurado por quem pretende obter um relaxamento físico e mental, a recuperação de equilíbrios psicológicos e desgaste provocado pelo *stress*, pela agitação da vida moderna ou intensidade do trabalho. O **turismo da saúde**, para estes autores, integra várias modalidades como o **termalismo** – constituindo o produto turístico mais antigo do mundo, a **talassoterapia** e o **climatismo**. O **termalismo** está ligado à atividade termal, havendo um aproveitamento de águas mineromedicinais com fins terapêuticos e preventivos de doença. Na **talassoterapia** os tipos de cuidados e os elementos estruturantes são comuns às estâncias termais, diferindo delas pela razão de os fatores de tratamento serem marítimos. É uma atividade em que são utilizadas para fins terapêuticos as propriedades das águas do mar, algas e das lamas, associadas à ação do clima marítimo. No **climatismo**, a bibliografia diz-nos que há um aproveitamento para fins de saúde de certas características micro climáticas, quer no espaço de montanha, quer no litoral, que foi o móbil do turismo balnear.

O **turismo desportivo** é provocado por motivações desportivas assumidas por um número crescente de população de todas as idades e de vários estratos sociais. O objetivo da viagem é o de assistir a manifestações desportivas ou para as praticar. LOURENÇO (2008) refere mesmo que o turismo desportivo é o conjunto de atividades desportivas em que participam turistas, seja enquanto praticantes ou espectadores. As práticas do golfe e o esqui, por exemplo, criam destinos turísticos estruturados e de grande importância para certos territórios marginais.

Desde a antiguidade que os indivíduos sentem necessidade de se reunirem para um fim comum, num encontro – daí a palavra latina *congressos*. Com a crescente internacionalização das economias e das empresas, o aumento dos congressos, de exposições e de feiras, as deslocações organizadas pelas empresas para os seus colaboradores, tem como consequência a deslocação de um grande número de pessoas, originando importantes movimentos turísticos de grande significado económico. DAVIDSON (2007) refere-se ao **turismo de negócios** como as viagens realizadas por aqueles cuja atividade profissional requer deslocações com o objetivo de desenvolver o seu negócio ou trabalho. Neste tipo de turismo privilegia-se os destinos que disponham de centros de congressos e de exposições e os grandes centros urbanos ou industriais.

A motivação e desejo por estar em recreio e em contacto com a natureza, com o intuito de a contemplar e compreender, e com a preocupação em a manter de forma inalterada a integridade do ecossistema, criam um segmento de **turismo natureza**. A definição de turismo natureza defendida por CEBALLOS (1992, citado por F. VERA, L. PALOMEQUE, J. MARCHENA e S. ANTON, 1997, pág. 145) refere que este segmento de turismo, se desenvolve em áreas naturais relativamente virgens, com o objetivo específico de admirar, estudar, desfrutar da viagem, das plantas e animais.

A fé e a religiosidade, desde tempos remotos, criam motivações para viagens, fundando centros de peregrinação. São exemplos os templos de Amon no Egipto, Delfos e Olímpia na Grécia, Benares na Índia, Meca na Arábia Saudita, Lourdes em França, Santiago de Compostela em Espanha, Roma em Itália (mais propriamente a Cidade Estado da Santa Sé, Vaticano) ou Fátima em Portugal. RAJ e MORPEHT (2007) afirmam

que o **turismo religioso** abrange todo o tipo de viagens em que o indivíduo é motivado pela religião e onde o destino é um local religioso.

O **turismo em espaço rural** (TER) foi a designação adotada para Portugal, pela Direção Geral do Desenvolvimento Rural em 2000. SILVA (2007), define turismo em espaço rural como o conjunto de modalidades de hospedagem em zonas rurais, orientadas para a exploração dos recursos naturais e culturais das mesmas, incluindo serviços de hospedagem em solares e casas apalaçadas, em quintas onde se desenvolvem atividades agrícolas, em casas rústicas, tomadas como exemplares da arquitetura popular tradicional, e ainda, em hotéis rurais e parques de campismo rurais. O gosto pelo mundo rural e tudo o que ele representa, motiva, portanto, a razão de ser desta atividade turística, deste segmento do turismo.

O **turismo sénior** foi definido pela Organização Mundial do Turismo (OMT), e citado por CAMPOS (2003, pág. 16), como *“aquele praticado por pessoas com mais de cinquenta anos, aposentados ou não, que dispõem de bastante tempo livre ocioso”*. Os limites etários são divergentes de país para país. O que importa salientar é que estes indivíduos dispõem de tempo livre. ROSA (2012), considerou que as motivações dos seniores para a prática de turismo são motivações ligadas à satisfação de vontades individuais, apenas possíveis de serem realizadas neste período das suas vidas, de reformados. Estes turistas seniores utilizam recursos e produtos também procurados por turistas de outros escalões etários e, nessa medida, potencializam a diversidade da oferta. Fazem-no, porém, com ritmos e segundo vivências ajustadas às suas sensibilidades e vulnerabilidades, biológicas, culturais, económicas (CAVACO 2009).

Da necessidade ao desejo e gosto de estar em contacto com o litoral, a praia, o mar, o sol e todas as atividades que este espaço faculta, levou ao surgimento e desenvolvimento do **turismo balnear, costeiro, de sol e mar**. Este segmento turístico é constituído pelas atividades turísticas ligadas à recreação, entretenimento ou descanso em praias, num ambiente costeiro, explorando e usando os seus recursos naturais na tríade praia, sol e mar. Da literatura, destacamos CROUCH & RITCHIE (1999) e MIHELJ (2010), que referem que o grande impulso deste segmento turístico ocorreu a seguir à Segunda Guerra Mundial, nos tempos prósperos do pós-guerra, imprimindo-lhe um

carácter massificado, com milhões de turistas a cruzarem o mundo em viagens turísticas. CRUZ, (2003, pág. 6), considera que “*o turismo de massas é uma forma de organização do turismo que envolve o agenciamento da atividade, bem como, a interligação entre agenciamento, transporte e hospedagem, de modo a proporcionar custos baixos das viagens e permitir, conseqüentemente que um grande número de pessoas viaje.*” Importa salientar que a massificação não evoca uma simples multidão de turistas, mas turistas com os mesmos comportamentos (CAVACO, 2006, pág. 328). Com efeito, o número de turistas e o que fazem e procuram no mesmo lugar torna o turismo balnear o que mais relevância, dimensão e impacto tem no cenário mundial.

Neste contexto, interessa fazer uma breve referência à evolução dos destinos “Sol e Mar” que, segundo KNOWLES e CURTIS (1999), passaram por três gerações distintas.

A primeira geração diz respeito aos destinos situados no litoral do Norte da Europa que, favorecidos pela aristocracia e pelo facto de não dependerem de operadores turísticos, conheceram uma grande popularidade até à década de 60, antes de entrarem em declínio (CLAVER-CORTÉS, MOLINA-AZORÍN & PEREIRA-MOLINER, 2007).

A segunda geração “Sol e Mar”, associada aos destinos da área do mediterrâneo, coincidiu com o período após a recuperação das sequelas deixadas pela Segunda Guerra Mundial, em que se viveram tempos de prosperidade económica, que, por sua vez, impulsionaram a expansão do turismo de massas, também identificado como “velho” turismo, essencialmente a partir dos anos 60.

POON (1993, pág. 32) definiu turismo de massas “*como um fenómeno de larga escala de serviços de lazer padronizados, a preços fixos de venda, para uma clientela de massas (...) durante os anos 1960 e 1970*”. A mesma autora ainda sublinhou quatro características intrínsecas ao turismo de massas, presentes na figura seguinte.

Mass Tourism	The holiday is standardized, rigidly packaged and inflexible.
	The holiday is produced through the mass replication of identical units, with scale economies as the driving force.
	The holiday is mass marketed to an undifferentiated clientele.
	The holiday is consumed <i>en masse</i> .

Figura 11: Principais características do Turismo de Massas

Fonte: Adaptado de POON (1993, pág. 32)

A indústria das viagens foi-se tornando cada vez mais acessível a estratos mais alargados da população devido a vários fatores, como os progressos nos sectores dos transportes e das comunicações, o aumento dos rendimentos das famílias, o aparecimento das férias pagas e o baixo preço do petróleo (OMT, 2001; POON, 1993).

Tal como CUNHA (2006, pág. 47) referiu, “foi a célebre época dos 4 S¹¹: Sun, Sea Sand and Sex”. Foi nesta altura que o “Sol e Mar” se tornou no produto mais popular e procurado a nível mundial. “Destinos costeiros têm sido, e continuam a ser, os destinos mais populares na Europa e no resto do mundo” (Comissão Europeia, 2000, pág. 21).

A mente dos consumidores estava subordinada à lógica da produção de massas e a competitividade exercia-se sobretudo sobre os preços. “No turismo antigo os produtores vendiam os mesmos produtos aos grupos homogéneos de turistas” (POON, 1993, pág. 86).

Foi o tempo em que os operadores turísticos eram a chave principal para o planeamento das viagens. Tal como POON (1993, pág. 38) relatou, “produção em massa, economias de escala, padronização de produtos e preços baratos, ditou o ritmo e a direção do crescimento do turismo, e na verdade, todas as outras indústrias” .

¹¹ Sol, mar, areia e sexo

No entanto, o tempo de prosperidade económica foi acompanhado pela construção desenfreada de infra-estruturas sem qualquer planeamento. Esse crescimento excessivo originou uma dupla crise: **(i)** por um lado ao nível da procura internacional (as classes médias europeias começaram a deslocar-se para destinos turísticos com características menos massificadas, provocando a redução dos preços e um aumento do número de turistas de recursos mais reduzidos) e por outro, **(ii)** a diminuição do efeito multiplicador do turismo nas atividades de restauração, alojamento e nas atividades comerciais em geral (JOAQUIM, 1997).

Em Portugal o turismo conheceu uma evolução semelhante à que se processou nos restantes países da Europa, com o ano de 1964 a marcar o início do verdadeiro desenvolvimento do turismo balnear português (CUNHA, 2006).

Apesar da sua popularidade, os destinos “Sol e Mar” revelaram os primeiros sinais de fadiga a partir dos anos 80, acabando por entrar em declínio, dando espaço a outros produtos e a novos destinos. Segundo AGARWAL, sol e mar são destinos que tendem a ser considerados insustentáveis e em declínio, (citado por CLAVER-CORTÉS *et al.*, 2007).

KNOWLES e CURTIS (1999) explicaram que as principais fraquezas dos destinos de massas assentaram na sua dependência nos operadores turísticos, na degradação ambiental e nas mudanças no mercado, que impulsionaram o aparecimento de novos consumidores e concorrentes. Isto fez com que os destinos saturados convivessem com destinos mais sofisticados.

Finalmente, a terceira geração dos destinos “Sol e Mar” é marcada pelo planeamento, controle e qualidade das infraestruturas (CLAVER-CORTÉS *et al.*, 2007). *“Longe vão os dias em que os turistas ficavam satisfeitos pelo sol, mar e areia; turistas modernos esperam encontrar uma variedade de atividades e de experiências”* (Comissão Europeia, 2000, pág. 9).

Se o turismo, até finais do século XX, foi fortemente influenciado pelos avanços da tecnologia de transporte, o que conduziu a reduções nos custos das viagens, no início do séc. XXI o turismo está a ser determinado pelas mudanças sociodemográficas,

nomeadamente, a estrutura etária do turista, a crescente participação da mulher na atividade de viagens de negócios e lazer, assim como na idade do casamento, que é cada vez mais tardia; pelos sistemas de informação e comunicação eletrónicos, com um rápido crescimento na utilização do computador e globalização dos sistemas de reserva por estes; pela crescente exigência e nível de conhecimento do turista; pelos mercados desreguladores e polarizadores dos operadores de viagens e pelo turismo entre negócios globais e negócios restritos.

A literatura produzida por FEIFER (1985), KRIPPENDORF (1986), CRAVIDÃO E CUNHA (1991, 1993), POON (1993, 1994, 2003), SIMÕES (1993), SIRGADO (1993), URRY (1996), HUMBELINO (1999, 2005), MALTA (2000), SANTOS (2001), GOMES (2005), LIPOVETSKY (2007), GAMA (2008), GAMA E SANTOS (2008) E MOREIRA (2008, 2010, 2012), POLESE (2009), YENOMAN, I., REBECCA, T. L. I., MARS, M., & WOUTERS, M. (2012), entre outros, diz-nos que a educação que se está a transmitir aos jovens vai no sentido de uma menor autoridade e no fomento de uma responsabilidade, o que leva a que estes tendam a fazer férias menos planeadas, fugindo assim a um turismo planeado e programado. Estes autores afirmam que as transformações económicas, culturais, sociais, políticas e ecológicas desencadearam alterações nas motivações turísticas na Europa, tendo contribuído para isso a emergência e o imaginário (áreas verdes, contacto com a natureza); o prazer da descoberta e aventura; o desejo de contacto com contextos sociais, culturais e naturais; o prazer de atividades culturais e recreativas.

No virar do século XX para o novo milénio, o turismo entrou numa fase de mudança radical que se traduz numa passagem de *Turismo Antigo* – de massas, para um *Turismo Novo* – ligado a uma desregulamentação aérea, reestruturação económica, preocupação ambiental, flexibilização das férias, entre outros aspetos.

A imagem que um território cria para si e na qual aposta para se promover não deve ser estática, desta forma corre o risco de ficar para trás na competição feroz em que se encontra o setor turístico. Há uma forte necessidade dos espaços se reinventarem, diferenciando-se assim dos demais concorrentes (DUQUE, 2013).

No início da década de noventa do século passado, POON (1993) sugeriu um modelo que introduziu grandes modificações na conceção de atividade turística,

existente à data. Este modelo já teve uma breve referência no presente trabalho, aquando da abordagem do turismo balnear. O principal trabalho desenvolvido pela autora marcou a distinção entre velho e novo Turismo. O velho turismo esteve em vigor entre 1950 (pós 2ª Guerra Mundial) e a década de 80 e era caracterizado pela massificação, standardização e rigidez dos pacotes de férias, hotéis e turistas (POON, 1993). SARMENTO (2010) corrobora a caracterização de POON (1993) e referindo que o velho turismo, podia ser tradicionalmente caracterizado como uma prática de consumo massificado, uma monocultura turística, o facto das necessidades dos turistas aparecerem em segundo plano e baseado nos 3 “S” (Sun, Sea, Sand). Este modelo turístico de exploração massificada, que vigorou desde os anos 50, é um modelo ultrapassado e claramente insustentável, no mínimo por quatro razões: (i) não contemplou a importância da conservação dos sistemas naturais nem do uso racional dos recursos naturais; (ii) acentuou o processo de crescimento em detrimento dos aspectos qualitativos do mesmo; (iii) distribuiu com enorme desigualdade os frutos do desenvolvimento turístico e (iv) não integrou o território e suas singularidades na oferta turística, potenciando a homogeneização e a descaracterização de vários destinos.

Em alternativa a este tipo de turismo, deparamo-nos hoje em dia com um novo modelo onde, em contraposição aos anteriores “S”, temos os 3 “L” (Landscape, Leisure, Learning)¹², no qual se verifica uma alteração significativa, não só em relação ao comportamento dos turistas como no que às estratégias turísticas (POON, 1993) diz respeito.

Neste novo contexto, tem sido cada vez maior o número de pessoas que têm sentido necessidade de compensar os desequilíbrios psicológicos provocados pela vida profissional bem como necessidades de evasão ao meio. O turismo passou a estar igualmente ligado às alternativas: a natureza, a aventura, a descoberta, o diferente e o criativo. Desta forma, o turismo alternativo aparece como uma das maiores diferenças relativamente à anterior conceção.

No esquema seguinte, POON (1993) faz a distinção entre o velho e o novo turista, no quadro de que apelidou de “*turismo do futuro*”, caracterizado pela flexibilidade,

¹² Paisagem, Lazer, Aprendizagem

segmentação e experiências turísticas mais autênticas.

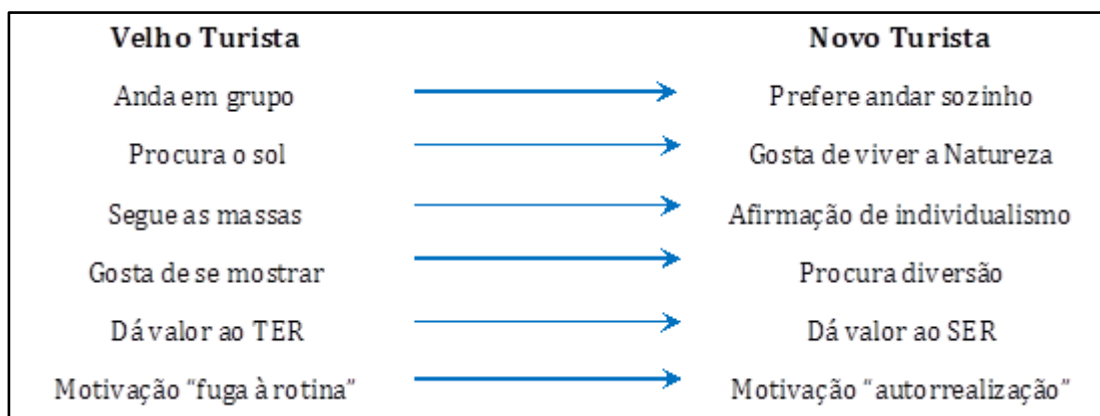


Figura 12: Velho Turista versus Novo Turista

Fonte: Adaptado de POON (1993)

Para a autora há quatro fatores que influenciaram a mudança no paradigma do turismo que são:

- ✓ **Segmentação:** deu-se a divisão do mercado turístico e deixou de haver uma procura e oferta únicas. Com o mercado turístico segmentado passou a haver uma oferta mais diversificada, que abrange vários públicos, com gostos e necessidades diferentes;
- ✓ **Flexibilidade:** passou a haver flexibilidade a vários níveis - na organização; na produção e distribuição das viagens; na escolha, reserva, compra e pagamento das férias e, ainda, no consumo e aproveitamento da experiência das férias;
- ✓ **Integração diagonal:** uma nova estratégia adotada, que engloba a formação de alianças e parcerias com empresas turísticas, com o objetivo de melhorar e facilitar o acesso dos produtos/serviços aos consumidores (turistas);
- ✓ **Evolução do turismo para um "sistema de criação de riqueza":** o crescimento do setor do turismo traz inevitavelmente consequências a nível económico, muitas vezes positivas. A criação de riqueza para as populações e territórios que vivem do turismo é uma realidade.

Neste novo tipo de turismo, é fundamental encontrar-se um equilíbrio entre os

interesses económicos que o turismo estimula e o seu desenvolvimento de forma sustentável, o que pressupõe a correta gestão de todos os ambientes, recursos, as comunidades recetoras, mantendo a sua integridade cultural, os processos ecológicos, a diversidade biológica dos meios humano e ambiental através dos tempos (RUSCHMANN, 1997).

A par da evolução do conceito de turismo, também os turistas evoluíram e apresentam comportamentos diferenciados. Podemos de forma sintética, apresentar algumas das suas principais alterações (WEAVER, 2000): (i) alteração de valores. Existe uma maior sensibilidade ambiental, uma maior sensibilidade às culturas locais, apreciação e procura do diferente, busca de experiências autênticas, uma maior consciência das questões de justiça social, a procura de impactes positivos no destino e uma motivação para o processo de aprendizagem e de autorealização; (ii) alteração dos estilos de vida, propiciado pela crescente flexibilização dos horários de trabalho, o aumento dos rendimentos, o aumento do tempo livre, a preocupação com as questões ligadas à saúde e o facto de encararem a viagem como um “modo de vida”; (iii) alterações demográficas devido ao progressivo envelhecimento da população, à redução da dimensão das famílias e ao aumento do número de celibatários; (iv) maior flexibilidade. Hoje em dia, as férias são menos planeadas, mais repartidas, com turistas mais espontâneos e preferindo optar por itinerários mais flexíveis e (v) maior independência. Isto na prática significa uma maior disposição para assumir riscos, uma maior independência e consciência das decisões, a preferência por itinerários mais flexíveis e naturalmente uma prévia avaliação do produto turístico.

Também CAVACO e SIMÕES (2009), FERNANDES (2010) e MOREIRA (2012, 2013) referem as linhas mestras do que poderá ser a matriz do turismo dos próximos tempos. No considerado **turismo antigo** os **consumidores** pretendem a segurança na multidão, pretendem apanhar sol e têm pouca ou nenhuma experiência nestas práticas de lazer; a **produção** é de integração vertical e horizontal e a competição é feita através do preço; a **gestão** é regulada, o trabalho é um custo de produção, a capacidade é maximizada e vender o que é produzido; as **condições da estrutura** são garantidas por um crescimento não controlado, e sobretudo no domínio económico. No **turismo novo** os **consumidores** mantem-se vestidos (em oposição à prática de sol e mar, na postura de

calções e fatos de banho), pretendem ser diferentes e com diferentes experiências nestas práticas de lazer; a **produção** é conseguida pela integração de todas as práticas turísticas e a competição é feita através da inovação; a **gestão** é desregulada, dando liberdade de iniciativa aos agentes intervenientes, o trabalho é a chave para a qualidade, o rendimento é gerido e os consumidores são ouvidos; as **condições da estrutura** são reguladas por um crescimento sustentado e limitado.

Para estes autores, os turistas de hoje possuem um nível cultural e social diferente. As férias de sol e mar já não são suficientes e a significativa melhoria das condições de vida permitem-lhes seleccionar outro tipo de atividades de lazer, diferentes das dos turistas de há alguns anos. As quatro variáveis apresentadas alteraram-se por completo, por meio das práticas e atitudes dos sujeitos turísticos. Estas alterações no sujeito turístico também originam a dicotomia entre as práticas antigas e as novas por parte do turista. POON (2003) refere que o **turista antigo** procura o sol, seguir as massas, aqui hoje e acolá amanhã, apenas pretende mostrar que esteve lá, apregoa o ter, a superioridade nas práticas realizadas, o gosto por atracões, é cuidadoso, come no hotel e é homogéneo nas atitudes em relação aos demais turistas. A mesma autora regista que o **turista novo** quer ter experiências diferentes, fomenta a independência de práticas, vê e goza a paisagem sem a destruir, apenas para desfrutar, valoriza o ser, compreende o que contempla, tem gosto por desportos, é aventureiro, come fora do hotel e é heterogéneo em relação ao outro.

As atitudes destes sujeitos turísticos são o elemento fundamental do turismo da contemporaneidade e são os grandes responsáveis por esta realidade. A analogia entre turismo antigo e turismo novo é responsável por se considerar um turista antigo e o turista novo.

O turismo está a passar por uma fase de transformação rápida, que se traduz numa prática mais correta das políticas de desenvolvimento. Novos consumidores e novas tecnologias estão a modificar o turismo. A emergência de uma nova atitude por parte do “turista novo” relaciona-se com os impactes da atividade turística. No entanto, julga-se que ainda demora algum tempo para que esta situação se possa verificar, pois o turista

novo e os seus turistas novos, com as suas preferências, ainda têm um longo caminho a percorrer até democratizar os seus hábitos.

CAVACO (2006), acrescenta que após o período de massificação das práticas turísticas e homogeneização da procura no seguimento da democratização do turismo, notam-se atualmente, nos principais mercados emissores tradicionais, tendências complexas de diferenciação de comportamentos, opções de lazer e turismo, no seguimento de outras atitudes e práticas sociológicas incidentes nas estruturas sociais e familiares e nos modos de vida nossos contemporâneos (individualização no quadro da massa). Refere ainda que novas sensibilidades antropológicas, etnográficas e ambientais são valorizadas pelo turista contemporâneo. Novas paixões pela natureza, pelas paisagens, pelas tradições, pelos modos de vida do passado, a consciência de que «há só uma terra» e em particular dos impactos da frequência e urbanização turísticas não controladas: é assumido que o turismo é fato de degradação do ambiente natural, social e cultural dos destinos, porém, também é fator potencial de preservação do mesmo. Acresce ainda a revalorização do identitário. MASÍ (2000) refere que hoje a identidade é menos ligada ao que se possui e mais ligada ao que se sabe. A identidade é esculpida por cada sujeito, até do ponto de vista físico. A nossa identidade depende cada vez menos da natureza, da estirpe e do facto de pertencer a uma classe, aristocrática ou proletária. A identidade depende cada vez mais daquilo que aprendemos, da nossa formação, da nossa capacidade de produzir ideias, do nosso modo de viver o tempo livre. MOLINA (2003) defende que no consumo turístico pós moderno quem comanda são os turistas, não a oferta, e o comportamento da procura é menos racional e menos previsível, mesmo errático e caótico.

CAVACO (2006) *apud* Viard, (1998 e 2002) e CLUZEAU & PATRICK (2000), referem, por um lado, a tendência para férias mais complexas, como a própria vida, em que se releva uma vida familiar com saltos, uma vida profissional com irregularidades, a necessidade de formação ao longo da vida originando uma disponibilidade irregular de tempo de férias e dos recursos monetários, o que equivale a um quadro de instabilidade familiar e profissional, e a orçamentos de férias de geometria variável. Por outro lado, férias mais simples, quanto a aspirações, motivações, férias pouco ambiciosas, básicas, realistas, sempre em busca de algum prazer, com apreciação de oportunidades

gratificantes, mas não necessariamente a prática de atividades numerosas e diversas, desportivas, culturais, de descoberta, habitualmente referidas nos inquéritos e nos estudos acerca das práticas turísticas. Referem também a valorização persistente da residência secundária, herdada ou adquirida, em ligação com as férias em família que são, cada vez mais, famílias tribais e reunindo várias gerações (sótãos como dormitórios para os jovens). Temos exemplos desses nas nossas localidades em estudo, onde na atualidade as residências secundárias apresentam algum significado de socialização e reforço dos laços familiares. Neste quadro, o que caracteriza o turismo da atualidade não é a uniformidade mas as singularidades locais, as identidades que o turismo produz ou pelo menos ajuda a manter, revalorizando histórias e culturas (papel do olhar do outro). As estratégias e os cuidados para manter as diferenças, em evitar as perdas de unicidade dos lugares, mais ou menos ilusória, e com elas as de atratividade, assim como a banalização provocada pela massificação do consumo do mesmo como produto-destino são determinantes. No quadro da “globalização”, que também diz respeito ao turismo, a nova palavra de ordem é, para muitos autores, diferenciar com base em “localizar”, ajustar às condições locais. Todas as atividades económicas territorialmente absorvidas necessitariam de uma estratégia de localização. Também a competitividade no turismo, que é sempre total, no novo quadro global, assentará cada vez mais na diferenciação dos produtos e na desmassificação dos mercados, mesmo na sua grande segmentação, na personalização dos serviços, na hospitalidade tornada estratégica, no ecologismo e no desenvolvimento sustentável (CAVACO, 2006 *apud* BÉNI, 2004). Muitos hotéis procuram a sua diferenciação através da oferta de serviços tecnológicos (música, Internet, computador), para além do conforto e privacidade), e de detalhes como os aromas e os acessórios de *toilette*, que serão de marca e integrados na decoração das casas de banho das unidades de alojamento. A “localização”, como base da diferenciação das ofertas, não corresponde a um facto novo. Ao longo da história do turismo foram sendo valorizadas as diferenças entre os lugares de partida e os de chegada, que se situam fora do quotidiano e, por isso, não são familiares no sentido clássico do termo, havendo sempre o confronto com outro lugar e outras pessoas, a descoberta do outro, se bem que dentro de determinados limites de conforto e de risco; também como no passado, persiste a atração dos lugares mais ou menos exóticos, a descoberta, e a exploração de uma

natureza mais ou menos inventada, com os ordenamentos turísticos tornados recursos, tal como a memória de certas frequentações.

O trabalho de POON, apesar das duas décadas que decorreram desde o seu desenvolvimento até à atualidade, ainda hoje é utilizado para explicar o comportamento, atitudes e escolhas de muitos turistas. Para alguns territórios turísticos, apenas agora, está a dar-se a viragem do velho turismo massificado para o novo turismo alternativo (DUQUE, 2013). Contudo, o modelo do “novo turismo” de POON começa a ser questionado, em parte devido ao surgimento de novos paradigmas do turismo. Ao ritmo a que as sociedades se têm desenvolvido, o papel da evolução tecnológica, as influências dos meios de comunicação, as linhas de pensamento que estão em vigor, bem como outros fatores que caracterizam a sociedade atual, fazem com que hoje em dia a maioria dos turistas se encaixe no segmento do “novo turista”, sendo legítimo afirmar que essa conceção, outrora alternativa, hoje se encontra massificada.

Nos últimos anos, outros autores foram desenvolvendo modelos e teorias que explicam o comportamento que os turistas estão a adotar. Uma dessas novas teorias foi desenvolvida por Greg Richards e está relacionada com o conceito de turismo criativo, que surge no início do século XXI, e que se apresenta como uma tendência do turismo atual, ainda que não muito divulgada.

Sobre este assunto, RICHARDS & WILSON (2007) escreveram que a cultura é vista como sendo relativamente estática e geralmente ancorada ao passado, ocupando um lugar decadente face à criatividade. É pois, e segundo os autores antes mencionados, necessário criatividade para injetar dinamismo e soltar o potencial das pessoas e lugares. Acrescentam ainda que muitas das políticas e estratégias de desenvolvimento estão a mudar o seu foco, das indústrias culturais, para as indústrias criativas. GONÇALVES (2008), no trabalho *“As comunidades criativas, o Turismo e a Cultura”*, reforça este ponto de vista, enumerando uma série de vantagens que estão associadas a este tipo de experiência turística criativa: a criatividade possui maior potencial para criar valor pela sua escassez; a criatividade permite aos destinos inovar e conceber novos produtos com maior rapidez; a criatividade é um processo, pelo que, os recursos criativos são mais sustentáveis e infinitamente renováveis; a criatividade é móvel,

podendo inclusive ser produzida nalguns casos, de forma virtual.

CAMPBELL (2010), seguidora dos ideais de RICHARDS, refere-se ao turismo criativo como o tipo de turismo que oferece aos visitantes uma procura criativa (que inclui artes, artesanato e workshops de culinária), com a oportunidade de permanecer em alojamentos de alta qualidade e de se relacionar com a população local. Salienta ainda que o turismo criativo não é um fenómeno completamente novo, o que tem acontecido é o aumento da sua popularidade, havendo cada vez mais pessoas à procura de experiências autênticas. Sobre as origens do turismo criativo, a autora menciona que as suas raízes estão em Portugal, quando em meados da década de 90, a Comissão Europeia criou o projeto Eurotex¹³ para ajudar os artesãos portugueses a distinguir os seus trabalhos manuais, daqueles que eram produzidos em massa.

Numa perspetiva mais global, destaca-se a Nova Zelândia como sendo o país que esteve (e ainda está) na vanguarda do Turismo Criativo. Em 2003, GREG RICHARDS e CRISPIN RAYMOND criaram uma estrutura inteiramente dedicada a este tipo de turismo, naquele país. Das várias experiências que ali se podem vivenciar, uma das mais populares é a escultura em ossos – uma técnica praticada pela tribo Maori, que pode ser realizada por turistas, que fazem as suas próprias esculturas, podendo depois trazê-las consigo.

Para muitos territórios a alternativa passa pelo turismo criativo, um conceito que deriva da combinação entre turismo e Indústrias criativas que se define como *“um tipo de turismo que oferece aos turistas/visitantes a oportunidade de estes desenvolverem o seu potencial criativo através da sua participação em cursos e experiências de aprendizagem que são típicas dos destinos onde estes se encontram de férias”* (RICHARDS, 2001, in GONÇALVES, 2008).

¹³ O projeto Eurotex surgiu de uma candidatura ao Programa Cultura 2007-2013, promovido pela Comissão Europeia, que integra 4 países europeus – Portugal, Espanha, França e Itália. Este projeto pretende contribuir para o renascer da indústria têxtil na Europa, permitindo a circulação de jovens criadores e dos seus projetos. O Eurotex baseia-se na construção de uma rede interdisciplinar que promove a cooperação entre operadores culturais e os territórios em questão, enaltecendo a indústria têxtil na Europa. (www.museudaindustriatextil.com)

Na continuidade das preocupações por ofertas diferenciadas e localizadas, multiplicam-se as iniciativas descentralizadas de pequenas e de micro empresas, da hotelaria e restauração, da animação e igualmente do artesanato, cultura e arquitetura locais: as casas tradicionais tornam-se unidades de alojamento, pequenos hotéis design e boutique, restaurantes com cozinha regional ou com cozinha de autor, mas também praias privadas, *spas* individuais, muitas mordomias pessoais, e ofertas bem mais rústicas, etnográficas, antropológicas, ecológicas... As estratégias de diferenciação intrínseca ou de base local não deverão, no entanto, conduzir a uma ultra-segmentação da oferta, sedutora mas problemática em termos económicos, pelo aumento da complexidade operacional, que induz incertezas de ganhos e aumentos de custos, anula economias de escala e de aglomeração, dificulta a promoção e apaga as vantagens da marca, as imagens fortes dos produtos-destinos, além de excluir muitos consumidores potenciais.

A evolução temporal do significado epistemológico e funcional que o turismo alcançou, pelo que já registamos, revela uma complexidade capaz de despertar antagonismos e discussões, bem como uma importância crescente na sociedade moderna, com um alcance global. Cada etapa evolutiva das práticas turísticas refletiu um determinado contexto de desenvolvimento humano, derivado de períodos de prosperidade e crescimento económico. Somos forçados a afirmar e defender que o turismo, enquanto prática de ócio, é um direito conquistado pelo ser humano fruto da sua iniciativa e complemento indispensável ao que de melhor esse mesmo ser humano sabe fazer, isto é, trabalhar. O território, que é a base onde o fenómeno turístico se manifesta, é hoje um registo quer de um passado afastado ou não, quer de um presente onde o ser humano se move e deixa impresso o que sabe fazer enquanto ser pensante. No próximo capítulo abordaremos o fenómeno turístico, o turismo balnear em Portugal, nos últimos dois séculos.

CAPITULO II – TURISMO BALNEAR EM PORTUGAL

2.1 – TURISMO E CULTURA BALNEAR

Na história da nossa civilização, durante séculos, o mar desconhecido que se estende para além do limite da visão da linha de costa foi considerado um lugar tenebroso, habitado na imaginação coletiva das populações por monstros e demónios. Na nossa literatura portuguesa, n'Os Lusíadas, recordemos a figura mítica do gigante Adamastor, que simbolizava os perigos daqueles que ousavam enfrentar o mar distante e desconhecido.

FREITAS (2007) refere que foram os Descobrimentos portugueses de quinhentos que contribuíram para por cobro à imagem medieval do mar tenebroso que habitava o imaginário coletivo das populações e que lhes permitiu terem uma nova abordagem a toda a imensidão que o mar proporciona face à pequenez do ser humano, e desta forma, aquilo que ele pode representar e proporcionar. Em verdade, mesmo com as amarguras do mar, o povo que cruzou oceanos acabou por relatar histórias belas de outras paragens a quem permaneceu em terra, histórias essas capazes de apaziguar as mentes e os corações de quem lhes tinha pavor, e suscitar curiosidade de sentir o seu efeito, estando junto dele.

O pioneirismo de veraneiar em praias deve-se à família real portuguesa, com a instalação da corte em Cascais durante o verão, estando na origem do movimento precursor da moda do banho em Portugal (FREITAS, 2007). Em 1867 Cascais alcança o estatuto de praia da corte, pela preferência que lhe foi concedida pela Rainha D. Maria Pia e, depois, pelo Rei D. Luís. A estada da família real em Cascais consolidou-se a partir de 1870, impondo-se como centro de vilegiatura de primeira ordem, frequentado pela aristocracia e burguesia abastada.

Ainda no que diz respeito às elites – aristocratas, juízes desembargadores, grandes negociantes -, a vilegiatura nas praias e nas termas já começara a ser habitual na 1ª metade do século XIX, de acordo com MARTINS (1989). A influência da comunidade

inglesa em Lisboa e no Porto foi determinante na adesão às novas práticas balneares. “Ir a banhos do mar” passa a ser um hábito de algumas famílias nobres, de elementos do clero, de magistrados e até de literatos (LOUSADA, 2010).

Este recente hábito de usar o litoral para práticas lúdicas, inicialmente limitado a um grupo seleto da realeza e daqueles que tinham posses para o fazer, só se difundiu entre outros grupos sociais na segunda metade do século XIX.

Autores como PINHEIRO (2012) *apud* LOUSADA (2010) e MARTINS (1989) apontam a segunda metade do século XIX como período de desenvolvimento em Portugal do turismo balnear. Para tal teria contribuído a melhoria da rede viária, que seria responsável por um aumento da mobilidade interna dos primeiros banhistas¹⁴.

FERREIRA *et al* (2010) sustentam que seriam as maiores cidades do litoral português, Lisboa e Porto, os principais polos de emissão de banhistas e que as áreas de receção dos mesmos seriam as praias mais próximas, contíguas até aos centros urbanos. Estamos pois perante o efeito da proximidade em primeiro lugar, a atrair estas pessoas para este tipo de lazer, fazendo destas praias pioneiras na vilegiatura das elites políticas e sociais.

PINHEIRO (2012) salienta a posição daqueles autores e reforça com a ideia de que a compreensão do desenvolvimento destas estâncias balneares encontra-se no papel determinante das elites aristocráticas nesta prática. Seguindo o exemplo da aristocracia, uma burguesia endinheirada e pronta para imitar comportamentos nobres, estando ávida de ascender nas atitudes e costumes da nobreza.

No último quartel do século XIX, já era considerável o número de famílias portuguesas que se deslocava às praias na época balnear. As classes mais baixas, já com alguma disponibilidade económica e temporal, passam a aceder a estas práticas de lazer no litoral. Aliás, a pintura de costumes da escola realista do século XIX retrata algumas dessas estâncias, como é o caso da obra *Praia de Banhos. Póvoa de Varzim*, do pintor

¹⁴ Para este período, destacam-se Cascão (2000), Ramos (2001, 2005), Ortigão (2002), Martins (2004), Cavaco (2005d, 2006, 2008), Medeiros, C. L., & Cavaco, C. (2008), Gama (2008), Gustavo (2010), entre outros, nas abordagens à época.

Marques de Oliveira, datada de 1884.



Figura 13: Marques de Oliveira, Praia de Banhos. Póvoa de Varzim, 1884

Fonte: <http://www.museuartecontemporanea.pt/pt/programacao/Arte-Portuguesa-1850-1975>, acessido em 1 Dezembro de 2014

Este autor salienta também que *“Não só seriam menores os custos dos transportes em relação a viagens para as estâncias termais como os custos de usufruto das estâncias marítimas seriam menores também, o que facilitaria uma maior difusão social. Portanto, a maior abertura social dos territórios do litoral em relação aos territórios termais obrigaria a que existisse alguma organização social e eventualmente um desenvolvimento diferenciado das praias.”* (PINHEIRO, *op.cit.* pág. 43). Está aberto o caminho para a escolha cair na praia e o termalismo começar a regredir na sua frequência.

O modelo de praia adotado por monarcas e aristocratas caracterizava-se por uma certa composição sociológica, por uma tipologia de urbanismo e de equipamentos balneares que proporcionasse os divertimentos já codificados nas estâncias balneares inglesas e francesas, nomeadamente, avenidas arborizadas, passeios, *chalets*, hotéis, ruas iluminadas, clubes, parques para passeios e estabelecimentos de água doce (HENRIQUES e LOUSADA, 2010).

FREITAS (2007) descreve uma invenção social da praia que origina um certo uso exclusivo por parte de cada grupo social. Refere que *“Cada praia tinha características*

próprias definidas em função daqueles que ali se instalavam sazonalmente. Umas eram mais cosmopolitas, largamente abertas a todas as regiões do país e até à vizinha Espanha, sendo frequentadas por aqueles que procuravam o bulício e os divertimentos (por ex. Póvoa do Varzim, Espinho e Figueira da Foz). Outras eram apanágio quase exclusivo de algumas famílias aristocráticas, que as tomavam só para si, como acontecia em Vila do Conde, Granja e Cascais. Outras ainda eram utilizadas essencialmente por gente das regiões e localidades mais próximas, como sucedia nas modestas praias do Furadouro, Vieira, Lagos e Monte Gordo. Por fim, existiam aquelas onde todos os anos se reunia um reduzido número de famílias conhecidas (Apúlia, Costa Nova, S. Jacinto, Torreira, Mira, Pedrogão, Baleal), (Guia de Portugal, 1924-27)” (FREITAS, *op.cit.* pag. 112). Por outro lado, relativamente à escolha das praias por parte dos turistas, a mesma autora acrescenta a ideia de que seria determinante na escolha da praia a frequentar as suas características naturais – atmosfera marítima, água do mar e condições climatéricas e topográficas - que permitiam corresponder aos critérios médicos para os vários tipos de doença, e que estaria na origem primitiva da ida a banhos, à praia. Refere também (*op. cit.* pag. 113) que “*as estruturas de apoio aos banhistas eram diminutas e estas instalavam-se nas casas dos pescadores, que as arrendavam durante o verão*”, pois as primeiras praias a serem procuradas localizavam-se em locais com pequena ocupação humana ou onde apenas existiam pequenos povoados de pescadores, como é exemplo o nosso estudo de caso. Esta realidade é confirmada por CAVACO (1979), ao defender que até finais do século XIX, o alojamento era efetuado em residências secundárias ou mediante aluguer de casas e quartos, sendo raras as existências de hotéis, pensões e restaurantes.

O século XX viria a confirmar os aspetos que levaram à escolha e desenvolvimento das estâncias balneares trazendo, no entanto, novos desafios. Este foi um período de expansão a vários níveis destacando-se a frequência de utilização, a extensão geográfica e a construção de infraestruturas balneares nas praias. O poder político começa a valorizar o turismo. Em 1911 acontece em Lisboa o IV Congresso Internacional de Turismo. Estes aspetos são forças que impelem o desenvolvimento deste fenómeno.

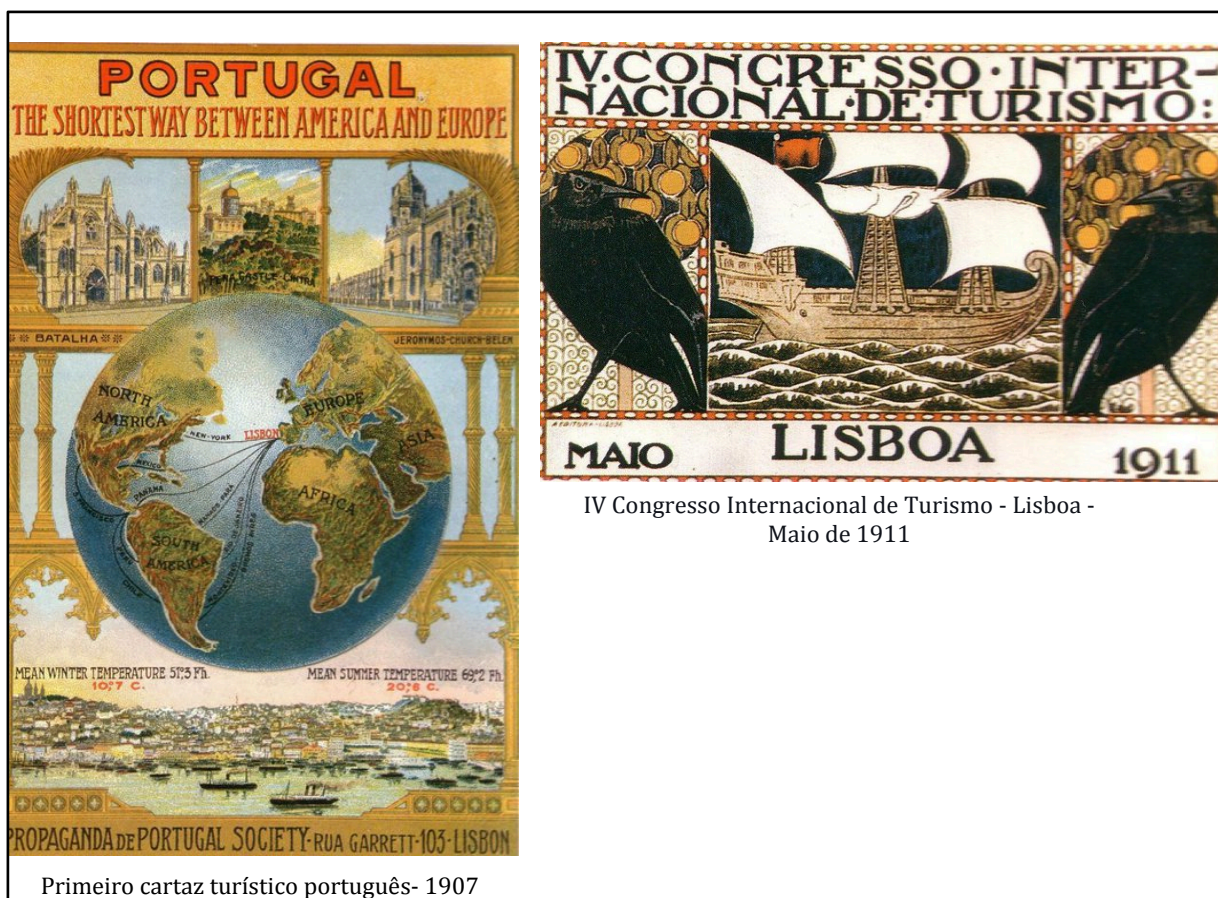


Figura 14: Cartazes turísticos

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.159638980748133.28334.158627884182576&type=3>
acedido em 18 Novembro de 2014

A literatura diz-nos que nos primeiros anos do século XX as estruturas de apoio aos banhistas eram diminutas e estes instalavam-se nas casas dos pescadores, que as arrendavam durante o verão. Depois, a construção imobiliária desenvolveu-se de forma a acompanhar a procura crescente. Aqueles que tinham mais posses mandaram edificar vivendas e *chalets* junto à costa, os outros ficavam nos hotéis ou alugavam casas já mobiladas. As estações balneares mais movimentadas possuíam casinos, teatros, cinematógrafo, praça de touros, clubes, associações recreativas e desportivas e cafés. A figura 15 mostra-nos a Figueira da Foz nas primeiras décadas do século XX.



Figura 15: Figueira da Foz, 1920/1930

Fonte: <http://arquivoartigospalhetas.blogspot.pt/2011/09/torre-do-relogio-da-figueira-da-foz.html>
acedido em 18 Novembro de 2014

FREITAS (2007) refere que a agitação que se vivia nas praias mais frequentadas nos primeiros anos do século XX, durante a época estival, rapidamente se estendeu a praticamente toda a costa a norte do Tejo. O aparecimento e difusão do caminho-de-ferro contribuíram decisivamente para a afirmação de certas praias, tornando-as acessíveis a um maior número de pessoas.

A 1ª República lança as bases do turismo organizado em Portugal, passando os poderes públicos a encarar a atividade como um elemento crucial para a modernização do país. Dois factos são determinantes neste processo de construção da imagem de Portugal como destino turístico: a criação da Sociedade Propaganda de Portugal, em 1906, e do Conselho e Repartição do Turismo, em 1911. Saliente-se que a 1ª República imprimiu um forte cunho ideológico à política de turismo, uma vez que considerava que um bom cidadão devia conhecer bem o seu país, as suas tradições, o seu património.

Poucos anos antes da proclamação da 1ª República, a geografia do Portugal turístico circunscrevia-se, de acordo com o *Manual do Viajante em Portugal* de MENDONÇA e COSTA (1907), a 17 «lugares que merecem ser visitados» e a 19 “águas minerais e praias principais” (FERREIRA e SIMÕES, 2010). Entre 1921 e 1923 são

oficialmente identificados e classificados 135 lugares turísticos, entre eles 69 praias. As praias preferidas continuam a ser, no entanto, as mesmas do período monárquico.

Em 1918 é publicada, para efeitos de propaganda, *As Nossas Praias: indicações gerais para uso de banhistas e turistas*, pela Sociedade Propaganda de Portugal, na qual são arroladas 50 praias – de Moledo a Monte Gordo – que, posteriormente, viriam, na sua esmagadora maioria, a ser incluídas na Lei de 1923, classificando-as como estâncias de praia (FERREIRA e SIMÕES, 2010).

Apesar do turismo ter sido, no decorrer da 1ª República, uma atividade com um desenvolvimento embrionário foi localmente muito induzida pelos benefícios curativos e higienistas dos banhos do mar e das águas termais. A emergência e a expansão urbanísticas das estâncias balneares basearam-se, neste caso, na implementação pontual de equipamentos de apoio às práticas de lazer e turismo, sobretudo hotéis e balneários terapêuticos marítimos e termais, e na edificação dispersiva de moradias vocacionadas para o lazer e o repouso. Os projetos urbanísticos de relevo construídos nesta época foram as urbanizações de veraneio da Granja, Monte Estoril e Estefânia, em Sintra (FERREIRA e SIMÕES, 2010).

Se numa primeira fase a exploração turística das zonas balneares esteve nas mãos de pequenos proprietários locais, fazendo-se a expansão dos núcleos originais de forma espontânea ao longo das principais vias de comunicação, numa segunda fase introduziram-se preocupações de planeamento à medida que os lugares se iam estruturando e densificando. É neste sentido que são criados os primeiros “Planos de melhoramento” para estâncias de veraneio, como foi o caso da Póvoa de Varzim e S. Martinho do Porto. É ainda no decurso da 1ª República que é lançado um dos projetos mais emblemáticos do turismo no contexto nacional, o do *Estoril*, apresentado em 1914 pelo empresário Fausto Cardoso de Figueiredo, projeto este que só viria a ter condições de sustentabilidade e projeção durante o Estado Novo (FERREIRA e SIMÕES, 2010).



Figura 16: Praia S. João do Estoril

Fonte: http://lh6.ggpht.com/-HeriA7zGhuQ/UBuOdwFrc_I/AAAAAAAAAdYc/x7yySMXKEvc/s1600-h/S.Jo%2525C3%2525A3o%252520do%252520Estoril.18%25255B8%25255D.jpg
acedido a 18 Novembro de 2014

Com a implementação do Estado Novo em 1933 foi posta em prática uma política de turismo que prolongou e aprofundou as realizações republicanas, no entanto o turismo era entendido nesta altura como mais um veículo de divulgação e de validação da nova ideologia. Assistiu-se, assim, a partir dos anos 30, a uma valorização do local e do regional como forma de construção de um todo nacional e a uma estratégia de mercantilização da identidade nacional em direção à clientela estrangeira. A prática turística sofre mudanças neste período, marcado por uma nova forma de apreender o território nacional, desta vez mais preocupada em conhecer as diversidades e os particularismos regionais (VIDAL e AURINDO, 2010).

CADAVEZ (2012) refere que eram recorrentes os apelos dirigidos aos portugueses para que viajassem e, dessa forma, conhecessem a “Nação”. A motivação para esse convite, bem como os moldes em que as viagens e os passeios deveriam decorrer, obedeciam a imperativos bem específicos que estavam longe de serem meros desafios a descomprometidos momentos de lazer. O regime ia, cada vez com mais intensidade, influenciando e interferindo nos tempos livres da população, tendo para isso feito surgir, por exemplo, as designadas associações e coletividades de recreio.

O cenário político da Europa, a partir de meados da década de trinta do século XX, atribuiu à então designada Costa do Sol um marcado protagonismo internacional, enquanto destino turístico de luxo e sofisticação. Essa aura de opulência perdurou ao longo de décadas e ainda hoje é evocada como elemento distintivo da marca Estoril. O culto do bem-estar físico, que começava a entender a pele bronzeada como um sinal de riqueza, indicativo da abundância de tempo e de recursos financeiros que permitiam despende algum tempo em estâncias de veraneio, foi claramente associado ao espaço dos Estoris no 15.º Congresso Internacional de Higiene, realizado em Lisboa no ano de 1907 (*idem*).

A Costa do Estoril e de Cascais foram-se tornando cada vez mais cosmopolitas, atingindo o seu apogeu na altura em que o Sud Express ligou Paris ao Estoril através da primeira linha ferroviária elétrica nacional. Passou, assim, a ser mais fácil fazer chegar aos Estoris os turistas estrangeiros atraídos pelo ameno clima local. Tal facto viria a revelar-se particularmente pertinente para permitir que Portugal afirmasse a sua aptidão para o turismo balnear, numa época em que o Algarve ainda não era considerado um lugar de veraneio importante, talvez por não possuir as infraestruturas hoteleiras ou os acessos adequados.

A denominação “Costa do Sol” atribuída a esta zona que compreende o Estoril e Cascais atingiu na década de trinta do século XX a plenitude do seu significado. A designação utilizada durante o Estado Novo para aludir a este espaço, Costa do Sol, começara já a ser ouvida no ano de 1928. Geograficamente, a expressão remetia para a área costeira situada entre o Forte do Guincho e São Julião da Barra, mas, pouco a pouco, este rótulo passou a designar um *habitus* de vida e de lazer único no universo das rotinas turísticas autorizadas pelo regime político de Salazar.

Fazia parte dos planos de desenvolvimento turístico da Costa do Sol a construção de novas, modernas e sumptuosas infraestruturas de alojamento que fossem dignas da estância de luxo que ali se pretendia implementar. Foi o caso do Hotel Palácio do Estoril que acabou por ser construído a poucos metros do importante terminal ferroviário que, a partir do ano de 1925, tinha ligação periódica e direta a Paris. Este adereço era essencial para a estância que se pretendia implementar na Costa do Sol para ser ocupado por visitantes maioritariamente estrangeiros. A inauguração do Hotel Palácio

ocorreu somente no final de agosto de 1930 (*idem*). Este hotel terá eventualmente sido o mais famoso e luxuoso espaço de acolhimento de toda a Costa do Sol durante os anos 30 e 40, passando a ser o lugar de eleição de hóspedes ilustres e endinheirados, sendo frequentado mesmo por aqueles que se encontravam alojados em residências particulares.

Os *Estoris*, entendidos e apresentados pelo Estado Novo como uma espécie de éden, deslumbrante e ameno, representavam aos olhos do regime também o espaço ideal para o desenvolvimento do Homem Novo apregoado pela ideologia vigente. A Costa do Sol era, para esse efeito, mostrada como local de lazer e diversão, e simultaneamente como zona de recuperação e revitalização para um público que não incluía os praticantes de “turismo médio”, cuja regeneração deveria ocorrer nos meios rurais e em espaços menos sofisticados.” (*idem*).



Figura 17: Cartazes de promoção turística da Costa do Estoril, anos 40 do século XX

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.830395990339092.1073741825.158627884182576&type=3>
acedido a 18 Novembro de 2014

O ponto de viragem desta segmentação turística, no que concerne ao interesse (e à aposta) das autoridades nas áreas costeiras anteriormente desertas, acontece em meados do século XX. A emergência deste fenómeno do turismo balnear implicou novas formas de percepcionar o litoral, e fez despontar novas potencialidades no que dizia respeito ao seu aproveitamento económico. Descoberto o filão do turismo, as autoridades portuguesas dedicaram-se com ardor a promover lá fora a imagem do país, fazendo do slogan “sol e mar”, um dos principais cartazes turísticos nacionais. A nível interno, esforçaram-se por desenvolver uma política de turismo, que servisse de suporte ao crescimento desta indústria de serviços e garantisse a existência das infraestruturas básicas de apoio às novas atividades. Tudo isto teve forte impacto no litoral, que se tornou o principal destino de férias dos estrangeiros de visita a Portugal e dos próprios cidadãos nacionais, com repercussões graves a nível da dinâmica natural costeira.

Nos anos 50 e inícios de 60 entra-se numa nova era para o turismo português. Pela primeira vez, a política do turismo é concebida segundo uma abordagem horizontal, pois defendia-se que para uma política de turismo ser eficiente não se pode ser obra de um só sector. É desta época a legislação a nível político-administrativo, a fim de fomentar a atividade turística em Portugal. As entradas em Portugal passaram de 76 mil em 1950 para 514 mil em 1963 e as receitas turísticas passaram de 311 mil para 2,1 milhões de contos/ano.

O turismo ligado ao sol e ao mar atrai, partir dos anos 50, cada vez mais turistas a Portugal, acelerando um acréscimo nem sempre equilibrado em estruturas de acolhimento (CRAVIDÃO e CUNHA, 1993)

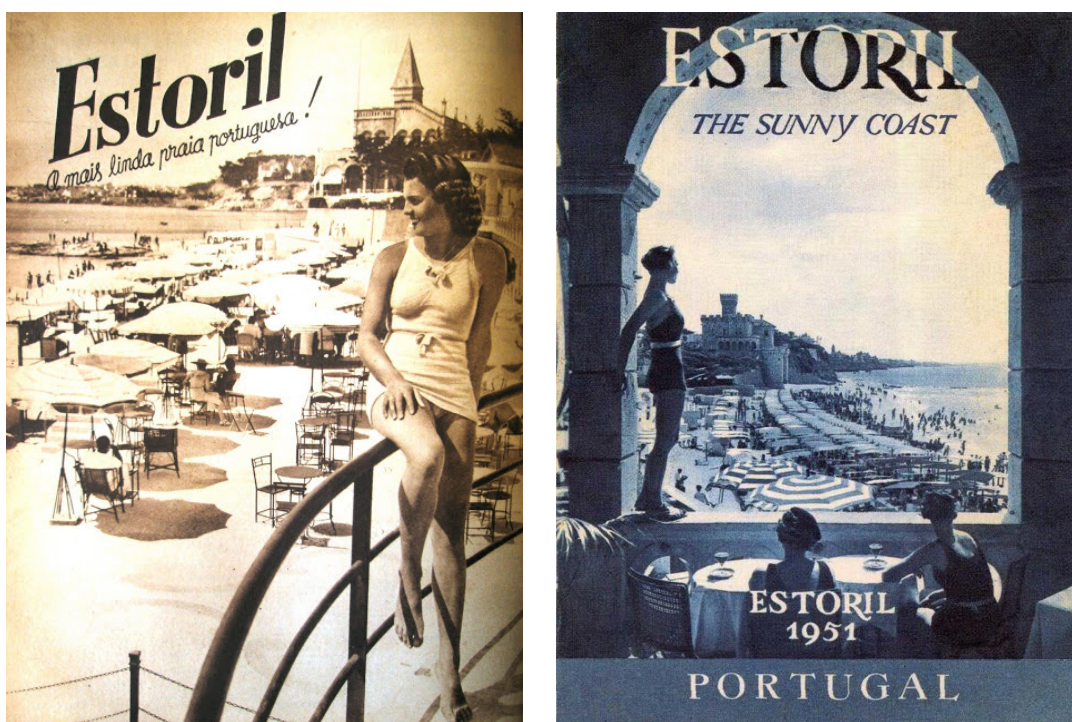


Figura 18: Cartazes de promoção turística da Costa do Estoril, anos 50 do século XX

Fonte: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.830395990339092.1073741825.158627884182576&type=3>
acedido a 18 Novembro de 2014-11-18

Nos anos 60 e inícios de 70 o turismo nacional encontra um verdadeiro desenvolvimento. O boom económico dos países europeus, a massificação do uso do automóvel e as férias pagas são fatores que concorrem para o desenvolvimento da atividade turística em Portugal, e do turismo balnear em particular. Grandes empreendimentos turísticos são criados na costa algarvia, Ilha da Madeira e nas praias da península de Tróia, bem como a construção dos aeroportos internacionais do Algarve e Funchal. A nível administrativo ocorrem reformas onde se reconhece a importância da atividade turística para Portugal. A procura dominante do turista estrangeiro caracteriza-se pela busca do sol e mar. Portugal passa a ser sinónimo de litoral. Em dez anos, passou-se de cerca de um milhão de turistas para mais de quatro milhões nas vésperas da Revolução dos Cravos.

A democratização do acesso ao litoral, a partir da segunda metade do século XX, aconteceu em simultaneidade com o fenómeno mundial e com os mesmos motivadores, como já referido anteriormente. Por força de lei, em Portugal, o direito a férias remuneradas generalizou-se em meados dos anos 60 (DL n.º 47032 de 27-05-66; DL n.º

49408 de 29-11-1969), mas só depois do 25 de Abril se consignou a atribuição do subsídio de férias (DL n.º 292/75 de 16-06), que veio possibilitar a uma grande maioria da população portuguesa o poder gozar de dias de lazer fora do local de residência procurando outros pontos mais aprazíveis. Para a expansão deste fenómeno concorreu também o aumento dos tempos livres com a redução do horário de trabalho para as 44 horas semanais (DL n.º 409/71 de 27-09) e depois para as 40 horas (DL n.º 21/96 de 23-07) 149. Esses pontos mais aprazíveis corresponderam ao litoral, às praias.

Isto significou não só um aumento da pressão antrópica sobre estas zonas costeiras, como também a alteração das formas de aproveitamento daquele espaço. Como já referido, as elites foram responsáveis pela introdução dos primeiros rituais associados à prática dos banhos de mar. Esses comportamentos codificados, pertença de um determinado grupo e por isso símbolo de reconhecimento e distinção social, foram pouco a pouco apropriados por outros elementos, por outros grupos, desejosos de imitar a aristocracia e partilhar assim do lustre que lhe estava associado. Os seus procedimentos e atitudes acabaram por generalizar-se e banalizar-se, mas de uma forma deturpada, o que acontece frequentemente quando alguém reproduz hábitos que não são seus.

Nos últimos 40 anos, após a democratização de Portugal em 1974 e até aos nossos dias, o turismo português caracterizou-se por uma quebra acentuada nos anos de 1974 e 1975, na ordem dos 35 a 25 por cento respetivamente, devido à instabilidade política, fruto da época revolucionária de 1974. Após este período, nos anos oitenta e noventa, assistimos a um verdadeiro boom de entradas. O Algarve foi e é o grande recetor de turistas nacionais e estrangeiros. O litoral português é o rosto turístico de Portugal, resultante das transformações dos primitivos lugares piscatórios em lugares de veraneio. É esta transformação que é objeto de estudo no presente estudo.

O turismo de zonas balneares foi, gradualmente, diversificando-se fazendo surgir novas tipologias complementares entre si: turismo balnear e de zonas costeiras, turismo religioso, turismo cultural, turismo de negócios, congressos e convenções, turismo temático (parques naturais e parques de diversões), turismo de aventura, turismo de natureza, ecológico ou ecoturismo, entre outras. Associada à nova procura turística encontra-se a oferta que, naturalmente, se diversifica — cada destino turístico tem as

suas especificidades e é em função destas que se torna, para segmentos do mercado, mais ou menos atrativo.

Na contemporaneidade, a revisão do Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT), Horizonte 2013-2015, considerou o turismo de sol e mar como a primeira aposta nos 10 produtos estratégicos a explorar, desenvolver e investir no quadro do PENT. Os fatores de competitividade para este produto correspondem ao elevado número de praias de qualidade, galardoadas com bandeira azul; à beleza das praias, de areia branca; ao número de horas de sol durante todo o ano; ao reconhecimento do Algarve como destino de sol e mar e à hospitalidade e segurança do país, que devem contribuir para um desenvolvimento efetivo do turismo balnear.

Nas páginas seguintes – **Parte II** – faremos incidir a nossa investigação aos lugares que constituem o nosso estudo de caso.

PARTE II

CAPITULO I - OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

O presente capítulo evidenciará a ocupação do território, na área de amostra da Praia de Mira e da Praia da Tocha, quer na perspectiva física quer no quadro humano, através da análise e descrição dos fenómenos geográficos que aí se desenvolveram e sucedem. É considerado um território de *“elevada fragilidade física”* (OLIVEIRA, 2014, pág. 40) e com uma *“ocupação humana tardia”* (CRAVIDÃO, 1992, pág. 439).

Como acontece em vastas áreas do nosso litoral, a ocupação e uso deste território, quer por populações residentes, ou uma população flutuante por razões turísticas ou não, coloca variadas questões de carácter geográfico em causa, pois trata-se de uma zona de contacto frágil entre terra-mar, dada a sua instabilidade e mobilidade, por consequência de ser *“a linha de encontro de um elemento essencialmente dinâmico que é o mar e outro fundamentalmente estático, que é terra firme”* (PAZ, 1982, pág. 98). Pela sua posição litorânea, as duas localidades costeiras em estudo correspondem a *“zonas altamente complexas, resultantes da intercepção da hidrosfera, da geosfera, da atmosfera e da biosfera”* (DIAS, 2005, pág. 9), pois as zonas costeiras *“constituem um sistema adaptativo complexo com duas componentes – os sistemas humanos e os sistemas naturais – que interatuam”* (SANTOS, 2014, pág. 41). Estes sistemas suportam um conjunto de serviços de natureza social, económica e cultural, sendo afetados por inúmeras atividades humanas. Assim, e no sentido de compreender e contextualizar as áreas de estudo, Praia de Mira e da Praia da Tocha, é fundamental enquadrar os dois lugares num campo de análise, pois estes estendem-se por uma faixa litoral, e têm um comportamento alterável e mutável, devido à natureza geológica do território onde se localizam. As componentes geomorfológicas da paisagem são em regra as mais estruturantes da sua imagem, quer por *“serem as primeiras a ser percebidas pelo observador, quer por delas dependerem outras suas componentes, como as hidrológicas ou as florísticas”* (PEREIRA, 2009, pág. 36), conforme seguidamente iremos abordar.

1.1 – QUADRO FÍSICO – FRAGILIDADE DO TERRITÓRIO

A área de estudo das localidades em investigação, Praia de Mira e Praia de Tocha, localiza-se a Norte da Serra da Boa Viagem, conforme o mapa da figura, na parte do litoral baixo, arenoso e plano na Orla Meso-Cenozóica Ocidental de Portugal Continental, (CARVALHO, 1964).

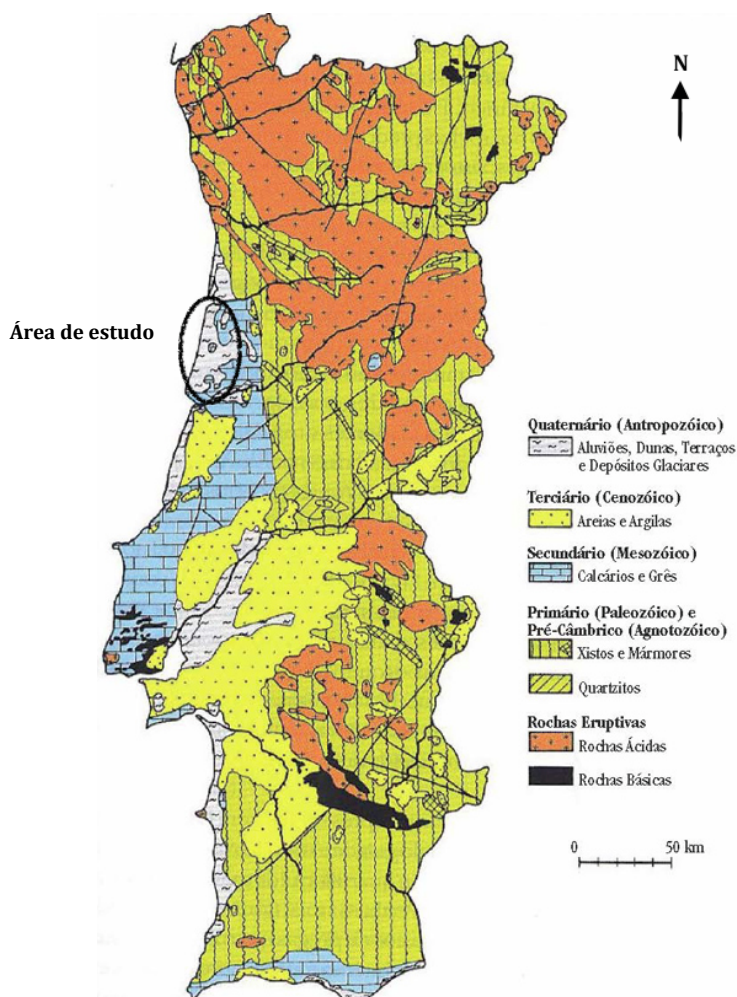


Figura 19: Enquadramento geomorfológico da área de estudo

Fonte: COELHO (1996, pág. 15)

O autor da cartografia anterior sugere-nos que a faixa litoral em estudo se insere numa área topograficamente pouco acidentada, constituída geologicamente por

aluviões, dunas, terraços e depósitos glaciares, na sua maior parte atribuídos ao Quaternário Recente (Antropozóico).

GIRÃO (1922) refere que é uma terra que se estende por medos de areia, em comprida linha branquejando ao longo da praia, situam-se na sua totalidade em depósitos modernos, que correspondem a materiais de reduzidas dimensões, não agregados, e que por isso são facilmente movimentados. ALMEIDA (1997) refere que estas dunas – medos de areia – são o resultado da acumulação de areias de praia, fornecidas pelo mar e mobilizadas pelo vento para o interior, ou, então, por areia fornecida por dunas preexistentes que se movimentaram ou foram destruídas. Como referido, trata-se, portanto, de um território sensível e móvel, como resultado do seu carácter recente e consequência de uma evolução cada vez mais complexa e ampla de toda a área que se estende desde Ovar até ao Cabo Mondego, formando um acidente litoral, vulgarmente conhecido por laguna ou ria de Aveiro, e que é responsável pela existência da Barrinha na Praia de Mira.

O estudo pioneiro de natureza académica e científica que surgiu para a análise deste acidente do litoral foi o de GIRÃO (1922), conforme a cartografia seguinte produzida pelo autor.

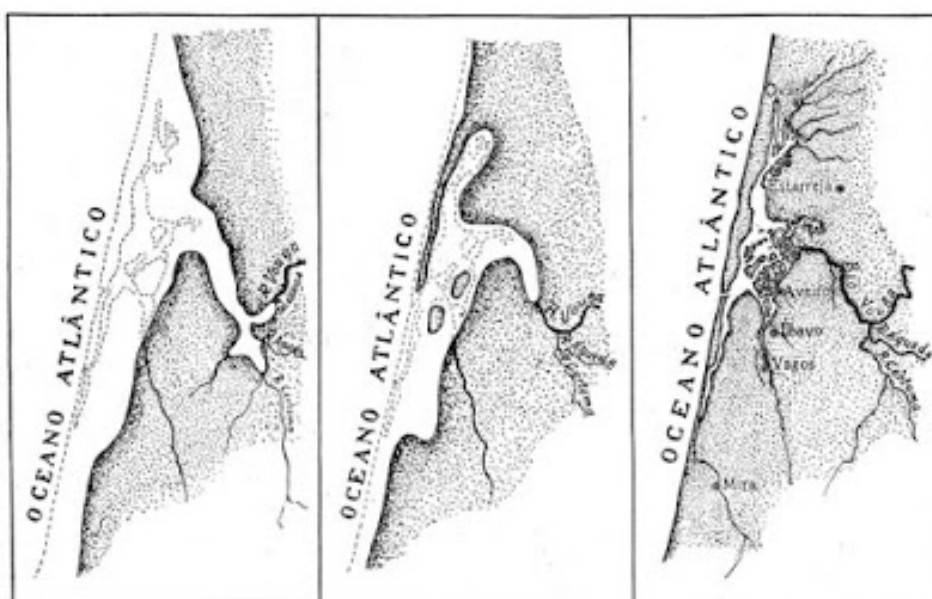


Figura 20: Fases da formação da Ria de Aveiro

Fonte: AMORIM GIRÃO, "Geografia de Portugal", 1941, pág. 104

O autor considerou que no período pré-histórico, o rio Vouga desembocava muito mais para interior. Na época romana, Aveiro ainda não existia pois no seu lugar havia água. No início da formação de Portugal já havia salinas em Estarreja e Vagos, o que mostra que a influência marítima, outrora penetrando muito para o interior, se veio progressivamente retraindo. Defende que num período histórico foi laguna, com diferentes saídas para o mar das águas do Vouga, saídas estas que se foram mudando, conforme mudava a consolidação do cordão dunar em formação, bem como, as correntes marinhas e ventos dominantes. Essas saídas, ou barra, por vezes fechavam por completo, ficando entolhadas com detritos, sem possibilidade de entradas ou saídas de barcos de e para o mar, e levando a que grandes inundações ocorressem em Aveiro, como no ano de 1575. Várias tentativas foram feitas para assegurar a abertura da barra ao mar e assim escoar de forma permanente as águas da laguna, no entanto nenhum resultou.

Foi nos anos trinta do século passado que se construíram os molhes da chamada Barra Nova, situada a 7 km de Aveiro, e do farol, que asseguram atualmente a entrada de embarcações de pequeno calado. Mais a sul, em frente a Vagos, ficava a Barra da Vagueira, sem dar contudo entrada a embarcações. A antiga barra ou Barrinha, a oeste de Mira, encontra-se obstruída nessa época. É esta a antiga abertura a que o autor se refere, que está na origem do nome e génese da Barrinha, lago de água doce que é componente importante da paisagem da Praia de Mira. Este apontamento é reforçado por AMARAL (1968) e OLIVEIRA (1988), que mencionam que, em ata de 1 de julho de 1877 da Câmara Municipal é referida a celebração de contrato para a *Tapagem da barra da Barrinha*. Esta concretização encontra-se lavrada em ata da Câmara Municipal datada de 25 de dezembro de 1881.

Também MARTINS (1947) refere que nos princípios do século XIII já estava formado o Cabedelo da Murtosa; o da Gafanha, que, partindo dos areais de Mira, crescia para norte, seria, na extremidade setentrional, mas só aí, um território alagadiço, um labirinto de baixios, um dédalo de canais.

A literatura produzida está de acordo que a laguna derivou da evolução no sentido Norte-Sul, de uma restinga de areias que foi atrofiando paulatinamente a saída das águas

para o oceano¹⁵. De 1881 em diante, e até ao que se conhece na morfologia da rede hidrográfica de hoje, toda esta estrutura hídrica se manteve inalterada tal como hoje a conhecemos. A abertura da foz do Vouga e a barra do porto de Aveiro são alvo de manutenção constante através de dragagens que limpam o fundo do leito para facilitar o trânsito marítimo e escoamento das águas da *ria*.

Também sobre este assunto, ALMEIDA (1998), refere que a Barrinha é de origem lagunar. Segundo este autor a foz do Vouga foi sendo empurrada para sul por uma restinga com raiz junto de Ovar e, tenha havido ou não outra restinga vinda de sul, o que é facto é que em meados do séc. XVIII, o Vouga que desaguava, então, frente a Mira, viu a sua barra fechada. Entretanto, foi a deposição de sedimentos de origens lagunar, eólica e fluvial, no fundo e nas margens da laguna, que isolou *“uma fração a sul que, fora do contacto com água salgada, em breve passou a ser uma lagoa de água doce - a Barrinha”* (ALMEIDA, 1998, pág. 8) da Praia de Mira. Esta lagoa será adiante mencionada, na sua importância para o lugar da Praia de Mira e turismo balnear, que aí se desenvolve. De momento importa salientar que são os cursos de água e a existência da Barrinha, as causas maiores para que na Praia de Mira se pudesse desenvolver agricultura de forma rentável, na Barrinha produz-se moliço que foi e é utilizado para fertilizar as pobres areias, transformando-as em férteis campos agrícolas. O lugar da Praia da Tocha não possui estes recursos naturais, que permitem desenvolver agricultura nas areias pobres em nutrientes do seu território.

Como referido, a movimentação eólica de areias é uma realidade neste território com intensidades e consequências consideráveis, nomeadamente na rede hidrográfica e nos campos agrícolas. A fim de travar o avanço das areias, que *“não encontrando nenhum obstáculo, avançaram assustadoramente, e na sua onda destruidora, fizeram desaparecer magníficos terrenos agrícolas”* (REI, 1924, pág. 10), os serviços florestais procederam à arborização e florestação deste território, nas primeiras décadas do séc. XX, para fixar areias e dunas, e assim impedir a destruição de linhas de água e campos agrícolas, pois *“as dunas de Mira são, sem dúvida, as mais ricas que conhecemos no país”* (REI, 1924, pág.

¹⁵ Sobre esta temática, autores como Girão (1922/1951); Souto (1923); Neves (1935/1963); Leitão (1944); Martins (1947); Amaral (1968); Oliveira (1988); Barrosa (1985); Ângelo (1989); Ferreira *et al* (1991); Vicente (1991); Caetano (2002) e Rebelo (2010), entre outros, são uma referência nesta temática pela literatura científica produzida

10), capazes de fazer crescer uma importante floresta defensora dos campos e das linhas de água, e também, na atualidade, assume um papel de recurso turístico para satisfazer a procura de sombras no verão, e fornecimento de lenhas e matos para as populações locais.

Atualmente e se olharmos apenas para o estrato arbóreo das dunas, *“raramente se encontrará diversidade já que a espécie dominante, quase a cem por cento, é o pinheiro bravo”* (ALMEIDA, 2000, pág. 16), mandado semear pelos referidos serviços florestais nas primeiras décadas do séc. XX.

Como salientámos, as zonas costeiras são regiões muito dinâmicas, sendo e estando sujeitas a um conjunto de agentes naturais e pressões antrópicas, provocando agressões na paisagem, desgastando-a, erodindo-a. A literatura consultada refere que a erosão costeira sempre foi uma realidade, condicionando de forma significativa a utilização e ocupação deste território. Segundo ÂNGELO (1991), um dos processos que mais contribuem para a degradação do litoral, entre Espinho e o Cabo Mondego, é a construção de barragens no rio Douro, pois impedem o transporte das areias para o mar pelo rio. O mesmo autor salienta também que a construção de infraestruturas imóveis e pesadas nestes ambientes, como é o caso na Praia de Mira, tem-se demonstrado um desastre, pois o fenómeno erosivo na costa vai-se intensificar localmente, segundo o mesmo autor. É pois imperioso, resultante do enquadramento geomorfológico, salientar que a ocupação antrópica destes lugares específicos deve ter em consideração um plano de urbanização que tenha a capacidade de manter e garantir a segurança das habitações e dos seus habitantes, bem como de toda a atividade turística. Refere ainda que até aos dias de hoje, a Praia da Tocha se encontra estável em relação à sua largura e dinâmica litoral, e também não apresenta estruturas pesadas de proteção da costa, como os esporões.

Consideramos um território frágil, em que todas as iniciativas para desenvolver o turismo nos locais em estudo, devem ser planeadas, avaliadas e monitorizadas de forma sistemática, a fim de evitar uma degradação paisagística e ambiental, e por outro lado, para não colocar bens e vidas em risco. A natureza geológica frágil e volátil, como demonstramos, condiciona toda uma ocupação deste litoral. As medidas de proteção da paisagem adoptadas num tempo pretérito originaram, na atualidade, valências para as populações locais e turistas, nomeadamente no que concerne à floresta, aos cursos de água e à Barrinha.

1.2 – A POPULAÇÃO E O TERRITÓRIO

“O homem é um factor da fisionomia dos lugares, que a sua presença anima e as suas obras materiais carregam de nova expressão.”

Orlando Ribeiro

1.2.1 – A POPULAÇÃO RESIDENTE

As marcas que o ser humano constrói e deixa na paisagem, constituem a sua maneira de ocupar o território, pois elas *“são tanto mais frequentes e vincadas quanto maior for a população que se aplica a inscrevê-las”* (RIBEIRO, 1989, pág. 731). Compreender essas marcas implica estudar e analisar os factores demográficos e económicos que asseguram a subsistência de uma população e que determinam a sua variação e comportamento no tempo, quer no tamanho quer na densidade e distribuição geográfica no território, pois *“conforme a intensidade relativa destes factores, uma densidade mais ou menos elevada de população, se estabelece.”* (LAUTENSACH, 1989, pág. 705).

Embora nas localidades da Praia de Mira e da Praia da Tocha, do ponto de vista demográfico, é a população flutuante que apresenta maior dinamismo, sobretudo na Praia da Tocha, como se verá, tal circunstância não pode fazer esquecer a população residente em ambos os lugares, em número crescente de censo para censo, no período considerado para este estudo, de 1970 a 2011, pois como citado anteriormente, quanto maior for a população presente num território, maiores serão as marcas inscritas na ocupação desse território, provocando dinâmicas e mutações espaciais mais intensas e ampliadas.

Apesar de haver informação desde o século XVIII para a Praia de Mira e desde a primeira metade do século XX para a Praia da Tocha, entendemos que só a partir do momento em que a população veraneante começa a ter algum impacto (1970), é que se justifica fazer uma análise demográfica.

Não são abundantes os trabalhos académicos com abordagem populacional referentes à área amostra de estudo, Praia de Mira e Praia da Tocha, no entanto, procurando não repetir a apresentação de elementos demográficos presentes nesses trabalhos, apresentamos a evolução da população residente no período de tempo já mencionado, incluindo os valores do último censo realizado, em 2011. Tendo em conta os mesmos critérios de recolha e agregação de dados pelo INE, optamos também por considerar e comparar os resultados globais e finais nos territórios correspondentes aos concelhos de Mira e Cantanhede, bem como ao território nacional, para além das localidades, para assim melhor visualizarmos e aferirmos valores de diferentes escalas, averiguando as tendências e comportamentos demográficos, através da análise dos diferentes factores demográficos, na tentativa de encontrar semelhanças ou desfasamentos nos valores encontrados. Passaremos a analisar o quadro 4 construído a partir dos valores publicados pelo INE.

		PORTUGAL	CONCELHO DE MIRA	CONCELHO DE CANTANHEDE	PRAIA DE MIRA	PRAIA DA TOCHA
1970	Nº	8 611 125	12 893	39 184	1 674	10
	Δ %	-	-	-	-	-
1980	Nº	9 833 014	13 299	38 717	2 491	44
	Δ %	14,2%	3,1%	-1,2%	48,8%	340,0%
1991	Nº	9 867 147	13 257	37 140	2 994	64
	Δ %	0,3%	-0,3%	-4,1%	20,2%	45,5%
2001	Nº	10 356 117	12 318	36 725	2 260	189
	Δ %	5,0%	-7,1%	-1,1%	-24,5%	195,3%
2011	Nº	10 562 178	12 465	36 595	2 504	292
	Δ %	2,0%	1,2%	-0,4%	10,8%	54,5%
TOTAL		22,7%	-3,3%	-6,6%	49,6%	2820,0%

Quadro 4: Variação da população residente em Portugal; concelhos de Mira e Cantanhede; lugares da Praia de Mira e Praia da Tocha, entre 1970 e 2011

Fonte: INE, 2012

Na observação dos dados sobre a evolução da população na área amostra, representados no quadro anterior, podemos constatar que a Praia de Mira é atualmente um aglomerado urbano onde residem 2504 pessoas, segundo o censo de 2011 publicado pelo INE. A Praia da Tocha soma 292 habitantes permanentes, segundo os dados publicados pelo mesmo censo. São lugares num processo de crescimento demográfico contínuo desde o início do período temporal considerado, sobretudo na década de oitenta do século passado na Praia de Mira e, uma década depois, um forte incremento populacional na Praia da Tocha, conforme a análise da referida tabela sugere, e que também serviu de base para a construção do gráfico¹⁶ 1, referente à população residente em Portugal, nos concelhos de Mira e Cantanhede, bem como nos lugares em estudo da Praia de Mira e Praia da Tocha, entre 1970 e 2011. As curvas relativas aos aglomerados em estudo apresentadas no gráfico seguinte, demonstram um dinamismo demográfico diferenciado na evolução populacional para cada lugar.

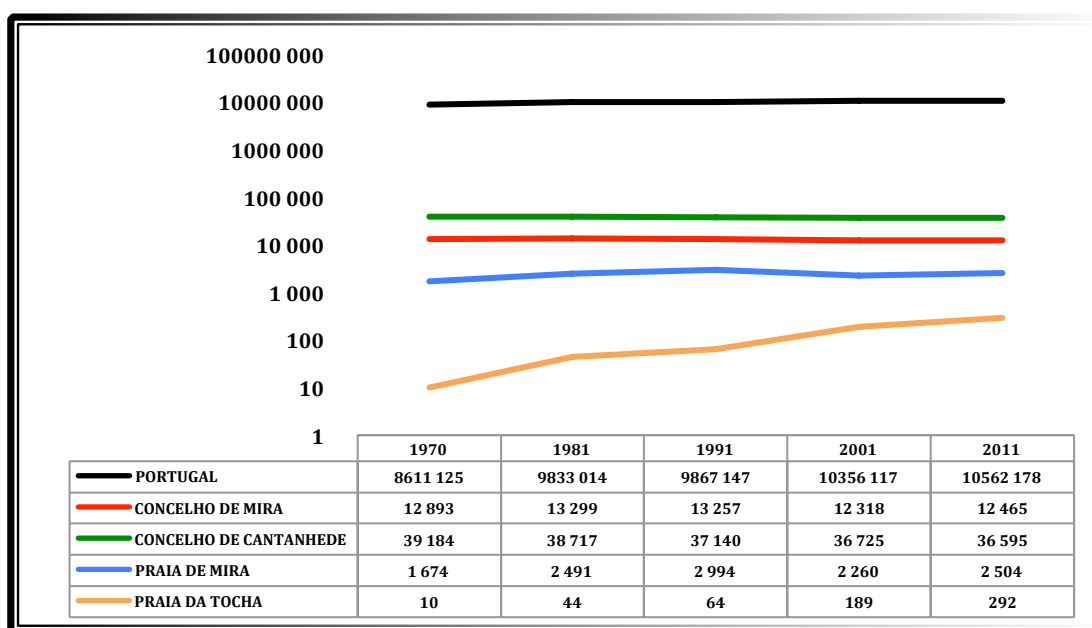


Gráfico 1: População residente em Portugal; concelhos de Mira e Cantanhede; lugares da Praia de Mira e Praia da Tocha, entre 1970 e 2011

Fonte: INE, 2012

¹⁶ Usamos a escala logarítmica para comparação de diferentes valores no mesmo gráfico

Focando-nos na localidade da Praia de Mira, a linha azul que lhe corresponde evidencia uma evolução populacional que poderíamos dividir em três fases: até 1980 (crescimento do aglomerado); entre 1980-1990 (crescimento moderado); de 1990 a 2011 (consolidação enquanto vila), que se justificam em função da própria dinâmica territorial a que a localidade piscatória esteve sujeita, particularmente no reforço da sua capacidade de atração e afirmação enquanto lugar de veraneio, com todas as implicações que lhe são inerentes. De entre as implicações mais relevantes, salientamos a necessidade de implementar um novo plano de urbanização para a localidade, nos anos cinquenta do século passado, a par do que se passou a nível nacional, como já referenciámos em capítulo próprio, e que teve grande responsabilidade no crescimento do aglomerado até 1980, como de resto aconteceu em inúmeras praias do país, como estratégia do poder central para desenvolver o turismo balnear, como oportunamente já referenciámos.

Assim, e relativamente ao período em estudo, correspondente ao crescimento populacional do aglomerado, a literatura revela ainda que a população residente da Praia de Mira cresceu “à custa de populações das proximidades, atraídas pelo seu desenvolvimento.” (BRITO, 1981, pág. 41). Segundo a autora, era comum a entrada de povos oriundos de diversas localidades do interior do país e dos concelhos vizinhos, como Ílhavo e Vagos, interessados em desenvolver atividades pesqueiras, a arte xávega. Refere ainda que, “Através dos registos de nascimentos e óbitos, podemos concluir que, a princípio, a população piscatória de Palheiros de Mira vinha apenas aqui passar a época de pesca (...), seguramente, pelo menos a partir de 1872, estava já fixada.” (op. cit., pág. 37, 1981), tornando-se definitivas quando, com o aumento da atividade piscatória, vinham também famílias, oriundas talvez de outros lugares a Norte.

Também sobre este assunto, SANTOS (2008) refere que o crescimento das atividades piscatórias no lugar foram responsáveis pelo incremento populacional verificado no hiato temporal considerado. A par destes factores económicos, também factores de ordem demográficos, como os nascimentos ocorridos no lugar, contribuíram, de certo, para o crescimento da localidade. As marcas construídas e deixadas na paisagem, como consequência deste incremento populacional na localidade no período considerado, correspondem à intensificação da ocupação do território, quer pela

construção de alojamentos e infraestruturas, pois estes dependem do número de habitantes que os ocupam e que os poderão vir a ocupar, tendo como evidência maior, ou pela necessidade de criar um novo plano de urbanização para a localidade, nos anos cinquenta do século passado, como anteriormente mencionámos.

A década de setenta do século passado é um período de uma grande expansão urbana, de elevado acréscimo habitacional, com um valor de 77,5% em 1981 face a 1970, conforme registado no gráfico 1, página 95, que serve e acompanha o incremento demográfico verificado.

Acrescentamos também que, um outro factor de ordem económica tende a concorrer também para a satisfação das necessidades da população, e que é a aptidão agrícola que os campos da Praia de Mira detêm. São campos férteis, pela sua natureza, e que descrevemos no ponto 1.1 – Quadro físico – fragilidade do território. É possível portanto, as populações do lugar dedicarem-se a outra fonte de rendimento, explorando a terra, e contribuindo deste modo para um contínuo acréscimo demográfico.

No período a seguir considerado há alterações no ritmo demográfico. Encontramos um moderado crescimento populacional na Praia de Mira de 1980 a 1990, conforme os valores no gráfico 1, a par do que se registou a nível nacional, que para o mesmo período, o acréscimo populacional foi de 0,3%, e no concelho de Mira esta evolução conheceu mesmo uma regressão na ordem dos -0,3%. PINTO (2008) refere mesmo que à escala nacional a década de 80 coincide com o regresso a alguma “normalidade” demográfica, correspondendo a um período de crescimento populacional manifestamente contido. Salientamos também um paralelismo no comportamento demográfico da Praia de Mira com outras localidades litorâneas semelhantes, nomeadamente S. Pedro de Moel, que no mesmo período “...registra um decréscimo da população residente entre 1981 e 1991...” (SANTOS, pág. 99, 1996). As implicações na paisagem, no arranjo do território, encontram-se também inscritas por um moderado acréscimo habitacional, na ordem do 7%, conforme poderemos verificar no gráfico 2.

Na última fase analisada, de 1990 a 2011, correspondente à consolidação da localidade enquanto vila, e atendendo ao quadro 4, há que referir um acentuado decréscimo populacional verificado na última década do século passado, com uma

contração demográfica na ordem dos -24%, e um novo incremento registado recentemente na década seguinte do século XXI. SANTOS (2008), refere que relativamente ao decréscimo populacional verificado na última década do século passado na Praia de Mira, este deve-se à queda da produtividade da pesca e da agricultura, impelindo as populações para a emigração, bem como a diminuição da taxa de fecundidade e o envelhecimento da população, a par do que se registou e acompanhando a regra geral do território nacional, que *“relativamente ao último recenseamento realizado em Portugal, em 2011, observa-se uma perda da dinâmica populacional, tendo sido o crescimento populacional na ordem dos 0,20 %”* (BANDEIRA, 2014, pág. 30), evidenciando uma população que *“deverá continuar envelhecer e poderá continuar a fazê-lo de modo particularmente intenso”*, (ROSA, 2012, pág. 28). Também neste assunto, e nas sociedades ocidentais, LUTZ e SANDERSON (2004, pág. 1) salientam que *“enquanto o século XX foi o século do crescimento da população [...], no século XXI é susceptível de ver o fim do crescimento populacional e tornou-se o século do envelhecimento da população”*. Esta dinâmica local acompanhou o registo concelhio, pois para o mesmo período, no concelho de Mira houve uma contração demográfica na ordem dos -7%, conforme evidencia o quadro 4.

Contrariando as tendências demográficas nas escalas de análise acima descritas, relativamente ao incremento demográfico registado recentemente na primeira década do século XXI na Praia de Mira, na ordem dos 11%, de certo que para isso contribuiu bastante uma maior consolidação da localidade enquanto lugar de residência permanente, com uma população oriunda de outros lugares, à semelhança da origem da formação do povoado, como salientámos através da bibliografia consultada, e que para aí foi viver, trabalhando em cidades vizinhas como Aveiro, Coimbra ou Figueira da Foz, fazendo das modernas vias de comunicação, uma importante valência que as tornam determinantes nos movimentos pendulares desta população, conseguindo assim *“...dar resposta às crescentes necessidades de mobilidade...”* (MATEUS, pág. 2, 2007). Há neste período um aumento de 41%, segundo os dados do INE, na construção de alojamentos, acompanhando assim este incremento demográfico, conforme o gráfico 2.

Os alojamentos a construir dependem do número de habitantes que os ocupam e que os poderão vir a ocupar, originando densidade demográficas com inevitáveis

repercussões na paisagem. A repercussão maior que se inscreveu no território, como consequência do aumento demográfico no período abordado em análise, foi a construção de aldeamentos turísticos e condomínios de gama média e alta, capazes de albergar este incremento populacional por um lado, e por outro, atrair ainda mais residentes, vindos de outros lugares fora da localidade e do concelho. Falamos do MiraVillas e do MiraOásis, conforme figura 21, que acrescentou à localidade em estudo cerca de 500 fogos. A sua construção aconteceu em terrenos florestais, como adiante se abordará.



Figura 21: MiraVillas, MiraOásis
Fonte: Original, 2016

Relativamente à Praia da Tocha, e no mesmo período de tempo analisado, a os valores do gráfico 1 que lhe corresponde evidenciam uma evolução populacional que

poderíamos marcar por dois momentos de forte acréscimo populacional (1980 e 2001), e outros dois de considerado abrandamento, em relação à década precedente (1991 e 2011), que também se justificam em função da própria dinâmica territorial a que a localidade piscatória esteve sujeita. BANDEIRA (2014) refere que, e comparando com a escala nacional, entre os vários momentos censitários nota-se que a seguir aos períodos de maior crescimento sucedem-se fases de menor dinâmica, conforme os valores expressados no quadro 4, anteriormente referenciado. Teve portanto, um comportamento demográfico diferenciado do que se registou na Praia de Mira e no concelho de Cantanhede de que faz parte. Curiosamente obedece e acompanha o ritmo demográfico verificados no plano nacional, conforme os valores apurados pelo INE e registados no referido quadro 4.

A bibliografia geográfica, pouca, que se refere à Praia da Tocha, diz-nos que o lugar se manteve até aos anos setenta do século passado com uma “...*forma de ocupação temporária, ligada, é certo, já não só aos períodos de safra da pesca como na sua origem – mas também à ocupação balneária, que a pouco e pouco vai invadindo a aldeia.*”, (RODRIGUES, 1972, pág. 2). A autora revela-nos que a capacidade de atração de população, enquanto lugar de ocupação temporária, esteve ligada inicialmente à pesca da arte xávega e posteriormente como destino de férias, onde o sol e o mar foram os atrativos maiores e responsáveis para uma frequência sazonal do lugar na época de verão.

Constatamos que a origem do povoado, obedece às origens de outros lugares do litoral centro, como a Praia de Quiaios, Pedrogão, Vieira de Leiria, S. Pedro de Moel ou Vagueira, já aqui referidos. Esta hipótese já tinha sido lançada por Raquel Soeiro de Brito, como oportunamente referenciamos quando focamos o caso da Praia de Mira, em que estas povoações litorâneas teriam um carácter temporário numa primeira fase, pois, “*Em todo o litoral encontram-se, bem chegados ao mar, alguns aglomerados de pescadores estabelecidos a partir do século XIX; temporários primeiro, só de homens e algumas mulheres que também se dedicava, à pesca, acabaram por se fixar quando, mercê de um aumento desta, com eles vieram as famílias.*”, (BRITO, pág. 21, 1981). Também neste assunto, e no caso da Praia da Vieira de Leiria, SANTOS, (pág. 88, 1996) refere que a localidade “*tem uma origem semelhante à de outras povoações do nosso litoral Oeste,*

quando no princípio do séc. XIX aí se fixaram aglomerado de pescadores vindos de zonas mais a norte". Assim, somos levados a afirmar que é uma localidade de ocupação humana tardia, face ao contexto nacional e regional, pois CRAVIDÃO (1992, pág. 440), refere que, *"...temporalmente a colonização deste espaço (Gândara) se situa durante os finais do século XVII e ao longo do século XVIII."*, ao que este lugar, como lugar gandarês, só o será um século mais tarde.

No que concerne à ocupação da localidade da Praia da Tocha para uso balnear, este reporta-se ao início dos anos setenta do século passado, como RODRIGUES (1972) referiu, e anteriormente citamos. A importância maior da citação que registamos da supra citada autora prende-se com o corroborar com os valores publicados pelo INE expressados no quadro 4 e gráfico 1, que documentam uma inexistência de população residente permanente antes de 1970, e posterior registo a partir da década de setenta do século vinte. É a partir dessa data que se começam a fixar aí habitantes permanentes na Praia da Tocha, fazendo do lugar uma povoação de carácter permanente, também evidenciada no gráfico e quadro supracitados.

Somos levados a acreditar que foi o declínio das atividades pesqueiras, à semelhança do que ocorreu na Praia de Mira e na mesma época, como já referimos, o fim do sustento dos pescadores, e o início de vocação balnear do lugar, pela procura do sol e do mar, com todas as valências que o sector do turismo traz às localidades que o desenvolvem, que facilitou a fixação dos primeiros habitantes, na década de setenta do século passado. A autora supra citada refere ainda que a pesca foi sacrificada com *"...esta invenção de veraneio, embora aqui, na Tocha, a ocupação seja só feita no período de verão (Junho a Setembro, inclusive)..."*, (op. ct, 1972, pág. 11). Considera mesmo o veraneio um problema, *"... que tende a tornar-se irresolúvel num futuro mais ou menos próximo"* *idem*. Traça-lhe, portanto, em 1972, um desígnio turístico e balnear, no futuro, para a localidade em estudo.

É importante referir que, se o mar não garantia sustento à população que na Praia da Tocha se fixou, mesmo que flutuante e correspondesse à época da safra, dos campos e da exploração agricultura, não poderiam explorar nada, pois como fizemos referência e descrevemos no ponto anterior, a localidade da Praia da Tocha não é dotada de campos

com aptidão agrícola, capazes de fazer florescer e crescer qualquer espécie agrícola. São solos constituídos por areias soltas e pobres em nutrientes. Praia da Tocha “*Ergue-se em plena região de dunas litorais, bem junto ao mar*”, (RODRIGUES, 1972, pág. 10). Consideramos, portanto, que o lugar, pela falta de recursos que o caracteriza, condiciona bastante a sua ocupação. A população que aí está a viver, é impelida a garantir o seu sustento, fora da localidade, gerando deste modo movimentos pendulares diários, que adiante iremos abordar, e que também contribuem para o desenho da paisagem, fazendo portanto da Praia da Tocha, lugar de recolhimento e aconchego.

Ao contrário de outras localidades litorâneas, a Praia da Tocha não sofreu nenhum plano de ordenamento ou urbanístico nos anos 50 ou 60 do século passado, com a finalidade de satisfazer as necessidades crescentes dos turistas na época balnear, bem como melhorar a vida das populações locais, como foi desígnio da política a nível nacional, e que já fizemos referência. Não se implementou, porque como vimos, não havia habitantes permanentes nem turistas em quantidade, que justificasse tal intenção no ordenamento desse território, nesse tempo. Estas medidas foram aplicadas 20 e 30 anos antes em praias de vocação pesqueira, como a Praia da Viera de Leiria e Praia de Mira, por exemplo, ou S. Pedro de Moel, esta de vocação portuária, ligada ao escoamento de madeiras exploradas do pinhal de Leira. S. Pedro de Moel “... *foi planeada de raiz desde (...) 1947, quando foi alvo de um plano de urbanização, sucessivamente revisto e ampliado, que, progressivamente, dotou a vila de infraestruturas básicas de comunicações e abastecimento...*”, (MOURÃO, 1997, pág. 214). Encontramos, portanto, similitude na transformação do uso e ocupação do solo em lugares onde a atividade económica tradicional deixou de garantir rendimento às populações, levando a que a habitação de férias tenha conseguido maior expressão espacial, capaz de alojar um crescente número de população flutuante, que paulatinamente se vai fixando de forma definitiva e em maior número, conforme o quadro 4 evidencia.

Após os anos setenta do século passado e até à atualidade, a localidade começou a albergar uma população residente em cada vez maior número, sobretudo nos picos censitários de 1980 e 2001. O ritmo de construção de alojamentos acompanha o ritmo de crescimento demográfico, com 128,6% de acréscimo em 1981 e com mais 63,63,6%, dez anos depois, no censo de 1991, conforme se verifica no gráfico 2, página 104. É o

período de maior afluência de população de fora da localidade, que para lá vai residir. É o período de maior ocupação do território da Praia da Tocha, verificado nos fins do século passado e na primeira década do século XXI. A repercussão que estes valores têm no território, inscreve-se, e segundo o INE, no quadro 4, como fizemos referência. A cartografia que adiante iremos abordar, também evidencia que se trata de um período de grande expansão urbana. Os valores do quadro 4 e do gráfico 2, revelam isso mesmo, um início de uma vocação da localidade para lugar de residência permanente, com um crescente populacional de residentes. Pelos valores do INE somos levados a deduzir que os factores demográficos pouco ou nenhuma interferência tiveram para este resultado, pois os elevados valores de 340% de acréscimo populacional verificado no censo de 1980, e relativamente a dez anos, são impossíveis de alcançar por essa via. Entendemos sim, que foi à custa de migrações internas, como o censo de 2001 revela um acréscimo populacional na ordem dos 195%, face à década precedente. Consideramos também que, como no início do seu povoamento, a povoação cresce à custa de migrações internas. Os inquéritos apurados revelam isso mesmo, como adiante será tratado.

Este fenómeno de acréscimo populacional muito acentuado num período censitário curto, é possível de ser observado em outras localidades de vocação turística balnear. SANTOS (1996), já tinha encontrado o mesmo fenómeno nas praias de S. Pedro de Moel e Vieira de Leiria, referindo que lugares de vocação turística mais antiga tendem a fixar mais cedo população temporária (caso de S. Pedro de Moel) e, ao invés de lugares que detinham uma atividade piscatória tradicional determinante para as populações locais, tendem a alcançar estes acréscimos populacionais residentes mais tarde (caso da Praia da Vieira). Encontramos similaridade com a Praia de Mira, que por ser mais antiga, cedo despertou para a vocação especificamente balnear, favorecendo a fixação de população, enquanto na Praia da Tocha só nos últimos trinta anos, tal especificidade se acentuou, para o que, e como já referido, tradicionalmente foi determinante a atividade piscatória artesanal.

Do povoamento resulta também a densidade populacional dos lugares, que terá um número e significado que caracterizam e fazem também a imagem turística dos lugares em estudo. Tendo em conta a relação entre o efetivo populacional e o território, relativamente ao todo nacional, com uma densidade populacional de 114,6

habitantes/km², é muito evidente o maior número de habitantes por km² na Praia de Mira, com 1039 efetivos, em comparação com a Praia da Tocha, que regista 584 habitantes a viverem por km², conforme a tabela seguinte, elaborada a partir das publicações do INE, comprova.

	AREA (km ²)	POPULAÇÃO RESIDENTE	DENSIDADE POPULACIONAL (hab./km ²)
Portugal	92 090	10 562 178	114,6
Concelho de Mira	124,03	12 465	100
Praia de Mira	2,41	2 504	1039
Concelho de Cantanhede	390,88	36 595	93,6
Praia da Tocha	0,5	292	584

Quadro 5: Densidade populacional nas escalas de análise nacional, concelhia e local

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do INE, 2011

As diferenças dos valores das densidades demográficas acima descritas, para as localidades em estudo, leva-nos a deduzir que as marcas inscritas no território, serão também elas bem distintas. Antes de mais salientamos a relação dos valores da Praia de Mira com o grau de consolidação de lugar de residência, em oposição à localidade da Praia da Tocha, que é bem mais recente, como vimos, e como tal, apresenta metade do valor verificado na Praia de Mira. Por outro lado, em termos de construção habitacional, identificámos pelo trabalho de campo realizado, que a Praia de Mira tem uma maior amplitude da expansão habitacional, em relação à Praia da Tocha, quer em ritmo de construção, quer em quantidade construída, conforme a análise dos valores do gráfico 1.

Também em relação aos respectivos concelhos de que são parte integrante, os valores de cada lugar são bem superiores. No concelho de Mira há 100 pessoas a viverem por km², e no concelho de Cantanhede perfazem cerca de 94 habitantes por

km². No entanto são valores inferiores ao registo nacional, conforme demonstrado na tabela 5.

Já a densidade da população das localidades em estudo, em comparação com a média do litoral é bastante inferior, contando essas, e de acordo com as publicações do INE, com 2230 habitantes por km², fazendo destas, portanto, lugares de residência de reduzida dimensão.

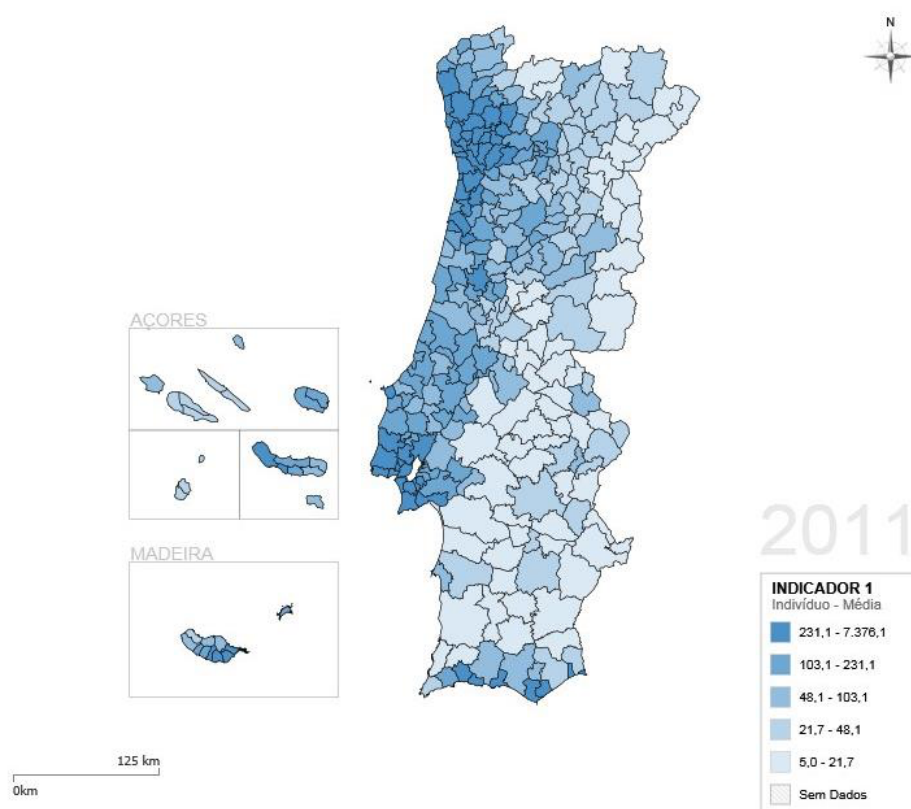


Figura 22: Densidade populacional em Portugal

Fonte: PORDATA, INE, 2011

Importa salientar, pela observação da imagem anterior, que os lugares em estudo apesar de se localizarem no território português de maior densidade populacional, ainda possuem esse carácter que referimos anteriormente, de lugares de reduzida dimensão, face ao território litoral onde se inserem, na medida em que *“Os municípios do litoral registam indicadores de densidade populacional mais elevados que os do interior”* (INE, 2011, pág. 9). De acordo com literatura produzida, a litoralização da população portuguesa é um facto. As origens deste fenómeno são conhecidas e datam dos anos de

1960. É nesta altura que, sob o efeito conjugado da emigração e da deslocação do campo em direção à cidade, neste caso, às cidades da orla litoral, as zonas interiores do território se começam a despovoar (SILVEIRA, 2010).

Os valores da densidade demográfica atingidos em cada localidade em estudo terão diferentes repercussões no território onde essa mesma população reside, pois o alojamento construído para essa mesma população será um dos aspectos visíveis mais evidentes na paisagem, como iremos analisar no ponto seguinte.

1.2.2 - O ALOJAMENTO

Para complementar as informações e as análises anteriormente expostas, referentes à população e território, passamos a analisar outra faceta da mesma realidade geográfica, a respeitante ao alojamento¹⁷ dos lugares da Praia de Mira e da Praia da Tocha.

Como oportunamente referimos, nas localidades da Praia de Mira e da Praia da Tocha, do ponto de vista demográfico, é a população flutuante que apresenta maior dinamismo, sobretudo na Praia da Tocha, mas que é a população residente, e o seu acréscimo, que determina a consolidação dos lugares enquanto povoações, mas que, porém, e neste ponto, será bom considerar a população flutuante, pois esta irá também ser um factor a ter em conta para a necessidade de se intensificar a construção de novos alojamentos nas localidades em estudo, criando um importante sector de residências secundárias¹⁸ em ambas as localidades. Neste ponto, e do total de alojamentos na Praia de Mira, 66% correspondem a residências secundárias, e 88% corresponde ao mesmo

¹⁷ Segundo definição do INE, (Estatísticas da Construção e Habitação, pág. 62, 2014) alojamento é o local distinto e independente que, pelo modo como foi construído, reconstruído, ampliado, transformado ou está a ser utilizado, se destina a habitação com a condição de não estar a ser utilizado totalmente para outros fins no momento de referência: por distinto entende-se que é cercado por paredes de tipo clássico ou de outro tipo, é coberto e permite que uma pessoa ou um grupo de pessoas possa dormir, preparar refeições ou abrigar-se das intempéries separado de outros membros da coletividade; por independente entende-se que os seus ocupantes não têm que atravessar outros alojamentos para entrar ou sair do alojamento onde habitam.

¹⁸ Segundo definição do INE, (Estatísticas da Construção e Habitação, pág. 62, 2014) residência secundária reporta-se a alojamento familiar ocupado de residência secundária ou com uso sazonal alojamento familiar ocupado que é apenas utilizado periodicamente e no qual ninguém tem residência habitual.

tipo de residências na Praia da Tocha, segundo fontes do INE. Daqui facilmente se conclui a importância da população flutuante para as localidades em estudo, nomeadamente, nas marcas que inscrevem na paisagem, que também são pela construção de habitações de ocupação temporária e de fins de semana ou férias. Este fenómeno também é típico de outras localidades litorâneas. Mais a sul, relativamente às praias de S. Pedro de Moel e Viera de Leiria, SANTOS (1996, pág. 110) refere que o aumento da construção de alojamentos no período considerado acontece devido “...principalmente à difusão do fenómeno de residência secundárias.” Também MOURÃO (1997) relativamente a S. Pedro de Moel acrescenta que a expansão do alojamento aconteceu no lugar em consequência do aumento populacional, quer da população fixa quer da população flutuante.

No gráfico seguinte, elaborado a partir dos resultados do INE dos censos de 2011, apresentamos os valores referentes à evolução do alojamento nas localidades em estudo, bem como, a evolução da população residente. A triangulação de variáveis permite-nos melhor aferir a expressividade no território, as marcas que lhe foram inscritas, resultantes do comportamento demográfico.

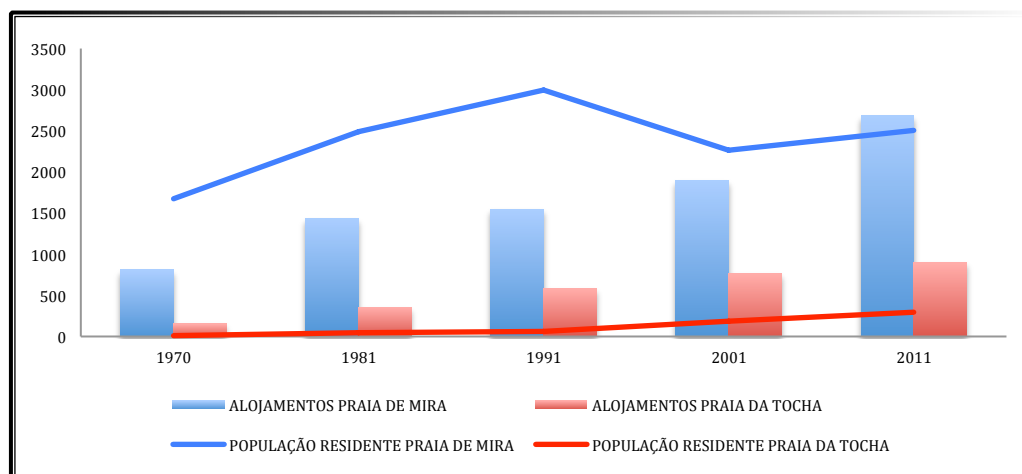


Gráfico 2: Evolução dos alojamentos e da população residente na Praia de Mira e Praia da Tocha

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do INE, 2011

Num primeiro olhar depreende-se uma progressão do crescimento dos povoados, que acompanhou o acréscimo populacional dos mesmos. Na Praia de Mira a variação

positiva do número de alojamentos no período considerado foi na ordem dos 1871, em 40 anos, e na Praia da Tocha foi de 742, no mesmo hiato temporal.

Com mais cuidado observa-se que na Praia de Mira o fenómeno conheceu períodos de expansão e grande vitalidade da construção, em paralelo com o dinamismo demográfico já assinalados, e outros de estagnação na construção de alojamentos, estando no presente a haver mais oferta de alojamentos do que os quantitativos de população residente de forma permanente, o que evidencia e corrobora o que anteriormente consideramos, de que se trata de um lugar com traços de ocupação sazonal, não permanente. Relativamente à Praia da Tocha, como referimos, a construção expandiu-se no período considerado de forma constante, partindo do nada ou muito pouco, uma vez que os valores publicados nas estatísticas do INE e descritos no referido gráfico, isso revelam, até se tornar numa localidade com características de lugar de residência permanente.

A expansão dos alojamentos nos lugares em estudo deu-se, em grande medida, segundo o ritmo de crescimento populacional, como anteriormente referido. Assim, podemos também genericamente aplicar aqui as fases que propusemos atrás, na abordagem do comportamento demográfico relativo à população residente nas localidades em estudo, atendendo à análise do gráfico seguinte, elaborado a partir das publicações do INE em 2011.

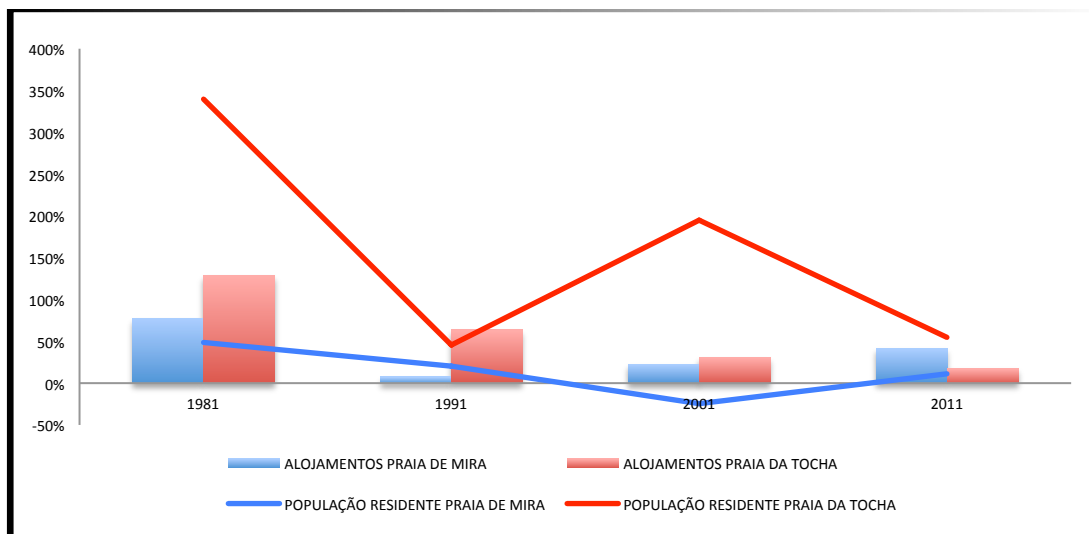


Gráfico 3: Evolução da percentagem dos alojamentos e da população residente
 Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do INE, 2011

Atendendo ao gráfico 3, e relativamente à Praia de Mira, consideramos um período até 1980 (crescimento do aglomerado). Neste período importa salientar novamente o papel determinante que teve para a localidade o plano de urbanização que a Praia de Mira foi alvo nos anos cinquenta do século passado, com a consequência maior de catalisar um considerável acréscimo de alojamentos, a fim de responder às crescentes necessidades turísticas da época.

Este plano foi dotado de um conjunto de medidas que “...tem como objetivo incrementar o turismo e transformar uma povoação viva no decurso do ano, com a sua dupla atividade de pesca e agricultura, num centro mais ou menos elegante, com vida apenas na época de banhos.” (BRITO, 1981, pág. 92 e 93). A intervenção urbanística proveu a localidade com novos e melhores acessos rodoviários, fazendo diminuir as distâncias-tempo e as distâncias-custo ao lugar, bem como, a construção de novos alojamentos habitacionais, que albergam um fluxo crescente de população que aí passou a residir, resultante de migrações populacionais internas, como adiante analisaremos, aquando da análise dos resultados obtidos pelos inquéritos aplicados à população residente, no que concerne à sua naturalidade. Também a revitalização económica,

através da criação de empregos, ligados sobretudo ao sector terciário, que apoia atividades de veraneio, “pode contribuir de forma significativa para a realização dos objectivos de manutenção de níveis elevados e estáveis de crescimento económico e emprego, um progresso social que reconheça as necessidades de cada pessoa e uma proteção eficaz do ambiente e utilização prudente dos recursos naturais...” (C. C. E., 2003, pág. 4).

Este tipo de intervenção urbanística, como referido oportunamente, traduzido por grandes realizações, melhoramentos e ampliação do aglomerado urbano da Praia de Mira, aconteceu em outros lugares do litoral. SANTOS (1996) refere-se à Praia de S. Pedro de Moel, que com um aumento dos pedidos de construção de moradias que foram efetuados devido à afluência de população flutuante que anualmente aí chegava no verão, seria necessário aplicar um novo plano de urbanização para o lugar. MOURÃO (1997) descreve esse Plano de Urbanização de 1947 em S. Pedro de Moel, como uma necessidade de responder às crescentes necessidades de uma forte pressão populacional sobre o lugar.

De 1980 a 1991 verificou-se um crescimento moderado. Por fim, de 1991 a 2011 (consolidação enquanto vila), sendo certo que na década de noventa do século passado o crescimento moderado dos alojamentos ficou abaixo do acréscimo populacional, para depois assistirmos a uma nova expansão na construção.

De facto, encontramos semelhanças entre a variação da população e dos alojamentos, sobretudo até 1991 e entre 2001 e 2011. Na última década do século XX assistimos ao fenómeno de haver maior acréscimo populacional em relação ao acréscimo de alojamentos. Daqui resultou como resposta, de certo, um maior vigor na construção, com um acréscimo de 64% face ao período precedente, o que poderá ter resultado na conjugação do aumento da expressão, na Praia de Mira, do fenómeno das residências secundárias e da existência de muitas habitações para venda, fruto de um mercado imobiliário que antecipa expectativas de expansão futura. Neste quadro de expansão habitacional destacamos a construção dos condomínios MiraVillas e MiraOásis, nesta época considerada, e já mencionados no ponto anterior referente à população residente. Neste período encontramos um fenómeno semelhante na Praia de

Vieira de Leiria, com a parte 'nova' da Praia de Vieira a conhecer um extraordinário crescimento, SANTOS (1996).

O Plano Geral de Urbanização da Praia e Lagoa de Mira de 1997, que criou os referidos aldeamentos e condomínios, nos variados artigos enunciados, refere que, sendo a zona em questão fortemente condicionada por dunas, lagoas e valas, urge preservar, toma-se imperioso que as ações a serem implantadas no âmbito do plano tenham em conta aqueles elementos, por forma a não conflitarem com o meio envolvente e a não provocarem nele fatores de degradação. A integração de novas construções em conjuntos homogêneos a salvaguardar e a remodelação ou ampliação de edifícios naquelas condições deverão ter como base estudos prévios de compatibilização de volumes e alçados. Todos os fogos terão obrigatoriamente frente e acesso direto a uma rua aprovada ou projetada. Há portanto questões ambientais a serem salvaguardadas, por se tratar de uma zona frágil, como em capítulo próprio fizemos alusão. A criação de zonas com diferentes funções e uso do solo foram determinantes para a não ampliação de agressões ambientais que os empreendimentos poderiam causar.

Estes condomínios que foram projetados para albergar uma população flutuante, pela posse de residência secundária, acabam por ser também domicílios permanentes. Segundo dados municipais, os aldeamentos contam com 476 fogos. Como habitação principal serão cerca de 30%, com 138 endereços permanentes. Os valores de consumo de água disponibilizados pela autarquia de Mira, dizem-nos também que há um aumento de cerca de 346% na época de férias, agosto, em confronto com o mês de janeiro. O carácter de ocupação sazonal que os aldeamentos têm encontra eco na variação de consumo de água ao longo do ano, conforme registos municipais.

Ressaltamos também o papel estruturante das vias de comunicação, a sua construção e melhoramento das existentes, para este cenário de expansão urbanística, pois estas permitem assegurar um movimento pendular diário de população que trabalha fora dos lugares em estudo e, por outro lado, permitem facilitar o acesso às localidades de forma rápida e segura, favorecendo deste modo a existência de segunda residência, residência secundária e/ou residência de férias/fins de semana, como

referido anteriormente. MARTINS (2004, pág. 106) refere mesmo que, “... os transportes representam elementos fundamentais de referência, até por constituírem uma das componentes primordiais de suporte à expansão urbana...”.

Face a este acréscimo, não são de estranhar os problemas urbanísticos, de planeamento, de infraestruturas e de equipamentos colectivos, que referiremos mais adiante, já que a variação positiva foi de 231% em 40 anos.

Relativamente à Praia da Tocha encontramos dois momentos de forte acréscimo populacional (1980 e 2001), e outros dois de considerado abrandamento, em relação à década precedente (1991 e 2011), que não encontram reflexo no ritmo de acréscimo de construção de alojamentos. Este apresenta um contínuo aumento, mas sempre em regressão face aos censo da década precedente. Em 40 anos o acréscimo foi de 476%, no entanto, saliente-se que para este valor tão elevado, comparativamente com a Praia de Mira, contribuíram como já referenciado, os valores da construção muito baixos, no período em estudo. Em 1970 existiam 156 alojamentos; atualmente soma 898 alojamentos. A localidade nunca foi alvo de um plano de urbanização dirigido para uma crescente procura turística e com dimensão à semelhança de outras já descritas, porque nunca se registou no lugar uma pressão demográfica que justificasse a intervenção, mesmo tendo o factor veraneio como principal motivo.

O desenvolvimento urbano a que se assistiu nos lugares em estudo nas últimas décadas, com maior expressão na Praia de Mira do que na Praia da Tocha, acompanhou o ritmo de expansão ocorrido em outras localidades costeiras, como oportunamente mencionado. No litoral norte, MARTINS (2002, pág. 106) refere que no início da década de noventa “... as áreas construídas desenvolveram-se ao longo da faixa costeira com poucos hiatos entre Espinho e Moledo.” O autor refere que a manutenção de um constante e renovado interesse por esta área litoral imprime uma inegável capacidade de fixação dos residentes e de atracção de veraneantes. O autor destaca o peso crescente que o alojamento de uso sazonal tem tido nos últimos trinta anos nos municípios de Esposende, Caminha e Póvoa do Varzim. Salienta também que “... o interesse que os visitantes nacionais demonstram pela faixa litoral, sustenta, igualmente, o peso significativo do alojamento no circuito informal disseminado no Noroeste, que é ativado de

Julho a Setembro com incidência em Agosto, em contraposição à concentração do alojamento hoteleiro, na Povoia de Varzim, em Esposende-Ofir ou em Vila Praia de Âncora.” (Idem, 2002, pág. 107). Este assunto do alojamento informal iremos abordá-lo oportunamente.

O quadro geral que apresentámos e descrevemos nas duas localidades em estudo, Praia de Mira e Praia da Tocha, traduz uma realidade urbana muito diferenciada, com ritmos de expansão, ampliação e marcas no território distintos para cada lugar. Esta originalidade do tecido urbano carece de ser estudada com alguma profundidade, o que iremos procurar fazer no ponto seguinte.

1.2.2.1 – EVOLUÇÃO DO POVOAMENTO

“Faz favor, onde são os palheiros?” O velho sorri, deve estar a juntar mais este viajante a quantos outros vieram aqui fazer a mesma pergunta, e responde com bons modos: Isso já não há! Agora são tudo casas. Só para além, dois ou três.”

*“Viagem a Portugal,
José Saramago*

O estudo dos lugares da Praia de Mira e da Praia da Tocha, do ponto de vista da sua génese e evolução, é muito interessante porque, para além do fenómeno da pesca sazonal que as fundaram, o processo da consolidação de cada localidade enquanto centro de veraneio foi relativamente célere, o que permite o conhecimento das suas origens e a visualização da progressiva expansão de cada uma, toda ela ocorrida na contemporaneidade, ainda que em tempos e com ritmos diferentes. Concentrar-nos-emos essencialmente na demonstração cartográfica dessa evolução, tentando reconstruir o crescimento e expansão urbana dos aglomerados, através da análise das cartas militares 1/25000 em formato digital e plantas atuais das localidades, fornecidas pelos respetivos serviços municipais.

Um dos traços mais interessantes desta expansão reside no facto de, ao longo das décadas em que se foi paulatinamente criando o território turístico balnear das localidades em estudo, se ter assistido a uma mudança gradual do respetivo enquadramento, em função da passagem de práticas económicas exclusivas do sector primário – exploração dos recursos marinhos em ambos os lugares, e na Praia de Mira acresce a exploração agrícola – para a afirmação de um território turístico de características balneares, com as respetivas inscrições na paisagem, servindo estas de testemunho às dinâmicas territoriais aí ocorridas, desencadeadas pelo ser humano, onde o sector dos serviços se instalou.

Coligindo e sistematizando os instrumentos de planeamento urbano elaborados, sobretudo para a Praia de Mira, bem como, juntamente com a cartografia disponível correspondente ao hiato temporal considerado para o estudo, pretendemos compreender a evolução verificada em ambas as localidades, aferindo as marcas concretas que imprimiram no território.

Antes de entrarmos propriamente no estudo das localidades enquanto lugares de veraneio, alinhavaremos algumas breves reflexões teóricas acerca da interação que nos lugares do litoral de feição turística balnear se estabeleceram e estabelecem entre urbanismo e turismo balnear.

Muitas localidades litorâneas tiveram o seu início, génese e desenvolvimento, pela possibilidade que facultavam a práticas turísticas balneares. O mar é o motivo principal para atrair população, tornando-a fixa, permanente, ou com comportamento flutuante, em determinadas épocas do ano.

A posição de referência do mar face a um lugar, resulta tanto na função de vilegiatura dessa localidade, de turismo balnear – geralmente considerada superior relativamente a outras atividades económicas – como do próprio lugar, marcando assim a paisagem através da morfologia litoral, muito favorável ao desfrute do mar e da praia. Estamos, portanto, diante das condições físicas do território capazes de determinar a origem e desenvolvimento de um lugar com apetências ao turismo balnear.

A literatura refere-nos que um povoado de cariz e feição turística balnear passou

por um processo de criação, desenvolvimento e consolidação, tendo o mar como o factor que desencadeou e fortificou o processo de povoamento. Os nossos lugares em estudo passaram pelo mesmo processo de afirmação e consolidação.

Sobre este assunto, CORBIN (1989) refere que foi na sequência do sucesso dos banhos de mar em Inglaterra que se desenvolveram na Europa continental as primeiras estâncias marítimas, os primeiros lugares de feição turística balnear. Na Alemanha temos os exemplos de Doberan, cuja edificação começou em 1794, e de Travemünde (na Baía de Lübeck), ambas voltadas para o mar Báltico e contando com o patrocínio dos monarcas do Mecklenburgo e da Prússia. Também em França se seguiu este modelo, com Boulogne-Sur-Mer no último quartel do século XVIII e Dieppe a partir da década de 20 de oitocentos, ambas no canal da Mancha, e ainda Biarritz, no sul da Baía da Biscaia, a partir da década de 30, também de oitocentos. Na Bélgica, Ostende capitalizou os investimentos, ainda antes do começo das guerras revolucionárias na Europa do início do século XIX, na tentativa de satisfazer uma clientela inglesa instalada na proximidade dos portos conectados a Dover. Só findas as guerras napoleónicas é que se construíram os grandes estabelecimentos de banhos e se iria constituir uma vida social específica em torno dos banhos de mar na Europa, dotando os lugares com infraestruturas capazes de responder a uma crescente procura turística, dando deste modo uma identidade de veraneio, de características balneares a estas localidades litorâneas. O desenvolvimento e difusão das vias e meios de comunicação, sobretudo o comboio, contribuíram muito para uma popularização das estadias balneares nesta época, como referido anteriormente em capítulo próprio.

Em Portugal e particularmente no período que vai do início do século XIX até sensivelmente aos anos 50 do século XX, há um conjunto de praias e de estâncias balneares que surgem e se afirmam pela frequência e prestígio social que possuem – como a Póvoa de Varzim, a Foz do Douro, a Granja, a Figueira da Foz, Cascais, os Estoris e as praias limítrofes de Lisboa (MARTINS, 2011). De todas estas praias, hoje conseguimos constatar como algumas delas se desenvolveram, especialmente enquanto estâncias turísticas, e como outras acrescentaram esta vocação às suas preexistentes vocações, sendo de salientar o poder de arrastamento de outras atividades económicas por parte da atividade turística.

Pela literatura consultada sobre a temática em questão, verificamos que SMITH (1965) refere que nos finais do século XVIII os monges beneditinos de Tibães (Braga) iam, por motivos de saúde, tomar banhos à Póvoa de Varzim. Esta prática terá inspirado as elites nortenhas, instalando-se ali na época do Verão e do Outono, em busca de iodo, considerado revigorante para os problemas dos ossos e da pele. A afluência de forasteiros à Póvoa transformou gradualmente a antiga vila piscatória. As casas de pescadores foram dando lugar a vivendas de aluguer e a casas de diversão e comércio.

Também ORTIGÃO (2002) se refere à Póvoa do Varzim e a Vila do Conde como sendo importantes localidades de veraneio. Esta última possui mesmo uma *feição aristocrática*. Segundo o autor a praia da Granja como sendo um importante centro de veraneio, com uma população flutuante na ordem das 300 pessoas e a Figueira da Foz como um destino de veraneio de cariz coimbrão e académico. Refere-se, e ainda na mesma época, a Cascais como sendo uma localidade com apenas um único hotel e casino, estando ainda tudo por construir na segunda metade do século XIX. É o surgir das praias da linha de Sintra-Cascais.

Pela sua influência e pioneirismo numa época, destacamos a Figueira da Foz, que se tornaria a mais importante das praias do centro do país na segunda metade do século XIX. No início do mesmo século a vila cresceu (atingiu os mil fogos em 1799) e verificou-se uma procura cada vez maior de casas para arrendar na época do Verão (ROCHA, 1954). BRITO (2003) acrescenta que começou a formar-se uma “clientela” coimbrã habitual para esta localidade e em 1802 os cónegos regantes de Santa Cruz de Coimbra tomavam banhos na praia de Buarcos, devido às suas virtudes terapêuticas (COELHO, 1936).

Relativamente a uma mudança no uso do espaço e do mobiliário urbano, fenómeno esse ocorrido nas localidades em estudo, MARTINS (2011, pág. 22) considera a segunda metade de oitocentos como sendo o período de “...popularização dos palheiros de pescadores do litoral, que vão ser utilizados por várias famílias de banhistas do centro do país. Exemplos disso são as praias da Costa Nova e da Torreira (junto à ria de Aveiro), a Praia de Mira (entre Aveiro e a Figueira da Foz) e a Praia da Vieira (Marinha Grande). Estas praias, não obstante a sua inacessibilidade e ausência de infra-estruturas de diversão, eram muito procuradas por veraneantes de localidades próximas que não

dispunham de meios para frequentar as praias da alta sociedade”.

Outra das praias da zona centro que emergiu nesta altura como local de veraneio foi S. Pedro de Moel (ou Muel). Ao contrário da próxima Praia da Vieira, é dos poucos centros de veraneio do país, juntamente com a Granja, que não nasceu a partir de aldeias de pescadores, mas sim de um pequeno povoado que vivia das resinas provenientes do Pinhal de Leiria, (CAVACO, 1970), tendo já anteriormente as suas condições naturais atraído “*muitas famílias da Marinha Grande, Leiria, Lisboa, Coimbra, etc. que vinham passar as suas férias de Verão*” (SANTOS, 1996, pág. 87).

Acompanhando este processo de “*lazerificação*” do litoral português, BRITO, (2003) refere-se à apropriação dos palheiros do litoral, entre Espinho e Leiria, como “*... um dos mais interessantes processos que tem lugar no contexto da popularização dos banhos de mar em Portugal.*” (*idem*, pág. 281), e que teria os seus primórdios ainda no século XVIII.

Os lugares em estudo obedecem e acompanham o processo temporal de consolidação de outras localidades em Portugal e na Europa, como atrás referido, enquanto centros de veraneio. A afirmação de territórios turísticos de características balneares, com as respetivas inscrições na paisagem, servindo de testemunho às dinâmicas territoriais aí ocorridas, desencadeadas pelo ser humano na busca de lazer pelo sol e mar, leva a que o urbanismo aí resultante obedeça a imperativos de carácter balnear, desde logo para facilitar o acesso às localidades, às praias, e por outro lado, será um urbanismo capaz de responder às necessidades de uma população, quer flutuante nos meses de verão e/ou fins de semana ao longo do ano, por um lado, e por outro, como aquela que aí fixa residência, facilitada pela boa eficiência das vias de comunicação. Somos assim a considerar que o sítio de origem de uma localidade de veraneio é escolhido em função da existência da acessibilidade ao único recurso capaz de a construir: o mar.

Para melhor compreender a dimensão territorial do presente estudo, seguidamente iremos abordar com recurso à cartografia as mutações espaciais que as localidades da Praia de Mira e da Praia da Tocha conheceram nas últimas décadas. Esta realidade deriva da expansão e ampliação do fenómeno turístico balnear que as

localidades conheceram, ao afirmarem-se como destino turístico balnear, fruto da preferência de uma população frequentadora das praias em estudo, que para aí se dirigem a fim de gozar o seu tempo de férias, de lazer.

1.2.2.2 – A PRAIA DE MIRA

Palheiros de Mira é um lugar com origem “... nas primeiras décadas do século XIX, (...) formado à custa de populações das proximidades, atraídas pelo seu desenvolvimento. (...) primeiro como aglomeração de pescadores, dissociada da atividade agrícola que surgiu como uma consequência da fixação e do aumento da população.” (BRITO, págs. 32, 41 e 101, 1981).

Num primeiro momento, de 1835 a 1870, a autora refere que foi a região de Ílhavo a responsável pelo emanar de grande número de pescadores. A região de Mira (povoações próximas) é a segunda área que mais contribuiu para o aumento de população de Palheiros de Mira. Outras regiões e localidades, como Soure, Lavos, Buarcos, Quiaios, Tocha, Ponte de Vagos e Aveiro, também foram lugares emissores de população que se tornou homens do mar da costa de Mira. Num segundo momento, de 1870 a 1875, é a área envolvente à vila de Mira, seguida dos Palheiros de Mira, a que mais contribuiu com população para o aumento populacional desta localidade piscatória. Nesta época, Palheiros de Mira contribuíram com 22% para o seu crescimento populacional. Este facto já evidencia a solidificação do povoado enquanto localidade de habitação permanente, por um crescente número de famílias que aí residiam e trabalhavam de forma permanente todo o ano, de forma confortável e com sustento garantido (BRITO, 1981). A autora refere também que o desenvolvimento da localidade criou uma urbanização de características únicas e pitoresco no litoral português, com construções de habitações, e demais mobiliário urbano, feitos em madeira, abrigados dos ventos predominantes de norte, atrás do medo grande¹⁹, ligadas por ruas de areia. Salienta também que a maior originalidade deste aglomerado de

¹⁹ Medo grande é uma duna de grandes dimensões

pescadores-agricultores, é a sua arquitetura de madeira que, sem ser exclusiva nesta região, completamente desprovida de pedra e com abundância de pinhais, adquire aqui a sua expressão mais pura: palheiros.

A decisão das autoridades locais, nos anos 50 do século XX, de transformar o povoado de pescadores num destino turístico, de turismo balnear, mudando o paradigma desta economia local baseada no mar e na terra, com vista a melhorar as condições de vida destes habitantes, obedece ao paradigma nacional da época. Já referimos anteriormente no Capítulo II, que a nível interno, o governo esforçou-se por desenvolver uma política de turismo, que servisse de suporte ao crescimento desta atividade de prestação de serviços e garantisse a existência das infraestruturas básicas de apoio às novas atividades. Como consequência desta política de ordenamento do litoral, as alterações provocadas na paisagem tiveram um forte impacto na orla costeira, destacando-se aí uma densa construção urbana, marca maior da ação humana, que tornou os territórios litorais, os principais destinos de férias dos estrangeiros de visita a Portugal e dos próprios cidadãos nacionais, com consequentes repercussões a nível da dinâmica natural costeira. Nesta época entra-se numa nova era para o turismo português, com legislação a nível político-administrativo, capaz de fomentar a atividade turística em Portugal, como anteriormente referido em capítulo próprio. A paisagem do lugar em estudo também altera a sua fisionomia.

A imagem seguinte mostra-nos uma perspectiva de uma parte da localidade antes da intervenção urbanística dos anos cinquenta, a que já fizemos referência.



Figura 23: Praia de Mira (1958)

Fonte: Brito (1981)

Nela constam os palheiros e a arquitetura de madeira que BRITO (pág. 44, 1981), se refere como sendo “*A maior originalidade deste aglomerado de pescadores-agricultores...*”.

A fisionomia do lugar, nos fins dos anos quarenta, encontra dimensão territorial cartografada na figura seguinte, correspondente à folha 206 da Carta Militar 1/25 000.

Aqui podemos constatar que o património construído já tinha alguma expressividade.

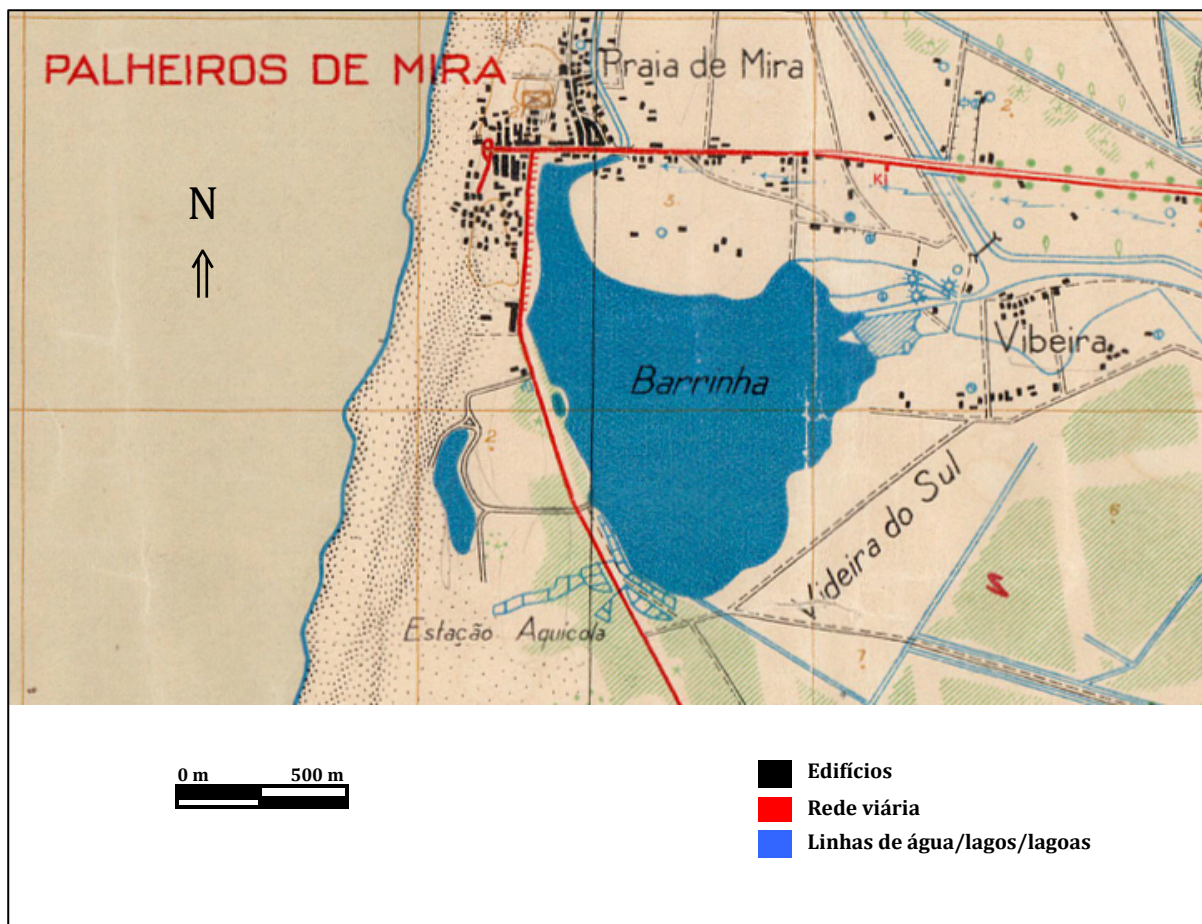


Figura 24: Cartografia da Praia de Mira em 1948

Fonte: Carta Militar de Portugal, Serviço Cartográfico do Exército, folha 206, escala: 1/25000

Na figura dos anos 40 do século XX, as habitações, maioritariamente residências permanentes, ainda são feitas com a matéria prima abundante na região: madeira (SANTOS, 2008).

Na cartografia destacam-se dois núcleos habitacionais bem evidenciados. Um núcleo localizado na zona da praia, constituído pelas construções de madeira, correspondentes aos típicos palheiros, (BRITO, 1981). Estes palheiros servem para “guardar os instrumentos de pesca” (SANTOS, pág. 193, 2008). Ainda correspondente a este núcleo cartografado na carta em análise, no sítio da duna primária, na frente de mar, encontram-se as casas habitadas no verão, residências secundárias, também quase

na totalidade feitas de madeira, (SANTOS, 2008). Por fim e a acompanhar a estrada de acesso ao areal, estão os palheiros dos pescadores, que aí residem, e que estrategicamente se localizam junto do medo grande, abrigados dos ventos de nortada e pela areia, (BRITO, 1981).

No outro núcleo residencial, que se localiza contínuo à Vala das Lavadeiras, *“espraia-se depois para norte ao longo do ribeiro que põe a Barrinha em comunicação com o mar, sempre encostado à duna”* (BRITO, pág. 43, 1981), as habitações de madeira já se intercalam com habitações de cimento. Tratam-se de habitações de carácter permanente, habitadas por uma população que vive da exploração do mar e da terra, fora portanto, das atividades de veraneio, entretanto já na localidade implementadas (BRITO, 1981).

As restantes habitações encontram-se dispersas. Distribuem-se pela entrada da localidade, do lado nascente do lugar, e pelos prazos novos e prazos velhos. Nos prazos novos *“(os do norte) são sempre curraizinhos para o gado; nos prazos velhos (os do sul), além daqueles há também casas de habitação”* (BRITO, pág. 44, 1981). Os prazos são campos agrícolas que a população labora e explora, e de onde retira o seu sustento, como complemento à faina marítima. A escola primária da Praia de Mira já se encontra construída e cartografada.

A rede viária que serve a localidade é ainda muito pouco densa, como se observa na figura 24.

As transformações espaciais que a localidade irá sofrer, irão marcar decisivamente a década de setenta do século XX e provocar um início de uma outra época para a localidade da Praia de Mira, onde o turismo balnear e as suas práticas marcaram de forma decisiva o lugar, e que a imagem seguinte cartografa.

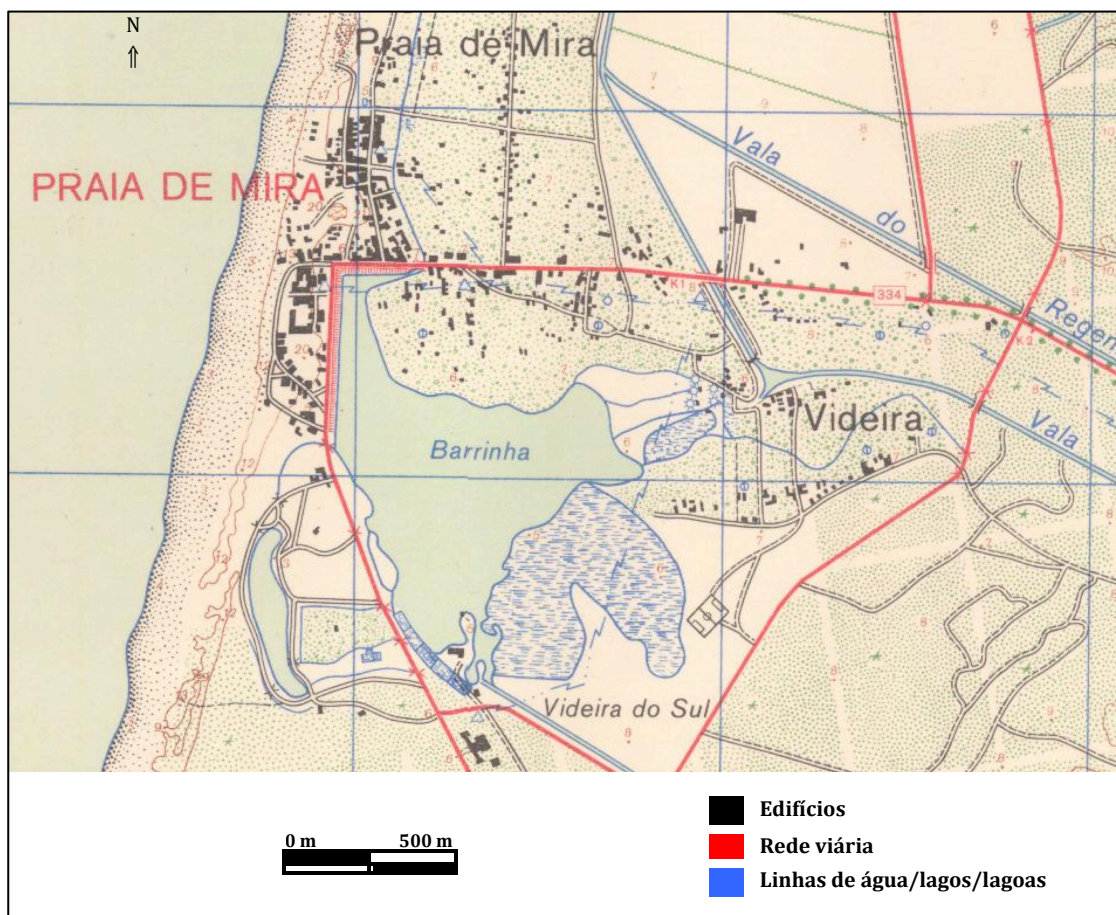


Figura 25: Cartografia da Praia de Mira em 1973

Fonte: Carta Militar de Portugal, Serviço Cartográfico do Exército, folha 206, escala: 1/25000

No início dos anos 70 do século passado, o mapa evidencia as principais alterações ocorridas na Praia de Mira, registadas em 1973, e a dimensão dos impactos decorrentes dos últimos anos, sobretudo os efeitos que a intervenção dos Serviços de Urbanização da Câmara Municipal de Mira produziram. Há um acréscimo de 78% de alojamentos entre os anos de 1960 e 1970, como referenciado anteriormente no ponto 1.2.2, relativo à abordagem do alojamento, e descrito no gráfico 3, página 106.

	1960	1970	1981	1991	2014
PRAIA DE MIRA	371	810	1438	1545	2739
Δ %	118%	78%	7%	77%	118%

Quadro 6: Alojamento na Praia de Mira

Fonte: INE

Como referido, até à década de 50 do século XX, este lugar foi predominantemente de vocação e exploração piscatória e agrícola, com os palheiros quase omnipresentes. Com o desenvolvimento do sector terciário, dos serviços ligados às atividades turísticas de sol e mar, o lugar da Praia de Mira passou a desempenhar novas vocações, acrescentando às que já desenvolvia, nomeadamente às atividades de exploração marítima e agrícola. Os sítios onde a população que construiu o lugar habitou, já se encontravam nos anos 70 do séc. XX, com uma ocupação notória pelas atividades terciárias, sendo, portanto, de uso e apoio às atividades turísticas, entretanto aí criadas e ampliadas. Nas principais ruas e avenidas da vila de Praia de Mira, onde o fluxo de visitantes é mais expressivo, a terciarização do lugar começa a implementar-se, desenvolver-se e a impor-se. As principais vias de comunicação são as que dão acesso à praia e contornam a Barrinha.

No núcleo de frente de mar, mais antigo, predominam as construções de cimento. São infraestruturas de apoio ao turismo, como cafés, esplanadas, residenciais, pensões e restaurantes (SANTOS, 2008). A estrada marginal da Praia de Mira serve de limite urbano à praia e à linha de costa. As populações que aqui residiam (gente do mar), foram deslocadas, sobretudo, para o Bairro Norte, que já soma algumas construções.

No núcleo residencial, que localizámos anteriormente junto à Vala das Lavadeiras, as habitações de madeira deram lugar a habitações de cimento, estando em conformidade com as novas normas do Serviços de Urbanização da Câmara Municipal de Mira. Tratam-se de habitações de carácter permanente (*idem*).

As restantes habitações dispersas, que foram construídas e se desenvolveram junto à entrada da localidade, do lado nascente do lugar, juntamente com o Bairro Norte, obedecem aos planos de urbanização impostos pelos referidos Serviços de Urbanização da Câmara Municipal de Mira. Estas habitações que se estendem pelos prazos novos e prazos velhos, são hoje em dia o repositório da original identidade e modo de viver da população que aqui chegou e se fixou há mais de uma centena de anos, com testemunhos na paisagem, sobretudo na disposição das habitações, que se encontram construídas de frente umas às outras, com o espaço público muito reduzido e com acessos comuns, conforme podemos testemunhar nas visitas de campo que efetuámos e corroborado com

o descrito por BRITO (pág. 100 e 101, 1981), que refere que *“a estrutura da população é cerrada; àquela tradição, que os seus povoadores conheciam, sobrepôs-se, por um lado, a necessidade de as casas se agruparem ao abrigo do medo grande e do cordão de dunas mais alto, ao sul dele; por outro, a circunstância de Palheiros de Mira se ter formado primeiro como aglomeração de pescadores, dissociada da atividade agrícola que surgiu como uma consequência da fixação e do aumento da população.”*. Esta fisionomia e arranjo da paisagem humanizada diz-nos que o sentimento de solidariedade desta população é muito forte e coeso entre si, constatada no trabalho de campo realizado, levando a criar uma proximidade física muito grande, que ao nível da habitação faz com que se disponham em contiguidade.

Os anos noventa do século XX trouxeram mais expansão urbanística, como já aludido anteriormente. A construção dos aldeamentos MiraVillas e MiraOásis foram marcas edificadas com alguma expressão. Estes empreendimentos serviram para responder a uma maior pressão demográfica e especulação imobiliária, como também já referido anteriormente. A figura 26 mostra-nos uma panorâmica do enquadramento dos aldeamentos no território. A cartografia de 1999, relativa à figura 27, mostra-nos o dinamismo urbano verificado ao longo da história do aglomerado, pela demonstração cartográfica que estamos a fazer neste ponto, desde 1948.



Figura 26: Imagem aérea do MiraVillas e MiraOásis (Praia de Mira)

Fonte:

https://www.google.pt/search?q=mira+vilas&client=safari&rls=en&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjVpZ7UhNbPAhWEsxQKHRWWBOgQ_AUICCGb&biw=1892&bih=934#tbm=isch&q=mira+villas+vista+aerea&imgrc=X10932FQN4c1VM%3A, acedido em 5/08/2016

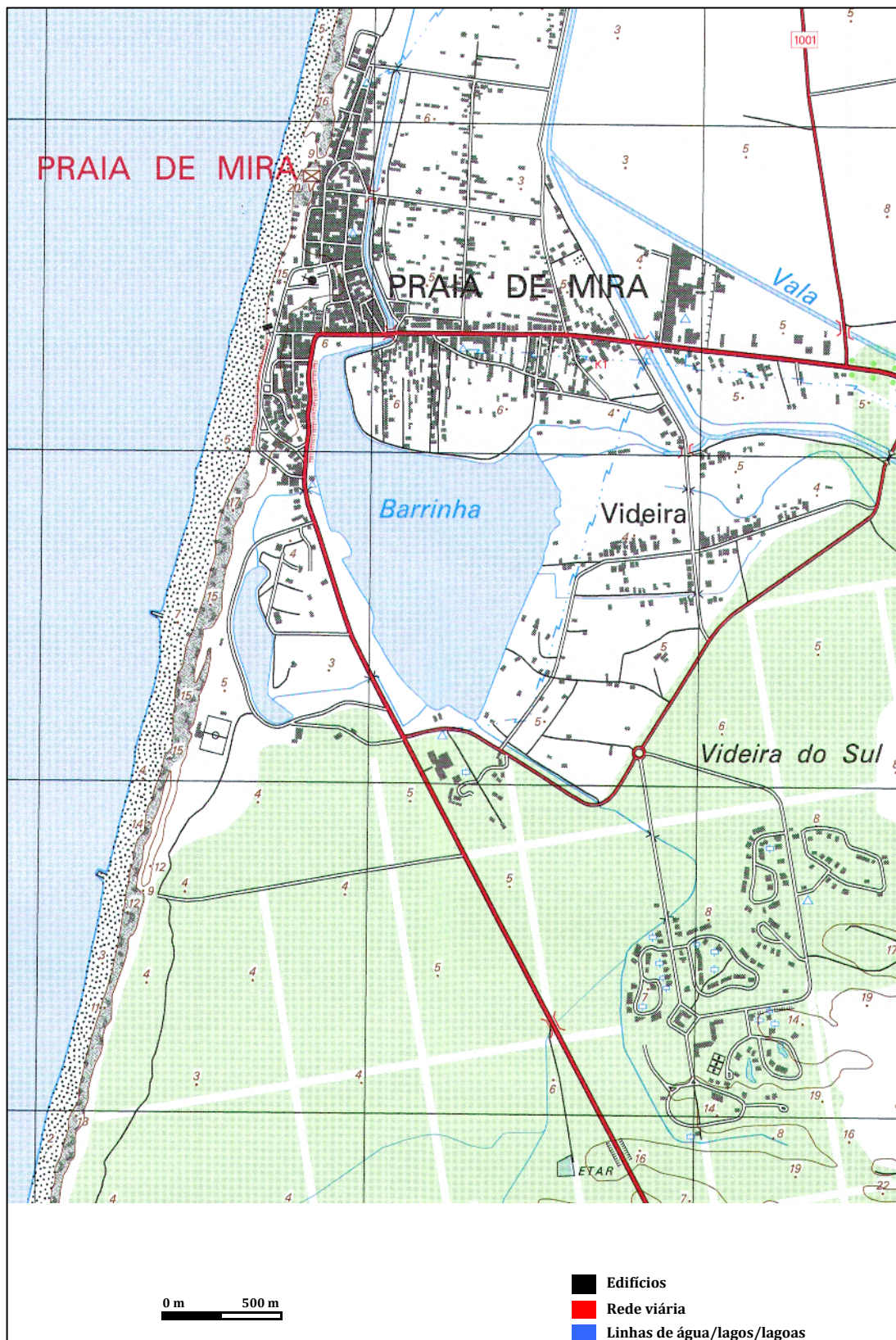


Figura 27: Cartografia da Praia de Mira em 1999

Fonte: Carta Militar de Portugal, Serviço Cartográfico do Exército, folha 206, escala: 1/25000

A carta transmite a consolidação do povoamento descrito anteriormente. Atendendo ao quadro 6, página 120, deste ponto, anteriormente explorados, há um acréscimo de 91% de alojamentos entre a cartografia de 1970 e a de 1991. O Bairro Norte está construído e totalmente habitado. É o bairro com exclusiva função residencial, à margem do sector turístico que se implementou no centro da localidade, e que foi criado para alojar os pescadores que habitavam no núcleo da frente de mar, nos típicos palheiros que lá construíram. Como já referido, o núcleo de frente de mar alterou a sua função inicial de residência dos pescadores, para suportar as infraestruturas de apoio à atividade turística criadas nos anos 50, como cafés, residenciais, restaurantes, e blocos de apartamentos de verão. À função residencial, acrescenta-se a função terciária, de prestador de serviços.

O alargamento e expansão urbana do lugar aconteceu no sector norte da vila da Praia de Mira e nos prazos novos e velhos. O núcleo original do lugar sofreu mais de alteração de função do que de área construída. A área construída implementou-se na periferia do lugar, conforme o mapa contemporâneo seguinte regista.

A rede viária foi alargando, acompanhado assim o ampliação do lugar, para o melhor servir.

USO E FUNCIONALIDADES DO SOLO



Legenda:		
Pistas e Ciclovias	2.1 Culturas temporárias	
Margens e Eixos de Linhas de Água	3.1 Florestas	
Construções	3.2 Florestas abertas e vegetação arbustiva e herbácea	
Rede Viária	3.3 Zonas descobertas e com pouca vegetação	
COS2007N2	4.1 Zonas húmidas interiores	
1.1 Tecido urbano	5.1 Águas Interiores	
1.2 Indústria, comércio e transportes	5.2 Águas marinhas e costeiras	
1.4 Espaços verdes urbanos, equipamentos desportivos, culturais e de lazer, e zonas históricas		
Fonte: Câmara Municipal de Mira Direção-Geral do Território	Data: maio 2016	Escala:

Figura 28: Planta da Praia de Mira em 2015, escala 1/10000
 Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

A cartografia anterior e os valores referenciados no quadro 6, página 120, dizem-nos que houve um acréscimo de 77% de construções urbanas, em relação a 1999. No período em estudo, de 50 anos, e também tendo por base os valores do referido gráfico, o acréscimo de imóveis construídos foi de 638% na Praia de Mira. Tem havido uma evidente expansão urbana no lugar, com inevitáveis marcas e reflexos na paisagem. No trabalho de campo realizado de 2012 e 2014, constatou-se que a grande maioria dos prédios²⁰ da Praia de Mira, localizados nas imediações e nos acessos à praia e à Barrinha, possuem, para além da função residencial, funções associadas às atividades comerciais e de serviços, com dois a quatro pisos. A ocupação do solo, solo esse correspondente à duna primária, relaciona-se sobretudo com o aumento da especulação imobiliária, resultante da valorização do espaço, consequência da urbanização do lugar pela via do turismo. Nas entrevistas realizadas junto dos empresários da construção civil, estes referiram que os prédios que constroem têm várias funções no mesmo edifício. O piso térreo é destinado ao comércio e aos serviços, facilitado pela boa acessibilidade que o rés do chão proporciona. Os pisos superiores são de ocupação residencial, com apartamentos, a fim de atraírem mais investimentos e maximizarem lucros. Esta informação corrobora as conclusões aferidas por SANTOS (2008). Salienta-se também, e segundo as entrevistas realizadas no âmbito do trabalho de campo, que a maioria dos proprietários dos apartamentos, são indivíduos que vivem fora da localidade, e que possuem os imóveis como segunda residência, apenas com uso nos fins de semana, épocas festivas e/ou férias. A localização destes, com vistas para o mar e/ou Barrinha, proporciona um conforto contemplativo do horizonte azul infinito do Atlântico e/ou das águas calmas da Barrinha, delimitada pelo verde dos campos agrícolas e floresta. Na Praia de Mira a residência secundária ocupa 66% das habitações existentes, segundo o INE e o trabalho de campo realizado.

Quanto à residência da população autóctone, principalmente aquela que ainda se dedica à pesca e à agricultura, encontra-se cada vez mais afastada das áreas de veraneio, como consequência das dificuldades em resistir à pressão dos especuladores imobiliários.

O Bairro Norte e as zonas dos prazos novos e velhos, são os locais onde as

²⁰ Entenda-se construção em altura com dois ou mais pisos

populações residem. Correspondem a 34% do total de fogos da localidade, segundo o INE e o trabalho de campo desenvolvido.

Na figura 23, apresentada no início deste ponto, referente ao ano de 1958, contempla-se o aspecto da Praia de Mira, com os palheiros muito junto uns aos outros, com os pátios comuns muito pequenos a servirem de acesso a cada habitação. A forma aglomerada do povoamento e distribuição originais das habitações, muito juntas, contíguas entre si, com distâncias muito estreitas entre vizinhos, onde a privacidade entre famílias está quase anulada, dizem-nos as entrevistas e depoimentos efectuados em trabalho de campo no verão de 2012 a pessoas mais idosas, que a disposição dos palheiros está relacionada com questões de conforto e segurança para este lugar.

O conforto prende-se com a necessidade de criar abrigo dos ventos e areias. As casas muito juntas entre si fazem barreira ao vento e à areia, criando espaços mais aprazíveis junto a cada habitação. A segurança refere-se ao facto de, na ausência da figura masculina da família, por ter ido ao mar, ou à pesca longínqua “...*mais rendosa, embora obrigassem os pescadores a estarem afastados de suas famílias por longas temporadas...*” (BRITO, 1981, pág. 61), a mulher e os filhos poderem sentir que os vizinhos estão ali a um passo de sua residência, dispostos a acudir em caso de aflição ou emergência.

Na atualidade, a distribuição mais frequente das habitações modernas, de tipologia moradia, sobretudo na zona dos prazos, ainda respeita esta disposição original das casas, como no início do povoamento do lugar, encontrando-se estas praticamente coladas umas às outras, com a área comum de acesso a elas muito pequena e intimista. O resultado ainda é um convívio muito próximo entre as pessoas. A solidariedade que aqui se testemunha de forma genuína, não se verifica apenas entre membros da mesma família, onde os laços sanguíneos apelam à solidariedade, mas também entre pessoas sem laços de parentesco. O conceito de vizinhança é muito próximo da parentalidade, ou seja, as relações entre os habitantes ainda são de grande proximidade. A esfera privada gira e desenvolve-se muito dentro de casa e com pouca intensidade, conforme podemos constatar durante o trabalho de campo aí desenvolvido. A partilha e solidariedade são valores determinantes para a população da Praia de Mira. No trabalho de campo

desenvolvido podemos verificar e constatar que, entre outros aspectos, é comum as portas das casas de serventia para a rua estarem encostadas, não fechadas com chave, facilitando assim, se necessário, o acesso a alguém que tenha de buscar ou fazer algo na casa do vizinho. A confiança entre vizinhos ainda é total.

Questões de segurança das ruas e vielas, por serem muito estreitas e apertadas, são de difícil determinação. Uma ambulância ou veículo de bombeiros não entra, devido à pouca largura, mas um automóvel já consegue, embora com alguma dificuldade.

Num contexto onde os mínimos de segurança são frágeis, importa salientar a união, solidariedade e coesão social encontrada e vivida na localidade. O lugar, afastado da sede de concelho, aprendeu a viver com os recursos que tinha e a transformar adversidades em mecanismos de sobrevivência para a vida humana, numa terra ventosa e com perigos à vista. É um lugar habitado por uma população que vive com laços de solidariedade entre si extremamente fortes. Como já referido, 2/3 das pessoas que aqui vivem, são naturais da Praia de Mira. Nasceram na Praia de Mira. As marcas no território encontram-se num povoado de habitações construídas muito juntas umas das outras, habitadas por uma população feliz e confiante, mesmo não fazendo diretamente parte de toda a atividade turística que se impôs e desenvolveu na Praia de Mira. Os inquéritos realizados no lugar corroboram as estatísticas no INE, ao mostrarem que 74% das habitações são habitação própria e 84% são vivendas, com um a três quartos, em média. O facto de não terem realizado obras nos últimos 20 anos, diz-nos que são construções recentes, na sua grande maioria.

A habitação passa para além do uso de domicílio familiar. O alojamento e arrendamento informal a turistas por parte dos seus habitantes, sendo também parte interessada no turismo de sol e mar do lugar, corresponde a cerca de 20% dos residentes, conforme gráfico 4. Sempre que há oportunidade, as pessoas arrendam de modo informal a sua casa ou parte dela, a turistas que procuram a Praia de Mira para aí passarem as férias. São arrendamentos na época de veraneio, com muita expressão imprimida no tempo. Quase 20% dos inquiridos afirmaram que o fazem há 10 e mais anos, conforme o quadro 17. Registe-se também que na maioria dos casos, são as mesmas pessoas, os mesmos turistas, a deixarem arrendado para o ano seguinte, essa

casa ou quartos. Há de facto uma fidelização de práticas turísticas quanto à opção da forma de alojamento, pelas casas particulares, com 86% de reincidências declaradas. O fenómeno contribuiu para a toponímia do lugar. A rua de Viseu ou a avenida cidade de Coimbra, são artérias da Praia de Mira que tradicionalmente são procuradas por veraneantes, com origem nesses distritos ou região. Há um assumir de uma proximidade emocional muito forte, entre os residentes da Praia de Mira que arrendam a sua casa ou parte dela, e os turistas que a ocupam. Os 60% de inquiridos que afirmaram que arrendam o seu espaço, fazem-no por razão de complemento aos rendimentos disponíveis, conforme gráfico 4. Reforça-se, portanto, que são populações de poucos rendimentos, e que o turismo, tal como foi propósito e intenção dos Serviços de Urbanização da Câmara Municipal de Mira, veio contribuir de algum modo para uma melhoria das condições de vida destas populações, mesmo que à margem da legalidade.

O crescimento da localidade tem sido intenso nas últimas décadas, principalmente como consequência das atividades turísticas de sol e mar. A pressão imobiliária nas áreas mais cobiçadas é muito forte, em termos de especulação imobiliária. A especulação expande-se em direção à periferia, criando assim novas áreas residenciais, à custa da alteração do uso e ocupação do solo. Este deixa de ser agrícola e passa a ter uso e ocupação residencial e urbana. Os residentes que vivem nas proximidades da Barrinha, correspondem a uma população mais idosa, sendo netos e bisnetos dos primeiros povoadores do lugar, que de acordo com os seus depoimentos, referiram que tem sido forte a pressão dos agentes imobiliários para que vendam as suas casas e terrenos, afastando-os para zonas afastadas do lago, resultantes do processo de turistificação do lugar da Praia de Mira.

O quadro seguinte sintetiza a estrutura da habitação da Praia de Mira.

Fogos	2739
Habitação própria	74%
Habitação arrendada	9%
Habitação: outra	17%
Tipologia: vivenda	84%
Tipologia: apartamento	16%
Uso: residência principal	34%
Uso: residência secundária	66%

Quadro 7: Habitação na Praia de Mira em 2014

Fonte: INE e trabalho de campo, elaboração própria

Com os dados do INE de 2011 e o trabalho de campo realizado, apresentados no quadro 6, apurou-se que atualmente o lugar é dotado de 2739 fogos. Destes, 74% são habitação própria, 9% é arrendada, e 17% tem outro regime, onde predomina a residência em casa de familiares. As vivendas representam 84% do total construído para habitação, e 16% correspondem à tipologia de apartamentos. Na sua maioria, 66% dos fogos, correspondem a residência secundária, sendo residência principal de carácter permanente, 34% das casas, como já referido. É um lugar, portanto, que atualmente tem características de ocupação sazonal, onde os proprietários encontram na sua vivenda de praia o espaço desejado, onde o bem-estar e conforto familiar encontram domicílio, nos períodos de pausa laboral.

No período de considerado, 1960 a 2011/14, o crescimento habitacional na Praia de Mira foi de 638%, como já referido, passando de 371 fogos para 2739 habitações, conforme quadro 7. O período de maior crescimento, segundo o INE, ocorreu entre 1971 a 1990, com um acréscimo de 33%, seguido do período de 1996 a 2000, com 12%. O acréscimo na construção já foi registada anteriormente na análise cartográfica da carta militar da Praia de Mira, de 1999. Saliente-se que o aldeamento *MiraVillas*, na Praia de Mira, foi construído neste período, e atualmente contabiliza 476 habitações, contribuindo portanto, para o valor apurado de acréscimo de 12% de habitações no lugar em estudo.

No que concerne às infraestruturas e demais mobiliário urbano, o quadro seguinte mostra-nos os valores em 2014, na Praia de Mira.

PRAIA DE MIRA							
CAFÉS/BARES RESTAURAÇÃO		MERCADOS		HOTÉIS/RESIDENCIAIS PENSÕES		CAMPISMO	
Valor absoluto	% da pop. residente	Valor absoluto	% da pop. residente	Valor absoluto	% da pop. residente	Valor absoluto	% da pop. residente
33	1,3	13	0,5	5	0,2	3	0,1

Quadro 8: Infraestruturas e imobiliário urbano na Praia de Mira em 2014

Fonte: INE e trabalho de campo, elaboração própria

É um lugar dotado das infraestruturas necessárias e capazes de satisfazer as necessidades da população local e os turistas que aqui se dirigem para passar as férias e períodos de repouso e lazer. É também um lugar que cresceu bastante em termos populacionais e de habitação, de forma isolada no contexto concelhio.

1.2.2.3 – A PRAIA DA TOCHA

À semelhança de outras localidades do litoral, *“O aglomerado Palheiros da Tocha está intimamente ligado ao mar e ele nasce precisamente deste facto...”* (RODRIGUES, 1972, pág. 14). A autora considerou que o povoamento do aglomerado teve origem nos movimentos migratórios internos, à semelhança da Praia de Mira, com origem em pescadores oriundos de Ílhavo, Murtosa, Lavos, Quiaios e Tocha. Menciona também que, e devido a um incêndio ocorrido no Arquivo da câmara Municipal de Cantanhede, não é possível reunir literatura suficiente para descrever com rigor absoluto o início do povoamento, porém, e pelo trabalho de campo desenvolvido no início da década de setenta do século passado, com entrevistas a alguns indivíduos mais idosos, a origem do povoado temporário não andarão longe da época em que se iniciou na Praia de Mira, na segunda ou terceira década do século XIX.

Salienta ainda a abundância de recursos piscatórios desta região, que levou à formação deste agregado populacional temporário, sendo a pesca a única atividade económica aí desenvolvida, mesmo que rudimentar. Esta, com as suas características, e como tem os seus período de safra, só durante eles é que os pescadores aí residiam, levando à construção de residências temporárias de madeira, “... de carácter palafítico conserva a sua pureza integral porque o espaço entre as estacas, sob o palheiro, se mantém ainda aberto (...), de deixar correr a areia por baixo da construção, evitando, assim, que ela fique soterrada com o crescimento da duna”, (RODRIGUES, 1972, pág. 1), sendo pois, o material típico e abundante na região. No período de defeso voltavam para os seus lugares de origem.

A figura 29 mostra-nos os típicos palheiros da Praia da Tocha.



Figura 29: Azulejaria Portuguesa - Antiga vila piscatória da Praia da Tocha
Fonte: <http://www.panoramio.com/photo/25841718>, acedido em 31 Janeiro 2014

Praia da Tocha foi lugar de pescadores temporários, que passou a lugar de residência essencialmente secundária, sem passar pela turistificação da localidade, ao contrário do que se passou em outras localidades litorâneas nos anos 50 do séc. XX, a que já fizemos referencia, com a aposta no turismo de sol e mar. O mapa correspondente à figura 30 cartografa o lugar nos anos 40 do século passado.

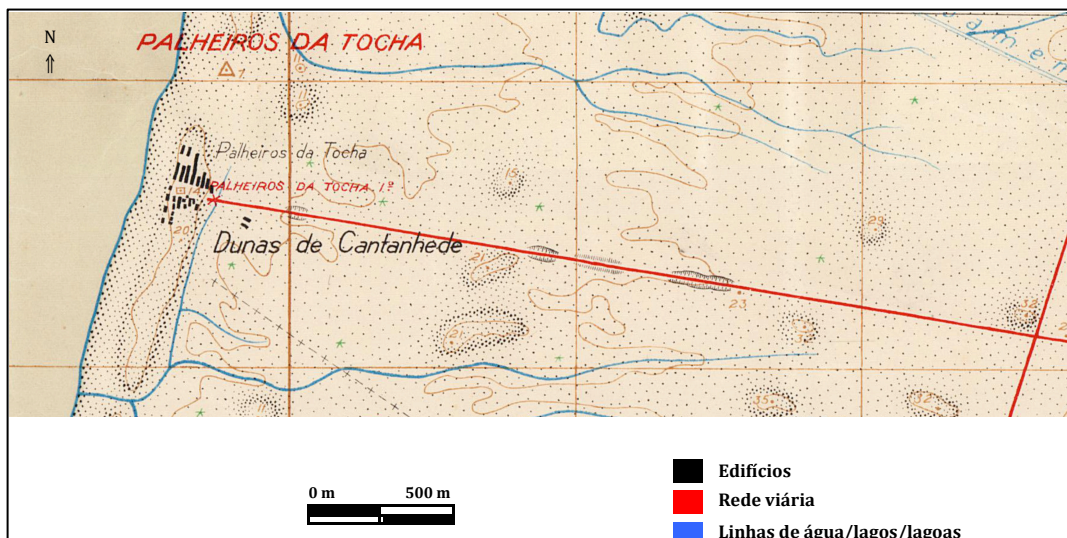


Figura 30: Cartografia da Praia da Tocha em 1947

Fonte: Carta Militar de Portugal, Serviço Cartográfico do Exército, folha 217, escala: 1/25000

Pelas referências bibliográficas anteriormente citadas, somos a considerar que as construções cartografadas no mapa anterior correspondem a património construído de madeira, e que é praticamente todo ele relacionado com a atividade pesqueira, da arte xávega, pois segundo o gráfico 1, existem 10 residentes permanentes. É um lugar com uma ocupação humana sazonal, marcada pelos ritmos da pesca.

É um lugar com dois núcleos de construção, separados pela via de acesso à praia, e única via de comunicação existente, localizados a norte e a sul desta. RODRIGUES (1972) refere que as habitações localizavam-se ao abrigo da duna, protegidas dos ventos predominantes do quadrante noroeste.

De uma localidade predominantemente piscatória, para um aglomerado de cariz habitacional, envolveu várias transformações espaciais. A década de 70 do século XX é o início de uma outra realidade para a localidade da Praia da Tocha. A residência secundária irá marcar de forma decisiva o lugar, como o mapa seguinte cartografa. O carácter de ocupação sazonal ainda é muito a sua principal característica (*Idem*). Atentemos ao mapa seguinte.

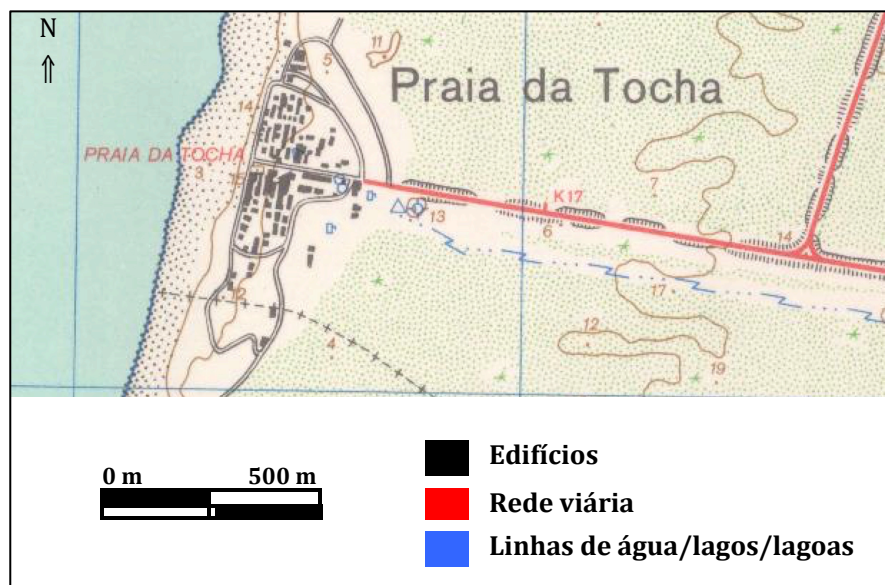


Figura 31: Cartografia da Praia da Tocha em 1977

Fonte: Carta Militar de Portugal, Serviço Cartográfico do Exército, folha 217, escala: 1/25000

Nele podemos verificar a dimensão da expansão urbana, decorrentes da sua construção até essa década. O quadro 9, diz-nos que há um acréscimo de 129% de alojamentos entre os anos de 1960 e 1970.

	1960	1970	1981	1991	2014
PRAIA DA TOCHA	64	156	357	584	974
Δ %	144%	129%	64%	67%	144%

Quadro 9: Alojamento na Praia da Tocha

Fonte: INE e trabalho de campo, elaboração própria

Como referido, até ao início da década de 70 do século XX, a localidade em estudo foi predominantemente de vocação e exploração dos recursos marinhos de modo tradicional. Também salientamos que no início dos anos setenta do séc. XX a “população dos Palheiros da Tocha mantém-se flutuante, (...) com carácter puramente temporário”, (RODRIGUES, 1972, pág. 15), ao contrário do que se verificava em outros aglomerados do litoral, e na Praia de Mira, lugar bem próximo, que passaram a ter população permanente, na sua maior parte, formados à custa de populações oriundas de lugares

próximos. A autora salienta que, e em relação à ocupação humana da localidade, pode constatar *in situ* no início dos anos setenta do séc. XX que os únicos residentes permanentes na Praia da Tocha eram os elementos da Guarda Fiscal. Considera, portanto, que a Praia da Tocha nessa época é um lugar de ocupação temporária. Esta informação é corroborada pelos valores do INE referentes ao gráfico número 1, e que já fizemos alusão.

Em finais da década de 70 do séc. XX, e pelos valores registados no mesmo gráfico atrás referido, bem como pela literatura referida e cartografia acima apresentada, o lugar da Praia da Tocha já apresenta construções para habitação, com cerca de 300, para além dos típicos palheiros dos pescadores sazonais. Para além das construções habitacionais, o mapa acima também cartografa vias de comunicação no interior da localidade, que foram abertas nesse hiato temporal entre os anos 40 e 70 do séc. XX, para garantir acesso às habitações construídas. É lugar, segundo os dados do INE referidos também no mesmo gráfico antes mencionado, de residência permanente para 10 pessoas em 1970 e 44 habitantes em 1980. Começa nesta década a desenhar-se o que será no presente a sua principal vocação, que é de veraneio. RODRIGUES, 1972, pág. 2), refere mesmo que *“Esta povoação, mantém ainda nos nossos dias a forma de ocupação temporária, ligada, é certo, já não só aos períodos de safra da pesca – como na sua origem, mas também à ocupação balnearia, que a pouco e pouco vai invadindo a aldeia.”*

Começa nesta década a conhecer dinamismo urbanístico, com um acréscimo habitacional considerável e abertura de estradas, conforme a cartografia anterior apresenta. Há um acréscimo de construção urbana entre as cartografias de 1947 e 1977, como já referido. Começa a ser um lugar de residência permanente para algumas dezenas de pessoas, conforme os dados do INE referentes a esse período e registados no gráfico 1. Os valores da construção urbana (357 fogos em 1981), e da população residente (44 também em 1981), indicam-nos que se trata de um lugar, quase exclusivamente, de residências secundárias, pois existiam 357 fogos para 44 habitantes, conforme quadro 9.

Com a década de noventa do século XX a expansão urbana assume valores nunca antes conhecidos no lugar. A dimensão territorial encontra-se cartografada no mapa seguinte.

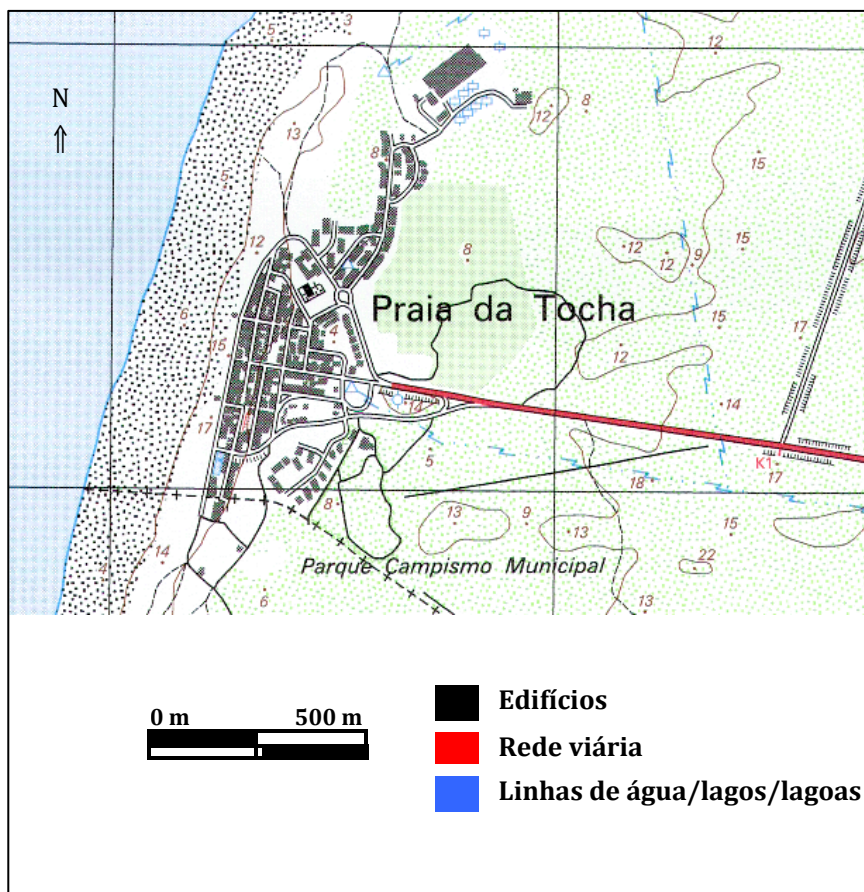


Figura 32: Cartografia da Praia da Tocha em 1999

Fonte: Carta Militar de Portugal, Serviço Cartográfico do Exército, folha 217, escala: 1/25000

A consolidação do povoamento da Praia da Tocha encontra-se cartografado na mapa anterior. Este é o período de maior crescimento urbano na Praia da Tocha. Há um acréscimo de 274% de alojamentos entre a cartografia de 1970 e a de 1991, conforme registado no quadro 9.

O alargamento e expansão urbana do lugar aconteceu à volta do núcleo urbano original e à criação de um novo sector, a norte da única via de acesso à localidade. A expansão aconteceu em terrenos florestais. Houve alteração de uso e função do solo, que de cariz florestal passou a ter função urbana.

O mapa seguinte cartografa a Praia da Tocha de hoje.

USO E FUNCIONALIDADES DO SOLO



Legenda:		
Pistas e Ciclovias	Espaços verdes urbanos	Tecido urbano contínuo
Margens e Eixos de Linhas de Água	Lagoas e albufeiras	Vegetação arbustiva alta e floresta degradada ou de transição
Construções	Pinheiro bravo	Vegetação arbustiva baixa - matos
Rede Viária	Praia	Zonas industriais e comerciais
Parque Campismo	Praia, dunas, areiais e solos sem cobertura vegetal	
Fonte: Câmara Municipal de Cantanhede	Data: agosto 2016	Escala:

Figura 33: Planta da Praia da Tocha em 2015, escala 1/10000
 Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

A cartografia anterior e os valores referenciados no referido quadro 9, dizem-nos que houve um acréscimo de 173% de construções urbanas, em relação a 1999. No período em estudo, de 1960 a 2011/14 o acréscimo de imóveis construídos foi de 1422%, também conforme o mesmo quadro. Houve, portanto, uma enorme expansão urbana na localidade da Praia da Tocha.

No trabalho de campo realizado de 2013 a 2014, verificou-se que na frente de mar, limitada pela estrada marginal, a totalidade das construções²¹ da Praia da Tocha aí localizadas, é de tipologia de moradia, algumas revestidas a madeira, possuindo funções associadas às atividades comerciais e de serviços no rés-do-chão, e ocupação residencial no primeiro e único andar. A marca distintiva e caracterizadora do lugar ainda se preserva, pela utilização dos materiais originais: a madeira.

A ocupação do solo na frente de mar protege o traço urbano primitivo e tradicional do lugar, por determinação legislativa camarária, inscrita no PDM de Cantanhede, para a Praia da Tocha. Pretende-se sobretudo afastar a especulação imobiliária neste núcleo residencial, muito apetecido, por ser frente de mar. A valorização do espaço pela via do turismo não permite alterações de forma aumentar a densidade de construção neste núcleo²². Os moradores permanentes da área são muito poucos e dedicam-se à exploração do seu negócio de cafés/bares. No inverno são normalmente dois os estabelecimentos que se encontram em funcionamento. É, portanto, um núcleo que se identifica por ser quase na totalidade, composto por residências secundárias.

Nos quarteirões subsequentes segue-se e respeita-se a mesma traça arquitectónica que na linha marginal da praia. São habitações do tipo moradia individual, com uso residencial.

No novo sector habitacional do lugar, localizado a norte do aglomerado e cuja construção teve início nos anos 90 do séc. XX, as habitações caracterizam-se por serem prédios até 4 pisos e moradias geminadas de 2 pisos. Recorde-se que já referenciámos anteriormente que a população da Praia da Tocha é quase na totalidade oriunda dos lugares próximos e que nos períodos intercensitários teve um forte acréscimo

²¹ Entenda-se construções com 1 a 2 pisos

²² Conforme PDM-Praia da Tocha publicado *Diário da República, 2.a série — N.º 79 — 23 de abril de 2013*

populacional. Em valores absolutos registaram-se 6 indivíduos, que declararam nos inquéritos lançados, serem naturais da Praia da Tocha, e tendo estes mais de 85 anos. Os valores encontram uma relação com os dados do INE para o lugar da Praia da Tocha em 1970, que registou 10 residentes no referido lugar, conforme valores registados no gráfico 1. A mobilidade populacional interna verificada para o lugar justifica a expansão urbana e novas construções em terrenos de uso florestal, pertencentes aos serviços florestais do Estado. A procura de casas foi e ainda é grande na localidade, como pudemos apurar nas entrevistas por inquérito, aquando do trabalho de campo.

Salienta-se também, e segundo as entrevistas realizadas no âmbito do trabalho de campo, que a quase totalidade dos proprietários dos apartamentos e moradias são indivíduos que vivem fora da localidade e que possuem os imóveis como segunda residência, com uso aos fins de semana, épocas festivas e/ou férias. A localização destes, com vistas para o mar e/ou enquadramento florestal, proporciona um conforto ímpar, referido nas entrevistas pelos residentes aquando do trabalho de campo realizado, sentido pela maresia e pelo verde da floresta. Na localidade a residência secundária ocupa 88% das habitações existentes, segundo o INE e o trabalho de campo desenvolvido, conforme registo no quadro 10.

Com a disponibilidade de casas, que não são habitação permanente, desenvolve-se de forma informal e muito recente, a parte interessada no turismo de sol e mar neste lugar, para 40% dos residentes. Sempre que há oportunidade, estas pessoas colocam a sua casa ou parte dela, inserida no circuito informal de arrendamento a veraneantes, que procuram a Praia da Tocha para aí passar as férias. São arrendamentos maioritariamente na época de verão e também, com mais 20% de respostas afirmativas, no resto do ano. Mais de 20% dos inquiridos afirmaram que o fazem há 10 e mais anos. Registe-se também que começa a aparecer uma tradição em arrendar casa ou parte dela a turistas, com um valor de 40% de reincidências declaradas. O fenómeno encontra fundamento, por um lado, como já referimos, na disponibilidade de alojamento e a vantagem de ter as casas habitadas, contrariando a degradação, que aqui junto à costa, é mais acentuada devido à maresia que paira no ar, e por outro, é uma forma de os proprietários conseguirem rendimentos extra, para acima de tudo, manterem a suas residências de praia, com 85% de respostas a afirmar, ser um complemento dos

rendimentos. Estes valores encontram-se registados mais adiante no gráfico 4 e quadro 17.

O crescimento do aglomerado da Praia da Tocha tem sido intenso nas últimas décadas. Esta realidade está imprimida na análise cartográfica que referimos e valores expressos nos gráficos 2 e 3, bem como no quadro 9. Acontece principalmente, e segundo o trabalho de campo realizado, como consequência das atividades turísticas de sol e mar, e também, como lugar para se ter a casa de praia, a casa dos fins de semana, a casa de férias. Encontramos um gosto pessoal nas respostas analisadas. O quadro seguinte traduz a realidade urbana da Praia da Tocha.

Fogos	974
Habitação própria	80%
Habitação arrendada	10%
Habitação: outra	10%
Tipologia: vivenda	83%
Tipologia: apartamento	14%
Uso: residência principal	12%
Uso: residência secundária	88%

Quadro 10: Habitação na Praia da Tocha em 2014

Fonte: INE e trabalho de campo, elaboração própria

Com os dados do INE de 2011 e o trabalho de campo realizado, apurou-se que atualmente este lugar é dotado de 974 fogos. Destes, 80% são habitação própria; 10% é arrendada, e 10% tem outro regime, onde predomina a residência em casa de familiares. As vivendas representam 83% do total construído para habitação, e 14% correspondem à tipologia de apartamentos. Na sua grande maioria, 88% dos fogos, correspondem a residência secundária, sendo residência principal de carácter permanente, 12% das casas, como já referido. É um lugar, portanto, que atualmente tem a característica dominante de ser um lugar de ocupação sazonal, onde os proprietários encontram na sua vivenda de praia o espaço desejado, onde o bem-estar e conforto familiar encontram domicílio, nos períodos de pausa laboral.



Figura 34: Palheiros da Praia da Tocha

Fonte: Original, 31 Janeiro 2014

No período considerado, 1960 a 2011/14, o crescimento habitacional na Praia da Tocha foi de 1422%, passando de 64 fogos para 974 habitações. O período de maior crescimento, segundo o INE, ocorreu entre 1971 e 1990, com um acréscimo de 274%, conforme quadro 9.

No que concerne às infraestruturas e demais mobiliário urbano, o quadro seguinte regista os valores em 2014, na Praia da Tocha.

PRAIA DA TOCHA							
CAFÉS/BARES RESTAURAÇÃO		MERCADOS		HOTÉIS/RESIDENCIAIS PENSÕES		CAMPISMO	
<i>Valor absoluto</i>	<i>% da pop. residente</i>	<i>Valor absoluto</i>	<i>% da pop. residente</i>	<i>Valor absoluto</i>	<i>% da pop. residente</i>	<i>Valor absoluto</i>	<i>% da pop. residente</i>
14	4,8	3	1	1	0,3	1	0,3

Quadro 11: Infraestruturas e imobiliário urbano na Praia da Tocha em 2014

Fonte: INE e trabalho de campo, elaboração própria

Nele podemos verificar que se trata de um lugar dotado das infraestruturas necessárias e capazes de satisfazer as necessidades da população local e os turistas que aqui se dirigem para passar as férias e períodos de repouso e lazer.

De lugar de pescadores temporários é, atualmente, segundo os valores definitivos do INE referentes à habitação e população residente, bem como ao trabalho de campo desenvolvido, um lugar de ocupação de residências secundárias (onde os fins de semana e férias são períodos de ocupação), e também um lugar de ocupação balneária e permanente. As habitações feitas de madeira fazem parte da paisagem do lugar. A reconstrução de palheiros em habitações modernas acontece, com a preocupação em os manter, pois segundo o PDM do lugar, revisto em julho de 2012, é obrigatório o uso de elementos de madeira nas fachadas dos edifícios a construir ou a recuperar, contribuindo para incrementar a imagem característica dos Palheiros da Tocha.

Na localidade não há terrenos agrícolas nem tão-pouco, quintais ou pequenas hortas junto às habitações. Os jardins são mínimos. Os terrenos dunares são solos muito pobres para a exploração agrícola. A característica do lugar em não desenvolver espaços agrários, quintais ou hortas, prende-se com a origem do mesmo. Os pescadores

primitivos do lugar só aí permaneciam na época da safra. No período em que não se pescava, voltavam às suas terras de origem, não desenvolvendo nos períodos de folga da pesca, qualquer outra atividade no lugar, mesmo a mais essencial de todas, que é a agricultura, pois os terrenos são inóspitos para uso agrícola. Como referido anteriormente, o lugar é dotado da característica principal de ser uma localidade de habitação secundária e de uma ocupação sazonal muito evidente e identificadora da localidade.

1.2.2.4 – SÍNTESE COMPARATIVA

Como verificamos, a Praia de Mira e a Praia da Tocha lugares com origem idênticas. Foi a exploração de recursos marinhos o motivo que levou até estes lugares, populações de outras localidades, com a arte de serem pescadores, a fim de aí a exercerem e dela retirarem rendimento. O resultado foi a criação de dois aglomerados litorâneos de características pitorescas, tendo em conta o contexto regional. Nos anos vinte do século passado, BRANDÃO (1986, págs. 30 a 35) refere-se a estas praias gandraesas dizendo que *“Tudo aqui é pobre e humilde, mas não grosseiro. Os homens trigueiros, secos e fortes e as mulheres bem lançadas. (...) O contacto com a terra obriga o homem a olhar para o chão, o convívio com o mar obriga-o a levantar a cabeça.”*

As diferenças entre estes dois lugares residem quer nas características físicas, quer nos diferentes modos como se foram estruturando, gerando diferentes dinâmicas territoriais. A área envolvente à Praia de Mira caracteriza-se por ser uma ampla e fértil área agrícola e disponível para ser explorada. A existência da Barrinha e de valas permanentes fez desta área um alvo de frequentes inundações, criando terrenos férteis e aptos para uma intensa prática agrícola com elevados rendimentos. Neste assunto BRITO (1986, pág. 101) refere que *“...a actividade agrícola surgiu como uma consequência da fixação e do aumento da população”*, ao que nós salientamos a aptidão agrícola para esse resultado, pois a Praia da Tocha, devido à sua natureza geológica,

também descrita no ponto 1.1 , não possui terrenos férteis que a rodeiem, em vez disso, à volta da localidade existe floresta e dunas de solos muito pobres para a exploração agrícola, apesar de existir uma vala de água doce perene todo o ano, que drena lagoas e campos agrícolas interiores muito afastadas da localidade, não consegue garantir sustento às populações durante o período de defeso da pesca.

Comparar os dois lugares, pelas variáveis analisadas, obtidas nas publicações do INE, revela-nos realidades bem diferentes, que incorporam e imprimem uma identidade própria a cada localidade em estudo. O quadro 12 sintetiza-as. Os valores indicados correspondem à percentagem para cada lugar. Deste modo consegue-se melhor comparar realidades de diferentes dimensões.

INDICADORES	PRAIA DE MIRA	PRAIA DA TOCHA
População residente (variação 1960/2012.14)	82%	2820%
Alojamentos (variação 1960/2012.14)	638%	1422%
Famílias (variação 1960/2012.14)	133%	2900%
Naturalidade	76%	5%
Habitação própria	74%	80%
Habitação arrendada	9%	10%
Habitação: outra	17%	10%
Tipologia: vivenda	84%	83%
Tipologia: apartamento	16%	14%
Uso: residência principal	34%	12%
Uso: residência secundária	66%	88%
Cafés/bares/restauração	1,3%	4,8%
Mercados	0,5%	1%
Hotéis/residenciais/pensões	0,2%	0,3%
Campismo	0,1%	0,3%

Quadro 12: Indicadores da Praia de Mira e Praia da Tocha em 2014

Fonte: INE, elaboração própria

No período em estudo, de 1960 a 2012.14, o quadro anterior revela-nos que, da população residente nos dois lugares, a Praia da Tocha foi a que cresceu mais, com um acréscimo populacional de 2820%. A Praia de Mira viu a sua população aumentar em

82%. Este fenómeno demográfico imprimiu na paisagem uma maior expansão urbanística na Praia da Tocha, devido a uma cada vez maior procura de alojamento para esta população que a procurou. Assim, e no mesmo período, dos alojamentos criados e construídos nas duas localidades, 1422% correspondem à Praia da Tocha e 638% à Praia de Mira. As famílias que se instalaram nestes lugares para aí residirem, também no mesmo período, 2900% fizeram-no na Praia da Tocha e 133% na Praia de Mira. Com isto, no período considerado a intensidade do povoamento dos lugares em estudo é muito superior na Praia da Tocha, do que na Praia de Mira. O carácter antiguidade da Praia de Mira justifica essa realidade contemporânea.

A Praia da Tocha está de momento em fase de crescimento, perdendo a característica exclusiva de localidade de ocupação e uso sazonal, recanto de descanso e contemplação, e a ganhar identidade enquanto lugar de residência permanente, com uma população exclusivamente terciarizada, que já soma 292 habitantes. Na Praia de Mira essa característica está bem desenvolvida, tendo um palco de vivências e experiências quotidianas praticadas na dimensão dos seus 2504 habitantes. É um lugar onde se trabalha, de veraneio, de contemplação e também de descanso. Salientamos porém que em ambas as localidades de momento são as residências secundárias que predominam, conforme o quadro 12.

A antiguidade dos lugares é indicada, igualmente, pela naturalidade dos seus habitantes. Destes, dos que afirmaram ser naturais dos lugares em estudo, 5% residem na Praia da Tocha e 76% na Praia de Mira. Como já referido, a Praia de Mira tem um povoamento permanente bem mais antigo e consolidado que a Praia da Tocha. A distribuição dos valores da naturalidade dos residentes revela este fenómeno, juntamente com a variação do número de famílias no período considerado de 1960 a 2012, conforme os valores do quadro 12.

CAPÍTULO II – DINÂMICAS ATUAIS: OFERTA E PROCURA TURÍSTICA NAS LOCALIDADES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA

2.1 – QUESTÕES METODOLÓGICAS ESPECÍFICAS

As questões lançadas e os objectivos formulados pretendem, relativamente à população residente, (a) identificar-lhes as características gerais; (b) conhecer as suas motivações para oferecerem alojamento; (c) conhecer os espaços, práticas e experiências vividas pela oferta turística e (d) aferir as percepções e as representações que os residentes tem da atividade turística nas localidades em estudo. Aos turistas que escolhem as localidades da Praia de Mira e Praia da Tocha como destino turístico, os objectivos planeados tencionam (a) identificar as suas características gerais; (b) conhecer as motivações que os levam a procurar como destino turístico; (c) conhecer os espaços, práticas e experiências vividas pela procura turística nas localidades em estudo e (d) aferir as percepções e as representações que têm da oferta turística criada na Praia de Mira e Praia da Tocha.

As informações relativas à população residente nos lugares em estudo deram-nos um conhecimento mais real, através do estudo da estrutura demográfica, familiar e económica, bem como o grau de instrução. Também foi possível conhecer os hábitos e práticas de turismo balnear nestes lugares. Por fim, a apreciação dos residentes quanto ao grau de satisfação com as infraestruturas turísticas, bem como a percepção que a população tem do fenómeno turístico nas suas vidas e no território, foram também aprofundadas. No que respeita aos turistas inquiridos, as informações deram-nos também um conhecimento mais real desta população flutuante de composta pelos visitantes daqueles lugares, através da análise da estrutura demográfica e familiar, a origem destes, e também a escolaridade e rendimentos. Foram igualmente abordadas as motivações, os hábitos e práticas dos turistas, quer no que diz respeito ao alojamento, quer às infraestruturas de apoio ao turismo. Por fim, foram também consideradas as apreciações dos veraneantes quanto à satisfação com as infraestruturas turísticas utilizadas, bem como, a percepção que estes têm da importância do fenómeno turístico nas suas vidas.

Neste estudo de caso, considerámos que as respostas obtidas pelos inquéritos foram observadas no todo das duas localidades, sendo daí retirado a respectiva relação para cada resposta e para cada lugar. Por este método de análise, do todo retiramos a parte relativa a cada lugar, construímos as respostas às questões inicialmente lançadas, a partir das questões-chave consideradas: (a) que papel tem tido o turismo balnear enquanto gerador de mutações espaciais em antigos lugares piscatórios? e (b) será o turismo balnear o motor fulcral para uma revitalização destes lugares piscatórios?

Assim, iremos de seguida abordar as componentes e características da oferta turística das localidades da Praia de Mira e Praia da Tocha, para depois no ponto seguinte, caracterizar os segmentos da procura turística nas localidades da Praia de Mira e Praia da Tocha, sendo o inquérito o instrumento central fundamental para este fim.

2.2 - OFERTA TURÍSTICA NAS LOCALIDADES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA

Para conhecer mais aprofundadamente a oferta turística nas localidades em estudo, que se relaciona, de certo, com a dinâmica do próprio território, abordaremos de seguida aspectos relativos à população residente nos lugares em estudo, incluídas no inquérito por entrevista. São quatro as questões nucleares consideradas, como referimos anteriormente e que passamos a recordar: (1) identificar as características gerais dos residentes; (2) conhecer as motivações dos residentes que oferecem alojamento; (3) conhecer os espaços, práticas e experiências vividas pela oferta turística e (4) aferir as percepções e as representações que os residentes tem da atividade turística nas localidades em estudo.

2.2.1 – CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS RESIDENTES DAS LOCALIDADES

No que respeita à caracterização geral dos residentes das localidades da Praia de Mira e Praia da Tocha, partimos da análise das questões incluídas no inquérito (anexo - inquérito população residente Praia de Mira e Praia da Tocha), que se objectivaram na identificação do género; estado civil; idade; agregado familiar; escolaridade; naturalidade; residência; nacionalidade; filhos; residiu em outro país; onde?; quanto tempo?; há quanto tempo regressou?; profissão; exerce outra atividade económica?; qual?; motivação?; emprego: tempo de deslocação; modo de deslocação e rendimento, para obter daí resposta às nossas interrogações. A figura 35 reporta-nos para a caracterização da população quanto ao género, estado civil, idade, agregado familiar e escolaridade. Verifica-se pela sua observação que a repartição da população inquirida quanto ao género é equitativa no todo das localidades, que segundo a estrutura etária evidenciada na respectiva pirâmide etária é envelhecida. Há mais adultos e idosos do que jovens.

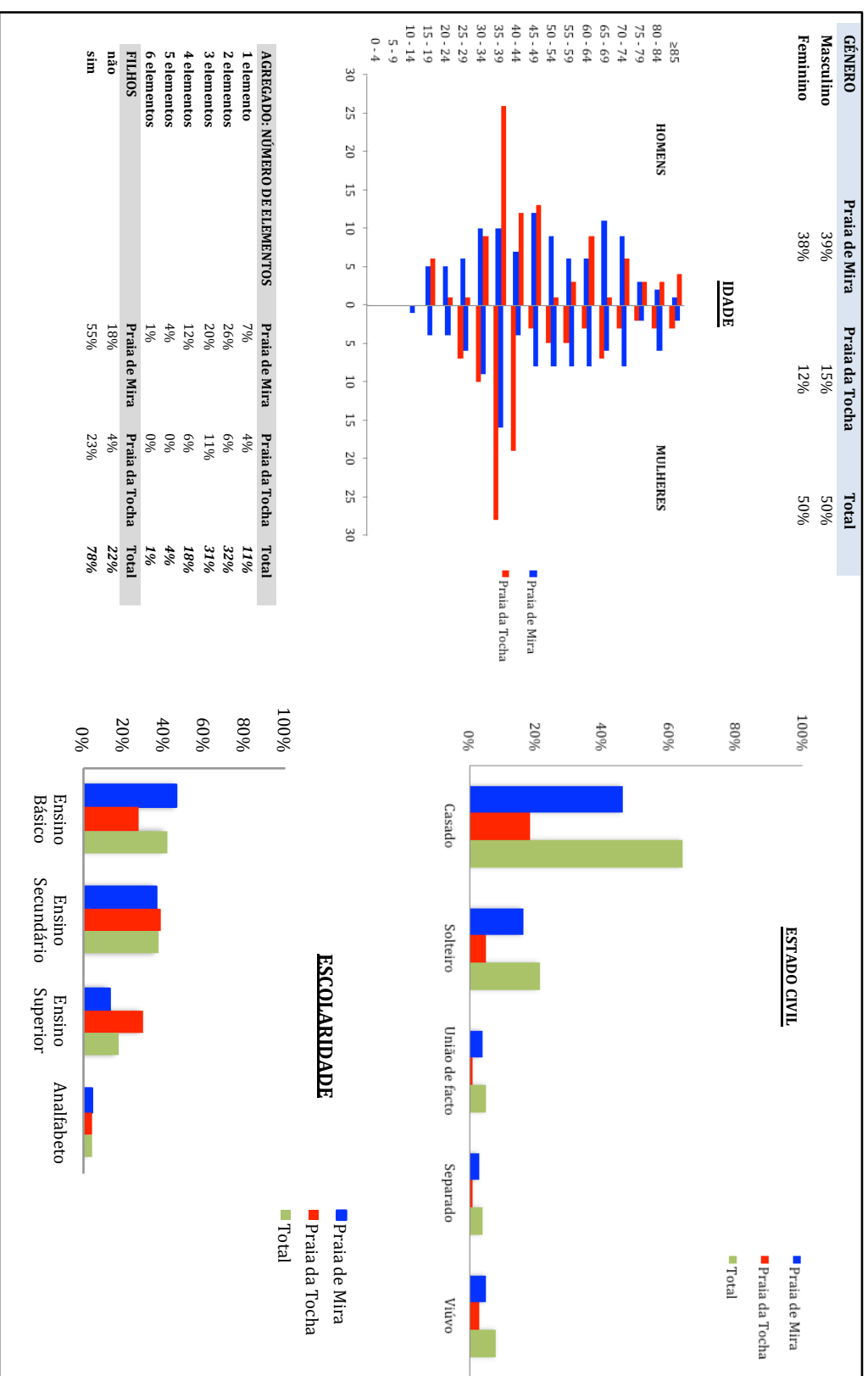


Figura 35: Caracterização geral da população residente, quanto ao género, à idade, estado civil, agregado familiar e escolaridade, em 2012
 Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Na Praia da Tocha destacam-se os adultos dos 35 aos 44 anos, com maior valor, 26 homens e 29 mulheres respectivamente, comparado com os restantes grupos e com a Praia de Mira. São valores da escala local que encontram conformidade com a escala nacional, conforme as estatísticas oficiais do INE, que dão conta em 2011, de um envelhecimento da população portuguesa, como referimos no ponto 1.2.1, página 97

É uma população que, relativamente ao **estado civil**, se reparte, no total de inquiridos nas duas localidades, maioritariamente por casados (64%), seguido de solteiros (21%), viúvos (7%), em união de facto (5%) e separados (4%). Os valores também refletem a tendência dos valores nacionais, e que se encontram referenciados no quadro 13, elaborada a partir dos valores do INE.

PORTUGAL	casado	solteiro	união de facto	separado	viúvo
	47%	40%	7%	6%	7%

Quadro 13: Repartição da população residente segundo o estado civil, em percentagem, em Portugal em 2011,

Fonte: INE, 2011

Salientamos, no entanto, que nas localidades em estudo, os valores são superiores para os casados e solteiros, com 64% e 21%, respectivamente, e em relação aos valores nacionais, há mais casados e menos solteiros, sendo que é na Praia de Mira que estes valores encontram maior expressão, fazendo-a sobressair das localidades em estudo. Do total de casados inquiridos 46% estão na Praia de Mira e 18% estão na Praia da Tocha. Do total de solteiros inquiridos, 16% estão na Praia de Mira e 5% estão na Praia da Tocha. Com estes valores somos levados a considerar que, e à semelhança da análise anteriormente feita referente à repartição por género, a Praia de Mira, de certo, por ser uma localidade com um povoamento mais antigo que a Praia da Tocha, e de estar melhor consolidado, é responsável por atrair e reunir em si, valores mais elevados.

Relativamente à dimensão do **agregado familiar**, a figura 35 revela que nas duas localidades, predominam agregados compostos por 2 e 3 elementos, estando em

linha com os valores médios nacionais apurados pelo INE, ou seja 2,6 elementos por família (INE, CENSOS 2011). Destes, é mais uma vez na Praia de Mira que se verifica uma maior frequência destes valores, 2 e 3 elementos no seio familiar, estando, de certo, em conformidade com o que já anteriormente referimos, de que se trata de uma localidade mais consolidada do ponto de vista demográfico, em relação à Praia da Tocha. O número de **filhos**, no total de inquiridos nas duas localidades, a maioria tem filhos, com 78% a terem filhos e 22% a não terem filhos. São localidades onde os filhos fazem parte da realidade do agregado das famílias. A Praia de Mira tem essa característica mais evidenciada que a Praia da Tocha, corroborando o que já foi dito, que é um lugar de características familiares mais desenvolvidas e enraizadas, fruto talvez, da sua antiguidade mais consolidada enquanto lugar de residência permanente.

No que diz respeito ao nível de **escolaridade**, e tomando por referencia os valores médios da população portuguesa, a qual reúne 58% com o ensino básico; 18% com o ensino secundário; 14% com o ensino superior e 10% são analfabetos (INE, CENSOS 2011), verificamos que para a população residente das localidades em estudo, considerando o total de inquiridos nas duas localidades, 41% tem o ensino básico; 37% tem o ensino secundário; 18% % tem o ensino superior e 4% são analfabetos (figura35). Os lugares em estudo, apresentam valores do ensino básico inferiores à escala nacional, e quanto ao ensino secundário apresentam níveis superiores em dobro dos valores nacionais. O ensino superior tem na Praia de Mira valores mais próximos da média nacional e mais elevados na Praia da Tocha, com 30%. Também os níveis de analfabetismo nestes lugares são bem inferiores à realidade nacional. São, portanto, lugares formados por uma população alfabetizada. Na investigação realizada na Praia de Mira em 2004 por Santos²³, os valores apurados por este autor ainda se mantêm, 8 anos depois. Saliente-se que a Praia da Tocha regista 1% de analfabetos, correspondendo a 4 inquiridos com idade superior a oitenta anos. Devem ser, portanto, os sujeitos naturais deste lugar, que aqui nasceram, e que, no seu tempo de infância, não frequentaram a escola. Este aspecto da escassez de indivíduos naturais da localidade da Praia da Tocha reporta-nos para a

²³ Obra citada

questão da mobilidade demográfica, que condicionou o povoamento e ocupação desta. Assim, atendendo à mobilidade, aos movimentos migratórios, que se fizeram e fazem sentir na região gandaréza, CRAVIDÃO (1992, pág. 441), refere mesmo que nos anos oitenta “... um movimento de retorno, traz à Gândara centenas de indivíduos provenientes da Europa”, evidenciando que este fenómeno ainda assume relevância no povoamento e ocupação destes lugares do litoral, nesta década. A origem dos inquiridos corresponde ao exposto no quadro seguinte, através da naturalidade e nacionalidade.

NATURALIDADE	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Localidade	55%	1%	56%
Fora da localidade	18%	26%	44%
NACIONALIDADE	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Portuguesa	72,2%	26,5%	99%
Europeia	0,0%	0,6%	1%

Quadro 14: Naturalidade e nacionalidade da população residente

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Quanto à **naturalidade** dos inquiridos, o quadro 14 diz-nos que, do total de inquiridos nas duas localidades, a maioria, 56%, declarou que são naturais das localidades inquiridas e os restantes declararam que são naturais de fora da localidade, 44%. Dos que responderam que são naturais dos lugares, a grande maioria são residentes da localidade da Praia de Mira, com 55%, e muitos poucos são naturais da localidade da Praia da Tocha, com 1%. Do total de inquiridos que declararam não serem naturais dos lugares em estudo, 18% residem na Praia de Mira, e em maior número, 26% residem na Praia da Tocha. Os valores apurados corroboram a literatura produzida²⁴, quando nos diz que a Praia de Mira tem um povoamento permanente mais antigo que a Praia da Tocha. Interessante verificar que as pessoas mais idosas inquiridas, com idade superior a oitenta anos, referiram aquando das entrevistas desenvolvidas no trabalho de campo, que os seus pais tinham nascido na Praia de Mira. Os inquiridos que afirmaram não serem naturais do lugar, que é uma população bem mais jovem, na faixa etária entre os 20 e 40 anos,

²⁴ Esta informação resultou das investigações dos anos 50 do séc. XX, feitas pela professora Raquel Soeiro de Brito, alegando que a génese do lugar é do século XIX, com o registo de nascimentos no referido lugar, e que já referimos anteriormente.

responderam maioritariamente que são oriundos dos concelhos da região centro, como Cantanhede, Vagos ou Mealhada, e/ou estrangeiros, como sendo originários de países europeus e Brasil. Esta população está envolvida nas correntes migratórias da região centro, já abordadas recentemente por Santos²⁵, e que os resultados também corroboram. A população da Praia da Tocha é quase na totalidade oriunda dos lugares próximos, como a Vila da Tocha e aldeias das redondezas. Em valores absolutos registaram-se 6 indivíduos que declararam serem naturais da Praia da Tocha, e tendo estes mais de 85 anos. Os valores encontram uma relação com os dados do INE para o lugar da Praia da Tocha em 1970, que registou 10 residentes no referido lugar. Esses indivíduos, pela sua idade, correspondem aos sujeitos contabilizados pelo INE em 2011, com 85 anos. Os resultados referentes à naturalidade da população, leva-nos a reforçar posições e ensinamentos de autores que já estudaram o lugar, nomeadamente RODRIGUES (1972). Como também já oportunamente referido, a Praia de Mira, enquanto lugar de residência permanente, tem uma origem bem mais antiga que a Praia da Tocha, com uma população residente e permanente todo o ano, com cem anos de antecedência em relação à Praia da Tocha. Este aspecto demográfico e de povoamento condiciona a própria dinâmica evolutiva dos lugares em outros domínios, que o tempo presente nos mostra.

A **nacionalidade** dos inquiridos, também referenciada no quadro anterior, este diz-nos que do total de inquiridos nas duas localidades, os inquiridos distribuem-se maioritariamente pela nacionalidade portuguesa nos lugares em estudo, e um pequeno número de nacionalidade europeia ou de outra nacionalidade. Do total de portugueses inquiridos nas localidades, quase todos vivem nos lugares em estudo, com 99% de respostas. Do total de estrangeiros de origem europeia inquiridos nas localidades, ninguém vive na Praia de Mira e uns resíduos vivem na Praia da Tocha, com 1%. Na Praia da Tocha os estrangeiros (holandeses), são os proprietários da escola de surf, que a dinamizam. Na Praia de Mira os estrangeiros residentes referem-se a nacionalidades fora da Europa, nomeadamente brasileiros que aí residem. Em ambas os lugares os residentes estrangeiros vivem há poucos anos nas referidas

²⁵ Obra citada

localidades. São, portanto, lugares com maioritariamente residentes nacionais e que também nos contam uma experiência de vida com migrações internas e externas.

Abordar a naturalidade e nacionalidade das populações residentes nos lugares em estudo, reporta-nos para experiências migratórias existentes neste território, constituindo estas fatores importantes para o povoamento e ocupação do mesmo. Assim, a experiência de **viver em outro país**, é-nos dada pelo quadro seguinte, que também pretendemos que traduzisse o *onde, durante e há quanto tempo regressou*.

RESIDIU EM OUTRO PAÍS	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Não	54%	22%	76%
Sim	19%	5%	24%
RESIDIU EM OUTRO PAÍS: ONDE?	Praia de Mira	Praia Tocha	Total
Europa	39%	20%	59%
Fora Europa	40%	1%	41%
RESIDIU EM OUTRO PAÍS: QUANTO TEMPO?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
1 ano	34%	12%	46%
2 anos	45%	8%	53%
3 anos	0%	1%	1%
RESIDIU EM OUTRO PAÍS: HÁ QUANTO TEMPO REGRESSOU	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
1 ano	28%	10%	38%
2 anos	51%	10%	61%
12 anos	0%	1%	1%

Quadro 15: Experiência de viver em outro país,
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Os valores do quadro 15 revelam que 76% das populações residentes nos dois lugares em estudo nunca viveram fora do país, enquanto 24% referiram que sim, que já tinham residido. A Praia de Mira tem valores superiores a metade dos residentes inquiridos (54%), que afirmaram nunca terem residido em outro país. Santos²⁶ em 2008, na Praia de Mira, apurou que seriam cerca de 40% os que já tinham vivido no estrangeiro. Esta discrepância deve-se, de certo, ao facto de alguma população ter regressado à emigração de forma permanente, por um lado, e por outro, a emigração é na maioria uma migração de carácter sazonal, que ocorre na época da pesca, na

²⁶ obra citada

primavera e verão, para a pesca do largo, saída dos portos de Aveiro e Figueira da Foz. No período de defeso²⁷ os homens não se fazem ao mar, por razões climatéricas e de disponibilidade de pescado. Os nossos inquéritos foram aplicados no verão e outono de 2012, no período em que há emigração sazonal ligada à pesca. A Praia da Tocha recolhe uma população que nunca esteve a trabalhar e a viver fora. Os fundamentos encontram-se na característica já mencionada anteriormente, por se tratar de uma população mais jovem, no início da vida ativa e contributiva, onde a experiência de viver no estrangeiro ainda não foi vivida, por razões de oportunidade. Estes aspectos foram referidos nas entrevistas realizadas. O valor de 5% de respostas da população encontrada na Praia da Tocha que já viveu fora, referem-se a alguns estrangeiros que vivem na localidade e alguns reformados. Neste lugar não há pescadores como na Praia de Mira.

Relativamente ao **país onde já residiu**, o citado quadro regista que do total de inquiridos nas duas localidades que residiram no estrangeiro, a tabela referenciada mostra que 59% residiu na Europa e 41% residiu fora da Europa. A Praia de Mira evidencia uma equidade entre o Europa e fora da Europa. As entrevistas revelaram que a Europa oferece a possibilidade de trabalho na pesca, sobretudo nos barcos franceses e espanhóis. Fora da Europa é a África do Sul, Canada e Chile, que por serem países pesqueiros, absorvem esta mão de obra, que não sendo qualificada do ponto de vista técnico, tem uma especialização empírica adquirida de geração em geração na arte da pesca. Na Praia da Tocha, os poucos residentes que já viveram no estrangeiro, foram emigrantes em países europeus. Uns resíduos de ex-emigrantes foram-no nas Américas.

Nas questões que idealizámos referentes à duração de permanência no estrangeiro e há quanto tempo regressou, o quadro 15 diz-nos que a **permanência no estrangeiro** é curta em ambas as localidades, com 46% para quem residiu num outro país durante 1 ano e 53% para quem permaneceu durante 2 anos e somente 1% durante 3 ou mais anos. A permanência no estrangeiro relaciona-se e caracteriza

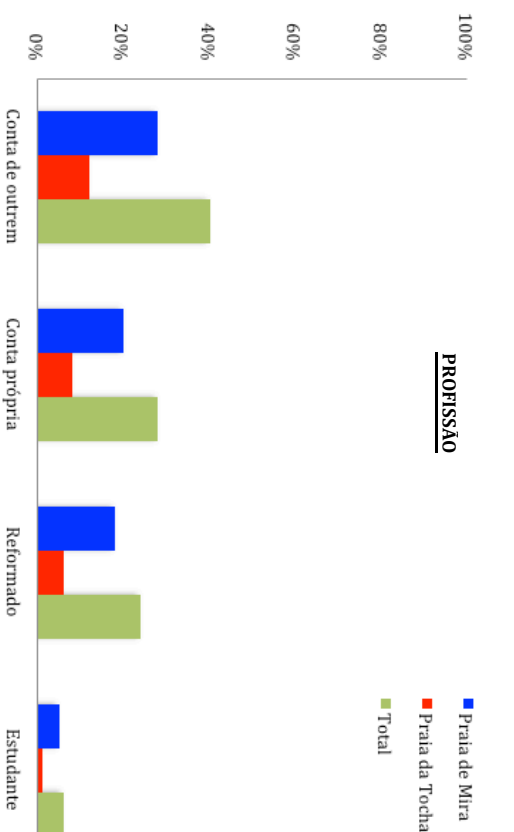
²⁷ conceito utilizado na gíria dos pescadores, e que corresponde ao tempo em que permanecem em terra, não se pescando, para *defender* o pescado (quando só há juvenis) e a eles próprios (quando o mar está agitado)

o tipo de migração que caracteriza esta população, que é temporária, de curta duração, pois só acontece apenas no período da safra nos barcos pesqueiros europeus.

No que toca à questão que se refere **há quanto tempo regressou**, o mesmo quadro 15 também nos diz que há correspondência quanto ao tipo de migração, que sendo temporária, do total de inquiridos nas duas localidades, 38% regressou há 1 ano e 61% regressou há 2 anos, sendo que é na Praia de Mira que o fenómeno ocorre quase na totalidade. Como é uma emigração temporária e que se repete por ciclos, sobretudo na Praia de Mira, o tempo de regresso é semelhante ao tempo em que vive no estrangeiro, no caso embarcado. Os maiores valores absolutos registam-se na Praia de Mira, pelas razões de antiguidade e consolidação do lugar, como oportunamente já referimos, mas também pela própria natureza e essência do lugar, lugar como origem na exploração de recursos pesqueiros, onde a pesca ainda é um importante contributo para garantir rendimentos familiares, sendo que, os emigrantes da Praia de Mira são maioritariamente mão de obra pesqueira, dotada de sazonalidade marítima, e trabalhos temporários nos países europeus. Na Praia da Tocha os emigrantes são sobretudo mão de obra temporária nos país da Europa. Não se inquiriu na Praia da Tocha nenhum pescador ou ex-pescador.

Passaremos seguidamente a abordar a atividade económica desenvolvida nas localidades em estudo e quantificada na figura seguinte.

CASOS DE ESTUDO: PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA



	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
EXERCE OUTRA ACTIVIDADE ECONÓMICA?			
Não	62%	25%	87%
Sim	11%	2%	13%
EXERCE OUTRA ACTIVIDADE ECONÓMICA: QUAL?			
Conta outrem	9%	5%	14%
Conta própria	81%	5%	86%

	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
EMPREGO: TEMPO DE DESLOCAÇÃO			
Menos 15 minutos	60%	12%	72%
Mais 15 minutos	13%	15%	28%
EMPREGO: MODO DE DESLOCAÇÃO			
Transporte próprio	72%	27%	99%
Transporte público	1%	0%	1%

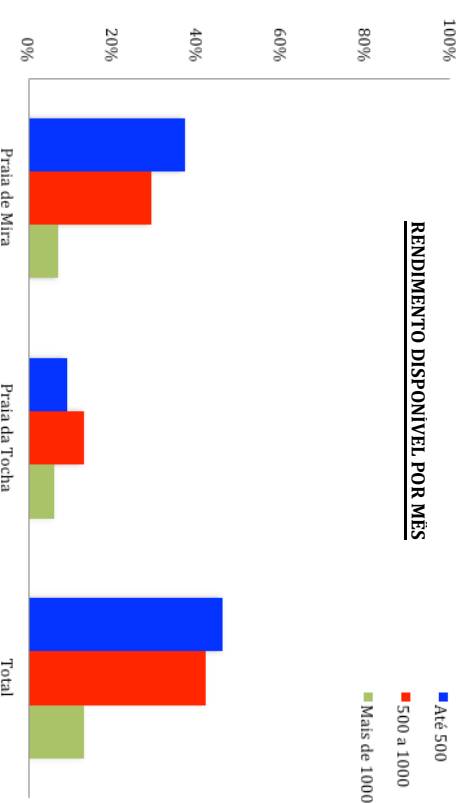
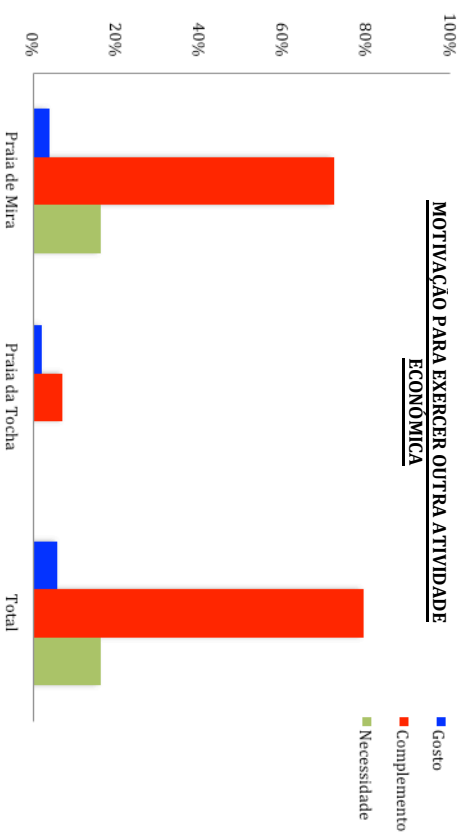


Figura 36: Inserção da população residente da Praia de Mira e Praia da Tocha quanto à atividade económica desenvolvida em 2012
 Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

A população residente distribui-se maioritariamente pelas atividades económicas por conta de outrem (40%), seguido por conta própria (28%), e por fim, a situação de reformados (24%). Os estudantes correspondem aos jovens que vivem em cada lugar. Na Praia de Mira destaca-se por ser o lugar com mais efetivos em todas os sectores profissionais, facto que se deve a ser o lugar que mais população residente reúne em termos absolutos, comparativamente com a Praia da Tocha. São valores que se encontram em conformidade com a tendência nacional, segundo o INE para 2012²⁸, e que se situam em 60,8% de população a exercer uma actividade económica por conta de outrem e os restantes por conta própria, reformados estudantes.

A maioria da população residente está ativa em relação aos dependentes, que totalizam 33%. A Praia de Mira tem mais dependentes, estudantes e reformados, que a Praia da Tocha. Esta realidade reflete-se nos espaços de socialização públicos, onde o convívio se realiza com mais regularidade por reformados e pelo grupo dos jovens. Cafés, esplanadas e as margens da Barrinha são o palco preferencial da socialização. Saliente-se que é a Praia de Mira que reúne uma população mais envelhecida, logo, reformada, dependente, e mais jovens dependentes.

Para além da profissão principal, os habitantes dos lugares de estudo tem outras atividades profissionais paralelas. Os valores referentes a este ponto, e registados na figura 36, revela-nos que as populações dos dois lugares em estudo, na grande maioria, não exercem outra atividade económica, com 87% a referir que não e 13% a responder que sim. Dos que exercem, é a população residente da Praia de Mira que reúne valores a considerar. A Praia da Tocha, em termos absolutos, traduzem-se por três famílias que se dedicam ao artesanato para venda própria e atividades agrícolas na sua terra natal, aldeia próxima da localidade em estudo, para venda nos mercados da vila da Tocha.

²⁸ valores publicados em:

[http://www.pordata.pt/Portugal/Trabalhadores+por+conta+de+outrem+total++sem+e+com+ensino+secundário+completo+\(percentagem\)-3016](http://www.pordata.pt/Portugal/Trabalhadores+por+conta+de+outrem+total++sem+e+com+ensino+secundário+completo+(percentagem)-3016), acedido em 18 outubro de 2016

Também nos revelam os valores anteriores que, quem exerce outra atividade económica, a grande maioria nos lugares em estudo, exerce por conta própria. Na Praia de Mira a agricultura é a principal ocupação. O lugar, como já referido, tem vastos e férteis campos agrícolas. Produzem sobretudo legumes e leguminosas que depois são vendidos no mercado local e na fábrica de conservas, na Praia de Mira. Por conta de outrem, são indivíduos que ao fim de semana prestam apoio em cafés e restauração, no comércio e serviços, na maioria dos casos. Na Praia da Tocha há uma equidade na distribuição por conta de outrem e por conta própria. Neste lugar e por conta própria, os indivíduos dedicam-se a atividades artesanais e agrícolas nas suas terras de origem, como referido no parágrafo anterior, uma vez que a população residente é natural de aldeias próximas da Praia da Tocha. Por conta de outrem, à semelhança da Praia de Mira, dedicam-se a atividades de serviços em cafés, restauração e comércio, quer no referido lugar, quer na vila da Tocha.

As motivações que se prendem com o exercício de outra atividade económica, também se encontram quantificadas na figura 36. Pela tradução dos valores apurados, eles dizem-nos que é o complemento aos rendimentos disponíveis e a necessidade de os aumentar, que está na origem e necessidade de se criar e ter outra fonte de rendimentos para o orçamento familiar, fazendo-o aumentar. A Praia de Mira reúne mais respostas favoráveis para se ter outra fonte de rendimento, do que na Praia da Tocha. Este facto irá ajudar a compreender o ponto relativo aos rendimentos mensais disponíveis.

Como referido, a necessidade e a complementaridade aos rendimentos familiares disponíveis são as grandes motivações para que se pratiquem outras atividades profissionais, para além do emprego e profissão principal, nas localidades em estudo. De certo, os salários auferidos não devem ser suficientes para fazer cobrir às despesas mensais do agregado familiar. A Praia de Mira, como salientado, apresenta o maior valor. Esta evidência é ampliada e ainda se prende com a atividade económica original deste lugar de se ter duas ocupações: explorar os recursos do mar no verão e os da terra no inverno, na época do defeso. Como anteriormente aludido, foi a possibilidade de se explorar a terra disponível na localidade, por esta ser arável

e fértil, para a prática agrícola, que representou garantia de sustento às famílias na época de defeso e determina a ocupação permanente do lugar. Na atualidade, e corroborando a análise anterior, em que se mostrou que a atividade por conta própria é a que tem maiores efetivos, a iniciativa individual de exercer outra atividade económica, com a finalidade de ajudar as despesas da família, é identidade local. A posse de uma leira de terra e/ou um quintal é de extrema importância para estas populações mirenses. Os valores obtidos pela necessidade evidencia uma população com alguma carência material e recursos financeiros no seu dia-a-dia. A Praia da Tocha respondeu com valores muito baixos, 2% do total nos dois lugares em estudo, para afirmar que exerce outra atividade económica. Dos que a exercem, para o justificar, os valores também são muito baixos. As razões destes valores prendem-se, de certo, no facto de a Praia da Tocha ser formada essencialmente por uma população mais jovem e com escolaridade mais elevada, que lhes proporciona empregos mais rentáveis, com rendimentos mais elevados, capazes de fazer frente às despesas familiares. No ponto relativo aos rendimentos mensais disponíveis, iremos mostrar essa evidência.

As deslocações para os empregos, tempo despendido no percurso e modo de transporte, relacionados com os movimentos pendulares ligados ao trabalho, estão mencionados na imagem 36, que mostra que o **tempo de deslocação** para o emprego nos dois lugares é na maioria inferior a 15 minutos, indicando assim que as atividades laborais destas populações acontecem próximo dos lugares onde residem. A população residente da Praia de Mira, na maioria (82%), trabalha no lugar da sua residência, nas fábricas de conserva e madeiras, na aquacultura e nos serviços públicos do concelho. As população residente da Praia da Tocha, na sua maioria (56%), trabalham a mais de 15 minutos, mais em concreto, nos serviços na Vila da Tocha e na Figueira da Foz, deslocando-se em veículos próprios, conforme imagem 36. Assim, somos levados a considerar que este tempo de deslocação para os empregos dá-nos pistas para que possamos aludir que a Praia de Mira é dotada de infraestruturas capazes de ocupar os seus habitantes numa atividade laboral, em contra ponto com a Praia da Tocha que não possui meios de segurar os seus

habitantes para aí desenvolverem atividade profissional, tendo estes que trabalhar fora da localidade.

O transporte público funciona na Praia de Mira e não há disponibilidade deste na Praia da Tocha. Na Praia da Tocha a prática de boleia entre amigos é comum, pois muita gente trabalha nas mesmas empresas, nas mesmas repartições ou em edifícios próximos uns dos outros.

Para findar a análise relativa à caracterização geral dos residentes das localidades, abordar o **rendimento disponível** destas populações irá contribuir, de certo, a compreender melhor práticas, comportamentos e vivências locais, a que já fizemos referência. O gráfico contido na imagem 36 mostra-nos que os habitantes da Praia da Tocha possuem mais rendimentos disponíveis que a Praia de Mira. Ainda segundo o INE, relativamente ao ano de 2012, este refere que o salário médio em Portugal situava-se numa média de 1000€/mês, aproximadamente. Ora esse valor é atingido na Praia da Tocha, chegando a ultrapassá-lo, somando os intervalos correspondentes entre os 500€/mês e superior a 1000€/mês. Na Praia de Mira os rendimentos são na maioria até 500€/mês. Por comparação, a população residente da Praia da Tocha tem maior rendimento/mês do que a população residente da Praia de Mira. Este aspecto é evidenciado também na questão já abordada anteriormente, no facto de se exercer outra atividade económica para além da profissão exercida, onde as respostas incidiram afirmativamente, justificando a prática como um complemento aos rendimentos disponíveis, e mesmo, a uma necessidade de os aumentar. Relacionar os rendimentos disponíveis com a escolaridade dos inquiridos, leva-nos a encontrar uma dissociação entre variáveis, pois a Praia de Mira tem mais indivíduos com curso superior e é o lugar com menores níveis de instrução. Somos portanto em crer que, não obstante os níveis de instrução dos residentes da Praia da Tocha serem mais baixos que os da Praia de Mira, talvez sejam as remunerações auferidas, ligadas à especialização profissional que possuem, que seja responsável pelos rendimentos obtidos pelo trabalho, por estes habitantes recém chegados à Praia da Tocha para aí iniciarem um projeto de vida.

2.2.2 – ALOJAMENTO, ARRENDAMENTO E MOTIVAÇÕES

No nosso propósito para melhor compreender as dinâmicas territoriais ocorridas nos lugares em estudo, chegámos ao ponto que nos leva a perceber as motivações dos residentes das praias em questão em arrendar os seus espaços familiares, total ou parcialmente, ampliando a forma informal de oferta turística na vertente do alojamento a veraneantes, para melhor responder às necessidades dos mesmos. Entender essas motivações, questionando-as à população residente, passou pela análise das respostas dadas às questões relacionadas com o regime de propriedade e tipologia da habitação, se a arrenda ou não, assim como as características desse arrendamento, tais como há quanto anos arrenda, em que época, número de ocupantes, se convive no espaço com os hóspedes ou não, se oferece serventia de cozinha, número de hóspedes, reincidentes ou não e duração da estada e preços, bem como, as razões desse arrendamento.

O quadro seguinte indica-nos o regime de propriedade e a tipologia das habitações, nas localidades em estudo.

REGIME DE PROPRIEDADE	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Própria	54%	22%	76%
Arrendada	6%	3%	9%
Outra	13%	3%	16%
TIPOLOGIA	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Vivenda	61%	23%	84%
Apartamento	12%	4%	16%
Outro	0%	1%	1%

Quadro 16: Características da habitação na Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012, quanto ao regime de propriedade e tipologia

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

No total das duas localidades é a habitação própria (76%) de tipo vivenda (84%) que predomina, em relação a outros vínculos de propriedade e tipos. Os valores referentes ao regime de propriedade encontram-se de acordo com os valores nacionais, publicados pelo EUROSTAT²⁹ e referentes a Portugal em 2012, situando-se estes nos 75% de habitações pertencentes aos ocupantes. No que diz respeito à tipologia de habitação, e em comparação com os valores nacionais, também a referida publicação do EUROSTAT referente a Portugal em 2012, dá conta de valores bem diferentes, situando a realidade lusa com pouco mais de 50% de vivendas em relação à tipologia de apartamentos, enquanto nas povoações em estudo situam-se acima de 80%, números redondos. Por lugar, a realidade das variáveis acima tratadas é igual ao todo, ou seja, há mais vivendas que outras tipologias e são de propriedade dos habitantes da Praia de Mira e Praia da Tocha.

Somos em crer que a tipologia de habitação – vivenda – e o regime de propriedade – habitação própria – favorece bastante a prática informal de arrendamento a turistas. Conjugadas com outros factores que adiante abordaremos, as vivendas por serem maiores e dos próprios donos que nelas habitam, sem ter de dar satisfações a senhorios, tornam o fenómeno de arrendamento informal a veraneantes mais simples de acontecer, nas localidades em estudo.

O fenómeno de arrendamento informal a veraneantes em localidades litorâneas, sobretudo em épocas específicas de verão ou festividades de Natal, Carnaval e Páscoa, também foi abordado por outros autores em outras praias.

Na Praia de Vieira de Leiria o fenómeno foi abordado por SANTOS (1996), que lhe atribui um valor de 27% de arrendamentos informais do total de residências secundárias, e só estas, disponíveis. São Pedro de Moel foi referenciado por MOURÃO (1997, pág. 190) como sendo uma localidade onde se instalou “... *uma oportunista oferta paralela de casas e quartos para alugar, durante o Verão.*” Também no litoral noroeste português o fenómeno é evidente, chegando mesmo a ser responsável por

²⁹ http://ec.europa.eu/eurostat/statistics-explained/images/7/74/Distribution_of_population_by_dwelling_type%2C_2014_%28%25_of_population%29_YB16.png, acedido em 24 Setembro 2016

dar um dinamismo imobiliários às localidades litorâneas, que segundo MARTINS (2002, pág. 48) “O alojamento de ‘uso sazonal’, onde se inclui o do circuito informal, contribui igualmente para este dinamismo, apesar da sazonalidade da afluência ao litoral e as férias na praia, se confinarem cada vez mais ao mês de Agosto.”

Nos lugares em estudo a esmagadora maioria dos inquirido negaram a prática do arrendamento a veraneantes, com valor na ordem dos 81%, conforme, gráfico 4 , restando apenas cerca de 16% que responderam afirmativamente, e 3% que preferiram não responder, e também conforme o gráfico acima representado.

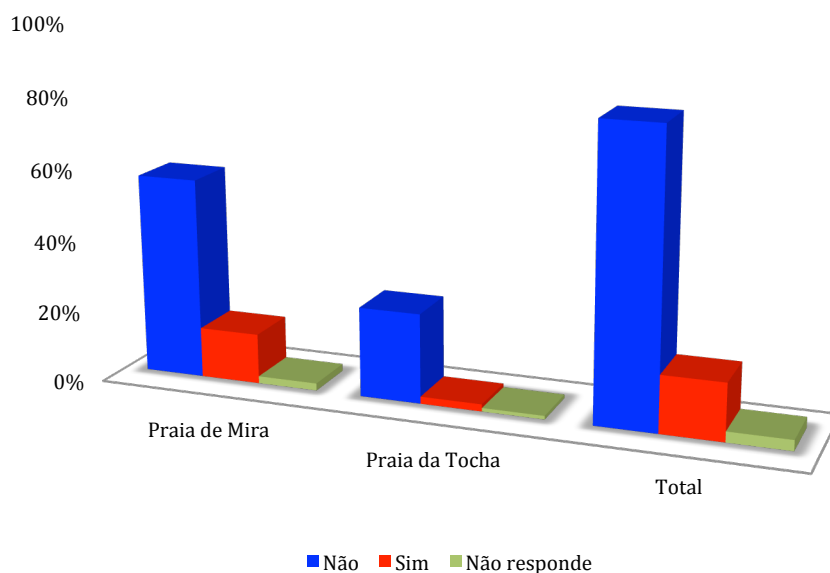


Gráfico 4: Arrendamento do imóvel a veraneantes em 2012

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Por lugar, destacam-se novamente os valores referentes aos que afirmaram que não arrendavam o imóvel, estando 56% dos inquiridos na Praia de Mira e 25% na Praia da Tocha. Das respostas afirmativas, 14% dos inquiridos encontram-se na Praia de Mira e 2% encontram-se na Praia da Tocha.

Os valores mais elevados desta variável encontram-se na Praia de Mira, pois como já referido, é o lugar com maior efetivo populacional residente, em relação à Praia da Tocha. Focando-nos na negação ao arrendamento informal, os valores

alcançados tão elevados prendem-se, de certo, com receio da fiscalização tributária, pois testemunhámos uma total ausência de arrendamento declarado, para além das unidades hoteleiras e similares consideradas. Testemunhámos também, no nosso trabalho de campo, com maior amplitude na Praia de Mira pelas razões de ser o lugar com mais residentes, a um levado e contínuo número de anúncios de *aluga-se quartos/casa de férias* afixados nas janelas das habitações, nas diferentes ruas. Somos a considerar que, e pelo que verificamos, há relação direta entre os elevados valores de negação ao arrendamento de casas/quartos a veraneantes e os anúncios publicados nas janelas das ruas.

Voltando-nos para as respostas afirmativas ao arrendamento, este acontece, e pelo que observámos no trabalho de campo realizado na localidade da Praia da Tocha, com grande amplitude e frequência nas áreas da localidade correspondentes aos núcleos habitacionais localizados a norte do lugar e nos prazos novos e velhos da localidade, pois são facilmente visíveis os anúncios em forma de placa, nos imóveis disponíveis para o efeito. São núcleos formados praticamente por moradias. Esta característica na tipologia das habitações vem ao encontro do que consideramos anteriormente que, a existência de moradias favorece, de certo, mais o arrendamento a turistas na época de maior procura, por oferecerem mais e melhores condições durante as férias.

As entrevistas realizadas apuraram também a informação de que os proprietários das habitações na época de verão vivem em anexos rurais que possuem nos terrenos agrícolas que exploram. São anexos construídos também para esse fim, segundo as nossas investigações desenvolvidas no trabalho de campo. Os terrenos ficam geralmente afastados da habitação arrendada.

Na Praia da Tocha o fenómeno do arrendamento informal não é tão evidenciado. A evidência é-nos dada pelos valores apurados nas respostas obtidas pelo inquérito às populações residentes, mas também, e somos em crer, que por razões funcionais estas justificam os valores e práticas. Como já referido, a localidade desenvolveu-se como lugar de segunda residência. Tem uma ocupação sazonal pelos proprietários das habitações, onde a ocorrência do arrendamento a turistas da casa ou parte dela,

não acontece, porque efetivamente as habitações estão a ser usadas pelos proprietários. As entrevistas realizadas deram-nos indicação de que os valores que condizem a respostas afirmativas ao arrendamento, referem-se a apartamentos cujos proprietários são naturais das proximidades da Praia da Tocha, e aí vivendo de forma permanente. A proximidade da residência principal à Praia da Tocha, faz com que os proprietários dispensem a sua residência secundária ao arrendamento a turistas, pois sendo a distancia-tempo curta, rapidamente se alcança o lugar para aí se gozar momentos de sol e mar. Assim, o imóvel quando é apartamento é mais valorizado como um património para capitalizar rendimentos. Quando se trata de uma vivenda, esta é utilizada pelos seu proprietários, destinada ao lazer familiar, destinada a momentos de harmonia, longe da rotina diária, fora do ambiente habitual.

Apuramos também e durante o trabalho de campo, que o circuito do alojamento informal nas localidades em estudo assume diferentes intensidades e formas nos dois lugares. Na Praia de Mira é-o muito desenvolvido e enraizado no tempo, como adiante veremos, e acontece em vivendas. Na Praia da Tocha ocorre sobretudo em apartamentos disponíveis, há pouco anos e como também adiante iremos demonstrar, por estes serem entendidos como um capital imobiliário investido pelos proprietários, criando assim diferentes repercussões e representações nas localidades em estudo.

As questões que melhor caracterizam este circuito informal de arrendamento serão adiante tratadas. São questões que nos reportam para a antiguidade da prática, época em que ocorre, forma de convívio com os hóspedes e condições do alojamento, bem como o seu número, reincidência, duração de permanência e montante despendido. A tabela seguinte, exaustiva, tem inscritos os valores das variáveis consideradas para as duas localidades.

ARREnda IMÓVEL VERANEANTES: HÁ QUANTOS ANOS?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
1 ANO	1%	4%	5%
5 ANOS	4%	0%	4%
6 ANOS	3%	0%	3%
8 ANOS	0%	1%	1%
10 ANOS	16%	3%	19%
12 ANOS	4%	0%	4%
15 ANOS	12%	1%	13%
20 ANOS	14%	0%	14%
25 ANOS	11%	0%	11%
30 ANOS	11%	0%	11%
35 ANOS	1%	0%	1%
40 ANOS	11%	1%	12%
42 ANOS	1%	0%	1%
ARREnda IMÓVEL VERANEANTES: ÉPOCA?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Verão	89%	8%	97%
Todo o ano	0%	3%	3%
ARREnda IMÓVEL VERANEANTES: OCUPAÇÃO?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Totalidade	63%	8%	71%
Parte	26%	3%	29%
ARREnda IMÓVEL VERANEANTES: DIVIDE ESPAÇO COM HÓSPEDES?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Não	65%	7%	72%
Sim	25%	3%	28%
ARREnda IMÓVEL VERANEANTES: SERVENTIA DE COZINHA?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Não	3%	1%	4%
Sim	89%	10%	99%
ARREnda IMÓVEL VERANEANTES: TOTAL DE HÓSPEDES (média)	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
4 HÓSPEDES	2%	0%	2%
6 HÓSPEDES	2%	2%	4%
8 HÓSPEDES	6%	2%	8%
10 HÓSPEDES	27%	2%	29%
12 HÓSPEDES	44%	0%	44%
14 HÓSPEDES	4%	0%	4%
15 HÓSPEDES	2%	0%	2%
16 HÓSPEDES	9%	0%	9%
18 HÓSPEDES	2%	0%	2%
ARREnda IMÓVEL VERANEANTES: HÓSPEDES REINCIDENTES	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Não	13%	4%	17%
Sim	80%	3%	83%
ARREnda IMÓVEL VERANEANTES: DURAÇÃO ESTADA?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Até uma semana	1%	0%	1%
Mais de uma semana	85%	4%	89%
3 semanas	0%	7%	7%
4 semanas	3%	0%	3%
ARREnda IMÓVEL VERANEANTES: PREÇO MÉDIO POR NOITE (euros)	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
de 10 a 15 euros	6%	7%	12%
de 15 a 20 euros	84%	4%	88%

Quadro 17: Características do arrendamento informal na Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

A Praia de Mira destaca-se com os maiores valores absolutos em todas as variáveis consideradas, do somatório de ambas as localidades em estudo. Para esta realidade recordamos que é o lugar com maior efetivo populacional residente, em relação à Praia da Tocha.

Pelos valores, no total das localidades há uma tradição antiga e enraizada em ceder o alojamento a turistas que buscam o sol e mar como práticas de ócio e lazer. Os valores mais elevados encontram-se nos tempos mais longos, nos períodos entre os 10 e 40 anos. Particularizando o fenómeno, é na Praia de Mira que ele ocorre com maior amplitude. A antiguidade da localidade em arrendar, em comparação com a Praia da Tocha, prende-se, com o já referimos, baseado nos valores do INE, com o facto de ser também localidade mais antiga que Praia da Tocha em residências permanentes, permitindo, cremos, que haja maior disponibilidade de habitações para o fazer, e por outro, pelo facto de ser lugar mais consolidado. Há na localidade da Praia de Mira um conjunto de infraestruturas logísticas já criadas e instaladas que permitem desenvolver o fenómeno e faze-lo entrar no circuito informal de arrendamento.

É no verão que se desenvolve com maior amplitude a prática do arrendamento, segundo os dados da tabela anterior. No total das localidades, apenas 3% referiu que o faz durante todo o ano, e o fenómeno ocorre na Praia da Tocha. A Praia de Mira é exclusivamente, segundo os inquéritos, um lugar de ocupação sazonal de veraneio. A Praia da Tocha consegue atrair turistas noutras épocas fora da época alta de verão. Somos em crer que é o sossego, a tranquilidade e a identidade do localidade que fazem acontecer este fenómeno para além do verão. O conceito de *época alta* aplica-se com devida propriedade à Praia de Mira, pelos resultados alcançados.

Este fenómeno é frequente das praias portuguesas, pois corresponde ao tempo de verão, ao tempo de gozo de férias, e também aos períodos festivos. MOURÃO (1997) refere-se a este assunto abordando que em São Pedro de Moel a população flutuante concentra-se nos meses de verão e também nos períodos de Páscoa, Carnaval e Fim-de-Ano.

Quanto a ocupação do imóvel pelos veraneantes, os valores registados no quadro anterior mencionam que o *modus operandi* do arrendamento nas duas localidades, corrobora o que já mencionamos anteriormente. Na Praia de Mira as vivendas são mais propícias para serem cedidas em parte. As suas dimensões e arquitetura estão mais vocacionadas para esta prática. Pela observação empírica constatou-se que nas vivendas mais antigas há uma adaptação para este arrendamento. Nas vivendas mais recentes, os anexos que fazem parte do imóvel, já estão adaptados para acolherem os seus proprietários na época de verão, cedendo a casa aos turistas. Na Praia da Tocha, como também já anteriormente referido, os imóveis mais propícios ao arrendamento são apartamentos. Estes não estão adaptados para serem arrendados em frações, como uma vivenda. Os valores mais baixos dos que responderam que arrendam parte do imóvel, encontram nesta contingência, fundamento.

De igual modo, a divisão e comunhão do espaço arrendado entre os proprietários dos imóveis e os turistas, e a disponibilidade de cozinhar, acesso a cozinha e demais utensílios que respondem às necessidades de uma família em tempo de férias, tem as mesmas relações e proporções que a ocupação da casa. Na partilha do espaço com os turistas, os valores do quadro anterior mostram que dois terços dos proprietários não divide espaço com hóspedes e um terço fá-lo. Na Praia de Mira o valor é mais evidente, talvez, por se prender com as características da tipologia da habitação (vivendas mais espaçosas) e, por outro lado, com a tradição em arrendar à mesma família há décadas, como adiante veremos. Os baixos valores (3%) no convívio com hóspedes na Praia da Tocha, somos a crer que, e como já aludido pela tipologia de apartamentos que predominam e pela natureza de dimensões menores, não favorecem, de certo, o convívio entre hóspedes, dando-lhe privacidade em simultâneo.

No que toca ao aceso e disponibilidade de cozinha, nas duas localidades, a quase totalidade de inquiridos referiu que sim, que disponibiliza cozinha. Estamos pois, portanto, diante de um conforto garantido e oferecido aos turistas neste alojamento informal.

Em suma, e pelos resultados obtidos, há uma relação entre a tipologia de habitação e a ocupação e convívio entre turistas e proprietários dos imóveis. As vivendas da Praia de Mira, por serem maiores e já adaptadas para o efeito, proporcionam, com certeza, um convívio entre hóspedes e proprietários. Os apartamentos da Praia da Tocha permitem uma ocupação quase exclusiva pelos veraneantes que arrendam o imóvel para aí passarem as suas férias, pois os proprietários não necessitam deles, não os ocupam, porque por um lado eles representam capital investido para se valorizar, e por outro, são pessoas que vivem em aldeias próximas à Praia da Tocha, fazendo-se chegar rapidamente à praia.

O total de hóspedes que se hospedam nos lugares por alojamento situam-se entre 10 e 12, por ano. Este valor ocorre na Praia de Mira, e na Praia da Tocha também é este o valor que apresenta números dignos de registo, apesar de rondarem os 2%. Recordamos e salientamos que as vivendas disponíveis na Praia de Mira tem maior capacidade de alojamento, que os apartamentos disponíveis da Praia da Tocha, o que, de certo, justificará a capacidade de alojamento na ordem da dezena de pessoas registadas nessa praia.

Para além da capacidade de alojamento, a tradição na prática de arrendar o imóvel a turistas, num tempo longo como já analisámos, cria laços entre os proprietários e os turistas que arrendam os imóveis, levando à reincidência nos anos vindouros. Essa evidência é-nos dada pelos valores apurados nos lugares, e destes, é na Praia de Mira que o valor atinge 80% com respostas afirmativas. A antiguidade do lugar amplifica esta particularidade da reincidência de férias de uns anos para os outros na mesma casa. O fenómeno, antigo e relacionado, de certo, com um bem receber por parte dos proprietários, aliado a uma satisfação sentida por quem ocupa os imóveis no verão, cria também a toponímia da localidade. Na Praia de Mira atribui-se à ruas do lugar nomes de cidades da região centro. São as cidades de origem dos turistas que ocupam a maioria dos imóveis da rua. Rua de Viseu, Avenida Cidade de Coimbra, são alguns exemplos.

A duração da estada dos veraneantes indica, entre possíveis, o grau de satisfação e conforto pelo imóvel que arrendam, bem como o preço que pagam pelo

tempo de estada. Assim, e analisando a duração da estada dos turistas nos lugares em estudo, o valor do total dos inquéritos realizados nas duas localidades, diz-nos que é a *quinzena* o período de tempo escolhido para férias nos lugares, sendo a Praia de Mira, mais uma vez, a preferida. A particularidade neste ponto, assenta na Praia da Tocha que regista, no intervalo dos valores que apresentou, um maior valor na estada, em três semanas, estando, de certo, em conformidade com o tipo de ocupação verificada, correspondendo esta à residência secundária dos veraneantes.

Acrescentamos ainda que, o conceito temporal de *quinzena* assume na Praia de Mira um significado muito para além de tempo de arrendamento de onde provem rendimentos para os proprietários das casas e quartos. Verificámos durante o trabalho de campo que é um conceito que sintetiza convívio com um *outro*. É um tempo de conhecer o *novo*. É um tempo onde o imaginário colectivo viaja muito para além do lugar, ouvindo as histórias de outras paragens desconhecidas contadas por quem aqui se dirige. É um tempo de aprender novos hábitos, novas práticas e novas realidades. É um tempo de confronto de personagens que vivem em *mundos*, realidades e registos bem diferenciados. É um tempo novo que todos os anos acontece em Agosto e assume uma baliza temporal bem mais forte que o significado da passagem de ano, no calendário da população local. Na Praia da Tocha, e pelas características de povoação de segunda residência que possui, e que já abordamos, a duração da estada verificada é maior, com um intervalo de tempo de 3 semanas, porque de certo, as vivendas são maioritariamente usadas pelos seus proprietários como residência de férias e fins de semana, como aludimos anteriormente.

O preço médio cobrado por noite nos lugares, o quadro anterior também regista que do total dos inquéritos respondidos nas duas localidades à questão, são valores a rondar os 20€ por noite que mais se praticam nestes lugares, sendo a Praia de Mira a localidade com mais respostas com esse montante. Na Praia da Tocha predominam os valores mais baixos. Estes rendimentos, apuramos no trabalho de campo, são determinantes para aumentar a disponibilidade de recursos do agregado familiar, como a seguir abordaremos melhor esta questão.

Neste assunto, SANTOS (1996) refere que na Praia da Vieira de Leiria e Praia de São Pedro de Moel, os valores apurados pela autora há vinte anos correspondem em certa media ao que se verifica nos lugares em estudo, bem como a finalidade do dinheiro conseguido com este arrendamento “*obter uma forma de rendimento e, sobretudo, conseguir deste modo uma ajuda para a manutenção da residência...*” (*idem*, pág. 149).

Estando esta atividade inserida num circuito informal de arrendamento a turistas, os valores cobrados ficam muito aquém dos valores praticados pela hotelaria registada e disponível nos lugares de estudo. As entrevistas realizadas com os operadores turísticos oficiais e a observação empírica do fenómeno, deu-nos a informação de que não há descontentamento por parte dos operadores em relação à prática informal de arrendar imóveis particulares, nem tão-pouco a expansão e desenvolvimento deste. As razões assumidas prendem-se com a disponibilidade da procura de alojamento por parte dos consumidores ser grande e suficiente para todos os interessados da atividade turística.

A disponibilidade de alojamentos hoteleiros oficiais nos lugares em estudo são de 5 unidades na Praia de Mira, e a Praia da Tocha não tem nenhuma. Numa pesquisa feita no dia 8 de março de 2016 nos anúncios oficiais de hotelaria, para a primeira semana de Agosto, na Praia de Mira os preços rondam 750€, e só restava 1 quarto em 4*, cobrando, portanto, 107€/noite. No aldeamento *MiraVillas*, uma *villa* para o mesmo período custa 1680€, sendo portanto, o custo por noite de 240€. Esta *villa* à semelhança dos outros alojamentos declarados, também se encontra disponível por pouco tempo, segundo nota do anunciante. Há, portanto, uma enorme procura de alojamento hoteleiro na localidade da Praia de Mira, onde o factor preço não concorre com a capacidade de escolha. Os preços praticados são semelhantes à costa algarvia e para a mesma categoria hoteleira. A disponibilidade para reserva termina 5 meses antes do *chek in*.

Os motivos que levam a alimentar este circuito informal de arrendamento de casas e quartos a turistas, situam-se entre a companhia que os hóspedes proporcionam aos proprietários dos imóveis durante o tempo de verão, ou como

complemento aos rendimentos disponíveis, ou ainda à necessidade de os aumentar. O gráfico seguinte reúne os motivos traduzidos em números.

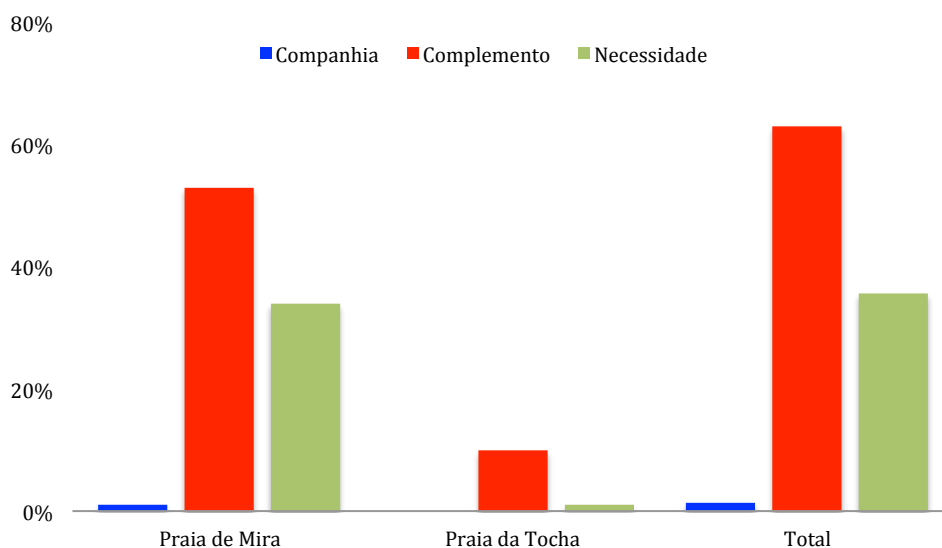


Gráfico 5: Razões do arrendamento informal a turistas

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Nas duas localidades é o motivo *complemento* aos rendimentos disponíveis o grande motivador para pôr quartos ou casas a arrendar a turistas. Particularizando, na Praia de Mira esse motivo adquire uma enorme amplitude, corroborando com a questão anteriormente tratada, relacionada com o exercer de outra atividade económica, para além do atividade principal, nas localidades em estudo. As respostas apresentadas nessa questão também apontavam a necessidade de aumentar os rendimentos disponíveis como essencial, e incidiam-se sobretudo na Praia de Mira. A necessidade é o motivo a seguir mais apontado, destacando-se mais uma vez, a Praia de Mira com mais respostas nesse sentido. A companhia que os turistas proporcionam aos proprietários durante a estada, é referida somente na Praia de Mira. Este dado alerta-nos para se ter em conta que, e como já abordamos anteriormente, é um lugar envelhecido, habitado por uma população mais idosa que na Praia da Tocha. Na Praia da Tocha, os residentes, como também já referido, são uma população mais jovem, mais dinâmica, que vive em apartamentos, e que utiliza o

seu tempo de modo completamente diferente que um habitante mais idoso na Praia de Mira.

Somos em crer que as razões mencionadas para o fenómeno do arrendamento se desenvolver nos lugares de estudo, Praia de Mira e Praia da Tocha, reforçam em muito as ilações alcançadas sobre estes lugares, quanto aos rendimentos disponíveis: a Praia da Tocha tem um nível de vida, aliado aos rendimentos disponíveis, superior à Praia de Mira, conforme mencionado anteriormente.

Face a isto, seguidamente abordaremos as questões que podem, segundo a população residente, ampliar o fenómeno anteriormente estudado ou até mesmo, compromete-lo, com todas as consequências que daí poderiam surgir. São questões de satisfação pelo que existe e aspectos a melhorar ou a criar, para melhor servir o fenómeno turístico nas localidades da Praia de Mira e Praia da Tocha.

2.2.3 – ESPAÇOS, PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS PELA OFERTA TURÍSTICA

Tomando como referência os espaços, práticas e experiências vividas pelos residentes, na oferta turística das localidades em estudo e na demanda do nosso estudo das dinâmicas territoriais, passaremos de seguida a abordar a satisfação dos inquiridos pelas infraestruturas existentes e os aspectos, no seu entender, a melhorar.

Nas questões que se prendem com o conhecer de espaços, práticas e experiências vividas pela oferta turística nas localidades da Praia de Mira e Praia da Tocha, partimos da análise das questões que se objectivaram para a identificação da satisfação das infraestruturas públicas existentes, nos aspectos a melhorar e outras considerações.

A satisfação que as populações locais sentem pela existência e funcionalidade das infraestruturas existentes, exprime um conhecimento do território turístico, capaz de o potencializar. O quadro seguinte sintetiza os valores.

INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS: VIAS DE COMUNICAÇÃO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Satisfeito	43%	26%	69%
Não Satisfeito	30%	1%	31%
INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS: BENS E SERVIÇOS	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Satisfeito	20%	16%	36%
Não satisfeito	53%	12%	65%
INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS: APOIO BALNEAR	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Satisfeito	48%	25%	73%
Não satisfeito	25%	2%	27%

Quadro 18: Satisfação pelas infraestruturas públicas

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Nele os valores transmitem uma satisfação pelas vias de comunicação nas duas localidades, com 69%. Ambas são servidas por uma eficiente rede viária nacional, destacando-se a EN334 que liga a Vila de Mira à Praia de Mira, e a EN335-1, que liga a Vila da Tocha à Praia da Tocha, e moderna autoestrada A17. A A17 foi inaugurada em Maio de 2008. É recente, portanto. A existência e boa funcionalidade das infraestruturas rodoviárias que servem os lugares em estudo, vão caracterizar também o perfil do veraneante que frequenta as localidades em estudo, como adiante veremos.

Quanto à disponibilidade de bens e funcionalidade dos serviços nas duas localidades, as respostas apontam para uma não satisfação dos mesmos, com um valor de 65% respostas. A Praia de Mira recolhe o máximo de respostas nas duas opções para o item, 53%, manifestando um carácter mais reivindicativo e interventivo pela população residente, que os habitantes da Praia da Tocha. O apoio

balnear é considerado satisfatório em ambas as localidades, com destaque para a Praia de Mira com quase 50% das respostas.

No domínio dos aspectos a melhorar em cada localidade em estudo, o gráfico seguinte reúne os valores para cada localidade.

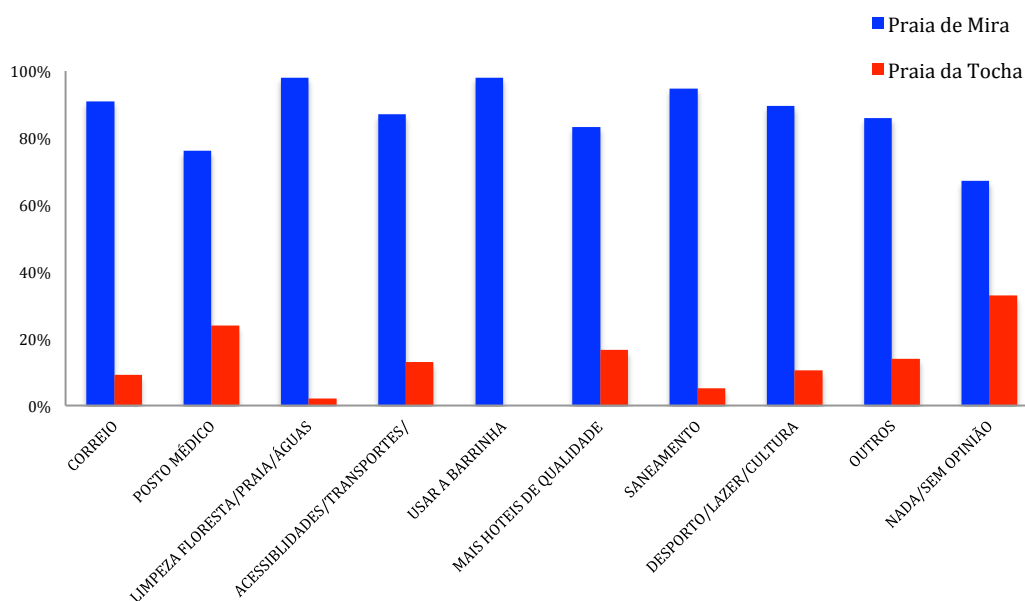


Gráfico 6: Aspectos a melhorar na Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Os valores evidenciam que em todos os pontos considerados, os habitantes da Praia de Mira manifestaram-se muito mais descontentes que os residentes na Praia da Tocha, no que toca a aspectos a melhorar na localidade. Como já referido, o lugar da Praia de Mira tem quase 1000 habitantes, com um sentimento de pertença ao território muito forte, fruto, somos em crer, de aí terem nascido e crescido. Na Praia da Tocha a relação do habitante com o território é muito mais frágil, recente, muito mais tolerante face a eventuais dificuldades de funcionamento na satisfação das necessidades diárias. O habitante da Praia da Tocha não nasceu aí, somos em crer que ainda não desenvolveu o sentimento de pertença ao território onde vive, pois este não o viu nascer e crescer, capaz de o levar a contestar algo que não lhe pareça bem no lugar onde vive.

A estação de correios foi encerrada na Praia de Mira no início de 2012 e reaberta, sob a forma de posto de correios, no fim desse mesmo ano. No período em que foram lançados os inquéritos na localidade em estudo, não havia correios, o que despoletou uma enorme indignação e revolta na população residente da Praia de Mira, imprimida nos inquéritos aplicados. Nesse período de tempo, em 2012, os habitantes da localidade da Praia de Mira deslocavam-se à sede de concelho, à Vila de Mira, para aí serem servidos pela estação de correios de Mira. Todos os assuntos relacionados com correspondência ou pagamentos de pensões a idosos, eram efectuados em Mira. No dia de pagamento de pensões, a estação de correios ficava saturada, com o acréscimo de idosos oriundos da Praia de Mira para aí receberem a sua pensão de reforma. Atualmente a Praia de Mira não é servida por estação de correios, mas por posto de correios. Todas as atividades de correspondência e pagamentos de vales e cheques são garantidos no posto.

A Praia da Tocha não é servida pelo serviço postal e financeiro, nem os habitantes encaram a situação como sendo condicionante para se viver bem o dia-a-dia. Recorde-se que já registamos anteriormente que os habitantes da localidade deslocam-se em carro próprio, com total autonomia, num movimento pendular para os seus locais de trabalho, permitindo assim que os assuntos a resolver nos correios possam ser resolvidos em outra localidade, nomeadamente na Vila da Tocha. Cremos que é a facilidade de mobilidade dos habitante (informação essa que nos foi dada no trabalho de campo), a responsável por estes não se sentirem ostracizados por não terem posto de correio na lugar de residência, e deste modo, as respostas manifestam valores tão baixos, em comparação com a Praia de Mira.

O posto médico e os serviços de cuidados de saúde à população assumem uma importância determinante em qualquer lugar. Na Praia de Mira este aspecto, reforçado com um envelhecimento da população, adquire importância ampliada e é fonte de preocupação por parte dos residentes. Na Praia da Tocha é o aspecto a melhorar com mais respostas afirmativas, do total de aspectos considerados para a análise.

A limpeza da floresta e do areal da praia, juntamente com o saneamento e recolha de lixos domésticos, foram os mais apontados na Praia de Mira, e os menos mencionados na Praia da Tocha. Os habitantes da Praia de Mira tem uma percepção de limpeza muito apurado, juntamente com um intenso uso que dão aos espaços florestal e linha de costa. Não significa que a floresta e o areal estejam sujos ou impróprios para uso, o que acontece é que não correspondem aos padrões de limpeza que as pessoas tem e praticam nas suas rotinas diárias. Há toda uma preocupação da prática de limpeza e asseio nas rotinas diárias da população. Os jardins são asseados e arrumados. O trabalho e arranjo dos campos agrícolas é cuidado. A observação empírica e as entrevistas efectuadas revelaram que toda a preocupação com a estética e limpeza de espaços foram reforçados com o processo de terciarização decretada e implementada na localidade dos anos 50 do século XX, como já referido anteriormente em capítulo próprio, por imperativo à atividade turística de receber bem e com asseio, os veraneantes neste lugar de turismo balnear.

Na Praia da Tocha a consciência para a limpeza é mínima, porque o lugar é todo ele limpo e organizado, devendo, de certo, em muito ao seu carácter recente, por um lado, e por outro, não tem um uso muito intenso por parte dos habitantes, uma vez que serve de alojamento permanente a pouco mais de duas centenas de habitantes, como também já referimos anteriormente. Por outro lado, a mudança de função da localidade não foi imposta por nenhuma entidade com propósitos definidos, nomeadamente, para receber turistas. Foi mudando por vontade de quem foi fazendo do lugar da Praia da Tocha o seu lugar de residência, e que ainda se encontra em construção.

A melhoria da acessibilidade aos lugares é referida com valores muito elevados na Praia de Mira e por valores bem menores na Praia da Tocha. Na Praia de Mira a preocupação que as populações tem em receber bem os veraneantes na localidade, faz da boa acessibilidade um meio para conseguir esse intento. É certo que também o lugar depende em muito dos turistas para existir. A Praia da Tocha não tem essa vocação imposta na localidade, de ser lugar de turismo balnear, com a necessidade de se colocar próxima dos veraneantes, através de boas vias de comunicação. A Praia da

Tocha é lugar de turismo balnear construído e desenvolvido por vontade dos proprietários das residências, não dependendo dos veraneantes para viver ou ajudar a viver.

A Barrinha é a outra face da moeda que identifica a Praia de Mira, depois do mar, para os seus habitantes. Se as preocupações com a limpeza da floresta e areal da praia são importantes, a preservação e bom uso da Barrinha, assumem valores unânimes nos habitantes da localidade. O lago é fonte de fertilizantes naturais para os campos agrícolas, de peixe, e de água doce própria para consumo agrícola. Mais que admiração, a Barrinha provoca respeito nos seus habitantes. Desde a origem da povoação que a Barrinha também garante sustento aos moradores na época de defeso da faina marítima, pelo peixe que fornece, sobretudo, as enguias, que são abundantes no Inverno, na época das cheias. É, portanto, um importante factor de sobrevivência para os habitantes da localidade. Com o advento do turismo, o lago impõem-se os veraneantes pela sua forma, dimensão e possibilidades náuticas recreativas que permite realizar. Canoagem, vela, remo, pesca desportiva, e demais atividades lúdica, podem ser realizadas e provocarem nos praticantes boas sensações e responder às expectativas que o imaginário do sujeito construiu quando a viu. É isso que os habitantes do lugar querem garantir a quem os visita, segundo as informações recolhidas durante o nosso trabalho de campo.

Mais e melhores hotéis são desejados, sobretudo pelos habitantes da Praia de Mira. A vocação turística do lugar é bem maior que a disponibilidade das cinco unidades em funcionamento na localidade, segundo eles. Como mencionado anteriormente, em Março de 2016 restava uma disponibilidade de alojamento hoteleiro para o mês de Agosto desse ano. No terreno, os habitantes sabem e sentem que fazem falta mais hotéis na localidade, pois os seus imóveis são garantidamente arrendados muitos meses antes da época balnear. Na Praia da Tocha, os residentes começam a ter a percepção de que a hotelaria, desde que não seja descontextualizada da realidade paisagem e do território, poderá contribuir como uma mais valia para a localidade.

Atividades de desporto, lazer e cultura, foram apontados, sobretudo, como um meio de atenuar a sazonalidade turística na Praia de Mira, e como formas de valorizar os tempos livres dos habitantes da Praia da Tocha. Duas concepções distintas, portanto. A consciência turística balnear na Praia de Mira encontra-se presente no dia a dia das populações. O nosso trabalho de campo permitiu descobrir que estas manifestam preocupação pelo vazio nos meses de época baixa. Desenvolver atividades alternativas e complementares ao turismo balnear, será uma estratégia de contrariar a sazonalidade do turismo neste lugar. Na Praia da Tocha, por ter uma população mais jovem, as necessidades quotidianas já se começam a alargar, para além de apenas e só se viver no lugar, como dormitório. É tempo de dotar a localidade com infraestruturas e atividades desportivas e culturais, segundo os habitantes inquiridos.

Pela satisfação e aspetos a melhorar nas localidades, para apoio ao turismo balnear, somos a considerar que se criam percepções e representações nas populações locais que não se materializam necessariamente no território, mas que se imprimem no seu modo de viver. Passaremos a analisá-los de seguida.

2.2.4 – PERCEPÇÕES E AS REPRESENTAÇÕES QUE OS RESIDENTES TEM DA ATIVIDADE TURÍSTICA

O aferir das percepções e das representações que os residentes têm da atividade turística nas localidades da Praia de Mira e da Praia da Tocha, decorre da análise das questões que se objectivaram pela importância do turismo balnear nas localidades e o que mudou nos últimos anos nestes lugares, podendo ter deixado marcas no território, contribuindo assim, de algum modo para as dinâmicas territoriais.

Nos dois lugares o turismo balnear é assumido como muito importante, conforme documentado no gráfico seguinte.

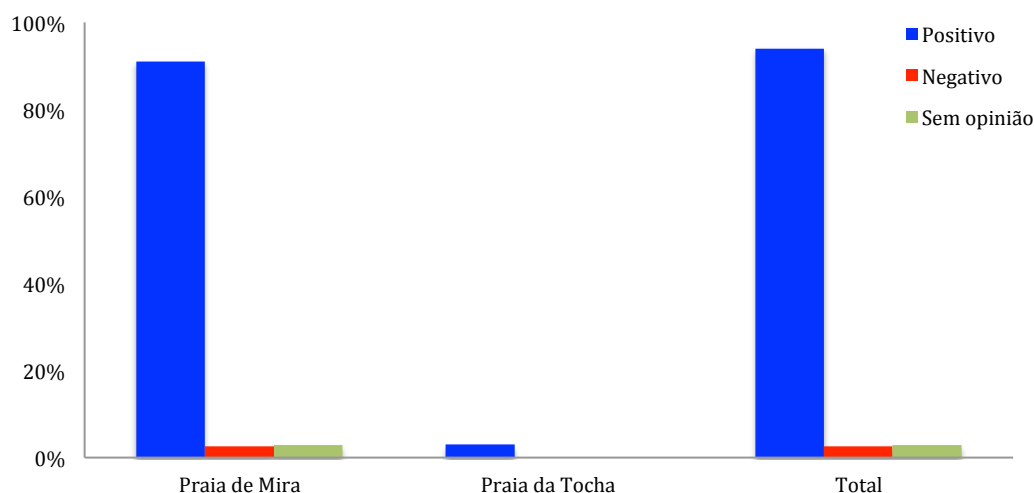


Gráfico 7: Importância do turismo balnear nas localidades

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

A percepção, representação e perspectivas, que os residentes tem da atividade turística nos lugares que habitam é máxima na Praia de Mira e insignificante na Praia da Tocha. Os valores traduzem a vocação turística dos lugares na atualidade e no que se poderá fazer para torna-la melhor. Na Praia de Mira a consciência e vocação turísticas levam as populações a considerar que o turismo é de extrema importância para o bem-estar da localidade, conforme nos foi dito durante o trabalho de campo. Na Praia da Tocha a questão não se coloca. Ainda não se coloca. Os habitantes da Praia de Mira depositam na atividade turística o meio de desenvolver a localidade. Na Praia da Tocha os seus residentes não consideram que o turismo possa fazer algo pelo lugar.

Com mais pormenor, o quadro seguinte regista o que de facto mudou com o turismo nos antigos lugares piscatórios da Praia de Mira e Praia da Tocha.

O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS ANOS: COMPORTAMENTOS SOCIAIS	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Não	25%	27%	52%
Sim	48%	0%	48%
O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS ANOS: COMPORTAMENTOS FAMILIARES	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Não	29%	7%	36%
Sim	44%	19%	63%
O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS ANOS: HÁBITOS DE CONSUMO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Não	9%	6%	15%
Sim	64%	21%	85%
O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS ANOS: ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
MAU	41%	3%	44%
BOM	32%	24%	56%
O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS ANOS: ACESSIBILIDADES	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
MAU	26%	4%	30%

Quadro 19: O que mudou nos últimos anos

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Os valores dizem-nos que a mudança operada nos comportamentos sociais por indução turística, nas duas localidades, é equitativa nas considerações. A ressalva encontra-se na Praia da Tocha que considera não ter havido mudanças, com 25%. Como já aludimos anteriormente, o carácter recente do lugar não permite criar modelos de comparação temporal. Não há uma memória colectiva suficientemente desenvolvida para julgar este aspecto sociológico.

Relativamente à mudança em comportamento familiares, hábitos de consumo, os valores do quadro anterior também revelam que sim, que houve mudança, com 63% e 85%, respectivamente. É na Praia de Mira que se sente mais este aspecto de mudança operada nas famílias e no consumo, com 44% e 64%. O carácter de lugar mais antigo permite ter essa percepção na memória colectiva dos residentes, ao contrário da Praia da Tocha, que tem pouca, por ser mais recente, como já aludido.

No plano do ordenamento do território, e considerado este apenas do ponto de vista da sustentabilidade, tal como é considerado no Dicionário de Geografia Aplicada

(pág. 345, 2016) e citando Brundtland (1987), e que assumimos, os valores do quadro anterior dizem-nos que a mudança operada no ordenamento do território por indução turística, nas duas localidades, é maioritariamente boa, com 56%. Objectivando, na Praia da Tocha, as respostas dizem-nos que os habitantes consideram não ter sido mau a mudança operada no lugar, no plano do ordenamento do território, 24%. Como já referenciámos, os primitivos palheiros mantem-se e são para manter, a fim de ser preservada a identidade do lugar. As construções novas obedecem a um PDM que protege e defende a singular identidade da localidade, a fim de não a destoar com a paisagem envolvente. Salienta-se ainda que no referido lugar o fenómeno turístico não consome o espaço com a mesma intensidade como na Praia de Mira, como também já descrevemos anteriormente. Na Praia de Mira, pelo número de respostas descontentes face à questão abordada, 41%, os inqueridos referiram em grande número que os edifícios construídos e as ruas rasgadas, no processo de ampliação do lugar, foram-no feito sem averiguar o real interesse das populações no seu conforto, e por outro lado, o que foi construído é-o totalmente desigual e diferente à fisionomia e materiais utilizados na origem da povoação.

Na acessibilidade aos lugares em estudo, nas duas localidades, esta foi considerada boa, com 70%. Este aspecto é mais evidenciado na Praia de Mira (47%). De facto, a Praia de Mira é servida por duas vias em óptimo estado de conservação e funcionamento: a norte pela CM591 que comunica com Aveiro, pelo litoral; a nascente pela EN334 que comunica com a A17. A Praia da Tocha é servida por uma única estrada a nascente, a EN335-1, que liga a localidade à vila da Tocha e à A17.

2.2.5 – SÍNTESE

1) Na caracterização geral dos residentes das localidades da Praia de Mira e Praia da Tocha, consideramos que há uma distribuição equitativa por género em ambas os lugares. A população representada segundo a estrutura etária é envelhecida. Há mais adultos e idosos do que jovens. A Praia da Tocha destaca-se pelo número de adultos dos 35 aos 44 anos, com um elevado valor, comparado com os restantes grupos e com a Praia de Mira. O estado civil da população residente nas localidades caracteriza-se maioritariamente por serem casados, seguido de solteiros, viúvos, em união de facto e separados. Há mais solteiros e/ou em união de facto, inquiridos na Praia de Mira do que na Praia da Tocha e, pelo contrário, há mais casados inquiridos a residir na Praia da Tocha do que na Praia de Mira. O agregado familiar é maioritariamente constituído por dois e três elementos. A Praia de Mira reúne os maiores valores em todos os grupos. A escolaridade da população residente caracteriza-se por níveis de analfabetismo baixos. A maioria tem o ensino básico, seguido do ensino secundário e o ensino superior. Os residentes da Praia de Mira têm níveis de escolaridade mais elevados que os residentes da Praia da Tocha, pois a Praia de Mira tem mais efetivos com os níveis de escolaridade do ensino secundário e superior que a Praia da Tocha. A naturalidade das populações inquiridas diz-nos que a maioria são oriundas das localidades em estudo, contribuindo para tal os valores da Praia de Mira, uma vez que a grande maioria são naturais do lugar, por oposição à população residente da Praia da Tocha que não é natural da localidade. Esta variável indica-nos a antiguidade dos lugares, sendo a Praia de Mira mais antiga que a Praia da Tocha, através do conhecimento da naturalidade da população. A totalidade dos inquiridos nas duas localidades residem aí, sendo a nacionalidade destes, nacional. Os poucos estrangeiros residentes nos lugares da Praia de Mira, são de fora da Europa e na Praia da Tocha são europeus. No que diz respeito à residência em noutro país, a maioria dos habitantes referiu que não residiu no estrangeiro. Dos que já residiram, a Praia de Mira tem mais população residente que já viveu no estrangeiro do que a Praia da Tocha. A maioria residiu na Europa e os restantes residiram fora da Europa. A população que esteve fora da Europa, e que atualmente reside na Praia de Mira,

correspondem a ex-emigrantes ligados à pesca longínqua, fora do continente europeu. A Praia de Mira foi e é emissora de mão de obra marítima. Relativamente à profissão dos inquiridos, a maioria trabalha por conta de outrem, seguido por conta própria, reformados, e estudantes e desempregados. A maioria da população não exerce outra atividade económica. Alguns fazem-no na Praia de Mira, por conta própria, e são atividades ligadas à agricultura. A motivação para exercer outra atividade económica, corresponde a um complemento para os rendimentos disponíveis na família. O tempo de deslocação para o emprego é pouco. Os empregos na Praia de Mira situam-se próximos da localidade enquanto que os da Praia da Tocha estão mais afastados, como na Vila da Tocha e na Figueira da Foz. O modo de deslocação para o emprego é veículo próprio. A Praia da Tocha não é servida por transporte público. O rendimento disponível até 500€/mês é o que predomina nas localidades em estudo. A Praia de Mira tem esse valor como predominante. A população residente da Praia da Tocha tem rendimentos superiores. Este aspeto é reforçado no entendimento da necessidade de se ter outra atividade económica. Recorde-se que é na Praia de Mira que se recorre mais a esta prática para garantir um aumento dos rendimentos disponíveis.

2) No que concerne às motivações que levam os habitantes a disporem das suas residências no circuito informal de alojamento a turistas, tomámos em conta aspectos ligados à própria habitação dos inquiridos, se o arrenda ou não, se o faz, quando o faz e que condições oferecem aos hóspedes, há quanto tempo o faz, e por quanto dinheiro e porque o faz. O regime de propriedade mostra-nos que as habitações são dos próprios. A tipologia das habitações predominantes são vivendas em ambos os lugares. Os blocos de apartamentos são em muito menor número. A maioria dos inquiridos afirmaram que não arrendam as suas casas a veraneantes. Os arrendamentos, quando ocorrem, são maioritariamente registados na Praia de Mira. O arrendamento ocorre há muitos anos na Praia de Mira e é um fenómeno recente na Praia da Tocha. A época de arrendamento do imóvel a veraneantes na Praia de Mira acontece no verão, enquanto que na Praia da Tocha também sucede fora do época balnear ao longo do ano. A casa é na maioria toda arrendada. Na Praia de Mira as populações têm outros espaços – agrícolas – que os ocupam. Na Praia da Tocha as

habitações são, na maioria dos casos, residências secundárias. Não há comunhão de espaço dos residentes com os veraneantes. Onde acontece, corresponde a arrendamentos muitos antigos, onde a confiança e a relação de proximidade entre os intervenientes existe, como é o caso da Praia de Mira. A serventia de cozinha faz parte do arrendamento em praticamente todos os alojamentos disponíveis. Em relação ao total de hóspedes (média), a Praia de Mira regista um maior número de hóspedes que a Praia da Tocha. A reincidência do alojamento de uns anos para os outros é uma realidade muito forte na Praia de Mira. Há uma tradição em arrendar os espaços de uns anos para os outros aos mesmos veraneantes. Exemplo disso é o caso da Rua de Viseu na Praia de Mira ou a Avenida Cidade de Coimbra, que têm estes nomes porque desde sempre foram ocupadas por veraneantes oriundos da região de Viseu e Coimbra. Na Praia da Tocha há pouca reincidência no arrendar de casa de férias pelos mesmos turistas, uma vez que este fenómeno é recente. Por outro lado, a Praia da Tocha é um lugar de residências secundárias. A duração da estada neste alojamento caracteriza-se por os turistas permanecerem mais tempo na Praia de Mira do que na Praia da Tocha. O preço médio por noite neste alojamento é mais caro na Praia de Mira do que na Praia da Tocha. As razões do arrendamento das suas casas prendem-se por motivos de complemento aos rendimentos disponíveis. Na Praia de Mira a necessidade é mais evidente que na Praia da Tocha.

3) Conhecer os espaços, práticas e experiências vividas pela oferta turística leva-nos a questões de satisfação da população residente pelo uso destas infraestruturas. A satisfação das infraestruturas públicas, no caso das vias de comunicação, do total dos inquéritos respondidos afirmativamente nas duas localidades, a maioria respondeu que estão satisfeitos com as vias de comunicação destacando-se a Praia da Tocha com plena satisfação. A Praia de Mira apresenta quase metade dos inquiridos insatisfeitos. Em relação a bens e serviços as populações não estão satisfeitas, destacando-se a Praia de Mira com maior grau de insatisfação. No apoio balnear as populações estão satisfeitas, destacando-se a Praia da Mira com maior grau de satisfação. Relativamente a aspectos a melhorar, a quase totalidade da população residente na Praia de Mira considerou que os correios, posto médico, a limpeza da floresta, as acessibilidades, a existência de mais hotéis, o saneamento, as

infraestruturas de desporto/lazer devem melhorar, pois estão, em seu entender, desajustados e a funcionar muito mal. A questão da Barrinha é considerada para os habitantes da Praia de Mira um recurso, um bem colectivo com um valor equivalente à própria vida, pois a Praia de Mira não o é sem a Barrinha, tendo o mar um significado secundário quando contraposto com este lago de água doce. A observação empírica permitiu saber que os habitantes consideram o mar como fazendo parte do todo terrestre, enquanto a Barrinha é só sua. É o espelho de si. A população residente da Praia da Tocha manifesta-se satisfeita com todos os aspectos acima mencionados.

4) Por fim, e neste ponto 2.2, a importância do turismo balnear, o que mudou e que marcas deixou nas localidades em estudo, leva-nos a inferir das percepções e das representações que os residentes têm da atividade turística nas localidades da Praia de Mira e Praia da Tocha. Estes consideraram que o turismo balnear nas localidades é muito importante, sobretudo para os residentes da Praia de Mira, pois é considerado factor de desenvolvimento. Na Praia da Tocha ainda se encontram ecos de um lugar com um passado de terra de pescadores sazonais e ocupação temporária pelos proprietários das residências secundárias, na época de verão. O que mudou nos últimos anos nos lugares, no domínio dos comportamentos sociais, deparamo-nos com uma percepção de que estes não mudaram nos lugares, sobretudo na Praia da Tocha. Há a percepção de mudança nos comportamentos familiares, sobretudo na Praia de Mira. Nos hábitos de consumo há uma consciência de que estes mudaram nos lugares, sobretudo na Praia de Mira. No ordenamento do território, nestas questões há uma percepção global na população residente de que as alterações foram positivas, sobretudo na Praia da Tocha. Em relação às acessibilidades há uma consciência global na população residente de que estas mudanças foram benéficas, sobretudo na Praia de Mira.

2.3 – PROCURA TURÍSTICA NAS LOCALIDADES DA PRAIA DE MIRA E PRAIA DA TOCHA

Para se conhecer e perceber mais aprofundadamente a procura turística nas localidades em estudo, que também se relaciona com a dinâmica do próprio território, sendo também catalisadora de dinâmicas no território, abordaremos de seguida os assuntos relativas à população veraneante nos lugares em estudo, incluídas no inquérito por entrevista. São quatro as questões nucleares consideradas, como referimos anteriormente e recordamos: (1) identificar as características gerais dos turistas que escolhem as localidades da Praia de Mira e Praia da Tocha como destino turístico; (2) encontrar as motivações dos turistas que as procuram como destino turístico; (3) conhecer os espaços, práticas e experiências vividas pela procura turística nas localidades em estudo como destino turístico e (4) aferir as percepções e as representações dos turistas que escolhem estas localidades como destino turístico, têm da oferta instalada, nas localidades em estudo.

2.3.1 – CARACTERIZAÇÃO GERAL DOS TURISTAS

Na caracterização geral dos veraneantes das localidades da Praia de Mira e Praia da Tocha, partimos da análise das questões incluídas no inquérito (anexo - inquérito veraneantes Praia de Mira e Praia da Tocha) que se objectivaram na identificação do género, idade, estado civil, escolaridade, agregado familiar, nacionalidade, naturalidade, residência, profissão e rendimento, para obter daí resposta às nossas interrogações. A figura 37 reporta-nos para a caracterização da população quanto ao género, idade, estado civil, escolaridade e agregado familiar. Verifica-se pela sua observação que a repartição da população inquirida quanto ao **género** é equitativa no todo das localidades, comprovando, somos em crer, uma

igualdade entre géneros no acesso às zonas de lazer balnear, às praias, como referenciámos no quadro teórico do presente estudo.

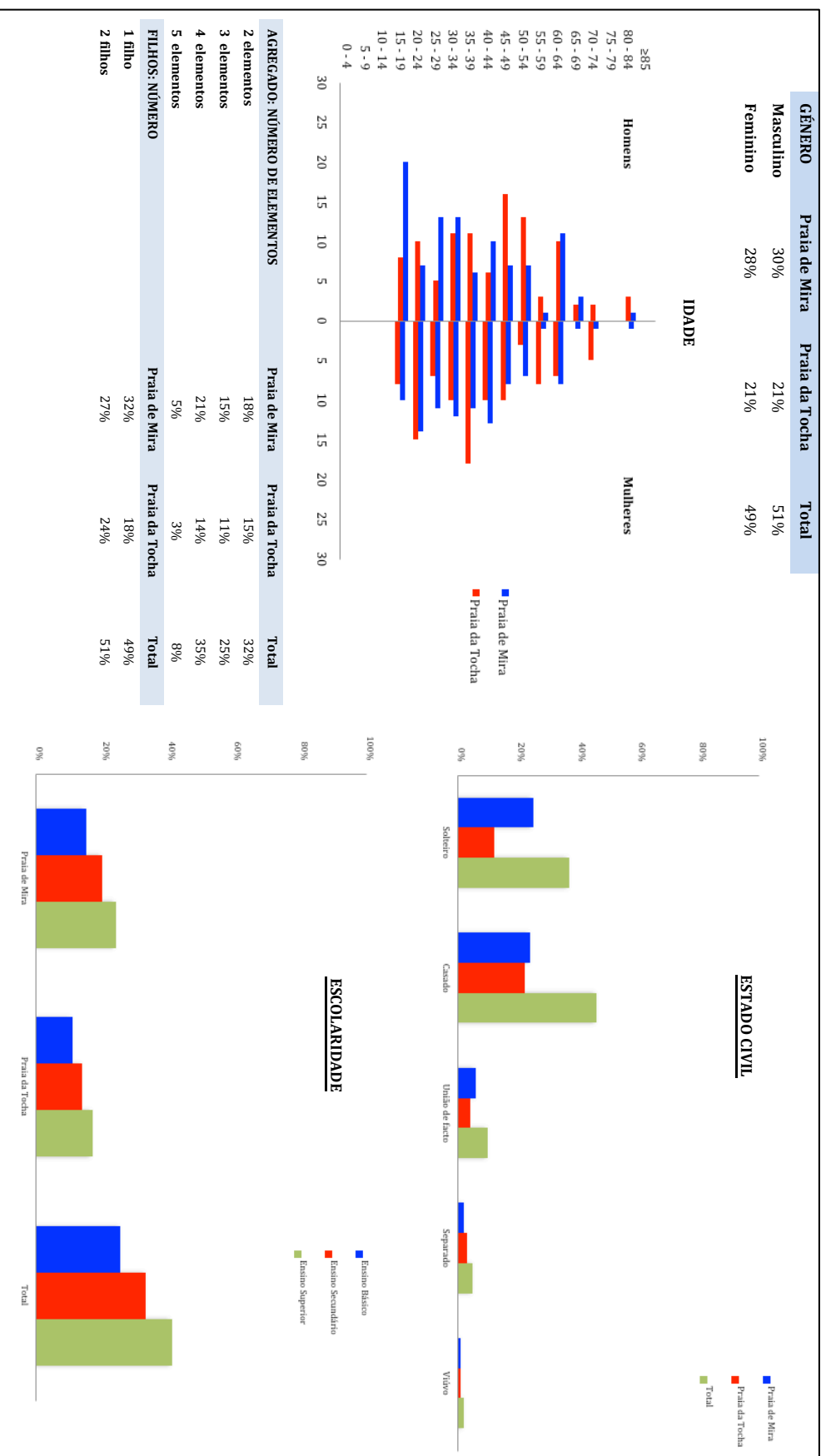


Figura 37: Caracterização da população veraneante, quanto ao género, à idade, estado civil, agregado familiar e escolaridade em 2012
 Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

A **estrutura etária** dos veraneantes que frequentam as duas localidades em estudo, caracteriza-se por ter uma distribuição em forma de pirâmide com mais jovens, decrescendo em número de adulto e idosos.

O gráfico evidencia que a Praia de Mira é procurada por adolescentes e jovens, com predomínio no sexo masculino. A Praia da Tocha é frequentada mais por adultos, e também com predomínio no sexo masculino. É na faixa etária dos adultos que os lugares em estudo se assemelham nos valores.

Os valores obtidos na Praia de Mira, entre 10 e 20 efetivos nas classes etárias entre os 15 e 20 anos, sugere-nos que é lugar para férias juvenis. É uma localidade dotada com as infraestruturas capazes de responder à procura dos jovens, como já referimos no nosso trabalho. Cafés, bares, esplanadas, festivais de verão, festas *sunset*, servem de atrativo e são factores de permanência, regresso e satisfação para este público. Por seu turno, e também pelos valores obtidos, entre 20 e 30 efetivos nas classes entre etárias dos 35 aos 54 anos, a Praia da Tocha está mais vocacionada para férias em família, onde os adultos se evidenciam com maior valor. As infraestruturas que a localidade possui, e que já as enumeramos anteriormente para responder à procura e necessidade dos turistas, adequam-se às suas necessidades. Não há discotecas ou bares dançantes, de certo não são necessárias, pois o público não as solicita. Há um posto de turismo dotado de biblioteca com uma afluência diária considerada, conforme informação local. Adiante analisaremos os motivos dos turistas que concorrem na escolha das localidades para aí passarem férias.

O **estado civil** dos turistas inquiridos registado no respectivo gráfico da figura 37 diz-nos que no total de inquiridos nos lugares, estes repartem-se maioritariamente por casados, 46%, seguido de solteiros, 36%, união de facto, 10%, separados e viúvos, com 6% e 2%, respectivamente. A Praia de Mira é mais frequentada por solteiros, com valor de 25%, do que a Praia da Tocha, que recebe 12%. O indicador corrobora a questão anterior, onde mencionamos que a Praia de Mira tem uma vocação de destino balnear juvenil e dotada das infraestruturas adequadas a esse público. De facto, uma população solteira, desprovida de compromissos familiares, tem mais oportunidade de fazer um uso do seu tempo voltado e direcionado para espaços públicos de convívio, como bares e

discotecas, em tempo de férias, levando a localidade a cria-las. O estado civil de casado acarreta, de certo, responsabilidades familiares que uma pessoa solteira não tem, o que implicando filhos, todo o ritmo será, somos em crer, condicionado por eles. O território responde com apoios adequados às exigências de cada um, como adiante iremos abordar.

Analisando a **escolaridade** dos veraneantes, os valores do gráfico da mencionada figura 37 dizem-nos também que do total de inquiridos, 41% tem o ensino superior, seguido do ensino secundário, com 33%, e por fim o básico, com 25%. Por localidade e em comparação, é na Praia de Mira que se verificam os maiores valores em cada nível de ensino. As razões prendem-se, de certo, pelo facto de ser na Praia de Mira que ocorrem mais turistas, com mais respostas, em maior número. Consideramos, portanto, que a Praia de Mira é escolhida por uma população mais escolarizada que a Praia da Tocha.

Quanto ao **agregado familiar** dos turistas, os valores registados mostram-nos que estes, no total de inquiridos, na maioria tem 4 elementos, correspondendo a 35%, seguido de 2 com 32%, 3 com 25%, e 5 ou mais pessoas com 8%. A Praia de Mira é lugar que se destaca com quatro elementos, considerando nós, lugar de férias em família. Este indicador fortalece a questão anteriormente tratada referente às características da oferta do alojamento turístico, quando evidenciamos a tipologia das habitações (vivendas), e número de hóspedes por época. Na Praia da Tocha encontra-se um equilíbrio no número de elementos, excepto, em não possuir agregados numerosos. Relativamente a **filhos**, o quadro anterior também nos diz que há uma equidade no número de filhos nas localidades em estudo, situando-se entre 1 e 2 filhos.

No que se refere à **nacionalidade** dos veraneantes, os valores imprimidos no quadro seguinte dizem-nos que são praias frequentadas maioritariamente por turistas portugueses, com 87%.

NACIONALIDADE	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Portuguesa	50%	37%	87%
Espanhola	2%	0%	2%
Francesa	3%	0%	3%
Alemã	1%	1%	2%
Outra	3%	3%	6%

Quadro 20: Nacionalidade dos veraneantes da Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Os estrangeiros que as frequentam, encontram-se sobretudo na Praia de Mira. A Praia da Tocha é destino nacional.

Relativamente à naturalidade dos turistas das localidades em estudo, os valores apurados permitiram construir a cartografia abaixo. Lemos que são turistas maioritariamente oriundos da região centro, com 75%, seguidos de estrangeiros, com 14%, e das regiões norte e sul, com 7% e 3% respectivamente, conforme cartografado no referido mapa seguinte.

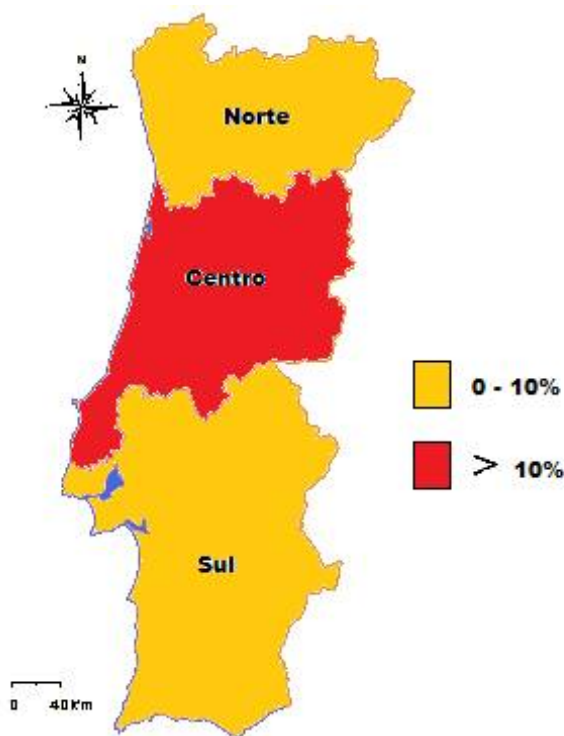


Figura 38: Naturalidade dos veraneantes da Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

A região centro predomina enquanto região maioritariamente emissora de turistas, sendo portanto, o território de maior influencia das praias em estudo. O movimento sazonal de verão, que se traduz na afluência a estes lugares, tem maioritariamente origem na região onde as mesmas se inserem. São praias de feição regional, onde as beiras alta e baixa se encontram todos os anos há várias gerações, como já abordámos. As acessibilidades existentes são determinantes no fluxo sazonal, como também já analisado.

A **residência** dos turistas, pelos valores apurados, revelam que estes se distribuem maioritariamente pelo distrito de Coimbra, com 44%, seguido do distrito de Aveiro, com 17%, no estrangeiro, com 15%, no distrito de Viseu, com 11%, e distritos da Guarda e Porto, com 4% e 3%, respectivamente. Com os valores acima descritos construímos a cartografia seguinte.

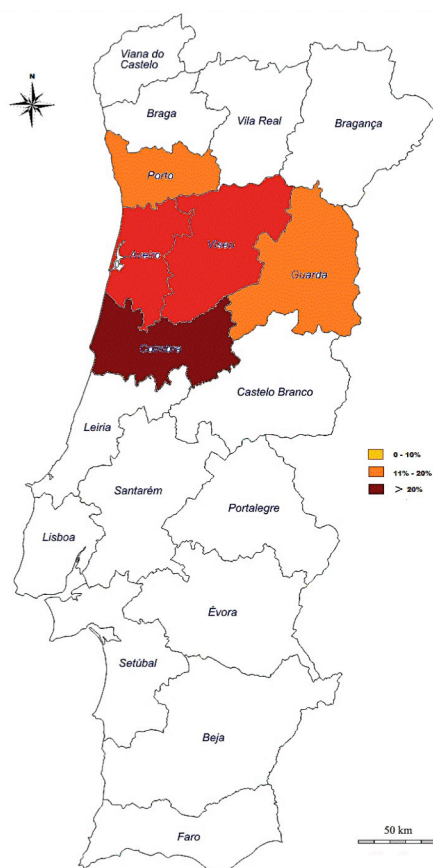


Figura 39: Residência dos veraneantes da Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Também podemos verificar que em outros distritos, estes surgem com 6%. Recordamos que a origem e residência habitual dos veraneantes originou a toponímia de ruas na Praia de Mira, como anteriormente aludido. Coimbra e Viseu são cidades de forte emissão de turistas. Há, como referido, tradição nesta prática. Para os restantes distritos não houve respostas a considerar.

Salientamos e reforçamos uma vez mais o papel importante das acessibilidades rodoviárias existentes, e anteriormente referidas, para ampliar e intensificar o movimento anual de turistas destas regiões e distritos, para nos lugares em estudo passarem as suas férias de verão e momentos de lazer e ócio, em territórios com frente de mar.

No que diz respeito à profissão dos inquiridos, o gráfico seguinte diz-nos que do total de inquiridos, metade, com 50%, trabalha por conta de outrem; 21% trabalha por conta própria; 16% são estudantes; 11% são reformados e 2% desempregados.

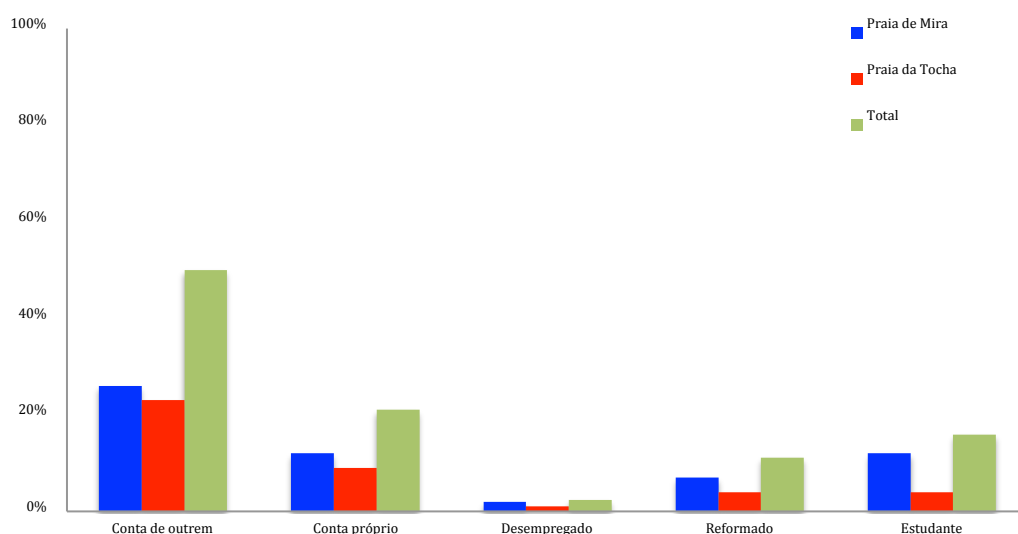


Gráfico 8: Profissão dos veraneantes da Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

São valores que encontram paralelismo com os valores apurados da profissão na população residente inquirida, e quadro nacional, conforme analisado anteriormente.

Consideramos serem pessoas que, pelos valores apurados, representativas do estrato sócio-económico médio da nossa sociedade, e que também referenciámos anteriormente. O destaque centra-se no grupo nos estudantes que preferem a Praia de Mira com 12%, em contraponto com os 7% da Praia da Tocha. Em termos de frequência turística nos lugares de estudo, quanto à profissão, identificamos a Praia de Mira como sendo um destino preferido dos estudantes, como adiante no ponto próprio iremos abordar a temática com mais pormenor.

A profissão dos inquiridos, juntamente com a escolaridade obtida por estes, irá, de certo, ajudar a entender o rendimento disponível que de seguida abordaremos. O quadro seguinte traduz os valores correspondentes a cada lugar.

RENDIMENTO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Até 500	3%	4%	7%
500 a 1000	27%	20%	47%
Mais de 1000	26%	21%	47%

Quadro 21: Rendimento dos veraneantes da Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Constata-se que são lugares frequentados por turistas que auferem de rendimentos bem acima dos 500€/mês. É para a Praia de Mira que se deslocam a maioria dos inquiridos com rendimentos mais elevados, acima de 1000€/mês. Recordamos também que é na Praia de Mira que se encontram os turistas mais letrados, com níveis de escolaridade mais elevados. Parece-nos que há relação direta entre escolaridade e montante de rendimento disponível na Praia de Mira, no que se refere a turistas.

2.3.2 – MOTIVAÇÕES DOS TURISTAS

À questão que se prende com o **conhecer as motivações** dos turistas que procuram alojamento nas localidades da Praia de Mira e Praia da Tocha, analisámos as questões que se objectivaram na identificação da razão de escolha do lugar, frequência, épocas específicas, se regressará, transporte utilizado, deslocação e estada para obter resposta, imprimidas no gráfico seguinte.

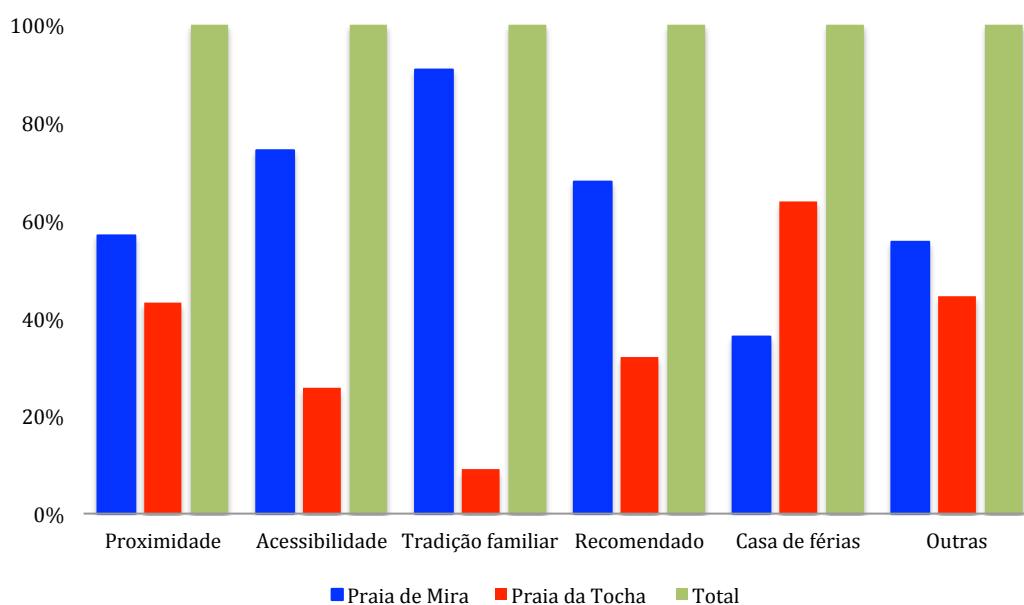


Gráfico 9: Razões da escolha dos veraneantes

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

O gráfico número 9 revela-nos que as **razão de escolha** para passar férias nas localidades mencionadas pelos veraneantes, passam pela proximidade, acessibilidade, tradição familiar, recomendação, casa de férias e outras.

Verificamos que pelos motivos da escolha na hora de passar férias de verão, a Praia de Mira é lugar de destino de veraneantes que vivem próximo da localidade ou com bons acessos disponíveis, com uma recomendação muito favorável de quem já passou férias no lugar, e sobretudo, é um destino e lugar de muito forte tradição familiar. É a antiguidade da localidade, somos em crer, com vocação turística de veraneio, que cria a

identidade atual do lugar da Praia de Mira. A Praia da Tocha é lugar de residências secundárias. É este o motivo maior, que faz com que a maioria dos veraneantes frequentem o referido lugar. Consideramos, portanto, que a Praia de Mira é lugar de tradição nas práticas turísticas balneares, e a Praia da Tocha é lugar de residência secundária, por excelência.

As motivações criam, de certo, a frequência, a época, o transporte utilizado e o tipo de deslocação dos turistas em análise. O quadro seguinte sintetiza os valores das variáveis consideradas, como a **frequência** das visitas, as **épocas específicas** em que ocorrem, a **perspectiva de voltar**, o **transporte utilizado**, o **tipo de deslocação**, a **estada atual e em anos anteriores** efectuadas pelos turistas.

FREQUÊNCIA: PRIMEIRA VEZ	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Sim	16%	7%	22%
Não	43%	35%	78%
HÁ QUANTOS ANOS?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Há menos de 10 anos	1%	9%	11%
Há mais de 10 anos	55%	35%	89%
ÉPOCAS ESPECÍFICAS	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Verão	40%	24%	64%
Todo o ano	16%	20%	36%
REGRESARÁ?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Sim	60%	40%	99%
Não	1%	0%	1%
TRANSPORTE UTILIZADO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Próprio	60%	40%	100%
DESLOCAÇÃO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Diariamente	28%	22%	50%
Casual	24%	26%	50%
ESTADA ATUAL	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Alojado	47%	29%	77%
Vem de fora	13%	11%	23%
ESTADA EM ANOS ANTERIORES	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total %
Alojado	46%	29%	75%
Vinha de fora	14%	11%	25%

Quadro 22: Frequência, épocas específicas, perspectiva de voltar; transporte utilizado, tipo de deslocação dos veraneantes e estada atual e em anos anteriores

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Os valores dizem-nos que são lugares que se frequentam com regularidade, 89%, há mais de dez anos, sobretudo a Praia de Mira, 98%, e na época de verão, se bem que a Praia da Tocha também seja frequentada em outras alturas do ano, fruto talvez, de ser lugar de residências secundárias mais evidenciado, como já fizemos referencia. A intenção de voltar é assumida em ambas as localidades de forma quase unânime, 99%, e de transporte próprio, quer diariamente quer casualmente. São praias, portanto, com capacidade de fidelizar utentes. A estada atual e em anos anteriores decorre nas próprias localidades em estudo, destacando-se mais uma vez, a Praia de Mira, com valores mais elevados, 77%. Quem não se encontra alojado, faz a viagem diária e/ou casual. Como já anteriormente abordado, as localidades são e estão bem servidas de vias de comunicação, contribuindo deste modo bastante para uma aproximação muito grande entre os lugares e regiões de origem dos turistas e as praias em questão.

2.3.3 – ESPAÇOS, PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

Nas questões relacionadas com **o conhecer de espaços, práticas e experiências** vividas pela procura turística nas localidades da Praia de Mira e da Praia da Tocha, como destino turístico, partimos da análise das respostas às questões que identificam o alojamento, duração da estada, preço médio por noite, utilização de equipamentos e satisfação, para obter resposta.

O gráfico abaixo evidencia o tipo de alojamento escolhido e usado pelos veraneantes nas localidades em estudo.

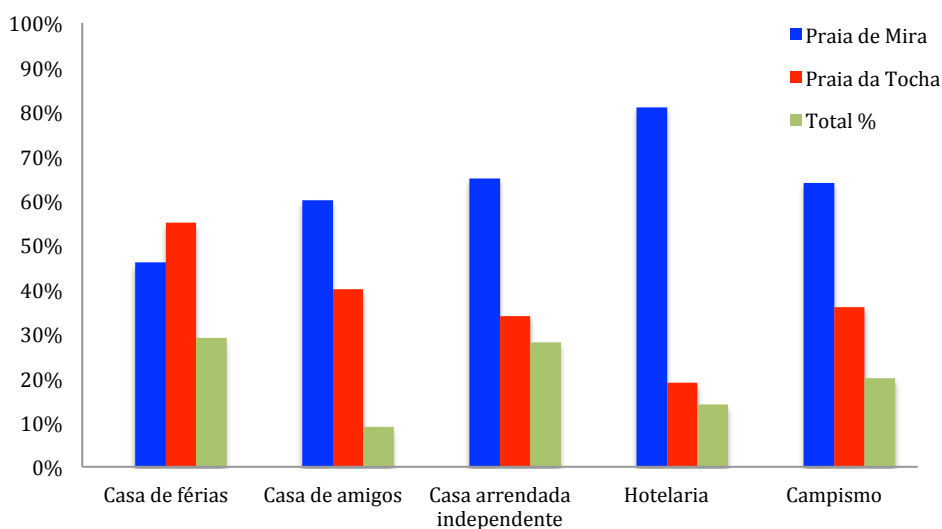


Gráfico 10: Alojamento dos veraneantes
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

A Praia de Mira tem mais e melhor disponibilidade e capacidade hoteleira que a Praia da Tocha, assim como capacidade campista. A Praia da Tocha é lugar de residências secundárias. A cedência de casas entre amigos é prática comum na Praia de Mira, fruto de uma antiguidade de convívio entre famílias.

O regime hoteleiro e campista são-nos indicados pelo quadro seguinte.

ALOJAMENTO: HOTELARIA	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Pensão Completa	6%	0%	6%
Meia pensão	53%	13%	66%
Com pequeno almoço	22%	6%	28%
ALOJAMENTO: CAMPISMO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Tenda	40%	13%	53%
Autocaravana	20%	22%	42%
Bungalow	4%	0%	4%

Quadro 23: Tipo de alojamento: hotelaria e campismo dos veraneantes
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Do total de respostas nas duas localidades referentes à hotelaria, a maioria dos turistas optaram pela meia pensão e sendo este valor mais evidente na Praia de Mira. Dos valores apurados nesta questão, os referentes à Praia da Tocha referem-se a valores de unidades hoteleiras que se localizam na Vila da Tocha, não na Praia da Tocha. Certifica-se a já referida capacidade de alojamento da Praia de Mira e a insuficiência e escassez na Praia da Tocha.

Relativamente ao campismo, são as tendas e autocaravanas as preferidas e usadas no campismo. Na Praia de Mira predominam as tendas e na Praia da Tocha as autocaravanas. Os valores apurados reforçam uma vez mais a frequência de mais jovens na Praia de Mira do que na Praia da Tocha. As tendas são mais frequentemente usadas por jovens e as autocaravanas por adultos, que são os turistas mais frequentes na Praia da Tocha, como já evidenciámos. Cremos que são razões económicas a ditarem as regras deste tipo de alojamento campista.

Para além das razões económicas sugeridas no momento da escolha do alojamento, outras há que também se impõem. O gráfico seguinte reúne as respostas obtidas aos inquiridos.

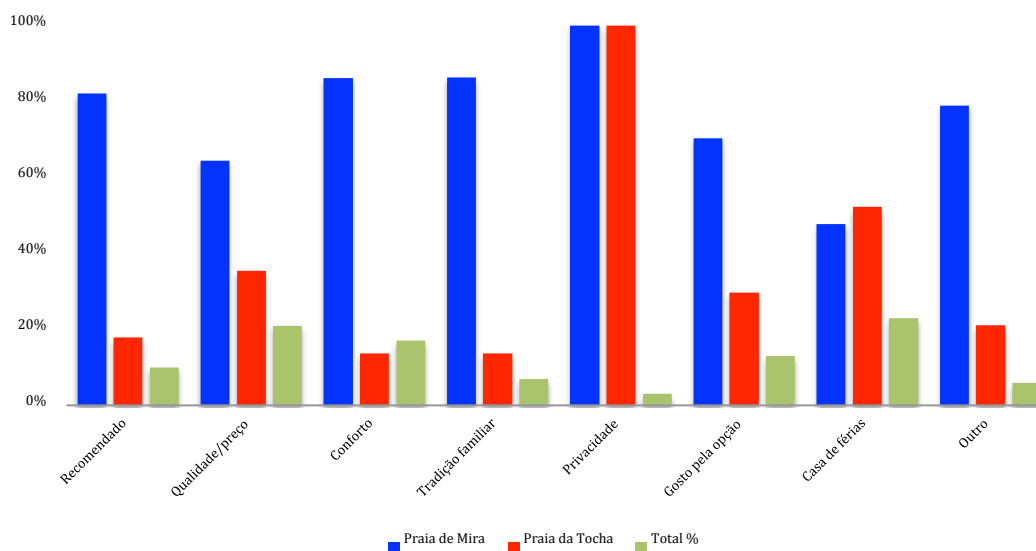


Gráfico 11: Razões na escolha do alojamento dos veraneantes

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

A privacidade é importante para ambas as localidades. Somos em crer que as vivendas disponíveis na Praia de Mira com serventia de cozinha e sem convívio com os respectivos moradores, assumem um importante papel na inserção do turismo balnear na localidade, mesmo que informal. Recordamos que na Praia de Mira o número de pessoas alojadas na mesma casa é considerável, conforme referenciámos anteriormente, porém, serão as generosas dimensões da habitação responsáveis pela sua escolha. Os apartamentos disponíveis na Praia da Tocha, também sem a partilha com os residentes habituais, assumem um papel importante no momento da escolha da localidade para aí se fazer férias. A Praia da Tocha tem na casa de férias o principal motivo para aí gozar o período de férias de verão, corroborando uma vez mais considerações anteriormente referenciadas, de ser uma localidade arquitetada maioritariamente por residência secundárias. A tradição balnear obtida na Praia de Mira reforça uma vez mais o carácter antigo da localidade nesta prática de fazer férias. O conforto e a relação qualidade/preço também assumem posições de destaque na hora da escolha, sobretudo na Praia de Mira.

A duração e preço médio por noite da estada é-nos dada pelo quadro seguinte.

DURAÇÃO DA ESTADA	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Até uma semana	31%	5%	36%
Mais de uma semana	33%	31%	64%
PREÇO MÉDIO POR NOITE	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
5-10€	7%	4%	11%
10-15€	13%	7%	20%
15-20€	24%	7%	30%
Mais de 20€	32%	7%	39%

Quadro 24: Duração da estada e preço médio por noite
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

O quadro mostra-nos que são lugares onde a quinzena é o período mais usado, com um preço médio superior a 15€ por noite, sendo o valor de mais de 20€ por noite o mais frequente. Os maiores valores encontram-se na Praia de Mira.

Durante a estada os valores da utilização de equipamentos de apoio ao turismo e à população em geral, bem como, a satisfação do público pelo usos dos mesmos, reúnem-se no quadro seguinte.

UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS: CAFÉS/BARES	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Sim	61%	38%	99%
Não	0%	1%	1%
UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS: RESTAURAÇÃO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Sim	42%	32%	73%
Não	19%	7%	27%
UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS: MERCADOS	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Sim	40%	30%	70%
Não	20%	10%	30%
UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS: SATISFAÇÃO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Satisfeito	59%	41%	100%
Pouco Satisfeito	41%	59%	100%

Quadro 25: Utilização e satisfação de equipamentos pelos veraneantes

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Este revela-nos que a quase totalidade dos inquiridos frequentam cafés/bares, restauração e mercados nos lugares em estudo.

A Praia de Mira regista valores superiores nas variáveis descritas, relativamente à Praia da Tocha. Como referido anteriormente, a Praia de Mira é destino de férias de uma população de faixa etária mais jovem, mais vocacionada para frequentar cafés e bares, do que a Praia da Tocha. Também a tradição da vocação turística da Praia de Mira, leva os turistas a frequentar restauração que iniciou atividade há muitos anos. Há na localidade restaurantes com 40 e mais anos em funcionamento. Os valores correspondentes em não frequentar restauração, também se situam na Praia de Mira, corroborando o que anteriormente referimos, em que o alojamento lançado no circuito informal de alojamento a turistas, dispõem de cozinha e demais comodidades, permitindo que as refeições sejam feitas em casa. A ida ao mercado imprime um carácter familiar ao período de férias, adquirindo produtos frescos necessários para a confecção das refeições feitas no alojamento arrendado, criando assim um convívio familiar

ampliado. Os valores referentes à Praia de Mira corroboram novamente o que mencionamos anteriormente.

Quanto à satisfação da utilização das infraestruturas turísticas, as respostas foram equitativas para a satisfação e pouca satisfação, do uso e disponibilidade das infraestruturas turísticas.

2.3.4 - PERCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES DOS TURISTAS

O aferir das percepções e representações que os veraneantes têm da oferta turística, decorre da análise das respostas às questões que se referiram às sugestões, satisfação, outras praias que frequenta, se visita o estrangeiro ou outros lugares quando se encontra aqui de férias nos lugares em estudo e o que mais aprecia, para obter resposta.

As sugestões referidas pelos inquiridos encontram-se reunidas no quadro seguinte.

SUGESTÕES	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Melhores bares	85%	15%	100%
Cinema	82%	18%	100%
Satisfeito	80%	20%	100%
Parque temático	80%	20%	100%
Outros	85%	15%	100%

Quadro 26: Sugestões de equipamentos na Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

Este aponta para uma distribuição semelhante em ambas as localidades, na percentagem atribuída às sugestões para melhorar a localidade de veraneio, como destino turístico balnear. 80% dos inquiridos reclamam melhores bares, existência de

cinema e parque temático na Praia de Mira. 20% fazem as mesmas sugestões para a Praia da Tocha. Os valores vão ao encontro das necessidades, prioridades e características dos veraneantes de cada localidade. São sugestões, na Praia de Mira, típicas de um público jovem que procura mais que sol e mar. Na Praia da Tocha, os valores baixos correspondem a público mais adulto, que deseja desfrutar da contemplação e repouso no período de férias, como oportunamente também já referenciámos.

Relativamente à satisfação dos inquiridos pela frequência nas localidades em estudo, os valores reúnem-se no quadro seguinte.

SATISFAÇÃO: VIAS COMUNICAÇÃO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Satisfeito	59%	41%	100%
Não satisfeito	0%	0%	0%
SATISFAÇÃO: PRESTAÇÃO DE BENS/SERVIÇOS	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Satisfeito	60%	40%	100%
Não satisfeito	0%	1%	1%
SATISFAÇÃO: APOIO BALNEAR	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Satisfeito	58%	42%	100%
Não satisfeito	0%	1%	1%
SUGESTÕES	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Mais Limpeza	50%	50%	100%
Mais estacionamento	97%	3%	100%
Correios	83%	17%	100%
Outros	36%	64%	100%

Quadro 27: Satisfação pelo uso de equipamentos e sugestões dos turistas

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

As vias de comunicação são referidas com total satisfação em ambos os lugares. Como já apontado, as localidades são bem servidas de acessos, que as aproximam das regiões de origem dos turistas.

A prestação de bens e serviços e o apoio balnear, também tem total satisfação em ambos as localidades. A reincidência dos mesmos turistas na Praia de Mira ao longo dos anos para aí passarem o período de férias, e o desenvolvimento da localidade como lugar de turismo de sol e mar, corroboram os valores de satisfação na prestação de serviços.

Relativamente às sugestões apontadas pelos turistas, estes referem-se a mais limpeza, mais estacionamento e à existência de correios nas localidades. No ponto referente a haver mais limpeza na localidade, com equidade dos valores, referiram-se os turistas de ambas as localidades. A limpeza das localidades refere-se ao lixo doméstico que se acumula na via pública, por dificuldade dos serviços municipais em o recolher com a frequência adequada à produção deste. Mais estacionamento para os automóveis foi mencionado por quase todos os turistas da Praia de Mira e poucos na Praia da Tocha. Os valores corroboram o que anteriormente mencionamos, em que o modo de deslocação é maioritariamente feito através de veículo próprio num movimento pendular diário de ida à praia, criando necessidade de haver estacionamento. A existência de correios foi sugerido por grande número na Praia de Mira e poucos na Praia da Tocha. Como já mencionado, a Praia de Mira é lugar de férias prolongadas de 2 a 3 semanas de estada, o que origina necessidades de prestação de serviços aos veraneantes por parte da entidade, nomeadamente os correios³⁰. Para além dos lugares em estudo, o quadro abaixo diz-nos outras praias que os veraneantes inquiridos frequentam, bem como se visita o estrangeiro e se visita outros lugares quando se encontra de férias na Praia de Mira ou Praia da Tocha.

OUTRAS PRAIAS QUE FREQUENTA	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Norte	72%	28%	100%
Centro	76%	24%	100%
Sul	61%	39%	100%
VISITA ESTRANGEIRO?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Sim	41%	22%	63%
Não	37%	0%	37%
VISITA OUTROS LUGARES QUANDO SE ENCONTRA AQUI DE FÉRIAS?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Nenhumas	31%	20%	51%
Lugares Próximos	30%	19%	49%

Quadro 28: Outras praias que frequentam e visitas para outros lugares dos turistas da Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

³⁰ Saliente-se que no ano em que os inquéritos foram aplicados, a Praia de Mira, por razões de reestruturação de serviços, não tinha posto de correios

Os turistas da Praia de Mira frequentam mais outras praias, com valores acima de 70%, para as da região norte e centro, e mais de 60% para as praias do sul, do que os turistas da Praia da Tocha. Como anteriormente referido, os turistas da Praia da Tocha são donos da sua casa de férias, logo, são mais fiéis a este lugar, porque é lugar de residência secundária.

No que se refere a visitas a outros lugares quando se encontram de férias nos lugares em estudo, há uma equidade de valores entre os turistas que frequentam as localidades. Por lugar, na Praia da Tocha há menos deslocações para fora. Os valores reafirmam o carácter de lugar de residência secundária da Praia da Tocha.

Abordaremos de seguida o que mais aprecia na Praia de Mira e Praia da Tocha. Neste último ponto recolhido pelos inquéritos, o gráfico seguinte diz-nos o que mais apreciam os turistas nas localidades em estudo e justificam uma estada no verão.

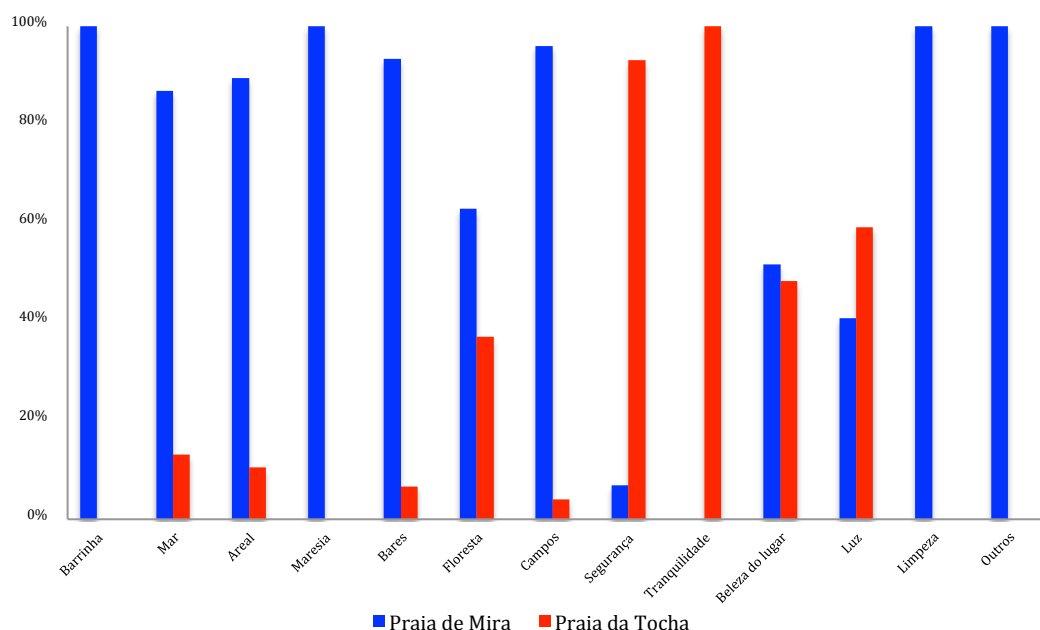


Gráfico 12: O que mais apreciam os veraneantes

Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

A Praia de Mira é a eleita pelos turistas inquiridos por possuir um areal, mar, maresia, bares, campos e floresta. A Praia da Tocha valoriza-se e destaca-se pela

segurança e tranquilidade. A vocação turística para um público mais jovens está imprimida na Praia de Mira. A vocação turística encontra-se disponível para um público mais maduro na Praia da Tocha.

2.3.5 – SÍNTESE

1) Recolhendo a informação e sintetizando-a, encontramos uma distribuição equitativa por género em ambas as localidades de estudo. A estrutura etária dos veraneantes revela-nos que a Praia de Mira é mais procurada por jovens e idosos e que a Praia da Tocha é frequentada maioritariamente por adultos. Em relação ao estado civil dos turistas, os resultados dos inquéritos evidenciam, na Praia de Mira, maior frequência de solteiros, enquanto a Praia da Tocha acolhe mais casados e separados. A nacionalidade dos veraneantes revela-nos que são praias frequentadas maioritariamente por turistas portugueses. A Praia de Mira atrai mais estrangeiros que a Praia da Tocha. A naturalidade dos turistas revela-nos também a região centro como a grande área de influências nas duas localidades de veraneio. A residência dos turistas localiza-se maioritariamente no distrito de Coimbra, sobretudo os que frequentam a Praia da Tocha. A Praia de Mira estende-se até aos distritos de Aveiro, Viseu e Guarda. A escolaridade dos veraneantes é maioritariamente de formação superior em ambas as localidades. Particularizando, a Praia de Mira é escolhida por uma população mais escolarizada que a Praia da Tocha. O agregado familiar dos turistas mostra-nos que são lugares para veraneantes com dois e quatro elementos. A Praia da Tocha é mais frequentada por casais. A Praia de Mira é-o por famílias com filhos e ascendentes. A maioria tem filhos, e maioritariamente com dois filhos. A Praia da Tocha tem mais famílias com 2 filhos, que correspondem a pais divorciados. A profissão dos inquiridos revela-nos que corresponde maioritariamente a atividades laborais por conta de outrem. A Praia de Mira tem o maior número. Os reformados e os estudantes predominam na Praia de Mira, como já se considerou pela análise dos grupos etários. Os

veraneantes com rendimentos mais baixos, inferiores a 500€/mês, predominam na Praia da Tocha. No geral, os rendimentos superiores a 500€, encontramos mais efetivos na Praia de Mira.

2) Na síntese das motivações dos turistas que procuram alojamento na Praia de Mira, as razões da escolha da localidade para férias prendem-se com a proximidade, acessibilidade, tradição familiar e recomendação. A tradição familiar evidencia o carácter antigo desta prática turística, contrapondo com a Praia da Tocha que apresenta valores residuais. A casa de férias é a razão principal dos turistas que frequentam a Praia da Tocha, pois dela são proprietários. A frequência destes lugares pela primeira vez apresenta valores baixos. São lugares que não são visitados pela primeira vez. A Praia de Mira mostra a maior antiguidade como destino de praia comparada com a Praia da Tocha. São lugares visitados pelos veraneantes há muitos anos, destacando-se quase na totalidade a Praia de Mira, com a totalidade de respostas à questão se frequenta há mais de dez anos. A época específica corresponde à época alta do verão, para ambos os lugares, com destaque para a Praia de Mira. A Praia da Tocha destaca-se por ter turistas noutras épocas, relacionadas com festividades anuais. A Praia de Mira assume-se como destino de sol e mar. São turistas que regressarão. O transporte utilizado, o modo de deslocação, é o transporte próprio.

3) Relativamente à aferição dos espaços, práticas e experiências vividas pela procura turística nas localidades em estudo como destino turístico, verificamos que a maioria dos turistas se encontram alojados nas duas localidades. Os veraneantes que fazem deslocações para ir à praia, no geral há uma equidade, quer na deslocação diária quer na de forma casual. Em anos anteriores estes turistas já se encontravam alojados neste lugares. A Praia de Mira tem mais e melhor disponibilidade e capacidade hoteleira que a Praia da Tocha, assim como capacidade campista. A Praia da Tocha é lugar de residências secundárias. A cedência de casas entre amigos é prática comum na Praia de Mira, fruto de uma antiguidade de convívio entre famílias, bem como casas independentes e particulares arrendadas. Relativamente às razões da escolha do alojamento, na Praia de Mira destacam-se as recomendações de quem já lá esteve, a relação qualidade/preço, o conforto, a tradição e o gosto pelo lugar. Na Praia da Tocha é a casa de férias, residência secundária, que prevalece na escolha deste alojamento para

férias. A totalidade dos inquiridos de ambos os lugares elegeram a privacidade na escolha do alojamento. A duração da estada corresponde à *quinzena* em ambos os lugares. A residência secundária justifica esse tempo de permanência na Praia da Tocha e a tradição de veraneio na Praia de Mira. O preço médio por noite caracteriza-se por um alojamento na Praia da Tocha ser mais barato que na Praia de Mira. Há uma utilização plena, em ambos os lugares, de equipamentos cafés/bares. A restauração na Praia de Mira é mais utilizada que na Praia da Tocha. A ida aos mercados ocorre com mais frequência na Praia de Mira. Há uma satisfação plena no uso dos equipamentos turísticos, em ambas as praias. Contudo, os turistas da Praia de Mira são bem mais reivindicativos do que os da Praia da Tocha, ao sugerirem melhores bares, existência de cinema, parque temático e outras, consequência, somos em crer, de ser uma população mais jovem, com maior poder reivindicativo.

4) Por fim, e relativamente à percepção e representações que os turistas fazem das localidades em análise, a satisfação das vias de comunicação, a prestação de bens/serviços e o apoio balnear são quase totais nos inquiridos. As sugestões apontadas passam por uma equidade de respostas nos turistas de ambos os lugares quanto a ter mais limpeza nos espaços, e a uma forte reivindicação de mais estacionamento e correios, nos frequentadores da Praia de Mira. Quanto a outras praias que frequenta, os veraneantes da Praia de Mira saem mais para conhecer outras praias do que os turistas da Praia da Tocha. Em visitas ao estrangeiro, estes indivíduos já saíram do país por motivo de férias. Na Praia de Mira obteve-se a maioria das respostas afirmativas. São praias que por si só conseguem manter os veraneantes aí a passar as suas férias. Os turistas da Praia de Mira afirmaram em grande número que apreciam muito o mar, o areal, os bares, a floresta, a beleza do lugar e a limpeza do lugar. A maresia teve a totalidade das respostas de todos os inquiridos, tendo na Praia de Mira, uma especial e singular significado este aroma. A Barrinha é um recurso de referência para os veraneantes da Praia de Mira. Os turistas da Praia da Tocha afirmaram em grande número os campos agrícolas das aldeias próximas do lugar, a segurança, a tranquilidade e a luz da praia como sendo os aspectos e referências que mais apreciam na localidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo traçado para tema em estudo – *o turismo balnear e as dinâmicas territoriais* – foi evidenciar a sua importância em duas antigas localidades piscatórias, do Centro Litoral português, Praia de Mira e Praia da Tocha, e demonstrar como este fenómeno as pode diferenciar, mesmo que distando uma da outra pouco mais que uma dezena de quilómetros.

A literatura regista que até à primeira metade do século XX o litoral português passou por diferentes fases. Com o fim da segunda guerra mundial, e acompanhando as dinâmicas económicas internacionais, a costa portuguesa conheceu uma nova vitalidade, com transformações na economia e na sociedade. Tal como sucedia um pouco pela Europa, em Portugal ainda de forma mais paulatina, também o turismo de sol e mar começa a ganhar relevo.

As costas do Estoril e do Algarve, com um a história mais antiga – proximidade da capital e do poder, clima ameno foram os principais polos na criação de um novo modelo de turismo que se importou para Portugal, na segunda metade do século XX. Os recursos turísticos praia, sol e mar passaram a ser a referência e a ter a preferência dos visitantes nacionais e estrangeiros, criando assim no turismo balnear português, os pilares do fenómeno que conhecemos. Este desenvolve-se como uma atividade que se relaciona com a tendência ocorrida a nível mundial, ou seja, inicia-se pelas classes mais abastadas, passando, posteriormente, a assumir a massificação, no que se refere ao uso da praia.

As transformações ocorridas e imprimidas nos lugares da Praia de Mira e da Praia da Tocha, no período considerado de 1960 a 2012, obedecem, portanto, à maneira como o mundo evoluiu e o país se organizou no tempo, nos domínios demográfico, cultural e político.

Os impactos provenientes das atividades humanas sobre as áreas costeiras sempre existiram, porém em escalas e dimensões limitadas aos lugares e no quadro nacional. Nas localidades em estudo, nos últimos 50 anos, as alterações no uso e na ocupação do solo foram acentuadas, de modo a permitir responder aos interesses económicos, sociais e políticos, como referido. Inicialmente até aos anos 60 do século XX, construíram-se casas de férias, residências secundárias, em alguns dos lugares que hoje ainda são referencia no país – S Pedro de Moel, S. Martinho, Ericeira e Paria da Rocha. De um modo mais intenso, no litoral português é partir dos finais dos anos 80 principio de 90. Voltadas para a necessidade do veraneio e inseridas no paradigma de crescimento económico da época. Posteriormente, o turismo de sol e mar foi-se consolidando e esta retratado no aumento de construções de variadas infraestruturas e equipamentos, como vias de comunicação, hotelaria, restauração e aldeamentos turísticos, que serviram e servem de apoio ao crescimento da nova atividade, provocando no território alterações diversas.

Os lugares em estudo da Praia de Mira e da Praia da Tocha localizam-se numa faixa litoral geologicamente recente, começada a desenhar-se no período quaternário. Ambos os lugares têm um comportamento alterável, mutável e frágil, como resultado do seu carácter recente e natureza geológica desintegrada e areenta do território onde se encontram. Sujeitos a uma erosão costeira quase permanente, trata-se de uma realidade que condiciona de forma significativa a utilização e ocupação deste território. A bibliografia da especialidade revela que a Praia da Tocha se encontra mais estável na largura do areal do que a Praia de Mira. Esta já apresenta estruturas pesadas de proteção costeira. Quer uma, quer outra, inserem-se num território com uma ocupação humana tardia, situando-se durante os finais do século XVII e por todo o século XVIII, atendendo ao contexto regional que já se encontrava povoado.

São localidades com a mesma origem, ligadas à exploração artesanal de recursos marinhos. Na Praia de Mira, e por decisão política, o turismo de sol e mar impôs-se à população mirenses, nos anos 50 do século XX, acompanhando a progressiva turistificação dos lugares de praia do litoral português, com vista a um desenvolvimento do território. A aposta no turismo balnear levou não só à inserção de novos objetos urbanos, como à refuncionalização de antigos e, conseqüentemente, até à alteração de

toda a dinâmica local.

Os típicos palheiros que faziam a paisagem da Praia de Mira deram lugar às construções de alvenaria. A pressão imobiliária nas áreas mais desejadas é muito forte, em termos de especulação imobiliária. O fenómeno expande-se em direção à periferia, criando assim novas áreas residenciais, à custa da alteração do uso e ocupação do solo. Este deixa de ser agrícola e passa a ter uso e ocupação residencial e urbana, a fim de responder às necessidades turísticas do lugar. As atividades agrícolas e de pesca estão mais afastadas do quotidiano dos habitantes mirenses. O processo de interferência do turismo na localidade nos últimos 50 anos é muito significativo, evidenciando-se o crescimento do setor terciário da economia. Na Praia da Tocha o processo foi um pouco mais tardio e sustentável. O crescimento da localidade foi praticamente nulo até aos anos 80 do século XX. Observando os últimos 20 a 30 anos, o lugar conheceu uma ampliação que se tornou e evidenciou muito intensa. As forças catalisadoras residem nas atividades turísticas de sol e mar, que transformaram o lugar de ocupação sazonal pelos pescadores, em localidade para se ter a casa de praia, a casa dos fins de semana, a casa de férias, a residência secundária. Nesta localidade não houve um plano de urbanismo adequado às necessidades turísticas do lugar nos anos 50 do século XX, como aconteceu em outros lugares do país, porque aqui não havia habitantes permanentes ou população flutuante em número capaz de justificar tal intervenção.

Foi para perceber estes diferentes processos que realizamos um intenso trabalho de campo com inquéritos lançados às populações locais e aos turistas que frequentam as respetivas praias. O ponto de partida foram os resultados desta pesquisa devidamente triangulados com dados e valores oficiais lançados pelo INE, referentes aos diferentes indicadores geográficos que se refletem no território, de modo a responder às questões-chave formuladas no início do trabalho.

A população residente nos lugares em estudo está envelhecida, com maiores valores de adultos e idosos, registando acima de 80% do total considerado, em contraponto com o grupo dos jovens. O estado civil indica-nos que são maioritariamente casados, seguido de solteiros, viúvos, em união de facto e separados. A grande maioria dos habitantes é natural da Praia de Mira, com 55%, por oposição à população residente

da Praia da Tocha, que não é natural do lugar em estudo, representado com 1%. Esta variável indica-nos a antiguidade dos lugares, sendo a Praia de Mira mais antiga que a Praia da Tocha, pelo conhecimento da naturalidade da população. A escolaridade caracteriza-se por níveis de analfabetismo na ordem dos 4%. Os residentes da Praia de Mira têm níveis de escolaridade mais elevados no ensino básico, com 46%, que os residentes da Praia da Tocha, com 28%. Já nos níveis secundários e superior, é na Praia da Tocha que residem os maiores valores, com 39% e 30% respectivamente, contra os 36% e 13% encontrados na Praia de Mira, nesses mesmos níveis de ensino.

A Praia de Mira tem mais residentes que já viveram no estrangeiro do que a Praia da Tocha, com 19% e 5%, respectivamente. A maioria residiu na Europa e os restantes residiram em outro continente. A população que esteve fora da Europa e que atualmente reside na Praia de Mira corresponde a ex-emigrantes ligados à pesca longínqua, fora do continente europeu. Isto corrobora um ditado que remonta a tempos longínquos e que sempre fez parte da identidade dos mirenses: *“Mira dá o Homem, mas não o cria!”* A localidade continua a ser um lugar emissor de mão de obra pesqueira. A maioria dos inquiridos trabalha por conta de outrem.

Na Praia de Mira alguns inquiridos exercem outras atividades económicas, por conta própria, ligadas à agricultura. A motivação para o exercício dessas atividades prende-se com a necessidade de ter um complemento para os rendimentos disponíveis na família. Na Praia da Tocha este fenómeno é muito residual. O tempo de deslocação para os empregos é reduzido, pois estes por disponibilidade inserem-se no tecido produtivo local, o que faz com que se use o veículo próprio. A Praia da Tocha não é servida por transporte público. O rendimento disponível até 500€/mês é o que predomina nas localidades em estudo. A população residente na Praia da Tocha tem rendimentos superiores, com uma representação de 46% detentora de entre 500€ a 1000€ e 22% para rendimentos acima de 1000€, contrapondo os 39% na Praia de Mira para valores entre 500€ a 1000€ e 10% acima de 1000€. Este aspeto é reforçado na percepção da necessidade de ter outra atividade económica, como acontece na Praia de Mira, para garantir um aumento dos rendimentos disponíveis. Face ao exposto, as motivações dos residentes que oferecem alojamento a turistas nas localidades da Praia de Mira e da Praia da Tocha encontramos-las na análise sociodemográfica, anteriormente

registada.

As características da habitação (maioritariamente vivendas com maior adaptabilidade em divisões) e o regime de propriedade (habitação própria) ampliam e indica-nos uma melhor disponibilidade para o arrendamento informal a turistas. São habitações dos próprios moradores. Estes quando ocorrem, acontecem maioritariamente na Praia de Mira, com 19% de respostas afirmativas, há muitos anos, com valores na ordem dos 20% nos períodos entre os 15 e os 40 anos, e no verão, com a totalidade das respostas afirmativas. Na Praia da Tocha o fenómeno é recente, com o predomínio de respostas encontradas no período entre 1 ano e 10 anos, e ocorre todo o ano. Na Praia de Mira a casa é na maioria das ocasiões toda arrendada e com serventia de cozinha. Na Praia da Tocha as habitações são, na maior parte dos casos, residências secundárias, o que origina pouco arrendamento disponível. A reincidência do arrendamento de uns anos para os outros é uma realidade muito forte na Praia de Mira, com valores de 86%. A duração da estada é maior nesta localidade do que na Praia da Tocha. Também o preço médio por noite é mais caro na Praia de Mira, com 96% de respostas a reconhecer um valor na ordem dos 20€ por noite, do que na Praia da Tocha, com 63% das respostas a referirem que arrendam até 15€ por noite. As razões do arrendamento das suas casas prendem-se com motivos de complemento dos rendimentos disponíveis. Na Praia de Mira a necessidade é maior que na Praia da Tocha.

As questões relacionadas com o grau de satisfação da população residente no uso das infraestruturas turísticas, levou-nos a conhecer os espaços, práticas e experiências vividas pela oferta turística. A satisfação das infraestruturas públicas, no caso das vias de comunicação e apoio balnear é plena em ambos os lugares. Em relação a bens e serviços, as populações não estão satisfeitas, destacando-se a Praia de Mira com maior grau de insatisfação, com valor de 73%, contra 43% na Praia da Tocha. Os correios, o posto médico, a limpeza da floresta, as acessibilidades, a existência de mais hotéis, o saneamento e as infraestruturas de desporto/lazer devem melhorar, na opinião da quase totalidade da população residente na Praia de Mira, pois estão, em seu entender, desajustados e a funcionar muito mal. A questão da Barrinha é considerada para os naturais da Praia de Mira um recurso que supera os demais, um bem coletivo com um valor equivalente à própria vida, pois a Praia de Mira não o é sem a Barrinha. É o espelho

de si. A monitorização do lago é necessária para garantir a qualidade da água e áreas envolventes. A população residente da Praia da Tocha manifesta-se satisfeita com todos os aspetos anteriormente mencionados. O turismo balnear para as duas localidades é muito importante, sobretudo para os residentes da Praia de Mira, pois é tido como fator de desenvolvimento. Na Praia da Tocha ainda se encontram ecos de uma localidade com um passado de lugar de ocupação sazonal, materializada pelos proprietários das residências secundárias, na época de verão. Os comportamentos sociais, familiares e os hábitos de consumo mudaram bastante nos lugares em estudo, pela perceção sentida nos seus habitantes.

Relativamente ao que caracteriza a procura turística nas localidades da Praia de Mira e da Praia da Tocha, a análise das respostas obtidas pelos inquéritos aplicados aos turistas, e valores oficiais publicados pelo INE, revelaram que a Praia de Mira é mais procurada por jovens, com valores entre 10 e 20 efetivos nas classes etárias entre os 15 e 20 anos, e que a Praia da Tocha é frequentada maioritariamente por adultos, pelos valores obtidos, entre 20 e 30 efetivos nas classes entre etárias dos 35 aos 54 anos. Em relação ao estado civil, a Praia de Mira tem maior frequência de solteiros, enquanto a Praia da Tocha acolhe mais casados e separados. A Praia de Mira, à parte dos solteiros, é lugar tradicionalmente frequentado por famílias com filhos e ascendentes.

São destinos, na maioria, para turistas portugueses e oriundos da região centro. A Praia de Mira atrai mais estrangeiros, com 50% dos turistas, do que a Praia da Tocha, que soma 37%. A Praia de Mira é escolhida por uma população mais escolarizada que a Praia da Tocha. A profissão dos inquiridos corresponde maioritariamente a atividades laborais por conta de outrem. Os reformados e os estudantes predominam na Praia de Mira. Os veraneantes com rendimentos mais baixos prevalecem na Praia da Tocha, e os que possuem rendimentos superiores encontram-se na Praia de Mira. São férias tipicamente familiares.

A proximidade, a acessibilidade, a tradição familiar e a recomendação são as principais motivações dos turistas que procuram a Praia de Mira. A casa de férias é a razão principal dos turistas que frequentam a Praia da Tocha, pois dela são proprietários. A Praia de Mira tem maior antiguidade como destino de praia,

comparativamente com a Praia da Tocha, como averiguamos anteriormente na questão da reincidência do alojamento às mesmas pessoas. A época específica de frequência corresponde à época alta do verão, para ambos os lugares, com destaque para a Praia de Mira com 71%. A Praia da Tocha destaca-se por ter turistas noutras épocas, nomeadamente nas relacionadas com festividades anuais, com o valor de 46%. A Praia de Mira tem mais e melhor disponibilidade e capacidade hoteleira que a Praia da Tocha, assim como capacidade campista. Na Praia de Mira destacam-se as recomendações de quem já lá esteve a passar férias, a relação qualidade/preço, o conforto, a tradição e o gosto pelo lugar, pela escolha do alojamento. Na Praia da Tocha é a casa de férias, residência secundária, que determina as férias, com 52% de respostas afirmativas. A privacidade é comum na escolha do alojamento em ambas as localidades. A duração da estada corresponde à *quinzena* em ambos os lugares. O alojamento na Praia da Tocha é mais barato que na Praia de Mira.

Há uma utilização diária no período de férias, em ambos os lugares, de equipamentos cafés/bares. Na Praia de Mira a frequência de restauração e a ida aos mercados é mais utilizada que na Praia da Tocha, com 42% e 40% verificados na Praia de Mira, contra 32% e 30% observados na Praia da Tocha, respectivamente, pois neste lugar a maioria dos turistas alojam-se em casa própria, de férias, com tudo o que isso implica para a sua estada. A satisfação é absoluta no uso dos equipamentos turísticos, em ambas as praias. As vias de comunicação, a prestação de bens/serviços e o apoio balnear têm uma satisfação quase totais nos inquiridos. São lugares que por si só conseguem manter os veraneantes aí a passar as suas férias. Quando se deslocam em passeios, são os veraneantes da Praia de Mira que saem mais para conhecer outras praias.

O mar, o areal, os bares, a floresta, a beleza do lugar, a maresia, a Barrinha e a limpeza do lugar são os pontos e particularidades que identificam a Praia de Mira pelos turistas. Os campos agrícolas das aldeias próximas do lugar, a segurança, a tranquilidade e a luz da praia são os aspetos e referências que os veraneantes na Praia da Tocha mais apreciam.

Às questões específicas elaboradas no início da tese, considera-se, portanto, que as dinâmicas territoriais não são semelhantes nos casos em estudo. A Praia de Mira encetou, quase 30 anos antes que a Praia da Tocha, pela via do turismo como modelo de crescimento e de desenvolvimento da localidade. As diferentes forças, despertadas pelo mesmo fenómeno turístico, conceberam dinâmicas territoriais singulares. Na Praia de Mira os palheiros deram lugar a habitações de cimento, para responder à procura turística balnear. Na Praia da Tocha os palheiros são para se manterem e os construtores/proprietários das novas habitações são obrigados, por imposição do Plano Diretor Municipal de Cantanhede (PDN), a revestir o imóvel com a tradicional madeira. As publicações do INE dão-nos conta de que a Praia de Mira é lugar de residência permanente, sem nunca o ter deixado de ser, enquanto a Praia da Tocha é localidade de residências secundárias, estando na atualidade a mudar, também para lugar de residência principal. Estas dinâmicas territoriais conduziram a um crescimento e/ou desenvolvimento destes espaços. Os valores publicados pelo INE revelam um aumento extraordinário do número de residentes, famílias e habitações nos últimos 30 anos na Praia da Tocha, e também um valor muito significativo na Praia de Mira. Também os testemunhos das populações locais, manifestados nos inquéritos, revelam que sentem uma melhoria muito significativa na sua qualidade de vida, graças ao incremento do turismo nas suas localidades e, conseqüentemente, nas suas vivências diárias. Os contributos para que estes lugares manifestem crescimento/desenvolvimento no quadro regional do centro do país encontram-se, entre outros aspetos, na melhoria e ampliação das vias de comunicação, que permitem fazer chegar com maior facilidade os turistas oriundos dos distritos da região centro. Por outro lado, a disponibilidade hoteleira e demais infraestruturas de apoio ao turismo nas localidades concorreram bastante para que se assista a um desenvolvimento destes antigos lugares de pesca artesanal. Os recursos turísticos dos lugares também têm uma importância capital no momento da escolha da praia para aí passar férias. É fundamental preservá-los, desenvolvê-los, e torná-los aptos a serem usados pelos turistas, sem os expor à erosão e/ou extinção.

A hipótese formulada no início da investigação e que levou a desenvolver esta tese – *o papel do turismo balnear tem sido fundamental para a coesão territorial e social dos lugares em estudo, com ações concretas e dinâmicas, levando à transformação dos lugares*

com desenvolvimento efetivo, nulo ou atrofiado, revelou que tem havido um desenvolvimento efetivo em ambos os lugares em estudo, devido ao turismo de sol e mar nas localidades. A coesão territorial e social foi reforçada em ambos os lugares. Na Praia de Mira as novas construções alojam antigos vizinhos dos palheiros e novos moradores. Na Praia da Tocha a associação de moradores do lugar garante uma sã convivência de novos vizinhos que para ali vão viver, porque vão viver para uma praia e com tudo o que isso representa.

Em síntese este estudo leva-nos a concluir que a Praia de Mira esta consolidada, e a Praia da Tocha reúne as condições para se afirmar, mantendo os traços arquitectónicos que tem e a caracteriza como lugar.

BIBLIOGRAFIA

- AIREY, D. and Johnson, S. (1999) *"The Content of Degree Courses in the UK"*, Tourism Management, 20(2).
- ALBURQUERQUE, H. C. da C. (2004) *"Turismo sustentável nas zonas costeiras: o caso das praias de Mira"*. Dissertação de Mestrado, Aveiro, Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro.
- ALCOFORADO, M. J. (1991) *"O Clima de Portugal – Diversidade Climática de Portugal Continental"*, Enciclopédia Temática - Portugal Moderno: Geografia, POMO - Edições Portugal Moderno, Lisboa.
- ALDEBERT, B., Dang, R. J., & Longhi, C. (2011) *"Innovation in the tourism industry. The case of Tourism@. Tourism Management"*, 32(5), 1204-1213.
- ALEA, *"Estatística com Excel"*, Dossiê Didático no IV, disponível in: http://alea.ine.pt/html/statofic/html/dossier/html/meio_dossier4.html
- ALMEIDA, A.C. (1990) *"Os Solos na Paisagem das Dunas de Quiaios"*, Caderno de Geografia N.º 9, Instituto de Estudos Geográficos, Coimbra, p. 151-162.
- ALMEIDA, A.C. (1991) *"Morfologia das Dunas de Quiaios"*, Caderno de Geografia N.º 10, Instituto de Estudos Geográficos, Coimbra, p. 233-251.
- ALMEIDA, A. C. (1995) *"Dunas de Quiaios, Gândara e Serra da Boa Viagem"*. Tese de Doutoramento. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- ALMEIDA, A. C. (1997) *"Dunas de Quiaios, Gândara e Serra da Boa Viagem- Uma Abordagem Ecológica da Paisagem"*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- ALMEIDA, A. C. (1998) *"A Identidade Física da Gândara"*, Gandarena N.º1, Revista Cultural de Mira e da Gândara, Edição do Jornal Voz de Mira, Mira, p. 5-10.
- ALMEIDA, A. C (2000) *"A diversidade Paisagística da Gândara"*, Gandarena N.º4, Revista Cultural de Mira e da Gândara, Edição do Jornal Voz de Mira, Mira, p. 13-19.
- ALTINAY, L. e PARASKEVAS, A. (2008) *"Planning Research in Hospitality and Tourism"*, Butterworth-Heinemann, Amsterdam.
- ALVES, M. (1990) *"Subsídio para a História de Mira"*, Mira, Paróquia de Mira.
- AMARAL (1968) *"A laguna: vida, morte e ressurreição de Aveiro. Aveiro e o seu distrito"*, Publicação Semestral da Junta Distrital de Aveiro, 6, p. 34 – 45.

- AMIROU, R.; BACHINON, P. (dir.) (2000), *“Le tourisme local. Une culture de l’exotisme, L’Harmattan”*, Paris.
- ANDER-EGG, E. (1978) *“Introducción a las técnicas de investigación social: para trabajadores sociales.”* 7. ed. Buenos Aires: Humanitas.
- ANDRADE, A. (2001) *“Praia da Tocha: Palheiros da Tocha”*, Praia da Tocha: Associação de Moradores.
- ANDRIEU B (2008) *“Bronzage: Une Petite Histoire du Soleil et de la Peau”*. CNRS, Paris.
- ÂNGELO, C. (1989) *“A problemática proteção/desenvolvimento do litoral entre Espinho e Nazaré”* II Congresso de Áreas Protegidas, nº2, 10p.
- ANGELO, C. (1991) *“Taxas de Variação do Litoral Oeste: Uma Avaliação Temporal e Espacial”*, Seminário: A Zona Costeira e os Problemas Ambientais, Eorocoast, Universidade de Aveiro.
- ANNALS OF TOURISM RESEARCH – *A social sciences journal*, volume 31, number 1, January 2004 ISSN 0160-7383; pp. 24-43, Tourism Planning: A Third Way?, Peter M. Burns.
- ANNALS OF TOURISM RESEARCH – *A Social Sciences Journal*, volume 31, number 1, January 2004 ISSN 0160-7383; pp. 61-77, The Tourism Moment, Stephanie Hom Cary, IEG – FLUC, cota: 25-4
- ANTUNES, J. (2009) *“O turismo de saúde e bem-estar como factor de desenvolvimento: estudo da região Dão Lafões (NUTS III)”*, in 15o Congresso da APDR, 22 pp.
- AQUINO, C. A. B. , e MARTINS, J. C. de O. (2007) *“Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho”*, Revista Mal-estar e Subjetividade, vol. VII, nº 2, setembro, 2007, pp. 479-500, Universidade de Fortaleza Brasil.
- ARAÚJO, M. A. (2003) *“A evolução do litoral em tempos históricos: a contribuição da geografia física”*, in O litoral em perspectiva histórica dos séculos XVI a XVIII. Porto: Actas da Universidade do Porto, pp.76 -113.
- ARRIBA, C. G. de (1992) *“Casas para baños de ola y balnearios marítimos en el litoral montaños, 1868-1936”*, Universidade de Cantábria, Fundación Marcelino Botín.
- ARROTEIA, J. C., (1985) *“A evolução demográfica portuguesa”*, Biblioteca Breve, Vol. 93, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação
- ASTI, A. (1979) *“Metodologia da pesquisa científica”*, 5. ed. Porto Alegre, Globo.
- ATELJEVIC, I. and DOORNE, S. (2003) *“Culture, economy and tourism commodities: social relations of production and consumption”*, Tourist Studies, Vol. 3.

- ATELJEVIC, I., & DOORNE, S. (2004) *“Cultural circuits of tourism: Commodities, place, and re-consumption”*, in A.A. Lew, C.M. Hall, & A.M. Williams ATELJEVIC, I. et al (Eds.) (2007) *“The critical turn in tourism studies: innovative research methodologies”* Elsevier, Amsterdam.
- (Eds.), *A companion to tourism*. (pp.291-302). Malden, Mass.: Blackwell Publishing.
- AZEVEDO, C. e VASCONCELOS, L. (1995), *“Termas Portuguesas”* Edições Inapa, S. A, Lisboa.
- BACAL, S. (2003) *“Lazer e o universo dos possíveis”*, São Paulo. Aleph.
- BACELAR, S. (1999) *“Relatório de Aula Teórico-Prática sobre Amostragem nas Ciências Sociais”*, FEP, Porto, Universidade do Porto.
- BAERENHOLDT, J.O., HALDRUP, M., LARSEN, J., & Urry, J. (2004) *“Performing tourist places”*, Aldershot: Ashgate.
- BANDEIRA, M. L., et. Al (2014) *“Dinâmicas demográficas e envelhecimento da população portuguesa (1950-2011): evolução e perceptivas”*, Fundação Francosco Manuel dos Santos, Guide – Artes Gráficas, Lda, Lisboa
- BARBOSA, B.P. (1981) *“Notícia Explicativa da Folha 16-C (Vagos)”*, Direcção Geral de Geologia e Minas, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- BARBOSA, B.P., SOARES, A.F., ROCHA, R.B., MANUPPELLA, G., HENRIQUES, M.H. (1981) *“Notícia Explicativa da Folha 19-A (Cantanhede)”*, Direcção Geral de Geologia e Minas, Serviços Geológicos de Portugal, Lisboa.
- BARRETO, M. (2008) *“Manual de iniciação ao estudo do turismo”*, 17^o edição, Campinas, SP – Papirus.
- BARROS, J. C. (2002) *“Realidade e Ilusão no Turismo Português – Das Práticas do Termalismo à Invenção do Turismo de Saúde”*, Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa.
- BARROS, J. M. (1938) *“Projecto dos Trabalhos a Realizar no Perímetro de Dunas de Mira”*, Direcção-Geral Serviços Florestais e Aquícolas. Relatório não publicado.
- BASTOS, M. R. e DIAS, J. M. A. (2003) *“Uma representação do litoral português: o Baixo Vouga (Século IX-XIV)”*, in o Litoral em perspectiva histórica dos séculos XVI a XVIII. Porto, Actas da Universidade do Porto, pp. 114-125.
- BENI, M. C. (2008) *“Análise estrutural do turismo”*, São Paulo, Editora Senac.
- BENTO, A. (2012) *“Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas”*, Revista JA (Associação Académica da Universidade da Madeira), nº 65, ano VII (pp. 42-44). ISSN: 1647-8975.

- BETTENCOURT, P. & ÂNGELO, C. (1992) *“Faixa costeira Centro Oeste (Espinho - Nazaré): enquadramento geomorfológico e evolução recente”*. Geonovas, nº especial 1 (A Geologia e o Ambiente): 7-30. Lisboa.
- BOYER, M., *“História do Turismo de Massa”*, Bauru: EDUSC, 2003
- BOGDAN, R. et al. (1999) *“Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos”*, trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos, Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora.
- BOTO, A. I. F. (1997) *“Evolução da zona costeira entre a Costa Nova do Prado e o Areão”*, Universidade de Aveiro, Aveiro.
- BOTTERILL, D. (2001) *“The epistemology of a set of tourism studies”*. Leisure Studies. Vol. 20, N.3, p. 199 -214.
- BOULLÓN, R. C. (1991) *“Planificación del espacio turístico”*, México: Trillas.
- BONIFACE B. e C. COOPER (1990) *“Worldwide Destinations: The Geography of Travel and Tourism”*, Oxford, Butterworth-Heinemann.
- BOSSEVAIN J, Selwyn T (2004) *Contesting the Foreshore. Tourism, Society, and Politics on the Coast*. Amsterdam University Press, Amsterdam.
- BRANDÃO, R. (1986) *“Os pescadores”*, Lisboa: Editorial Comunicação.
- BREDA, Z. (2004) *“Avaliação do potencial de desenvolvimento turístico ao nível local. Uma proposta de metodologia aplicada ao concelho de Ílhavo”*, Revista Turismo & Desenvolvimento 1(1), 35-42.
- BRITO, M. (2013) *“Percurso de sustentabilidade: políticas e práticas de planeamento para o desenvolvimento turístico no Município de Sines”* Tese de doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura, no ramo de Turismo e Desenvolvimento, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (<http://hdl.handle.net/10316/21654> - acessado a 21 Setembro 2013).
- BRITO, R. S. (1981) *“Palheiros de Mira: formação e declínio de um aglomerado de pescadores”* 2ª ed.- Lisboa, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- BUHALIS, D. (2000) *“Marketing the competitive destination of the future”*, Tourism Management, 21(1), 97-116.
- BRITO, Sérgio Palma (2003), *Notas sobre a evolução do viajar e a formação do turismo*, Lisboa, Medialivros,
- BUHALIS, D. e COSTA, C. (2006), *“Tourism Management dynamics – trends, management and tools”*, Oxford, Elsevier.

- CAETANO, P. N. H. (2002) *“Análise fotointerpretativa da evolução da linha da costa e morfologias dunares entre Furadouro e Praia de Mira”*, Tese de mestrado: Ciências das Zonas Costeiras, Departamento de Geociências da Universidade de Aveiro.
- CADAVEZ, M. C. P. (2012) *“A Bem da Nação. As Representações Turísticas no Estado Novo entre 1933 e 1940”*, Doutoramento no Ramo de Estudos de Literatura e de Cultura, na Especialidade de Ciências da Cultura, Universidade de Lisboa Faculdade de Letras
- CAMARGO, L. O. L. (1989) *“O que é lazer”*, São Paulo: Brasiliense.
- CAMÔES, L. V., (2013) *“Os Lusíadas”*, Civilização Editora
- CAMPBELL, C. (2010) *“Creative tourism providing a competitive edge”*, in www.insights.org.uk
- CAMPOS, P. (2000) *“Módulo 2 - da Conceção ao Tratamento Estatístico de Questionários - Apontamentos do curso de Análise Estatística de Dados com SPSS”*, Escola Superior de Biotecnologia da Universidade Católica, Porto.
- CAMPOS, T. (2003) *“Lazer E Terceira Idade: Contributos Do Turismo No Âmbito Do Programa Clube Da Melhor Idade”*, <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000316912> - acedido em 15 de Janeiro de 2012.
- CARDOSO, T., et al. (2010) *“Revisão da literatura e sistematização do conhecimento”*, Porto, Porto Editora.
- CARMO, H., et al. (1998) *“Metodologia para a investigação: Guia para Auto-aprendizagem”*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CARR, N. (2002) *“The tourism-leisure behavioural continuum”*, Annals of Tourism Research, Vol. 29.
- CARVALHO, G. P. (1982) *“Princípios e alguns problemas de Geologia ambiental”*, Geonovas, 1 (4), Lisboa, p.19-30.
- CARVALHO, G. S. (1964) *“Areias da Gândara (Portugal) – uma formação eólica quaternária”*, Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico da Faculdade de Ciências do Porto, nº LXXXI – 4ª série .
- CARVALHO, G. S. & GRANJA, H. M. (1992) *“A subida do nível do mar demonstrada através da evolução geomorfológica da zona costeira entre Furadouro e Espinho. III Conferência Nacional sobre Qualidade do Ambiente”*, Vol. III, p. 1065-1077. Aveiro.
- CARVALHO, P. (2012) *“Turismo Termal em Portugal: as Perspetivas dos Gestores das Estâncias Termais da Região Centro. Turismo e Desenvolvimento: estudos de caso no*

Centro de Portugal", P. CARVALHO (coord.), Málaga, EUMED (Universidade de Málaga), 21 (em colaboração com Susana Silva).

CARVALHO, P., TOVAR, Z. (2011) "*Percursos Pedestres e Turismo de Passeio Pedestre. Revista Turismo e Sociedade, Universidade do Paraná*", Brasil, ISSN: 1983-5442), Curitiba, vol. 4, nº 2, p. 305-322.

CARVER, C. S.; SCHEIER, M. F. (1999) "*Themes and issues in the self-regulation of behavior*", in WYER, R. S., JR., ed. - Perspectives on behavioral self-regulation: Advances in social cognition. Mahwah, NJ, US: Lawrence Erlbaum Associates (1999). ISBN 0-8058-2589-4. Vol. XII.

CASCÃO, R. (2000) "*A invenção da praia: notas para a história do turismo balnear*", in AA. VV., A Cidade e o Campo. Colectânea de Estudos (pp. 321-342). Coimbra: Centro de História da Sociedade e da Cultura.

CASSELL, C. et al (1994) "*Qualitative methods in organizational research: a practical guide*", London: Sage Publications.

CAVACO, C. (1970) "*Geografia e turismo: exemplos, problemas e reflexões*", Finisterra, V, 247-282.

CAVACO, C. (1974) "*Aspetti geografici del turismo nella Riviera di Ponente*", Università di Genova, Génova.

CAVACO, C. (1979) "*O turismo em Portugal: aspectos evolutivos e espaciais*", Lisboa: Centro de Estudos Geográficos – Universidade de Lisboa.

CAVACO, C. (1980) "*O turismo em Portugal. Aspectos evolutivos e espaciais*", in Estudos Italianos em Portugal, 40-41-42, p.191-280.

CAVACO, C. (1980) "*O Turismo em Portugal*", Lisboa, Universidade de Lisboa.

CAVACO, C. (1980) "*Turismo e demografia no Algarve*", EPSD, Lisboa.

CAVACO, C. (1983) "*A Costa do Estoril. Esboço geográfico*", EPSD, Lisboa.

CAVACO, C. (1996) "*Turismo rural e desenvolvimento local*", in Turismo e Geografia. Reflexões teóricas e enfoques regionais, Hucitec, São Paulo, p. 94- 121.

CAVACO, C. (1997) "*Monte Gordo. Aglomerado piscatório e de veraneio*", Câmara Municipal de Vila Real de santo António, VRSA.

CAVACO, C. (2000) "*Turismo, comércio e desenvolvimento rural*", in Ecologia, lazer e desenvolvimento, EDUSC, Santa Maria, p. 69-94.

CAVACO, C. (2003) "*Habitares dos espaços rurais*", Revista da Faculdade de Letras, Universidade do Porto, p. 47-64.

- CAVACO, C. (2004) "*Permanências e mudanças nas práticas e nos espaços turísticos*" in TERN, Turismo em espaços rurais e naturais, Edições IPC, Coimbra, p. 25-40.
- CAVACO, C. (2005) "*A questão da sustentabilidade: vida e morte dos espaços de turismo*", in Geografia de Portugal, actividades económicas e espaço geográfico, Lisboa, Circuito dos Leitores, pp. 423 - 425
- CAVACO, C. (2005) "*Os espaços do turismo*", in MEDEIROS, C. A., in "Geografia de Portugal, actividades económicas e espaço geográfico", Lisboa, Circuito dos Leitores, pp. 408 - 422.
- CAVACO, C. (2005) "*Portugal, país receptor de turismo internacional e um destino maduro*", in Geografia de Portugal, actividades económicas e espaço geográfico, Lisboa, Circuito dos Leitores, pp. 372 - 380.
- CAVACO, C. (2005) "*Turismo e desenvolvimento regional e local*", in Geografia de Portugal, actividades económicas e espaço geográfico, Lisboa, Circuito dos Leitores, pp. 401 - 407.
- CAVACO, C. (2005d) "*Os espaços de turismo*", in C. A. Medeiros (Dir.), Geografia de Portugal (pp. 408-422). Rio de Mouro: Círculo de Leitores.
- CAVACO, C. (2006) "*O turismo e as novas dinâmicas territoriais*", in Geografia de Portugal, vol III, Círculo de Leitores, Lisboa, p. 367-427.
- CAVACO, C. (2006) "*Regionalização do turismo em áreas rurais a partir da oferta*", in Turismo Rural. Património, cultura e legislação, edições FACOS; UFSM, p. 63-106.
- CAVACO C. (2006) "*Práticas e lugares de turismo*", M. L. Fonseca (Coord.), Desenvolvimento e território: espaços rurais pós agrícolas e novos lugares de turismo e lazer (pp. 299-362). Lisboa - Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.
- CAVACO, C. (2008) "*Turismo de saúde e bem-estar. Reinvenção das práticas, renovação dos lugares*", Actas do I Seminário Turismo e Planeamento do Território (pp. 19-64). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.
- CAVACO, C. (2008a) "*Turismo em espaço rural. Recursos, produtos e práticas*», in Apogeo, Revista da Associação de Professores de Geografia, 34, P. 13-23.
- CAVACO, C. (2008b) "*Turismo de saúde e bem-estar. Inovação das práticas, renovação dos lugares*", in Turismo, Inovação e Desenvolvimento. Actas do I Seminário Turismo e Planeamento do Território (coord.), CEG, Universidade de Lisboa, p. 19-64.
- CAVACO, C. (2008c) "*Turismo de saúde e bem-estar. Termas, spas termais e talassoterapia*", (co-coord, C. L. Medeiros), CEPCEP/UCP, Lisboa, 294 p. (pp. 23-128; 214-213).

- CAVACO, C. (2008d) "*Turismo sénior: perfis e práticas*" in Cogitur, Journal of Tourism Studies, Edições Universitárias Lusófonas, p. 33-64.
- CAVACO, C. (2009) "*Turismo étnico: um nicho de mercado temático?*", in Turismos de nicho. Motivações, produtos, territórios, CEG/IGOT, Lisboa, p. 233-263.
- CAVACO, C. (2009) "*Turismo Sénior: Perfis e Práticas*", Cogitur, Journal of Tourism Studies, Vol. 2 (No 2), 33-64.
- CAVACO, C., & SIMÕES J. M. (1998) "*Água, desenvolvimento e bem-estar*", Lisboa: Ministério da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas
- CAVACO, C., & SIMÕES J. M. (2009) "*Turismos de nicho: uma introdução*", in J. M. Simões, & C. C. Ferreira (Eds.), Turismos de nichos: motivações, produtos, territórios (pp. 15-39). Lisboa: Centros de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.
- CHEN, H. (2009) "*Baby Boomers's and Senior Motivations: An examination of Citizens in Tainan*", Taiwan. Ontário: Dissertação de Mestrado em "Arts in Recreation and Leisure Studies", Universidade de Waterloo.
- CHASE L (2005) "*Public beaches and private beach huts: a case study of interwar*", Clacton and Frinton, Essex. In Walton J K (ed.) Histories of Tourism. Representation, Identity and Conflict. Channel View Publications, Clevedon: 211-227.
- CLAVER-CORTÉS, E., Molina-Azorín, J., & Pereira-Moliner, J. (2007) "*Competitiveness in mass tourism*", Annals of Tourism Research, 34 (3), 727-745.
- CLUZEAU, C.; ICÉRIAT, P, (2000) "*Le tourisme des années 2010. La mise en futur de l'offre*", La Documentation Française, Paris
- COELHO, C. O. A. & MALTEZ, A. C. F. S. (1991) "*O Aproveitamento dos Recursos Turísticos em Áreas Costeiras: Aplicação à "Ria de Aveiro"*", 2º Simpósio sobre a Protecção e Revalorização da Faixa Costeira do Minho ao Liz, Univ. Porto.
- COELHO, João (1936) "*Os Cónegos Regrantes de Santa Cruz, a banhos, em Buarcos, há 134 anos!*" in *Album Figueirense. Mensário regionalista*, II Ano, no11, Figueira da Foz, Tipografia Popular, Abril de 1936
- COELHO, S. (1996) "*Tecnologia de Fundações*", Editor: E. P. Gustave Eiffel
- COHEN, D. (1999) "*Nos temps modernes*", Flammarion, Paris
- COHEN, E. (1988) "*Traditions in the qualitative sociology of tourism*", Annals of Tourism Research. Vol. 15, N. 1, p.29-46
- COMISSÃO DAS COMUNIDADES EUROPEIAS (2003) "*Comunicação da comissão ao conselho ao parlamento europeu, ao comité económico e social europeu e ao comité das regiões. Orientações de base para a sustentabilidade do turismo europeu*",

Bruxelas – in: <http://eur-lex.europa.eu/LexUriServ/LexUriServ.do?uri=COM:2003:0716:FIN:PT:PDF>, *acedido em 05/03/2015*

COMISSÃO EUROPEIA (2000) *“Towards Quality Coastal Tourism”*. Bruxelas: Autor.

COMTE, A. (1988) *“Curso de Filosofia Positiva”*, São Paulo, Nova Cultural

COOPER, C. (2003) *“Progress in Tourism Research”*, in COOPER, C. (Ed.), *Classic reviews in tourism*. Clevedon: Channel View Publications, pp.1-8

COOPER, C. (2005) *“Tourism, Principles and Practices”*, 7ª edição, Prentice Hall.

COOPER, C., & HALL, M. C. (2008) *“Contemporary tourism: an international approach”*, Oxford: Butterworth-Heinemann.

CORBIN, A. (1989) *“O Território do vazio. A praia e o imaginário ocidental”*, C^a. das Letras, São Paulo

CORBIN, A. (2001), *“História dos Tempos Livres”*, Lisboa: Editorial Teorema.

CORBIN, A. (2005) *“Le ciel et la mer”*, Bayard, Paris

CORNELISSEN, S. (2005) *“Global tourism system. Governance, development and lessons from South Africa”*, London: Ashgate.

CORTESÃO, J. (1995) *“Portugal: a terra e o homem”*, 3^o Edição, Imprensa Nacional-Casa da Moeda

COSTA, C. (1996) *“Towards the improvement of the efficiency and effectiveness of tourism planning and development at the regional level: planning, organizations and networks – The case of Portugal”*, Department of Management Studies, University of Surrey, Guildford, England

COSTA, C. (2006) *“Tourism planning, development and the territory”*, in D. Buhalis, & C. Costa (Eds.), *Tourism management dynamics: trends, management and tools* (pp. 236-243). Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann.

COSTA, C., & BUHALIS, D. (2006) *“Synergies between territorial planning and strategic management: a prospective analysis”*, in M. L. Fonseca (Coord.), *Desenvolvimento e território: espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares de turismo e lazer* (pp. 191-213). Lisboa: Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa.

COSTA, F. R. (2009) *“Turismo e património cultural: interpretação e qualificação”*, S. Paulo, Editora Senac.

COSTA, J. G. (1941) *“Evolução do meio geográfico na Pré-história de Portugal”*, I Congresso do Mundo Português, Lisboa

- CRAVIDÃO, F. (1989) “*Cadernos de Geografia nº 8*”, I.E.G.-F.L.U.C., p. 133-163
- CRAVIDÃO, F. (1992) “*A População e Povoamento da Gandara (Génese e Evolução)*”, Comissão de Coordenação da Região Centro, Coimbra
- CRAVIDÃO, F. (1996) “*Cadernos de Geografia nº15*”, I.E.G.-F.L.U.C., p. 43-53
- CRAVIDÃO, F. (2002) “*Tourism and development in Portugal . The exemple of Rural Tourism*”, em colaboração com João Luís Fernandes. Em Actas da reunião da International Geographical Union (IGU) - Study Group on Development Issues in Marginal Regions, realizada em Albuquerque (USA) . Ashgate, Uk. pp.249-262
- CRAVIDÃO, F. (2006) “*Turismo e Cultura: dos itinerários ao lugar dos lugares*”, in Desenvolvimento e Território: espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares do turismo e lazer. Centro de Estudos Geográficos; Lisboa, pp. 269-278
- CRAVIDÃO, F., & CUNHA, L. (1991) “*Turismo, desenvolvimento e recursos humanos: uma trilogia em construção permanente*”, in R. D. Rato (Coord.), Atas do 1º Encontro Regional de Técnicos de Turismo (pp. 11-14). Condeixa-a-Nova: Agrupamento de Escolas de Condeixa-a-Nova.
- CRAVIDÃO, F., & CUNHA, L. (1993) “*Ambiente e práticas turísticas em Portugal*”, Inforgeo, 6, 85-91.
- CRAVIDÃO, F., CUNHA, L. e ALMEIDA, A. C. de (1998) “*A Nazaré 45 anos depois... Um olhar breve pelo território*”, Coimbra: Caderno de Geografia No 17,F.L.U.C. pp. 273-277
- CRESWELL, J. (2008) “*Research design: qualitative, quantitative, and mixed method approaches*”, 2.a Ed., Sage Publications, London
- CROUCH, G. I.; RITCHIE, J. R. B. “*Tourism, Competitiveness, and Societal Prosperity*”, Journal of Business Research, v. 44, n. 3, p. 137-152, 1999.
- CRUZ, M & C, ROLIM. (2005) “*The determinants of International Tourism and the restrictions to the inclusion of developing countries: a comparative analysis of South America, Africa and Southern Asia*”, 45º Congress of the European Regional Science Association.
- CRUZ, R. C. A (2003) “*Introdução Geografia do Turismo*”, São Paulo: Roca
- CUADERNOS DE TURISMO – Universidad de Murcia – 2004, 13; pp. 107-125, Una propuesta de turismo sostenible para el município de Caldas de Reis (Pontevedra), Xulio X. Pardellas de Blass; Carmen Padín Fabeiro
- CUADERNOS DE TURISMO – Universidad de Murcia – 2004, 13; pp. 73-89, El Turismo Rural: una de las alternativas al desarrollo rural em la Serranía de Cuenca, Ana Eulalia Aparicio Guerrero, IEG – FLUC, cota: 16B-5

- CUADERNOS DE TURISMO – Universidad de Murcia – 2004, 13; pp. 91-105, La calidad ambiental como factor competitivo de los destinos tradicionales de sol y playa, Maria Dolores Ponce Sánchez
- CUENCA, M. C. (2003) *“Ocio humanista, dimensiones y manifestaciones actuales del ocio”*, (Documentos de Estudios de Ocio, Num.16). Bilbao, España: Instituto de Estudios de Ócio/ Universidad de Deusto.
- CUENCA, M. C. (2004) *“Pedagogia del ocio: Modelos y propuestas”*, Bilbao, España: Universidad de Deusto.
- CUNHA B. J. (2002) *“Realidade e ilusão no turismo português. Das práticas do termalismo à invenção do turismo de saúde”*, Universidade Técnica de Lisboa, ISCSP
- CUNHA, L. (1997) *“Recursos turísticos no espaço do Baixo Mondego”*, in Actas de Seminário do Baixo Mondego. Coimbra, Universidade de Coimbra, pp. 85 -103
- CUNHA, L. (2001) *“Introdução ao Turismo”*. Lisboa, Verbo.
- CUNHA, L. (2003) *“Sustentabilidade do turismo costeiro”*, Documentos das Jornadas Litoral’ 03, Figueira da Foz, pp. 17-18
- CUNHA, L. (2006) *“Economia e Política do Turismo”*, Editorial Verbo. Portugal.
- CUNHA, L. (2007), *“Turismo de Saúde – conceitos e mercados”*, Revista Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 10.
- CUNHA, L. (2008) *“Avaliação do potencial turístico”*, Cogitur Journal of Tourism Studies, 1(1), 21-39. in: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/jts/article/viewFile/22/5>
- CUNHA, L. (2010) *“A República e a afirmação do turismo”*, in Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (org.), Viajar – Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República (Catálogo da Exposição). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, 129–138.
- CUNHA, L. (2013) *“Introdução ao Turismo”*, 5ª edição, Lidel
- CUNHA, L. et al (1999) *“Intervenções Recentes e Avaliação de impactes ambientais no Baixo Mondego”*, in Caderno de Geografia, no 18. Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 39 - 52
- CUNHA, S. R. R. (1930) *“Relance da história económica de Aveiro: soluções para o seu problema marítimo, a partir do séc. XVII”*, Conferência realizada em 14 Julho de 1930. Imprensa Universal, Aveiro, p. 1 – 62
- CUPIDO, M. (2006) *“Em busca de identidades - Aspectos Etnográfico-Históricos da Mira”*, CEMAR, Mira

- CUVELIER, P. (1999) *"Anciennes et nouvelles formes de tourisme: une approche socio-économique"*, Paris: L'Harmattan.
- DALFOVO, M. et al. (1980) *"Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico"*, Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01- 13, Sem II. 2008 ISSN 1980-7031
- DANN, G. (1997) *"Paradigms in tourism research"*, Annals of Tourism Research. Vol.24, N.2, p. 472-474
- DANN, G. et al (1988) *"Methodology in Tourism Research"*, Annals of Tourism Research. Vol. 15, N.1, p.1-28
- DAVIDSON, R. (2007) *"Business Travel"* Londres: Prentice Hall.
- DAVIDSON, T. (1994) *"What are travel and tourism: are they really an industry?"*, in W. Theobald (Eds.), Global Tourism. The next decade. Butterworth-Heinemann, Ltd., Oxford, pp. 20-39.
- DAVIES, B. (2003) *"The role of quantitative and qualitative research in industrial studies of tourism"*, International Journal of Tourism Research. Vol. 5, N. 2, p. 97-111.
- DENZIN, N. e LINCOLN, Y. (2005) *"Introduction: the discipline and practice of qualitative research"*, in Denzin, N. e Lincoln, Y. (Eds.), 3.a Ed., The sage handbook of qualitative research. Sage Publications, London, pp. 1-32.
- DENZIN, N.K., et al., (1994) *"Handbook of qualitative research"*, Thousand Oaks (CA): Sage Publications.
- DEWAILLY, J.-M.; FLAMENT, E. (1993) *Géographie du tourisme et des loisirs*. Dossiers des images économiques du Monde, SEDES, Paris.
- DEPREST, F. (1997) *"Enquête sur le tourisme de masse. L'écologie face au territoire"*, Belin, Paris
- DEWAILLY, J.-M.; FLAMENT, E. (1993) *"Géographie du tourisme et des loisirs"*, Dossiers des image économiques du Monde, SEDES, Paris.
- DIAS, J. A.; B., P.& Bastos, R. (2012) *"The Occupation of the Portuguese Littoral in 19th and 20th Centuries"*, in Littoral 2002, 6th Symposium, Posters, Vol. III, Porto, 2002, pp. 85-90
- DIAS, J. M. A. (1987) *"Dinâmica sedimentar e evolução recente da plataforma continental setentrional portuguesa"*, Dissertação de doutoramento, Faculdade de Ciências de Lisboa
- DIAS, J. M. A. (2005) *"Evolução da zona costeira portuguesa: forçamentos antrópicos e*

- naturais*”, Revista Encontros Científicos – Turismo, Gestão, Fiscalidade, 1:7-27, Faro
- DIAS, J. M. A.; FERREIRA, O. C. & PEREIRA, A. R. (1994) “*Estudo sintético de diagnóstico da geomorfologia e de dinâmica sedimentar dos troços costeiros entre Espinho e Nazaré (relatório final)*”, Esamin (Estudos de Ambiente e Informática, Lda), Julho 1994, Lisboa
- DIAS, J.M A. et al. (1997) “*Evolução da linha de costa em Portugal, desde o último máximo glaciário até a actualidade: síntese dos conhecimentos*”, in Revista da Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário. Lisboa, APEQ, pp. 52 – 64
- DIAS, P. M. P. de O., “«Ir a banhos» na Figueira da Foz no dealbar do século XX: um olhar sobre uma época” in *Revista Portuguesa de História*, Tomo XXX, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1995.
- DIAS, R. (2006) “*Turismo e património. Recursos que acompanham o crescimento das cidades*”, São Paulo, Editora Saraiva
- DICIONÁRIO DE GEOGRAFIA APLICADA FERNANDES, J. A. R., TRIGAL, L. L. E SPOSITO, E. S., (2016), Porto Editora, Porto
- DIEHL, A. A. (2004) “*Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas*”. São Paulo: Prentice Hall
- DIRECÇÃO-GERAL DO DESENVOLVIMENTO RURAL (2000) “*Turismo no Espaço Rural*”, in www.dgdrural.pt/diversificacao/turismo.html, *acedido em 10 junho 2013*
- DOOLEY, L. M. (2002) “*Case Study Research and Theory Building Advances*” in *Developing Human Resources*(4), 335-354
- DOVE, J. (2004) “*Tourism and recreation*”, London, Hodder Murray.
- DUMAZEDIER, J. (1962) “*Vers une civilisation du loisir?*”, Points, 29, Éditions du seuil, Paris.
- DUMAZEDIER, J. (1973) “*Lazer e cultura popular*” (M. L. S. Machado, Trad.). São Paulo: Perspectiva.
- DUMAZEDIER, J. (1979) “*Sociologia empírica do lazer*”, São Paulo: Perspectiva.
- DUQUE, A. C. S. (2013) “*O cinema na construção e promoção de territórios turísticos: a imagem do rural no cinema português*”, Tese de Mestrado apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- DWYER, L. et. al. (2012) “*Handbook Of Research Methods In Tourism: Quantitative and Qualitative Approaches*”, Edited by Larry Dwyer, Professor of Travel and Tourism Economics, School of Marketing, University of New South Wales, Australia, Alison

- Gill, Simon Fraser University, Canada and Neelu Seetaram, Senior Lecturer in Tourism Management, Bournemouth University, UK (<http://elgarblog.wordpress.com/2012/09/07/research-methods-in-tourism-quantitative-and-qualitative-approaches-by-larry-dwyer/>) – *acedido em 21 setembro 2013*
- ECHTNER, C. e JAMAL, T. (1997) “*The disciplinary dilemma of tourism studies*”. *Annals of Tourism Research*. Vol. 24, N. 4, p. 868-883
- ÉQUIPE MIT (2002) “*Tourismes 1. Lieux comuns*”, Belin, Paris
- ÉQUIPE MIT (2005) “*Tourismes 2. Moments de lieux*”, Belin, Paris
- EUROPEAN COMMISSION (2000) “*Para um Turismo Costeiro de Qualidade: Gestão integrada de qualidade (GIQ) dos destinos turísticos costeiros*”. Bruxelas Direcção-Geral Empresa Unidade Turismo.
- EUSÉBIO, C. (2006) “*Avaliação do impacte económico do turismo a nível regional: O caso da Região Centro de Portugal*”. Universidade de Aveiro: Dissertação de doutoramento em Turismo.
- EVANS, N. (2001) “*The Development and Positioning of Business Related University Tourism Education: A UK Perspective.*” *Journal of Teaching in Travel and Tourism*, 1(1).
- FAULKNER, B., & RUSSELL, R. (2003) “*Chaos and complexity in tourism: in search of a new perspective*”, in H. W. Faulkner, B. Faulkner, L. Fredline, L. Jago, & C. P. Cooper (Eds.), *Progressing tourism research* (pp. 205-219). Bristol: Channel View Publications.
- FEIFER, M. (1985) “*Going places: the ways of the tourist from imperial Rome to the present day*”, Londres: Macmillan.
- FERNANDES, J. A. V. R. (1987) “*A Foz*”, *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, I Série, Vol. III, 13-56.
- FERNANDES, J. L. J. (2010) “*As identidades locais no desenvolvimento, no marketing territorial e no planeamento estratégico. Perspectiva desde a Geografia*”, in M. da G. M. Poças Santos (Org.), *Turismo cultural, territórios e identidades* (pp. 337-354). Porto: Edições Afrontamento, Instituto Politécnico de Leiria e CIID Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s).
- FERREIRA, A. (2003) “*O turismo como propiciador da regeneração dos centros históricos. O caso de Faro*”, Tese de Doutoramento em Turismo, Universidade de Aveiro
- FERREIRA, C. (1994) “*Os usos sociais do termalismo. Práticas, representações e identidades sociais dos frequentadores das termas da Curia, provas de aptidão*”

pedagógica, relatório de síntese”, Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

FERREIRA, C. (1995a) “*Ascensão e decadência das estâncias termais em Portugal: as Termas da Curia e o turismo de elite*”, in C. Fortuna, A. Gama, C. Ferreira, E. Estanque, & P. Abreu, Turismo e cultura em Portugal (quatro estudos sobre mentalidades práticas e impactes sociais) (177-377). Coimbra: Centro de estudos Sociais, faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

FERREIRA, C. (1995b) “*Estilos de vida, práticas e representações sociais dos termalistas: o caso das Termas da Curia*”, Revista Crítica de Ciências Sociais, 43, 93-122

FERREIRA, C. (2006) “*Portugal, destino turístico da população idosa europeia. Abordagem geográfica do turismo sénior internacional*”, Tese Doutoramento, na Universidade de Lisboa, Coleção Temas de Turismo, N^o 6, Turismo de Portugal

FERREIRA, C. C. e SIMÕES, J. M. (2010). “*Portugal Turístico ao tempo da I República: Espaços, Lugares e Projectos*” in Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (org.), Viajar – Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República (Catálogo da Exposição). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, 77-95.

FERREIRA, C. C. et al (2010) “*Portugal Turístico ao tempo da I República: Espaços, Lugares e Projectos*”, in Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (org.), Viajar – Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República (Catálogo da Exposição). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, 77-95

FERREIRA, M. J. et al (s/d) “Dossiês Didáticos: XI – O inquérito Estatístico: uma introdução à elaboração de questionários, amostragem, organização e apresentação dos resultados”, in <http://alea-estp.ine.pt/> - acedido a 25 setembro 2013

FERREIRA, Ó. (1993) “*Caracterização dos Principais Factores Condicionantes do Balanço Sedimentar e da Evolução da Linha de Costa entre Aveiro e o Cabo Mondego*” Tese de Mestrado Univ. Lisboa, 168p., (não publicado), Lisboa

FERREIRA, Ó. (1998) “*Morfodinâmica de praias expostas: aplicação ao sector costeiro Aveiro – Cabo Mondego*”, Dissertação de doutoramento, Universidade do Algarve

FERREIRA, Ó. & DIAS, J. M. A. (1991) “*Evolução recente de alguns troços do litoral entre Espinho e o Cabo Mondego*”, Actas do 2^o Simpósio sobre a Protecção e Revalorização da Faixa Costeira do Minho ao Liz, p.85-91, Porto.

FERREIRA, Ó., DIAS, J. A. & TABORDA, R. (1990) “*Importância relativa das acções antrópicas e naturais no recuo da linha de costa a sul de Vagueira*”, Actas do 1^o Simpósio sobre a Protecção e Revalorização da Faixa Costeira do Minho ao Liz, p.157-163, Porto.

- FIELD, M. & DUANE, D. (1976) "*Post. Plistocenic History of the United States Inner Continental Shelf: significance to original of barrier islands*", Geol. Soc. Amer. Bull, 87, p. 691-702
- FINN, M. et al (2000) "*Tourism & leisure research methods: data collection, analysis and interpretation*", Pearson Education, London
- FLICK, U. (2005) "*Métodos qualitativos na investigação científica*", trad. Artur M. Parreira. 1ª ed. Lisboa, Monitor
- FONTANA, A. & Frey, J. H. (1994) "*Interviewing: the art of science*", In N. Denzin Y. Lincoln
- FRADA, J. J. C. (1983) "*Praia de Mira: palheiros de Mira: visão histórica e etnográfica*", Lisboa, Editor João José Cuccio.
- FRAGOSO, A. (2004) "*El estudio de casos en la investigación de educación de personas adultas*", in Lucio-Villegas, E. (ed.), Investigación y Práctica en la Educación de Personas Adultas (pp. 41-60). Valencia: Nau Llibres
- FRANKLIN, A. (2004) "*Tourism: An Introduction*", London: Sage.
- FRANKLIN, A. (2007) "*The problem with tourism theory*", in Ateljevic, I. et al (Eds.), The critical turn in tourism studies: innovative research methodologies. Elsevier, Amsterdam, pp. 131-148
- FRANKLIN, A. e CRANG, M. (2001) "*The trouble with tourism and travel theory*". Tourist Studies. Vol.1, N.1, p. 5-22.
- FREITAS, J. I. R. G. de (2007) "*O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado*", Revista da Gestão Costeira Integrada, 7(2): 105-115
- FREITAS, J. I. R. G. de (2010) "*O litoral português na época contemporânea: representações, práticas e consequências. Os casos de Espinho e do Algarve (c. 1851 a c. de 1990)*", Tese de doutoramento em História Contemporânea, Universidade de Lisboa, 2010
- FUSTER, L. F. (1978, 1975) "*Teoría y técnica del turismo*", Tomo I e II, Editora Nacional, Madrid
- GAMA, A. (1998) "*Notas para uma Geografia do Tempo-Livre*", Cadernos de Geografia 7, Coimbra
- GAMA, A. (2008) "*Notas para uma geografia do tempo livre*", in N. P. dos Santos, & A. Gama (Coords.), Lazer: da libertação do tempo à conquista das práticas (pp. 17-28). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

- GAMA, A. e SANTOS, N. P. (1991) "*Tempo Livre, Lazer e Terciário*", Coimbra: Caderno de Geografia No 10, F.L.U.C, pp. 99 -128
- GAMA, A. & SANTOS, R. P. (1999) "*Os espaços - tempos de lazer na sociedade de consumo contemporânea*", in Caderno de Geografia No 18. Coimbra, F.L.U.C, pp. 139 -150.
- GAMA, A., & SANTOS, N. P. (2008) "*Tempo livre, lazer e terciário*", in N.P. dos Santos, & A. Gama (Coords.) *Lazer: da libertação do tempo à conquista das práticas* (pp. 59-83). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- GARRIDO, I. (2001) "*Modelos Multiorganizacionais no Turismo: Cadeias, Clusters e Redes*", Universidade Federal da Bahia: Dissertação de mestrado profissional em Administração.
- GASPAR, J. G. (1986) "*Formação da Ria e povoamento da Região de Aveiro. Aveiro e o seu distrito*", Publicação Semestral da assembleia distrital de Aveiro, n.º 36, Aveiro
- GASPAR, J. (1993) "*As regiões portuguesas*", Lisboa, Ministério do Ordenamento e da Administração do Território
- GASPAR, J. (2005) "*Evolução e perspectivas do desenvolvimento territorial*", in MEDEIROS, Carlos Alberto, org. *Geografia de Portugal*. Lisboa, Circuito dos Leitores, pp. 16 - 28
- GAUCHER, J. F. (2002) "*L'évolution des résidences secondaires en Bretagne*", in *La France des temps libres et des vacances*, L'Aube, Datar, p. 139-148
- GHIGLIONE, R. e MATALON, B. (1992), "*O Inquérito, Teoria e Prática, Oeiras*", Celta Editora
- GILLHAM, B. (2000) "*Case study research methods*", London, Continuum
- GIRÃO, A. de A. (1922) "*Bacia do Vouga: estudo geográfico*", dissertação de doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (ciências Geográficas), Coimbra – Imprensa da Universidade
- GIRÃO, A. de A. (1941) "*Geografia de Portugal*", Portucalense Editora, 479p., Porto
- GIRÃO, A. de A. (1951) "*Evolução morfológica da região do Baixo Vouga*", Boletim do Centro de Estudos Geográficos, nº273:75-85, Coimbra.
- GODENAU, D. (2009), "*Transformation recientes de las estructuras poblacionais*", in *Envejecimiento, Despoblacion y Territorio*, org. Lorenzo I.Trigal e Antonio A. Garcia, Universidade de Leon.
- GODINHO, M. M.; PEREIRA, L.C.G. (2000) "*O Sistema Litoral – Aspectos Ambientais: Entre o Douro e o Mondego*", Departamento de Ciências da Terra, Universidade de Coimbra

- GOELDNER, C. e RITCHIE, J. (2012) "*Tourism: principles, practices, philosophies*", (12 ed.), nº14 John Wiley & Sons, New Jersey
- GOELDNER, C. R. e RITCHIE J. R. B. (2003) "*Tourism: principles, practices, philosophies*", Published by John Wiley & Sons, Inc., Hoboken, New Jersey
- GOMES, F. V. (1991) "*Algumas reflexões sobre a problemática das obras de protecção costeira*", Actas do 2º Simpósio sobre a Protecção e Revalorização da Faixa Costeira do Minho ao Liz, p.128-143, Porto
- GOMES, F. V. (1992) "*A Protecção e Revalorização da Faixa Costeira do Minho ao Liz*", 1º Congresso da Água. A.P.R.H. Lisboa.
- GOMES, F. V. (1993) "*Evolução costeira – factores que potenciam e explicam a aceleração das faixas de erosão na costa portuguesa*", Resumos do Seminário sobre a zona costeira de Portugal. Eurocoast / M.A.R.N./I.S.T., Lisboa, 4 p.
- GOMES, P. (1998) "*Tópicos de Sondagens*", Curso apresentado no âmbito do VI Congresso da Sociedade Portuguesa de Estatística - Tomar, 9 a 12 de Junho de 1998)
- GOMES, R. M. (2005) "*Nómadas e sedentários [nota de apresentação]*", in R. M. Gomes (Org). Os lugares do lazer (pp. 11-18). Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal.
- GONÇALVES, A. R. (2008) "*As comunidades criativas, o Turismo e a Cultura*" Revista dos Algarves, nº17, pp.10-17
- GOODSON, L. e PHILLIMORE, J. (2004) "*The inquiry paradigm in qualitative tourism research*", in PHILLIMORE, J. e GOODSON, L. (Eds.), *Qualitative Research in Tourism: ontologies, epistemologies and methodologies*. London and New York: Routledge
- GOULART, M. e SANTOS, R. I. C. (1998) "*Uma Abordagem histórico - cultural do turismo, turismo, visão e ação*, v.1, nº1. Brasil. Disponível em: <http://www6.univali.br/seer/index.php/rtva/article/view/1388>
- GRABURN, N. H. H., and JAFARI, J. (eds) (1991) "*Tourism social science (Special issue)*", *Annals Of Tourism Research*, 18(1).
- GRANDPRÉ, F. (2007) "*Attraits, attractions et produits touristiques: trois concepts distincts dans le context d'un developement touristique regional*", *Téoros, Revue de Recherche en Tourisme* 26(2), 12-18. Disponível em: <http://teoros.revues.org/795>.
- GRANGÉ, D., LEBART, L. (1994) "*Traitements Statistiques des Ênquetes*", Paris, Edições Dunod
- GRANJA, H. M. (1990) "*Zona costeira, ontem e hoje. Um espaço e um tempo para interrogações*", Atas do 1º Simpósio sobre a protecção e revalorização da faixa costeira do Minho ao Liz, Porto p. 184-199

- GUBA, E. e LINCOLN, Y. (1994) "*Competing paradigms in qualitative research*", In Denzin, N. e Lincoln, Y. (Eds.), *The Sage Handbook of Qualitative Research*. Sage Publications, London
- GUNN, C. (1994) "*A perspective on the purpose and nature of tourism research methods*", in J. R. B. Ritchie and C. R. Goeldner (eds), *Travel, Tourism and Hospitality Research: A Handbook for Managers and Researchers* (2nd ed., pp. 3—11). New York: John Wiley.
- GUNN, C. A. (1988) "*Vacationscape: Designing tourist regions*". Van Nostrand Reinhold
- GUNN, C. A., & VAR, T. (2002) "*Tourism planning: basics, concepts, cases*", (4.^a Ed.). London: Routledge.
- GUSTAVO, N. (2010) "*Os novos espaços de lazer, turismo e saúde em Portugal, o caso dos SPA*". Tese de Doutoramento em Turismo, Lazer e Cultura – Ramo Lazer e Desporto. Coimbra: Faculdade de Letras e Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra.
- HALL, C. M. (2003) "*Introduction to Tourism: Dimensions and Issues*", (4.^a Ed.). Melbourne: Pearson Education.
- HALL, C. M. (2004a) "*Space-time accessibility and the tourist area cycle of evolution: The role of geographies of spatial interaction and mobility in contributing to an improved understanding of tourism*", in R. Butler (Ed.), "*The Tourism Area Life-Cycle*", Clevedon: Channel View
- HALL, C. M. (2004b), "*Tourism*". Harlow: Prentice-Hall.
- HALL, C.M. and PAGE, S.J. (2005) "*The Geography of Tourism and Recreation: Environment, Place and Space*", London: Routledge.
- HALL, C.M., WILLIAMS, A.M. and LEW, A. (2004) "*Tourism: Conceptualisations, institutions and issues (3-21)*", in A. Lew, C.M. Hall & A.M. Williams (Ed.), "*Companion to Tourism*". Oxford: Blackwells.
- HALL, C.M., WILLIAMS, A.M. and LEW, A.A. (2004) "*A Companion to Tourism*". Oxford: Blackwell.
- HAMEL, J. (1997) "*Étude de cas et sciences sociales*", in Denzin & Y. S. Lincoln (Ed.). "*Handbook of qualitative research*" (361-376). Newsbury Park: Paris Sage.
- HENRIQUES, C. (2003). "*Turismo, Cidade e Cultura – Planeamento e Gestão Sustentável*". Edições Sílabo.
- HENRIQUES, E.B. (2003) "*Cultura e território, das políticas às intervenções. Estudo geográfico do património histórico-arquitectónico e da sua salvaguarda*". Tese de Doutoramento em Geografia Humana. Lisboa: Universidade de Lisboa.

- HENRIQUES, E.B. e LOUSADA, M.A. (2010) “*Férias em Portugal no primeiro quartel do século XX. A Arte de ser turista*”, in Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (org.). “*Viajar – Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República*” (105-117). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, 105-117.
- HIGGINS-DESBIOLLES, F. (2006) “*More than an ‘industry’: the forgotten power of tourism as a social force*”, *Tourism Management*, 27, 1192-1208.
- HILL, M. M., HILL, A. (2000) “*Investigação por Questionário*”, Lisboa: Edições Sílabo.
- HOLDEN, A. (2005) “*Tourism studies and the social sciences*”, London: Routledge.
- HOLDEN, A. (2008) “*Environment and tourism*” (2ª ed.), London: Routledge.
- HOLLOWAY, J. C. (2000) Tour. In J. Jafari (Ed.) “*Encyclopedia of tourism*” (582-583). London: Routledge.
- HUANG, L. and TSAI, H. (2003) “*The study of Senior Traveler Behavior*”, in Taiwan. *Annals of Tourism Research*, 9(29), 256-272.
- HUMBELINO, J. (1999) “*Lazer e território: contributo geográfico para a análise do uso do tempo*”, Centro de Estudos de Geografia e Planeamento Regional, Série Estudos, 1, Universidade Nova de Lisboa.
- HUMBELINO, J. (2005) “*Lazer e turismo: dos conceitos às práticas*”, in R. Gomes (Coord.) *Os lugares do lazer* (147-159), Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal.
- HUNZIKER, W. e KRAPF K., 1942, “*Allgemeine Fremdenverkehrslehre*”, Zúrique
- IGNARRA, Luiz Renato “*Fundamentos do Turismo*”, São Paulo, SP: Pioneira Thomas Learning, 2002.
- INE (1998), Inquérito ao Emprego - Série - 1998
- INE (2011), Estatísticas do Turismo 2010 – Instituto Nacional de estatística, Lisboa
- INE, Serviços Centrais – 11º Recenseamento da População, 1º Recenseamento da Habitação, 1970 – vários tomos
- INSKEEP, E. (1991), “*Tourism Planning: Na integrated and sustainable development approach*”, New York, Van Nostrand Reinhold.
- JAFARI, J. (1990) “*Research and Scholarship: The Basis of Tourism Education*”, *Journal of Tourism Studies* 1(1), 33-41.
- JAMAL, T. e HOLLINSHEAD, K. (2001) “*Tourism and the Forbidden Zone: The Underserved Power of Qualitative Inquiry*”, *Tourism Management*, 22(1), 63-82.

- JAMAL, T., & ROBINSON M. (2009) *“Introduction: the evolution and contemporary positioning of tourism as a focus of study”*, in T. Jamal, & M. Robinson (Eds.) *The Sage handbook of tourism studies* (1-16), London: Sage Publications.
- JENNINGS, G. (2009) *“Methodologies and methods”*, in T. Jamal, & M. Robinson (Eds.) *“The Sage handbook of tourism studies”* (672-692), London: Sage Publications.
- JENNINGS, G. (2010) *“Tourism research”* (2ª Ed.), Milton: John Wiley & Sons Australia.
- JESUS, M.C. (1992) *“Terciarização em espaços rurais [texto policopiado] : análise de duas freguesias do concelho de Cantanhede: Febres e Tocha”*, Tese de Mestrado. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- JIMENEZ MARTINEZ, A. de J. (2005) *“Una aproximación a la conceptualización del turismo desde la teoría general de sistemas”*, Cancún: Universidad del Caribe, Miguel Ángel Porruá.
- JOAQUIM, G. (1997) *“Da Identidade à Sustentabilidade ou a Emergência do Turismo Sustentável. Sociologia – Problemas e Práticas”*, (23), 71-100.
- JOHNS, N. e LEE-ROSS, D. (1998) *“Research Methods in Service Industry Management”*, London: Thomson.
- KASTENHOLZ, E. (2002) *“The role and marketing implications of destination images on tourist behavior: the case of northern Portugal”*, Tese de Douturamento. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial da Universidade de Aveiro.
- KNOWLES, T., & CURTIS, S. (1999) *“The Market Viability of European Mass Tourist Destinations”*. A Post-Stagnation Life-cycle Analysis. *International Journal of Tourism Research*, 1 (2), 87-96.
- KOMAR, P. (1976) *“Beach processes and sedimentation”*, New Jersey: Prentice-Hall.
- KORSTANJE, M. (2009) *“Turismo: un nuevo enfoque disciplinario para la enseñanza académica”*, TURyDES – Revista de Investigación en Turismo y Desarrollo Local, 2(5), 1-21. Disponível em <http://www.eumed.net/rev/turydes/05/index.htm>. - acedido a 2 Setembro 2013.
- KOTLER, P., BOWEN, J. T., & MAKENS, J. C. (2010) *“Marketing for hospitality and tourism”*(15.ª Ed.), Boston: Pearson Prentice Hall.
- KREJCIE, R. et al. (1970) *“Determining sample size for research activities”*, *Educational and Psychological Measurement*, 30(1), 607-610.
- KRIPPENDORF, J. (1986) *“The new tourist – turning point for leisure and travel”*, *Tourism Management*, 7(2), 131-135.

- KUHN, T. (1996) *"The structure of scientific revolutions"* (3ª Ed.), Chicago and London: University of Chicago Press.
- LEAL, A. S. A. B. de Pinho (1816-1884) *"Portugal antigo e moderno: dicionário geográfico, estatístico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande número de aldeias"*, Lisboa: Cota d'Armas, 1990 – 12 vols
- LEE, T. (1999) *"Using qualitative methods in organizational research"*, Sage Publications, London
- LÉGARÉ, J. (2004). Conséquences économiques sociales et culturelles du vieillissement de la population. *Demographie: analyse et syntèse*, VI, Population et société. Paris: INED.
- LEIPER, N. (1979), *"The Framework of Tourism. Towards a Definition of Tourism, Tourist and the Tourism Industry"*, Annals of Tourism Research.
- LEIPER, N. (2004), *"Tourism Management"*, 3a Edição, French Forest, Pearson Education.
- LEITÃO, A. N. (1944) *"Aveiro e a sua laguna (estudo comparativo de temas regionais)"*, Livraria Sá da Costa – Editora, Lisboa p. 116 – 127
- LENCASTRE, A. FRANCO, F. M. (1984) *"Lições de Hidrologia"*, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Serviços Gráficos da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa
- LIMA, M. P. (1981) *"O Inquérito Sociológico - Problemas de Metodologia"*, 2a Ed., Editorial Presença
- LIPOVETSKY, G. (2007) *"A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo"*, Lisboa: Edições 70.
- LOHMANN, G., & Netto, A. P. (2012) *"Teoria do turismo: conceitos, modelos e sistemas"*, (2.ª Ed.). São Paulo: Editora Aleph.
- LOPES, E. (2005) *"Reinventando o Turismo em Portugal"*, Lisboa: CTP
- LÓPEZ, J. R. (2008) *"Historia del deporte"*, Barcelona, INDE Publicaciones, 3º ed
- LOURENÇO, R. (2008) *"Turismo de Prática Desportiva. Estudo de caso: Os percursos Pedestres e os Termalistas Clássicos em Monfortinho"*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade da Beira Interior.
- LOUSADA, M. A. (2010) *"Viajantes e Turistas. Portugal, 1850-1926"* in Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República (org.), Viajar – Viajantes e turistas à descoberta de Portugal no tempo da I República (Catálogo da Exposição). Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, 65-73.

- LUBBE, B. (Ed). (2005) *"Tourism management in Southern Africa"*, (2ª Ed.). Cape Town: Pearson Education.
- LUBBE, B. (2006) *"The business of tourism. In M. Botha, F. Fairer-Wessels, & B. Lubbe"*, Tourism entrepreneurs (pp. 1-24). Cape Town: Juta & Company.
- LUTZ, W., SANDERSON, W. SCHERBOV, C. (2004). *The End of World Population Growth in the 21st Century: New Challenges for Human Capital Formation & Sustainable Development*. Londres: Taylor & Francis.
- MACHADO, H. (1996), *"A construção social da praia"*, Guimarães, Ideal
- MAGUSTO, J. (2003) *"O Turismo em Castelo de Vide, perspectivas de Desenvolvimento"*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
- MALTA, P. A. (2000) *"Das relações entre tempo livre, lazer e turismo"*, Cadernos do Noroeste, 13(1), 219-239.
- MARQUES, A. P. et al. (1987) *"Portuggallae Monumenta Cartographica"*, Volume IV
- MARTINS, E. G., (2001) *"Noções Básicas sobre Amostragem - Introdução à Inferência Estatística"*, Departamento de Estatística e Investigação Operacional, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa
- MARTINS, F. (1947) *"A configuração do litoral português no último quartel do século"*, XIV - Apostila a um mapa. Biblos, XXII (I):163-197, Coimbra
- MARTINS, F. M. C. P. F. (1989) *"Abordagem aos Problemas do Planeamento e Gestão das Áreas Dunares"*, Departamento de Ambiente e Ordenamento, Universidade de Aveiro
- MARTINS, L. D. S., HALL, A. S. (1995) *"Guia Prático de Ordenamento das Matas"*, Estudos e Informação N.º 309, Instituto Florestal
- MARTINS, L. P. S. (1989) *"Banhistas de mar no século XIX – um olhar sobre uma época"*, Revista da Faculdade de Letras-Geografia, I Série, Vol. V, Porto, 1989, p. 45 a 59
- MARTINS, L. P. S. (1993) *"Lazer, férias e turismo na organização do espaço rural de Portugal"*, Porto, Tese de Doutoramento defendida na Universidade do Porto.
- MARTINS, L. S. (2002) *"Espaços de lazer e de turismo no noroeste de Portugal"*, Porto: Edições Afrontamento.
- MARTINS, L. S. (2008) *"Dos banhos de Mar aos banhos da moda – a Póvoa de Varzim e as tendências do turismo balnear"*, AMPV, Julho de 2008 (policopiado).

- MARTINS, L. S. (2011) *“Turismo, investigação e formação. Tendências e desafios em tempo de mudança”*, Orações de Sapiência, 3. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- MARTINS, L.D.S., HALL, A.S. (1995) *“Guia Prático de Ordenamento das Matas”*, Estudos e Informação N.º 309, Instituto Florestal
- MARTINS, M. J. S (1999) *“Estudo Fitossociológico e Cartográfico da Paisagem Vegetal e Semi-natural do Litoral Centro de Portugal Entre a Praia de Mira e a Figueira da Foz”*, Dissertação de Mestrado em Ecologia apresentada à FCTUC
- MARTINS, M. R. (2011) *“Contributos para uma História do Ir à Praia em Portugal”*, Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, FCSH; Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- MARTINS, P. A. G., (2011) *“Alimentação artificial de praias. Casos Portugueses”*, in Obras de Protecção Costeira, LNEC, 9 p., Lisboa.
- MARUJO, M. (2005) *“A sociologia e o turismo”*, in Ramos, F. da Silva, C. (Orgs.), Sociologia em Diálogo (2). Évora: Departamento de Sociologia da Universidade de Évora/CISA-AS.
- MARUJO, M. (2008) *“Turismo e Comunicação”*, RVJ Editores, Castelo Branco
- MARUJO, M. e CRAVIDÃO, F. (2012) *“Turismo e Lugares: uma visão geográfica”*, PASOS, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Vol. 10, Nº3, pags. 281-288
- MARUJO, M. N. (2013) *“A sociologia do turismo na Educação Superior em Portugal”*, Turismo & Sociedade, 6(3), 490-507, in: [http://www.academia.edu/4379126/A Sociologia do Turismo na Educacao Superior Em Portugal](http://www.academia.edu/4379126/A_Sociologia_do_Turismo_na_Educacao_Superior_Em_Portugal), *acedido a 10 Outubro 2014*
- MARUJO, N. (2013) *“A pesquisa em turismo: reflexões sobre as abordagens qualitativa e quantitativa”*, Turydes, revista de investigación en turismo y desarrollo local, vol.6, nº 14, Junho/Julho 2013
- MASCARENHAS, F. (2005) *“Entre o ócio e o negócio: teses acerca da anatomia do lazer”*. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas .Campinas, SP: [s.n].
- MASI, D. de (2000) *“O Ócio Criativo”*, Sextante, Rio de Janeiro
- MATEUS, A. R. A. (2007) *“Passagens hidráulicas das auto-estradas: comparação de métodos de monitorização e avaliação dos factores que promovem a sua utilização pelos carnívoros”*, Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências Departamento de Biologia Animal
- MATHIESON, A., e WALL, G. (1982), *Tourism: Economic, Physical and Social Impacts*,

Harlow, Longman.

MATHIESON, A., & WALL, G. (1990) *"Tourism, economic, physical and social impacts"*. Longman

MATIAS, A. (2007) *"Economia do turismo: Teoria e Prática"*, Instituto Piaget – Divisão Editorial, Coleção Sociedade e Organizações, Lisboa, Portugal.

MATOS, A. C., et al. (2009) *"Caminhos-de-ferro e turismo em Portugal (Final do século XIX e primeiras décadas do século XX)"*. in V Congrès História Ferroviária. Palma.

MCINTOSH, R. W. (1977) *"Tourism: principles, practices, philosophies"*, 2nd ed. Columbus, Ohio: Grid (1977). ISBN 0882441116

MCINTOSH, R. W. & GOELDNER, C. R. (1990), *"Tourism Principles, Practices, Philosophies"*. Grid Publishing Inc. Ohio, John Riley e sons, Columbus.

MEDEIROS, C. A. (2005) *"Geografia de Portugal: sociedade, paisagem e cidades"*, Lisboa, Círculo de Leitores

MEDEIROS, C. L., & Cavaco, C. (2008) *"Turismo de saúde e bem-estar: termas, SPAs termais e talassoterapia"*, Lisboa: Centro de Estudos e Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, Universidade Católica Portuguesa.

MEDLIK, S., and V. T. C. MIDDLETON (1973) *"Product Formulation in Tourism"*, in Tourism and Marketing (vol. 13). Berne: AIEST.

MEETHAN, K. (2001) *"Tourism in global society: place, culture and consumption"*, Basingstoke: Palgrave

MEIRINHOS, M. at al. (2010) *"The case study as research strategy in education"*, EduSer: Revista de Educação. ISSN 1645-4774. 2:2, p. 49-65

MELKERT, M. e VOS, K. (2010) *"A Comparison of Quantitative and Qualitative Approaches: Complementarities and Trade-offs"*, in RICHARDS, G. e MUNSTERS, W. (Eds.), Cultural tourism research methods. Cabi Publishing, London, pp. 33-40

MENDES, H. (1974) *"Cartografia e engenharia da ria e barra de Aveiro no último quartel do séc. XVIII"*, Arquivo do distrito de Aveiro, vol. XL

MENDIA, H. de, (1881) *"Estudo sobre a fixação e aproveitamento d'uma parte das areias móveis das costas de Portugal"*, Typographia Universal, Lisboa

MESPELIER, A. et al. (2005) *"Le tourisme dans le monde"*, Bréal, Paris

MESQUITA, E. M. (1895) *"Apontamentos acerca da região litoral compreendida entre as lagoas de Mira e de Esmoriz /Dunas de Aveiro"*, Comissão Serv. Geol. Portugal, III:23-33, Lisboa.

- MEYER-ARENDT, K. (S/D) “*O Turismo e o ambiente natural*”, in *Compêndio de Turismo, Ciência e Técnica* – Instituto PIAGET, pp. 475-488
- MIHELJ, V. (2010) “*New Tourist products for New Tourists*”, *Expectations. Tourism & Hospitality Management*, 1075-1085.
- MILL, Robert Christie (2003). “*Resorts: administração e operação*”, Porto Alegre: Bookman.
- MILLER, G., Rathouse, K., Scarles, C., Holmes, K., & Tribe, J. (2010) “*Public understanding of sustainable tourism*”, *Annals of Tourism Research*, 37
- MILLER, M.L., and Ditton, R., (1986) “*Travel, tourism, and marine affairs*”, *Coastal Zone Management Journal*, 14 (1/2): 1-19.
- MINAYO, M. C. S. (1994) “*O desafio do conhecimento científico: pesquisa qualitativa em saúde*”, 2. ed. São Paulo, Hucitec-Abrasco
- MINAYO, M. et al. (1994) “*Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*”, Petrópolis, RJ: Vozes
- MIOSSEC, Jean-Marie (1977), “*Un modèle de l'espace touristique*”, em *L'Espace Géographique*, n. 1, Paris, jan./mar., v. 6, p. 55.
- MIRANDA, M. (2005) “*Mira no século XX*” Edição da Câmara Municipal de Mira
- MIRANDA, M. (2008) “*Mira nos séculos XVII e XIX*” Edição do Autor patrocinada pela Câmara Municipal de Mira
- MIRANDA, M. (2012) “*Mira, Bosquejo Histórico*” Edição Areias Vivas, Coleção Tempos
- MIRANDA, P. M. M. de, (2006) “*Praia de Mira: Impactes do Turismo – um contributo para uma Geografia Humana*”, Tese de Mestrado apresentado ao ISMT, Coimbra
- MOESCH, M. (2002) “*A produção do saber turístico*”, São Paulo: Contexto.
- MOLINA, E. S. (2003) “*O pós-turismo*”, São Paulo: Aleph.
- MORALES, M. L. (2003) “*El Potencial Turístico de los Balneários*”, *Estudios Turísticos*, nº 157, pp125-145
- MOREIRA, C. O. (2008) “*Tempo livre, lazer e consumo na sociedade urbana contemporânea, segundo os géneros*”, in N.P. dos Santos, & A. Gama (Coords.), *Lazer: da libertação do tempo à conquista das práticas* (pp. 179-207). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- MOREIRA, C. O. (2010) “*A Geografia e o género: um encontro urbano. Os tempos e os espaços nos territórios de Coimbra*”, Porto: Fundação Eng. António de Almeida.

- MOREIRA, C. O. (2012) "*Lazer, animação turística e desenvolvimento local*", in R. Jacinto (Coord.) Patrimónios, territórios e turismo cultural: recursos, estratégias e práticas (pp. 77-103), Coleção Iberografias, vol. 19. Guarda: Centro de Estudos Ibéricos, Âncora Editora.
- MOREIRA, C. O. (2013) "*O rio como património: potencialidades de lazeres e de turismo no baixo vale do Mondego*", in P. Peixoto, & Farinella (Org.), *A água como património: as importâncias das paisagens fluviais para as cidades e as comunidades locais*.
- MOREIRA, C., D. (1987) "*Populações marítimas em Portugal*", Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas
- MOURÃO, J. M., (1997) "*Desenvolvimento sustentável do Turismo: o sector Litoral de S. Pedro de Moel. Recursos e Potencialidades para o Ecoturismo*", Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Departamento de Geografia e Planeamento Regional, FCTP – programa PRAXIS XXI. Lisboa
- MOUTINHO, L., BALLANTYNE R., & RATE, S. (2011) "*The new business in tourism environment and trends in tourism*", in L. Moutinho, *Strategic management in tourism* (pp. 1-19). Oxon: Cabi.
- MOWEN, J. C. (2000) "*The 3M model of motivation and personality: theory and empirical applications to consumer behavior*", Boston: Kluwer Academic Publishers (2000). ISBN 0-7923-8543-8
- MÜLLER, H. et al. (2001) "*Wellness Tourism: Market Analysis of a Special Health Tourism Segment and Implications for the Hotel Industry*" in *Journal of Vacation Marketing*, 7 (1), pp. 5-17.
- MURPHY, P. E. (1985) "*Tourism: a community approach*", New York: Routledge.
- NAZARETH, J. M. (2009). *Crescer e envelhecer. Constrangimentos e oportunidades do envelhecimento demográfico*. Lisboa: Presença.
- NECHAR, M. e NETTO, A. (2010) "*Implicaciones epistemológicas en la construcción del conocimiento del turismo*", in NECHAR, M. e NETTO, A. (Eds.), *Epistemología del turismo: estudios críticos*. Trillas, Mexico, pp.
- NEVES, F. F. (1935) "*Breve história da Barra de Aveiro*", *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 1: 219-238, Aveiro
- NEVES, F. F. (1963) "*As reflexões históricas sobre a barra de Aveiro de Almeida Coimbra e as obras de Luís Gomes*", *Arquivo do Distrito de Aveiro*, 29:84-102, Aveiro.
- NOIVO, L. M. (1996) "*Morfologia e dinâmica sedimentar das dunas de Quiaios, Portugal*", Dissertação de Mestrado, Universidade de Aveiro, 172 p.
- NYKIEL, R. (2007) "*Handbook of marketing research methodologies for hospitality and*

- tourism*”, The Haworth Hospitality & Tourism Press, New York
- OKUMUS, F., ALTINAY, L., & CHATHOTH, P. (2010) “*Strategic management for hospitality and tourism*”, Amsterdam: Elsevier.
- OLIVEIRA, E. V. (1910-1990) “*Palheiros do litoral central português*”, Lisboa: Centro de Estudos de Etnografia Peninsular, 1964
- OLIVEIRA, I. B. M. (1990) “*Erosão costeira no litoral norte. Considerações sobre a sua génese e controlo*”, Actas do 1º Simpósio sobre a Protecção e Revalorização da Faixa Costeira do Minho ao Liz, p.201-220, Porto.
- OLIVEIRA, I. B. M.; VALLE, A. J. S. F. & MIRANDA, F. C. C. (1982) “*Littoral problems in the portuguese west coast*”, Coastal Engineering Proceedings, III, p. 1950-1969
- OLIVEIRA, O. (1988) “*Origens da Ria de Aveiro*”, Ed. Câmara Municipal de Aveiro, Aveiro.
- OLIVEIRA, M. J. R. (2014), “*Determinantes do desenvolvimento do Pinhal Bravo em áreas dunares (dunas de Mira)*”, Tese de doutoramento, FLUC, Coimbra
- OMT (2001) “*Apuntes de metodología de la investigación en turismo*”, OMT, Madrid
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL TURISMO (OMT) 1978, “*Evaluación de los Recursos Turísticos*”, OMT, Madrid
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL TURISMO (OMT) 1998, “*Introducción al turismo*” 1º Ed. Julho
- ORY P (2008) “*L’invention du Bronzage*”. Ed. Complexe, Paris.
- ORTIGÃO, R. (1876) “*As Praias de Portugal*”, Livraria Clássica Editora (1949), Lisboa
- ORTIGÃO, R. (2002) “*As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante*”, [1.ª ed., 1876]. Lisboa: Frenesi.
- PAIXÃO, G. (1980/81) “*A protecção do litoral e a extracção de areias*”, Bol. Soc. Geol. Portugal, XXII: 257 – 259, Lisboa
- PASKOFF, R. (1985) “*Les littoraux : impact des aménagements sur leur évolution*”, Masson, Paris
- PASKOFF, R. (1993) “*Côtes en Danger*”, Masson, Paris
- PATTON, M. Q. (1990) “*Qualitative evaluation and research methods*”, Newbury Park, CA: Sage
- PAZ, G. J. (1982) “*Política de ordenación integrada de los espacios litorales*”, Estudios Territoriales, nº 6, Madrid, pp. 97-109

- PEARCE, D. (1996) *"Tourism development"*, (2.^a Ed.). Essex: Longman.
- PEARCE, D. (2012) *"Frameworks for Tourism Research"*, Cabi International, Wallingford
- PEARCE, D. (2012) *"Frameworks for tourism research"*, Oxfordshire: Cabi.
- PEARCE, D. e BUTLER, R. (2010) *"Introduction - looking back, moving forward"*, in PEARCE, D. e BUTLER, R. (Eds.). *Tourism Research: a 20:20 vision*. Goodfellow, London, pp.1-13
- PEIXOTO, R. (1897) *"A terra portugueza: chronicas scientificas"*, Livraria Chardron, Porto
- PEIXOTO, R. (1897) *"As dunas"* – in *A Terra Portuguesa*, Porto
- PEIXOTO, R. (1899 – 1903) *"Palheiros do Litoral"* in *Portugália*, vol. I, Lisboa
- PEREIRA, E. e RODRIGUES, G. (1912) *"Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico"* Volume VI letras: Q – S
- PEREIRA, P. *at. al.* (2009) *"Unidades geomorfológicas e "áreas homogéneas" no Parque Natural de Montesinho"*, Publicações da Associação Portuguesa de Geomorfólogos, Volume VI, APGEOM, Braga, p. 31-36
- PHILLIMORE, J. e GOODSON, L. (2004) *"Progress in qualitative research in tourism: epistemology, ontology and methodology"*, in PHILLIMORE, J. e GOODSON, L. (Eds.), *Qualitative Research in Tourism: ontologies, epistemologies and methodologies*. Routledge, London, pp. 3-29
- PINHEIRO, A. J. F. P. (2012) *"Mobilidade, Lugares e Práticas de turismo: Realidade portuguesa de 1880 à luz do periódico "O Commercio do Porto"* - Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto para obtenção do grau de Mestre em Turismo
- PINTO, J. M. *et all.* (2008) *"Estruturas e dinâmicas demográficas, económicas e sociais do Vale do Sousa e do concelho de Penafiel (1950-2006)"*, Relatório elaborado no âmbito das actividades do Projecto POCI/SOC/58668/2004 – "Transformações Sociais numa Colectividade Local do Noroeste Português" (co-financiado pelo FEDER, através do Programa POCI 2010, e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia), Instituto de Sociologia, Faculdade de Letras da Universidade do Porto
- PINTO, P.R. (1996) *"O termalismo no contexto da actividade turística em Portugal"*, Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra para obtenção do grau de Mestre em Geografia, Coimbra
- PLANO DIRECTOR MUNICIPAL DO CONCELHO DE MIRA (1992) *"Relatório 1 (Caracterização Física) e Relatório 2 (Caracterização Humana)"*, Câmara Municipal de Mira

- POLESE, F. (2009) *“Local government and networking trends supporting sustainable tourism: some empirical evidence”*, in L. F. Girard, & P. Nijkamp (Eds), *Cultural tourism and sustainable local development* (pp. 131-148). Farnham: Ashgate.
- POON, A. (1993) *“Tourism technology and competitive strategies”*, Wallingford: Cabi
- POON, A. (1994) *“The ‘new tourism’ revolution”*, *Tourism management*, 15(2), 91-92.
- POON, A. (2003) *“Competitive strategies for a ‘new tourism’”*, in C. Cooper (Ed.), *Classic reviews in tourism* (pp. 130-142). Clevedon: Channel View Publications
- POPPER, K. (1972) *“A lógica da pesquisa científica”*, 2ª ed. São Paulo, Cultrix
- POPPER, K. (2003) *“Conjecturas e refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico”*, trad. Benedita Bettencourt; nota de apresent. João Carlos Espada, Coimbra: Livraria Almedina
- PORTER, R. (2001) *“Os Ingleses e o lazer”* in Corbin, Alain (org.), *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 21-57.
- PORTUGAL (2002) *“As melhores praias portuguesas”*, Lisboa, Editora Geoplaneta.
- PRADO, A. (2006) *“Turismo e Geração: Jovens e Idosos, in Turismo social: diálogos do turismo: uma viagem de inclusão* (pp. 306-314). Rio de Janeiro: Ministério do Turismo.
- PREZADO, S. (1953) *“O pinhal das dunas”*. Figueira da Foz : [s.n.]
- PRIDEAUX, B. (2008) *“The role of visitor attractions in peripheral areas”*, in A. Fyall, B. Garrod, A. Leask, & S. Wanhill, *Managing visitor attractions: new directions* (2.ª Ed.) (pp. 80-94). Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann.
- PRZECLAWSKI, K. (1993) *“Tourism as the subject of interdisciplinary research”*, In PEARCE, D. e BUTLER, R. (Eds.), *Tourism Research: critiques and challenges*. Routledge, London, pp. 9-19
- QUATRO SÉCULOS DE IMAGENS DA CARTOGRAFIA PORTUGUESA (1999) 2.ª Edição, Comissão Nacional de Geografia, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Instituto Geográfico do Exército
- QUER, P. F. (1985) *“Diccionario de Botánica”*, Editorial Labor, Barcelona
- QUIVY, R., et al. (2005) *“Manual de investigação em Ciências Sociais”* (4ª edição), Lisboa, Gradiva
- RAJ, R. & MORPEHT, N. D. (2007), *“Religious Tourism and Pilgrimage Management: An International Perspective”*, Cabi, UK

- RAYMOND, C. (2002) "*Creative Encounters*", Reprinted on the CTNZ website: www.creativetourism.co.nz/press_releases/Creative_Encounters_Crispin_Raymond.rtf, *acedido in 24 nov. 2015*
- RAMOS, A. R. C. de C. V. (2005) "*O termalismo em Portugal. Dos factores de obstrução à revitalização pela dimensão turística*", Tese de Doutoramento. Aveiro: Departamento de Economia, Gestão e Engenharia Industrial, Universidade de Aveiro
- RAMOS, P. et al. (2003) "*Manual prático de metodologia da pesquisa*" artigo, resenha, monografia, dissertação e tese. Blumenau: Acadêmica
- RAUCH, A. (2001) "*As férias e a natureza revisitada*", in Corbin, Alain (org.), *História dos tempos livres: o advento do lazer*. Lisboa: Teorema, 91-130.
- REBELO, F. (1975) "*Os Processos Erosivos Actuais no Litoral Norte e Centro de Portugal – Projecto de Investigação*", Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra
- REBELO, F. (1983) "*Introdução ao Estudo dos Processos Erosivos Actuais no Litoral Norte e Centro de Portugal – Projecto de Investigação*", Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra
- REBELO, F. (2003) "*Risco naturais e acção antrópica*", Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra
- REBELO, F. (2010) "*Geografia Física e Riscos Naturais*", Cap. V, Riscos (nos) Litorais – O risco de sedimentação na Laguna de Aveiro, pags. 121-133, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra
- REI, M.A. (1914) "*Arborização e Agricultura*", Edição da Associação d'Instrução Popular, Figueira da Foz
- REI, M. A. (1924) "*Pinhais e Dunas de Mira (Subsídios para a Sua História-1919-1924)*" Direcção Geral de Florestas
- REIGOTA, J. (1992) "*Uma Caminhada na História, com patrocínio da Câmara Municipal de Mira*", Edição do Autor, Mira.
- REIS, A. (2000) "*Avaliação da erosão costeira entre as praias de São Pedro de Maceda e do Torrão do Lameiro (Ovar)*", Dissertação de mestrado, Universidade de Aveiro. 327 p.
- REJOWSKI, M. (1999) "*Turismo e pesquisa científica*", 3.a Ed., Papirus, S. Paulo. RILEY, R. e LOVE, L. (2000). "The state of qualitative tourism research". *Annals of Tourism Research*. Vol.27, N.1, p. 164-187
- REQUIXA, R. (1976) "*As dimensões do lazer*", (Caderno de Lazer, doc. 1). São Paulo: Sesc.

- REQUIXA, R. (1977) *“O lazer no Brasil”*, São Paulo: Brasiliense.
- REQUIXA, R. (1980) *“Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer”*, São Paulo: Sesc.
- RIBEIRO, O. (1993) *“Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico”*, Lisboa, Edições João Sá da Costa
- RIBEIRO, O. & LAUTENSACH, H. (1989), *“Geografia de Portugal”*, organização e comentários e actualização Suzanne Daveau, Vol. III – O Povo Português, pags. 627-942, Edições Sá da Costa, Lisboa
- RICHARDS, G. (edit.) (1996) *“Cultural Tourism in Europe”* CABI, Wallingford
- RICHARDS, G. (edit.) (2001) *“Cultural Attractions and European Tourism”*, Wallingford: CABI.
- RICHARDS, G. & WILSON, J. (2007) *“Tourism development trajectories: from culture to creativity?”* in RICHARDS, G. & WILSON, J. *“Tourism, creativity and development”*, Routledge, London
- RICHARDSON, R. J. (1989) *“Pesquisa social: métodos e técnicas.”* São Paulo: Atlas
- RIOUX, J.-P. (2005) *“Les temps de masses”*, Éditions du Seuil, Paris.
- RITCHIE, B. et al (2005) *“Introduction: Reflections on the Practice of Research”*, in RITCHIE, B. et al (Eds.), *Tourism research methods: integrating theory with practice*. CABI Publishing, London, pp.1-8
- ROBINSON, P., LÜCK, M., & SMITH, S. L. J. (2013) *“Tourism”*, Oxfordshire: Cabi.
- ROCHA, A. dos S. (1954), *“Materiaes para a História da Figueira da Foz nos Séculos XVII e XVIII”*, Figueira da Foz, Casa Minerva, 2^o Edi.
- RODRIGUES, A. & DIAS, J. (1989) *“Evolução pós-glaciária da plataforma continental portuguesa a norte do cabo Mondego”*, Anais do Instituto Hidrográfico, 10, p. 39-50
- RODRIGUES, A. A. B. (1997) *“Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar”*, São Paulo: HUCITEC
- RODRIGUES, A. B. (2006) *“Turismo e Território: a apreensão da dinâmica espacial”*, in *Desenvolvimento e Território: espaços rurais pós-agrícolas e novos lugares do turismo e lazer*. Centro de Estudos Geográficos; Lisboa, pp. 299-362
- RODRIGUES, M. J. C. (1972) *“Palheiros da Tocha: contribuição para o estudo das determinantes geográficas da evolução do seu povoamento”*, FLUC – tese de Licenciatura em Geografia

- RODRÍGUEZ, G. G., Flores, J. G., & Jiménez, E. G. (1999) *“Metodología de la investigación cualitativa”*, Málaga, Ediciones Aljibe
- ROGER, et al. (2000) *“The state of qualitative tourism research”*, Annals of Tourism Research, Volume 27, Issue 1, Pages 164–187
- ROJAS, A. (2007) *“La investigación empírica del turismo: método científico y proceso de investigación”*, in BRITO, J. (Coord.), La investigación social del turismo. Thomson, Madrid, pp.3-26
- ROSA, B. E. P. L. (2012) *“Sénior, o Turista do Futuro. Um Estudo Abrangente do Turista Sénior Português”* - Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril, Dissertação apresentada à Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril para a obtenção do grau de Mestre em Turismo, Especialização em Gestão Estratégica de Destinos Turísticos.
- ROSA, M. J. V. (2012) *“O envelhecimento da Sociedade Portuguesa”*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Ensaios da Fundação, Lisboa
- RUSCHMANN, D. (1997) *“Turismo e Planeamento Sustentável: a Proteção do Meio Ambiente”*, Papirus, Campinas, São Paulo.
- RUSCHMANN, D. (2000) *“Marketing turístico: um enfoque promocional”*, Campinas: Papirus
- SANCHO, A. (2001) *“Introdução ao Turismo”*, São Paulo: Rocca/OMT
- SANTOS, F. (2002) *“Turismo - Mosaico de Sonhos”*, Lisboa: Edições Colibri.
- SANTOS, F. D., et al. (2014) *“Gestão da Zona Costeira o Desafio da Mudança. Relatório do grupo de trabalho do litoral”*, Grupo de Trabalho do Litoral, Agência Portuguesa do Ambiente, IP, outros
- SANTOS, J. H., & COSTA, C. (2010) *“O estado da arte da investigação em turismo em Portugal”*, Revista Turismo & Desenvolvimento, 13/14, 329-341.
- SANTOS, M. C. dos (2008) *“Turismo e Ambiente Costeiro no Brasil e em Portugal. Análise comparada de Jaguaripe, no Recôncavo Baiano, e de Mira, na Região Centro”*, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2008.
- SANTOS, M. G. L. S. M. P., (1996) *“A Residência Secundária no âmbito da Geografia dos Tempos Livres: análise comparativa dos casos de S. Pedro de Moel e Praia da Vieira”*, CCRC, Coimbra
- SANTOS, M. G. L. S. M. P. (2006) *“Espiritualidade, Turismo e Território: estudo geográfico de Fátima”*, Faculdade de Lrtras da Universidade de Coimbra

- SANTOS, N. P. dos (2001) *“A sociedade de consumo e os espaços vividos pelas famílias. A dualidade dos espaços, a turbulência dos percursos e a identidade social”*, Lisboa: Edições Colibri, Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Coimbra.
- SANTOS, N. P. dos (2005) *“Lazer, espaço e lugares. In R. M. Gomes (Org). Os lugares do lazer (pp. 122-143)”*, Lisboa: Instituto do Desporto de Portugal.
- SANTOS, N. P. e GAMA, A. (2008) *“Lazer: da libertação do tempo à conquista das práticas”*, Centro de Estudos Geográficos, Imprensa da Universidade de Coimbra
- SARMENTO, M. E. (2010) *“Uma perspectiva socioeconómica sobre a potencialidade do turismo na economia angolana ”*, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa
- SHARPLEY, R. (2011) *“The study of tourism: past trends and future directions”*, Routledge, London
- SHAW, G., & WILLIAMS, A.M. (2004) *“Tourism and tourism spaces”*, London: Sage.
- SILVA, B (2001) *“Caracterização da Paisagem das Dunas de Mira numa Perspectiva Ecológica”*, Dissertação de Mestrado em Geografia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra
- SILVA, C. S. R. (2010) *“Análise da Evolução da Ocupação e Uso do Solo no Concelho de Angra do Heroísmo: Influência nos Movimentos de Terreno e de Vertente”*, Dissertação de Mestrado em Arquitetura Paisagística, Instituto Superior de Agronomia, Universidade Técnica de Lisboa
- SILVA, J; MENDES, J & M, GUERREIRO. (2001) *“Construção de Indicadores de Avaliação da Qualidade no Turismo”*, Universidade do Algarve, Projecto de Investigação: Relatório final, vol. I.
- SILVA, J. (2005a) *“O Turismo: Uma actividade econômica? Contribuciones a la economia”*, Texto completo em <http://www.eumed.net/ce/>
- SILVA, J. A. (1991) *“O turismo em Portugal. Uma análise de integração micro-económica”*, Tese de Doutoramento em Economia. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.
- SILVA, J. A. (1997) *“O futuro do turismo em Portugal: reflexões metodológicas”*, Economia & Prospetiva, 1(1), 105-123.
- SILVA, L. M. (2007), *“Processos de mudança nos campos. O turismo em espaço rural”*, Dissertação de Doutoramento em Antropologia, Departamento de Antropologia, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- SILVA, J. B. de A. (1815) *“Memoria sobre a necessidade e utilidades do plantio de novos bosques em Portugal: particularmente de pinhaes nos areas de beira-mar, seu*

methodo de sementeira, costeamento, e administração”, Typografia da Academia Real das Sciencias , Lisboa

- SILVEIRA, L. (2010) “*O Povoamento do Território de Portugal Continental (1801-2001)*”, Seminário CEF/CEABN, Faculdade Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa,
- SIMÕES, J. M. (1993) “*Um olhar sobre o turismo e o desenvolvimento regional. Inforgeo*”, 6, 71-82.
- SIRGADO, J. R. (1991) “*Turismo e Desenvolvimento Regional e Local. O Caso do Conselho de Lagos na Região do Algarve e no País*”, Dissertação de Mestrado. Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
- SIRGADO, J. R. (1993) “*Turismos nas regiões portuguesas: contributo para a modelação de um cenário de desenvolvimento e inovação para o final do século*”, Inforgeo, 6, 21-36.
- SMEDLEY G (1995) “*Canoeing for Disabled People*”, The British Canoe Union, Exeter.
- SMITH R. C. (1965) “Os Banhos de Mar, na Póvoa de Varzim, no século XVIII” in *Póvoa de Varzim. Boletim Cultural*, vol. IV, no 2, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal, 1965.
- SMITH, S. (2010) “*Practical tourism research*”, Cabi International, Wallingford
- SOUTO, A. (1923) “*Origens da Ria de Aveiro*”, Apontamentos sobre a geografia da Beira Litoral. Livraria João Oliveira, Editora.
- SPINDLER, J. (2003), “*Le tourisme au XXIe siècle*”, L' Harmattan, Paris.
- STAKE, R. E. (1994) “*Case Studies*”, in N. Denzin Y. Lincoln, Handbook of qualitative research (pp. 236-247). Newsbury Park, Sage.
- STAKE, R. E. (1999) “*Investigación con estudio de casos*”, Madrid, Morata.
- STAKE, R. E. (2007) “*A arte da investigação com estudos de caso*”, trad. Ana Maria Chaves, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas.
- STOCK, M. et alii (2003) “*Le tourisme. Acteurs, lieux et enjeux, Belinsup*”, Paris
- STUART, A. (1984) “*The Ideas of Sampling, Monograph no. 4*”, Charles Griffin and Company Ltd, London.
- SWARBROOKE, J. (2002) “*The development and management of visitor attractions*”, Oxford: Elsevier Butterworth-Heinemann.
- TESCH, R. (1990) “*Qualitative research: analysis types and software tools*”, Basingstoke: The Falmer Press.

- TRIBE, J. (1997) "*The indiscipline of tourism*", *Annals of Tourism Research*. Vol. 24, N. 3, p. 638-457.
- TRIBE, J. (2000b) "*Strategy for tourism*", in L. Pender, & R. Sharpley (Eds.), *The management of tourism* (pp. 119-134). London: Sage.
- TRIBE, J. (2001) "*Research paradigms and the tourism curriculum*", *Journal of Travel Research*, Vol. 39, N. 4, p. 442-448.
- TRIBE, J. (2006) "*The truth about tourism*", *Annals of Tourism Research*, Vol. 33, N. 2, p. 360- 381.
- TRIBE, J. (2010) "*Tribes, territories and networks in the tourism academy*", *Annals of Tourism Research*. v. 37, n. 1.
- TRIBE, J. e AIREY, D. (2007) "*Developments in tourism research*", Elsevier, Amsterdam.
- TURISMO DE PORTUGAL (2006) "*10 produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal – sol e mar*" – Turismo de Portugal, Lisboa.
- TURNER, L.; ASH, J. (1975) "*The golden hordes*", Constable and Co. Ltd Editors, London.
- URRY, J. (1996) "*The tourist gaze: leisure and travel in contemporary societies*", London: Sage.
- VANHOVE, N. (2011) "*The economics of tourism destinations. Amsterdam: Elsevier*", Butterworth-Heinemann.
- VÁRIOS AUTORES, homenagem à professor doutora Carminda Cavaco (2006) "*Desenvolvimento e Território Espaços Rurais Pós-agrícolas e Novos Lugares de Turismo e Lazer*", Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa. Lisboa, Novembro.
- VÁSQUEZ. R. R., & ANGULO, R. F. (2003) "*Introducción a los estudios de casos. Los primeros contactos con la investigación etnográfica*", Málaga, Ediciones Aljibe.
- VEAL, A. (2006) "*Research methods for leisure and tourism: a practical guide*", 3ª Ed., London, Pearson Education, London.
- VERA, J. F.; PALOMEQUE, F. L.; MARCHENA, M. J.; ANTON, S. (1997) "*Análisis territorial del turismo*", Ariel Geografía, Barcelona, 443 p.
- VIANA, A. M. C. & ABREU, M. (1991) "*Terras da Beira na literatura portuguesa*", Edições Inapa
- VIARD, J., (2002) "*Le temps libre ré-aménageur du territoire*", in *La France des temps libres et des vacances*, L'Aube, Datar, SECPB, pp. 209-227.

- VIAUD, J. (1998) *“Réinventer les vacances. La nouvelle galaxie du tourisme”*, La Documentation Française, Paris.
- VICENTE, C. M. (1991) *“Evolução maregráfica e morfológica do canal de Mira da Ria de Aveiro”*, Actas do 2º Simpósio sobre a Protecção e Revalorização da Faixa Costeira do Minho ao Liz, p.68-85, Porto.
- VICENTE, Claudino M. (1991) *“Evolução maregráfica e morfológica do canal de Mira da Ria de Aveiro”*, Actas do 2º Simpósio sobre a Protecção e Revalorização da Faixa Costeira do Minho ao Liz, p.68-85, Porto.
- VICENTE, P., REIS, E. e FERRÃO, F. (1996) *“Sondagens - A amostragem como factor decisivo da qualidade”*, Lisboa, Edições Sílabo.
- VIDAL, F. e AURINDO M. J. (2010), *“Turismo e Identidade Nacional: Uma Nova Imagem para Portugal”*, in Maria Alexandre Lousada e Ana Paula Pires (org.) *Viajar: Viajantes e Turistas à Descoberta de Portugal no Tempo da I República*, Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações do Centenário da República, pp. 119-124.
- VIEIRA, A. L. (1982) *“Os transportes públicos de Lisboa entre 1830 e 1910”*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- VIEIRA, J. (1999) *“Portugal Século XX. Crónica em Imagens 1910-1920”*, Lisboa, Círculo de Leitores, 10 vols., 1999.
- VIGARELLO, Georges *“Le Propre et le sale : l'hygiène du corps depuis le Moyen Âge”*, Paris, Seuil, 1985
- VISIONS FOR GLOBAL TOURISM INDUSTRY – CREATING AND SUSTAINING COMPETITIVE STRATEGIES (2012) *“Edited by Murat Kasimoğlu, Published”* by InTech, Janeza Trdine 9, 51000 Rijeka, Croatia – Chapter 8: The Role of Time in the Global Tourism Market – A Demand Perspective: Grzegorz Gołembski and Agnieszka Niezgoda – The Poznań University of Economics, Poland.
- WALL, G., & MATHIESON (2006) *“Tourism: changes, impacts and opportunities”*, Harlow: Pearson Education.
- WALLE, A. (1997) *“Quantitative versus qualitative tourism research”*, Annals of Tourism Research, Vol.24, N. 3, p. 524–536.
- WEAVER, D. B.; OPPERMANN, M. (2000) *“Tourism Management, John Wiley & Sons”*, Australia.
- WEBER, M. (2009) *“Conceitos sociológicos fundamentais”*, trad. Artur Morão, Lisboa, Edições 70.
- WEIERS, R.M. (1998) *“Marketing Research”*, 2nd Ed., Prentice-Hall, London.

- WILLIAMS, S. (2003) *"Tourism and Recreation"*, Harlow: Prentice Hall.
- WILLIAMS, S. (2009) *"Tourism geography: a new synthesis"* (2ª ed.). Oxon: Routledge.
- WILLIAMS, S. (2009) *"Tourism geography: a new synthesis"* (2ª ed.). Oxon: Routledge.
- WORLD TOURISM ORGANIZATION (2005) *"Yearbook of Tourism Statistics 2005 (Data 1999–2003)"*, Madrid: World Tourism Organization.
- WORLD TRAVEL & TOURISM COUNCIL (WTTC) (2014) *"The Authority on World Travel & Tourism: Travel & Tourism - Economic impact 2014"*, Portugal.
- XIAO, H. e SMITH, S. (2006) *"The making of tourism research: insights from a social sciences journal"*, Annals of Tourism Research. Vol.33, N.2, p.490-507.
- YENOMAN, I., REBECCA, T. L. I., MARS, M., & WOUTERS, M. (2012). *"2050 – Tomorrow's tourism"*, Clevedon: Channel View Publications.
- YIN, R. (1993) *"Applications of case study research. Beverly Hills"*, CA: Sage Publishing.
- YIN, R. (2005) *"Estudo de Caso. Planejamento e Métodos"*, Porto Alegre, Bookman.
- YIN, R. F. (1994) *"Case study research. Design and methods"*, (2nd ed.) Thousand Oaks, Sage Publications.

CARTOGRAFIA

Carta Geológica de Portugal, Folha 16-C, Vagos (1981), 1/50 000 – Direcção Geral de Geologia e Minas, Lisboa

Carta Geológica de Portugal, Folha 19-A, Cantanhede (1988), 1/50 000 – Direcção Geral de Geologia e Minas, Lisboa

Carta Militar de Portugal, Folha 16 (1974), 1/100 000 – Instituto Geográfico e Cadastral, Lisboa

Carta Militar de Portugal, Folha 19 (1963), 1/100 000 – Instituto Geográfico e Cadastral, Lisboa

Carta Militar de Portugal, Folha 195, Vagos, (1974), 1/ 25 000 – Serviço Cartográfico do Exército, Lisboa

Carta Militar de Portugal, Folha 206, Mira (1975), 1/ 25 000 – Serviço Cartográfico do Exército, Lisboa

Carta Militar de Portugal, Folha 217, Cantanhede (1982), 1/25 000 – Serviço Cartográfico do Exército, Lisboa

ENDEREÇOS ELECTRÓNICOS

<http://mapas.sapo.pt/>

<http://purl.pt/3393>

<http://www.cm-mira.pt/index.php?url>

http://www.cm-mira.pt/www/output_efile.aspx?sid=f257f1c3-7c27-4c90-808c-429df03059de&cntx=djWRMfF8cNWpOwM4XkN2rdjAdg5JYQGCu7PV0i0xUgjnOG4fIM12SFDz5P9klu7dSUd6JA4FRffNaELW%2BDFiyA%3D%3D&idf=2298 -
acedido a 15 Abril 2014

http://www.drapc.min-agricultura.pt/base/documentos/dunas_areas_arborizacao.htm

http://www.drapc.min-agricultura.pt/base/documentos/fixacao_dunas.htm

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpa genumber=2&PUBLICACOESrevista=00&PUBLICACOEstema=55466&PUBLICACOESfreeText=censos -
acedido a 15 Abril 2014

<http://www.turismodeportugal.pt>

<https://www.meteo.pt/pt/>

ANEXOS

(quadros)

	1960	1970	1981	1991	2001	2011
PORTUGAL	8889392	8611125	9833014	9867147	10356117	10562178
REGIÃO CENTRO	2444306	2199212	1763119	1721650	2348397	2327755
CONCELHO DE MIRA	13171	12893	13299	13257	12318	12465
CONCELHO DE CANTANHEDE	40702	39184	38717	37140	36725	36595
PRAIA DE MIRA	1375	1674	2491	2994	2260	2504
PRAIA DA TOCHA	-	10	44	64	189	292

Quadro 29: População residente em Portugal; concelhos de Mira e Cantanhede; lugares da Praia de Mira e Praia da Tocha, entre 1970 e 2011
Fonte: INE, 2012

	1970	1981	1991	2001	2011
ALOJAMENTOS PRAIA DE MIRA	810	1438	1545	1898	2681
ALOJAMENTOS PRAIA DA TOCHA	156	357	584	764	898
POPULAÇÃO RESIDENTE PRAIA DE MIRA	1674	2491	2994	2260	2504
POPULAÇÃO RESIDENTE PRAIA DA TOCHA	10	44	64	189	292

Quadro 30: Evolução dos alojamentos e da população residente na Praia de Mira e Praia da Tocha
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do INE, 2011

	1981	1991	2001	2011
ALOJAMENTOS PRAIA DE MIRA	78%	7%	23%	41%
ALOJAMENTOS PRAIA DA TOCHA	129%	64%	31%	18%
POPULAÇÃO RESIDENTE PRAIA DE MIRA	49%	20%	-25%	11%
POPULAÇÃO RESIDENTE PRAIA DA TOCHA	340%	45%	195%	54%

Quadro 31: Evolução da percentagem dos alojamentos e da população residente na Praia de Mira e Praia da Tocha
Fonte: Elaboração própria a partir dos dados do INE, 2011

	SEXO FEMININO		SEXO FEMININO	
	Praia de Mira	Praia da Tocha	Praia de Mira	Praia da Tocha
0 - 4	0	0	0	0
5 - 9	0	0	0	0
10 - 14	1	0	0	0
15 - 19	4	0	-5	-6
20 - 24	4	0	-5	-1
25 - 29	6	7	-6	-1
30 - 34	9	10	-10	-9
35 - 39	16	28	-10	-26
40 - 44	4	19	-7	-12
45 - 49	8	3	-12	-13
50 - 54	8	5	-9	-1
55 - 59	8	5	-6	-3
60 - 64	8	3	-6	-9
65 - 69	6	7	-11	-1
70 - 74	8	3	-9	-6
75 - 79	2	2	-3	-3
80 - 84	6	3	-2	-3
≥85	2	3	-1	-4

Quadro 32 Distribuição por grupos etários dos residentes inquiridos
 Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

ESTADO CIVIL	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Solteiro	16%	5%	21%
Casado	46%	18%	64%
União de facto	4%	1%	5%
Separado	3%	1%	4%
Viúvo	5%	3%	8%

Quadro 33: Estado civil da população residente inquirida
 Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

ESCOLARIDADE	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Ensino Básico	46%	28%	41%
Ensino Secundário	36%	39%	37%
Ensino Superior	13%	30%	18%
Analfabeto	4%	4%	4%

Quadro 34: Escolaridade da população residente inquirida
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

PROFISSÃO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Conta de outrem	38%	43%	40%
Conta própria	27%	29%	28%
Desempregado	3%	4%	3%
Reformado	25%	20%	24%
Estudante	7%	3%	6%

Quadro 35: Profissão da população residente inquirida
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

EXERCE OUTRA ACTIVIDADE ECONÓMICA: MOTIVAÇÃO?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Gosto	4%	2%	6%
Complemento	72%	7%	79%
Necessidade	16%	0%	16%

Quadro 36: Motivação para exercer outra atividade económica da população residente inquirida
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

RENDIMENTO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Até 500	37%	9%	46%
500 a 1000	29%	13%	42%
Mais de 1000	7%	6%	13%

Quadro 37: Rendimento da população residente inquirida
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

ARRENTA IMÓVEL A VERANEANTES	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Não	56%	25%	81%
Sim	14%	2%	16%
Não responde	2%	1%	3%

Quadro 38: Arrendamento do imóvel a veraneantes em 2012
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

ARRENTA IMÓVEL VERANEANTES: RAZÕES DE ARRENDAMENTO?	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Companhia	1%	0%	1%
Complemento	53%	10%	63%
Necessidade	34%	1%	36%

Quadro 39: Razões do arrendamento informal a turistas
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

ASPECTOS A MELHORAR	Praia de Mira	Praia da Tocha
Correio	91%	9%
Posto médico	76%	24%
Limpeza floresta/praias/águas	98%	2%
Acessibilidades/transportes/estacionamento	87%	13%
Usar a barrinha	98%	0%
Mais hotéis de qualidade	83%	17%
Saneamento	95%	5%
Desporto/lazer/cultura	89%	11%
Outros	86%	14%
Nada/sem opinião	67%	33%

Quadro 40: Aspectos a melhorar na Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

IMPORTÂNCIA TURISMO BALNEAR NA LOCALIDADE	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Positivo	91%	3%	95%
Negativo	3%	0%	3%
Sem opinião	3%	0%	3%

Quadro 41: Importância do turismo balnear nas localidades
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

	SEXO FEMININO		SEXO MASCULINO	
	Praia de Mira	Praia da Tocha	Praia de Mira	Praia da Tocha
0 - 4	0	0	0	0
5 - 9	0	0	0	0
10 - 14	0	0	0	0
15 - 19	10	8	-20	-8
20 - 24	14	15	-7	-10
25 - 29	11	7	-13	-5
30 - 34	12	10	-13	-11
35 - 39	11	18	-6	-11
40 - 44	13	10	-10	-6
45 - 49	8	10	-7	-16
50 - 54	7	3	-7	-13
55 - 59	1	8	-1	-3
60 - 64	8	7	-11	-10
65 - 69	1	0	-3	-2
70 - 74	1	5	0	-2
75 - 79	0	0	0	0
80 - 84	1	0	-1	-3
≥85	0	0	0	0

Quadro 42: Distribuição por grupos etários dos veraneantes inquiridos
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

ESTADO CIVIL	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Solteiro	25%	12%	36%
Casado	24%	22%	46%
União de facto	6%	4%	10%
Separado	2%	3%	6%
Viúvo	1%	1%	2%

Quadro 43: Estado civil dos veraneantes inquiridos
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

ESCOLARIDADE	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Ensino Básico	15%	11%	25%
Ensino Secundário	20%	14%	33%
Ensino Superior	24%	17%	41%

Quadro 44: Escolaridade dos veraneantes inquiridos
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

NATURALIDADE	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Região Norte	4%	3%	8%
Região Centro	45%	30%	75%
Região Sul	1%	2%	3%
Estrangeiro	7%	7%	14%

Quadro 45: Naturalidade dos veraneantes da Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

RESIDÊNCIA	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Distrito Porto	1%	3%	3%
Distrito Aveiro	14%	3%	17%
Distrito Viseu	10%	1%	11%
Distrito Guarda	4%	0%	4%
Distrito Coimbra	17%	28%	44%
Estrangeiro	10%	5%	15%
Outra	4%	3%	6%

Quadro 46: Residência dos veraneantes da Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

PROFISSÃO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Conta de outrem	26%	23%	50%
Conta próprio	12%	9%	21%
Desempregado	2%	1%	2%
Reformado	7%	4%	11%
Estudante	12%	4%	16%

Quadro 47: Profissão dos veraneantes da Praia de Mira e Praia da Tocha em 2012
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

RAZÃO DA ESCOLHA	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Proximidade	57%	43%	100%
Acessibilidade	74%	26%	100%
Tradição familiar	91%	9%	100%
Recomendado	68%	32%	100%
Casa de férias	36%	64%	100%
Outras	56%	44%	100%

Quadro 48: Razões da escolha dos veraneantes
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

ALOJAMENTO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total %
Casa de férias	46%	55%	29%
Casa de amigos	60%	40%	9%
Casa arrendada independente	65%	34%	28%
Hotelaria	81%	19%	14%
Campismo	64%	36%	20%

Quadro 49: Alojamento dos veraneantes
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

ESCOLHA ALOJAMENTO	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total %
Recomendado	82%	18%	10%
Qualidade/preço	65%	35%	21%
Conforto	86%	14%	17%
Tradição familiar	86%	14%	7%
Privacidade	100%	100%	3%
Gosto pela opção	70%	30%	13%
Casa de férias	48%	52%	23%
Outro	79%	21%	6%

Quadro 50: Razões na escolha do alojamento dos veraneantes
Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

O QUE MAIS APRECIA	Praia de Mira	Praia da Tocha	Total
Barrinha	63%		63%
Mar	87%	13%	100%
Areal	89%	11%	100%
Maresia	100%	0%	100%
Bares	93%	7%	100%
Floresta	63%	37%	100%
Campos	4%	96%	100%
Segurança	7%	93%	100%
Tranquilidade	0%	100%	100%
Beleza do lugar	52%	48%	100%
Luz	41%	59%	100%
Limpeza	100%	0%	100%
Outros	100%	0%	100%

Quadro 51: O que mais apreciam os veraneantes
 Fonte: Trabalho de campo, elaboração própria

ANEXOS

(modelo inquérito preliminar população residente Praia de Mira e Praia da Tocha)

INQUÉRITO À POPULAÇÃO RESIDENTE
- PRAIA DE MIRA -

1. SEXO masculino feminino
2. IDADE Menos - 14 15 - 64 mais de 65 qual: _____
3. ESTADO CIVIL
- a. Solteiro/a
- b. Casado/a
- c. Viúvo/a
- d. Divorciado/a
- e. União de facto
- f. Qual _____
4. NATURALIDADE
- a. Da localidade
- b. Do concelho
- c. Outro concelho qual: _____
- d. Há quanto tempo reside _____
- e. Há quantas gerações _____
- f. Origem do familiar mais antigo conhecido: _____
5. NACIONALIDADE
- a. Portuguesa
- b. Europa
- i. país: _____
- c. Fora da Europa
- i. país: _____
6. INSTRUÇÃO
- a. Analfabeto
- b. Primeiro ciclo
- c. Segundo ciclo
- d. Terceiro ciclo
- e. Ensino secundário
- f. Ensino superior
- i. Licenciatura
- ii. Mestrado
- iii. Doutoramento
7. COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR
- a. 1 elemento
- b. 2 elementos
- c. 3 elementos
- d. 4 elementos
- e. + de 4 elementos
- f. parentesco: _____
8. FILHOS
- a. Não
- b. Sim
- c. Idades
- i. Menos de 14 total: _____
- ii. 15 - 64 total: _____
9. JÁ RESIDIU EM OUTRO PAIS
- a. Não
- b. Sim onde: _____
- c. Durante quanto tempo _____
- d. Há quanto tempo regressou _____
10. PROFISSÃO
- a. desempregado
- b. trabalhador conta própria
- c. trabalhador conta de outrem
- d. qual: _____

11. EXERCE OUTRA ACTIVIDADE ECONÓMICA

- a. Não
- b. Sim
- i. Comércio
 1. qual: _____
- ii. Serviços
 1. qual: _____
- iii. Pesca
- iv. Agricultura
 1. produtos: _____
 2. destino: _____
- v. Outra
 qual: _____
- c. Motivação
- i. Complemento
- ii. Necessidade
- iii. Lúdico

12. EMPREGO

- a. Tempo de deslocação
- i. 00 - 15 minutos
- ii. 15 - 30 minutos
- iii. 30 - 45 minutos
- iv. + - 45 minutos
- b. modo de deslocação
- i. a pé
- ii. transporte particular
- iii. transporte público

13. RENDIMENTO (mês)

- a. Até 500€
- b. De 500 a 1000€
- c. Mais de 1000€

14. HABITAÇÃO/ALOJAMENTO

- a. Próprio
- b. Arrendado
- c. Outro
 qual: _____

15. TIPO DE HABITAÇÃO

- a. Vivenda
- b. Apartamento
- c. Outro qual: _____

16. CARACTERÍSTICAS HABITAÇÃO

- a. Número de quartos (1)(2)(3)(4)(+ 4)
- b. TVcabo/NET/Telefone sim: não: outro:
- c. Água canalizada sim: não: outro:
- d. Gás canalizado sim: não: outro:
- e. Eletricidade sim: não:
- f. Obras de conservação nos últimos 10 anos
- i. Não
- ii. Sim
- g. Recursos
- i. próprios
- ii. empréstimo

17. ARRENDA O IMÓVEL A VERANEANTES

- a. Não
- b. Sim
- c. Há quantos anos _____
- d. Época baixa: alta: outras: _____
- e. Totalidade
- i. Para onde se desloca, as condições de habitabilidade são iguais, inferiores ou inferiores:

- ii. Tipo de alojamento: _____
- iii. Alojamento próprio arrendado outro
- iv. Distância em relação à morada habitual: _____
- f. Parte do imóvel
- g. Divide o espaço com os hóspedes não sim

- h. Quartos com serventia de cozinha
- i. Quartos sem serventia de cozinha
- j. Quantos hóspedes em média _____
- k. São hóspedes recorrentes não sim
18. DURAÇÃO DA ESTADA
- a. 01 - 03 noites
- b. 03 - 05 noites
- c. 05 - 10 noites
- d. + - 10 noites
19. PREÇO MÉDIO POR NOITE
- a. 05 - 10€
- b. 10 - 15€
- c. 15 - 20€
- d. + - 20€
20. RAZÕES DO ARRENDAMENTO
- a. Início
- i. Companhia
- ii. Complemento
- iii. Necessidade
- b. Atualidade
- i. Companhia
- ii. Complemento
- iii. Necessidade
21. INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS NA LOCALIDADE
- a. Vias de comunicação
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- b. Prestação de bens e serviços (saúdes, educação, correios, comercio...)
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- c. Infraestruturas balneares (parques de campismo, hotelaria, restauração...)
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- d. Aspectos a melhorar
- _____
- _____
22. IMPORTANCIA DO TURISMO BALNEAR
- a. Positivo
- b. Negativo
- c. Sem opinião
23. O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS ANOS
- a. Comportamentos sociais não sim
- b. Comportamentos familiares não sim
- c. Hábitos de consumo não sim
- d. Ordenamento território mau bom
- e. Acessibilidades mau bom
24. Para o sector do TURISMO da Praia de Mira, se tivesse que alterar alguma coisa, o que faria?
- _____
- _____
- _____

Muito obrigado pela colaboração,

Praia de Mira, ____/____/____

INQUÉRITO À POPULAÇÃO RESIDENTE
- PRAIA DA TOCHA -

1. SEXO masculino feminino
2. IDADE Menos - 14 15 - 64 mais de 65 qual: _____
3. ESTADO CIVIL
- a. Solteiro/a
- b. Casado/a
- c. Viúvo/a
- d. Divorciado/a
- e. União de facto
- f. Qual _____
4. NATURALIDADE
- a. Da localidade
- b. Do concelho
- c. Outro concelho qual: _____
- d. Há quanto tempo reside _____
- e. Há quantas gerações _____
- f. Origem do familiar mais antigo conhecido: _____
5. NACIONALIDADE
- a. Portuguesa
- b. Europa
- i. país: _____
- c. Fora da Europa
- i. país: _____
6. INSTRUÇÃO
- a. Analfabeto
- b. Primeiro ciclo
- c. Segundo ciclo
- d. Terceiro ciclo
- e. Ensino secundário
- f. Ensino superior
- i. Licenciatura
- ii. Mestrado
- iii. Doutoramento
7. COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR
- a. 1 elemento
- b. 2 elementos
- c. 3 elementos
- d. 4 elementos
- e. + de 4 elementos
- f. parentesco: _____
8. FILHOS
- a. Não
- b. Sim
- c. Idades
- i. Menos de 14 total: _____
- ii. 15 - 64 total: _____
9. JÁ RESIDIU EM OUTRO PAIS
- a. Não
- b. Sim onde: _____
- c. Durante quanto tempo _____
- d. Há quanto tempo regressou _____
10. PROFISSÃO
- a. desempregado
- b. trabalhador conta própria
- c. trabalhador conta de outrem
- d. qual: _____
11. EXERCE OUTRA ACTIVIDADE ECONÓMICA

- a. Não
- b. Sim
- i. Comércio
1. qual: _____
- ii. Serviços
1. qual: _____
- iii. Pesca
- iv. Agricultura
1. produtos: _____
2. destino: _____
- v. Outra
qual: _____
- c. Motivação
- i. Complemento
- ii. Necessidade
- iii. Lúdico
12. EMPREGO
- a. Tempo de deslocação
- i. 00 - 15 minutos
- ii. 15 - 30 minutos
- iii. 30 - 45 minutos
- iv. + - 45 minutos
- b. modo de deslocação
- i. a pé
- ii. transporte particular
- iii. transporte público
13. RENDIMENTO (mês)
- a. Até 500€
- b. De 500 a 1000€
- c. Mais de 1000€
14. HABITAÇÃO/ALOJAMENTO
- a. Próprio
- b. Arrendado
- c. Outro
qual: _____
15. TIPO DE HABITAÇÃO
- a. Vivenda
- b. Apartamento
- c. Outro qual: _____
16. CARACTERÍSTICAS HABITAÇÃO
- a. Número de quartos (1)(2)(3)(4)(+ 4)
- b. TVcabo/NET/Telefone sim: não: outro:
- c. Água canalizada sim: não: outro:
- d. Gás canalizado sim: não: outro:
- e. Eletricidade sim: não:
- f. Obras de conservação nos últimos 10 anos
- i. Não
- ii. Sim
- g. Recursos
- i. próprios
- ii. empréstimo
17. ARRENTA O IMÓVEL A VERANEANTES
- a. Não
- b. Sim
- c. Há quantos anos _____
- d. Época baixa: alta: outras: _____
- e. Totalidade
- i. Para onde se desloca, as condições de habitabilidade são iguais, inferiores ou inferiores: _____
- ii. Tipo de alojamento: _____
- iii. Alojamento próprio arrendado outro
- iv. Distância em relação à morada habitual: _____
- f. Parte do imóvel
- g. Divide o espaço com os hóspedes não sim
- h. Quartos com serventia de cozinha
- i. Quartos sem serventia de cozinha

- j. Quantos hóspedes em média _____
- k. São hóspedes reincidentes não sim
18. DURAÇÃO DA ESTADA
- a. 01 – 03 noites
- b. 03 – 05 noites
- c. 05 – 10 noites
- d. + – 10 noites
19. PREÇO MÉDIO POR NOITE
- a. 05 – 10€
- b. 10 – 15€
- c. 15 – 20€
- d. + – 20€
20. RAZÕES DO ARRENDAMENTO
- a. Início
- i. Companhia
- ii. Complemento
- iii. Necessidade
- b. Atualidade
- i. Companhia
- ii. Complemento
- iii. Necessidade
21. INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS NA LOCALIDADE
- a. Vias de comunicação
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- b. Prestação de bens e serviços (saúdes, educação, correios, comercio...)
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- c. Infraestruturas balneares (parques de campismo, hotelaria, restauração...)
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- d. Aspectos a melhorar
- _____
- _____
22. IMPORTANCIA DO TURISMO BALNEAR
- a. Positivo
- b. Negativo
- c. Sem opinião
23. O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS ANOS
- a. Comportamentos sociais não sim
- b. Comportamentos familiares não sim
- c. Hábitos de consumo não sim
- d. Ordenamento território mau bom
- e. Acessibilidades mau bom
24. Para o sector do TURISMO da Praia de Mira, se tivesse que alterar alguma coisa, o que faria?
- _____
- _____
- _____
- _____

Muito obrigado pela colaboração,

Praia da Tocha, ____/____/____

ANEXOS

(modelo inquérito preliminar veraneantes Praia de Mira e Praia da Tocha)

INQUÉRITO AOS VERANEANTES
- PRAIA DE MIRA -

1. SEXO masculino feminino
2. IDADE Menos- 14 15 - 64 mais de 65 qual: _____
3. ESTADO CIVIL
- a. Solteiro/a
- b. Casado/a
- c. Viúvo/a
- d. Divorciado/a
- e. União de facto
- f. Qual _____
4. NACIONALIDADE
- a. Portuguesa
- b. Europa
- i. país: _____
- c. Fora da Europa
- i. país: _____
5. NATURALIDADE
- a. Da localidade
- b. Do concelho
- c. Outro concelho qual: _____
6. INSTRUÇÃO
- a. Analfabeto
- b. Primeiro ciclo
- c. Segundo ciclo
- d. Terceiro ciclo
- e. Ensino secundário
- f. Ensino superior
- i. Licenciatura
- ii. Mestrado
- iii. Doutoramento
7. COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR EM FÉRIAS
- a. 1 elemento
- b. 2 elementos
- c. 3 elementos
- d. 4 elementos
- e. + de 4 elementos
8. FILHOS
- a. Não
- b. Sim
- c. Idades
- i. Menos de 14 total: _____
- ii. 15 - 64 total: _____
9. PROFISSÃO
- a. desempregado
- b. trabalhador conta própria
- c. trabalhador conta de outrem
- d. qual: _____
10. RENDIMENTO (mês)
- a. Até 500€
- b. De 500 a 1000€
- c. Mais de 1000€
11. MOTIVAÇÃO PRESENTE NA ESCOLHA DESTA LOCALIDADE
- a. Recomendado por alguém
- b. Proximidade geográfica
- c. Acessibilidade

- d. Relação qualidade/preço
- e. Recursos turísticos
- i. Mar
- ii. Clima
- iii. Barrinha
- iv. Floresta
- v. Outro: _____
- f. Oferta turística
- i. Equipamentos
- ii. Eventos
- iii. Património
- iv. Outro: _____
- g. Lugar seguro
- h. Hospitalidade dos residentes
- i. Tradição familiar
- j. Outros
- i. Quais: _____

12. FREQUÊNCIA

- a. Primeira vez sim: não:
- b. Número de vezes _____
- c. Desde quando _____
- d. Ao longo do ano _____
- e. Épocas específicas: _____
- f. Regressará sim: não:

13. TRANSPORTE UTILIZADO

- a. Próprio
- b. Público

14. ESTADA

- a. Alojado
- b. Vem de fora
- c. De onde: _____
- d. Desloca-se diariamente
- e. Desloca-se de forma casual
- f. Tempo deslocação viagem
- i. Menos de 15 minutos
- ii. 15 - 30 minutos
- iii. Mais de 30 minutos
- g. Anos anteriores
- i. Alojado
- ii. Vem de fora

15. CARACTERÍSTICAS DO ALOJAMENTO QUE OCUPA

- a. Hotelaria não: sim:
- i. Pensão completa sim: não:
- ii. Meia pensão sim: não:
- iii. Com pequeno almoço sim: não:
- b. Campismo não: sim:
- i. Tenda sim: não:
- ii. Autocaravana sim: não:
- iii. Bungalow sim: não:
- c. Casa de amigos não: sim:
- d. Casa arrendada não: sim:
- i. Casa independente sim: não:
- ii. Casa partilhada sim: não:
- iii. TVcabo/NET/Telefone sim: não:
- e. Quartos não: sim:
- i. Com serventia de cozinha sim: não:
- ii. Sem serventia de cozinha sim: não:
- iii. WC privado sim: não:
- iv. WC partilhado sim: não:
- v. TVcabo/NET/Telefone sim: não:

16. RAZÕES NA ESCOLHA DESTE ALOJAMENTO

- a. Relação qualidade/preço
- b. Oferta serviços
- c. Conforto
- d. Segurança

- e. Receptividade do agente
- f. Tradição familiar
17. DURAÇÃO DA ESTADA
- a. 01 – 03 noites
- b. 03 – 05 noites
- c. 05 – 10 noites
- d. + - 10 noites
18. PREÇO MÉDIO POR NOITE
- a. 05 – 10€
- b. 10 – 15€
- c. 15 – 20€
- d. + - 20€
19. UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS
- a. Cafés/bares
- i. Frequência: _____
- b. Restauração
- i. Frequência: _____
- c. Mercados/supermercados
- i. Frequência: _____
- d. Satisfeito
- e. Pouco satisfeito
- f. Sugestões: _____
20. INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS NA LOCALIDADE
- a. Vias de comunicação
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- b. Prestação de bens e serviços
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- c. Infraestruturas balneares
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- d. Aspectos a melhorar
- _____
21. QUE OUTRAS PRAIAS COSTUMA FREQUENTAR?
- _____
22. QUANDO ESTÁ NA PRAIA DE MIRA QUE OUTROS LUGARES COSTUMA VISITAR?
- _____
23. MENCIONE ALGUNS ASPECTOS QUE MAIS APRECIA NESTA PRAIA?
- _____
- _____
- _____

Muito obrigado pela colaboração,

Praia de Mira, ____/____/____

INQUÉRITO AOS VERANEANTES
- PRAIA DA TOCHA -

1. SEXO masculino feminino
2. IDADE Menos- 14 15 - 64 mais de 65 qual: _____
3. ESTADO CIVIL
- a. Solteiro/a
- b. Casado/a
- c. Viúvo/a
- d. Divorciado/a
- e. União de facto
- f. Qual: _____
4. NACIONALIDADE
- a. Portuguesa
- b. Europa
- i. país: _____
- c. Fora da Europa
- i. país: _____
5. NATURALIDADE
- a. Da localidade
- b. Do concelho
- c. Outro concelho qual: _____
6. INSTRUÇÃO
- a. Analfabeto
- b. Primeiro ciclo
- c. Segundo ciclo
- d. Terceiro ciclo
- e. Ensino secundário
- f. Ensino superior
- i. Licenciatura
- ii. Mestrado
- iii. Doutoramento
7. COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR EM FÉRIAS
- a. 1 elemento
- b. 2 elementos
- c. 3 elementos
- d. 4 elementos
- e. + de 4 elementos
8. FILHOS
- a. Não
- b. Sim
- c. Idades
- i. Menos de 14 total: _____
- ii. 15 - 64 total: _____
9. PROFISSÃO
- a. Desempregado
- b. Trabalhador conta própria
- c. Trabalhador conta de outrem
- d. Qual: _____
10. RENDIMENTO (mês)
- a. Até 500€
- b. De 500 a 1000€
- c. Mais de 1000€
11. MOTIVAÇÃO PRESENTE NA ESCOLHA DESTA LOCALIDADE
- a. Recomendado por alguém
- b. Proximidade geográfica
- c. Acessibilidade

- d. Relação qualidade/preço
- e. Recursos turísticos
- i. Mar
- ii. Clima
- iii. Barrinha
- iv. Floresta
- v. Outro: _____
- f. Oferta turística
- i. Equipamentos
- ii. Eventos
- iii. Património
- iv. Outro: _____
- g. Lugar seguro
- h. Hospitalidade dos residentes
- i. Tradição familiar
- j. Outros
- i. Quais: _____

12. FREQUÊNCIA

- a. Primeira vez sim: não:
- b. Número de vezes _____
- c. Desde quando _____
- d. Ao longo do ano _____
- e. Épocas específicas: _____
- f. Regressará sim: não:

13. TRANSPORTE UTILIZADO

- a. Próprio
- b. Público

14. ESTADA

- a. Alojado
- b. Vem de fora
- c. De onde: _____
- d. Desloca-se diariamente
- e. Desloca-se de forma casual
- f. Tempo deslocação viagem
- i. Menos de 15 minutos
- ii. 15 - 30 minutos
- iii. Mais de 30 minutos
- g. Anos anteriores
- i. Alojado
- ii. Vem de fora

15. CARACTERÍSTICAS DO ALOJAMENTO QUE OCUPA

- a. Hotelaria não: sim:
- i. Pensão completa sim: não:
- ii. Meia pensão sim: não:
- iii. Com pequeno almoço sim: não:
- b. Campismo não: sim:
- i. Tenda sim: não:
- ii. Autocaravana sim: não:
- iii. Bungalow sim: não:
- c. Casa de amigos não: sim:
- d. Casa arrendada não: sim:
- i. Casa independente sim: não:
- ii. Casa partilhada sim: não:
- iii. TVcabo/NET/Telefone sim: não:
- e. Quartos não: sim:
- i. Com serventia de cozinha sim: não:
- ii. Sem serventia de cozinha sim: não:
- iii. WC privado sim: não:
- iv. WC partilhado sim: não:
- v. TVcabo/NET/Telefone sim: não:

16. RAZÕES NA ESCOLHA DESTE ALOJAMENTO

- a. Relação qualidade/preço
- b. Oferta serviços
- c. Conforto
- d. Segurança

- e. Receptividade do agente
- f. Tradição familiar
17. DURAÇÃO DA ESTADA
- a. 01 – 03 noites
- b. 03 – 05 noites
- c. 05 – 10 noites
- d. + - 10 noites
18. PREÇO MÉDIO POR NOITE
- a. 05 – 10€
- b. 10 – 15€
- c. 15 – 20€
- d. + - 20€
19. UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS
- a. Cafés/bares
- i. Frequência: _____
- b. Restauração
- i. Frequência: _____
- c. Mercados/supermercados
- i. Frequência: _____
- d. Satisfeito
- e. Pouco satisfeito
- f. Sugestões: _____
20. INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS NA LOCALIDADE
- a. Vias de comunicação
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- b. Prestação de bens e serviços
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- c. Infraestruturas balneares
- i. Satisfeito
- ii. Não satisfeito
- iii. Outro: _____
- d. Aspectos a melhorar
- _____
21. QUE OUTRAS PRAIAS COSTUMA FREQUENTAR?
- _____
- _____
22. QUANDO ESTÁ NA PRAIA DA TOCHA QUE OUTROS LUGARES COSTUMA VISITAR?
- _____
- _____
23. MENCIONE ALGUNS ASPECTOS QUE MAIS APRECIA NESTA PRAIA?
- _____
- _____
- _____

Muito obrigado pela colaboração,

Praia da Tocha, ____/____/____

ANEXOS

(modelo inquérito definitivo população residente Praia de Mira e Praia da Tocha)

INQUÉRITO À POPULAÇÃO RESIDENTE
- PRAIA DE MIRA -

1. GÊNERO: masculino feminino
2. IDADE: _____
3. ESTADO CIVIL: _____
4. NATURALIDADE: _____
5. RESIDÊNCIA: _____
6. NACIONALIDADE: _____
7. INSTRUÇÃO/ESCOLARIDADE: _____
8. COMPOSIÇÃO/NÚMERO DE ELEMENTOS DO AGREGADO FAMILIAR:
-
9. FILHOS: Não Sim Quantos: _____
10. JÁ RESIDIU EM OUTRO PAÍS: Não Sim Onde?:

Durante quanto tempo: _____ Há quanto tempo regressou: _____
11. PROFISSÃO: _____
12. EXERCE OUTRA ACTIVIDADE ECONÓMICA: Não Sim Qual?:

Motivação: _____ Obs.

13. EMPREGO: Tempo de deslocação: _____ Modo de deslocação:

14. RENDIMENTO (mês): Até 500€ De 500 a 1000€ Mais de
1000€
15. HABITAÇÃO: Próprio Arrendado Outro
Qual: _____

16. TIPO HABITAÇÃO: Vivenda Apartamento Outro
Qual: _____
17. CARACTERÍSTICAS HABITAÇÃO: Número de quartos: _____ Obras: _____
Recursos: _____
18. ARRENTA IMÓVEL VERANEANTES: Não Sim
Há quantos anos _____ Época: _____
Totalidade Parte do imóvel Divide espaço c/ hóspedes: _____
Quartos c/ serventia de cozinha Quartos sem serventia cozinha
Quantos hóspedes em média _____ São hóspedes reincidentes:

19. DURAÇÃO DA ESTADA: até 3 noites 3 – 5 noites 5 – 10 noites + 10
noites
20. PREÇO MÉDIO POR NOITE: 5 – 10€ 10 – 15€ 15 – 20€ + 20€
21. RAZÕES DO ARRENDAMENTO: Companhia Complemento Necessidade
22. INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS NA LOCALIDADE:
Vias de comunicação
Satisfeito Não satisfeito
Prestação de bens e serviços (saúdes, educação, correios, comercio...)
Satisfeito Não satisfeito
Infraestruturas balneares (parques de campismo, hotelaria, restauração...)
Satisfeito Não satisfeito
Aspectos a melhorar

23. IMPORTANCIA DO TURISMO BALNEAR: Positivo Negativo
Sem opinião
24. O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS ANOS:
Comportamentos sociais não sim
Comportamentos familiares não sim
Hábitos de consumo não sim
Ordenamento território mau bom
Acessibilidades mau bom
25. Para o sector do TURISMO da Praia de Mira, se tivesse que alterar alguma coisa,
o que faria?

Muito obrigado pela colaboração,
Praia de Mira, ____/____/____

INQUÉRITO À POPULAÇÃO RESIDENTE
- PRAIA DA TOCHA -

1. GÊNERO: masculino feminino
2. IDADE: _____
3. ESTADO CIVIL: _____
4. NATURALIDADE: _____
5. RESIDÊNCIA: _____
6. NACIONALIDADE: _____
7. INSTRUÇÃO/ESCOLARIDADE: _____
8. COMPOSIÇÃO/NÚMERO DE ELEMENTOS DO AGREGADO FAMILIAR:
-
9. FILHOS: Não Sim Quantos: _____
10. JÁ RESIDIU EM OUTRO PAÍS: Não Sim Onde?:

Durante quanto tempo: _____ Há quanto tempo regressou: _____
11. PROFISSÃO: _____
12. EXERCE OUTRA ACTIVIDADE ECONÓMICA: Não Sim Qual?:

Motivação: _____ Obs.

13. EMPREGO: Tempo de deslocação: _____ Modo de deslocação:

14. RENDIMENTO (mês): Até 500€ De 500 a 1000€ Mais de
1000€
15. HABITAÇÃO: Próprio Arrendado Outro
Qual: _____
16. TIPO HABITAÇÃO: Vivenda Apartamento Outro
Qual: _____

17. CARACTERÍSTICAS HABITAÇÃO: Número de quartos: _____ Obras: _____
Recursos: _____

18. ARRENTA IMÓVEL VERANEANTES: Não Sim
Há quantos anos _____ Época: _____
Totalidade Parte do imóvel Divide espaço c/ hóspedes: _____
Quartos c/ serventia de cozinha Quartos sem serventia cozinha
Quantos hóspedes em média _____ São hóspedes reincidentes:

19. DURAÇÃO DA ESTADA: até 3 noites 3 – 5 noites 5 – 10 noites + 10
noites

20. PREÇO MÉDIO POR NOITE: 5 – 10€ 10 – 15€ 15 – 20€ + 20€

21. RAZÕES DO ARRENDAMENTO: Companhia Complemento Necessidade

22. INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS NA LOCALIDADE:

Vias de comunicação

Satisfeito Não satisfeito

Prestação de bens e serviços (saúdes, educação, correios, comercio...)

Satisfeito Não satisfeito

Infraestruturas balneares (parques de campismo, hotelaria, restauração...)

Satisfeito Não satisfeito

Aspectos a melhorar

23. IMPORTANCIA DO TURISMO BALNEAR: Positivo Negativo
Sem opinião

24. O QUE MUDOU NOS ÚLTIMOS ANOS:

Comportamentos sociais não sim

Comportamentos familiares não sim

Hábitos de consumo não sim

Ordenamento território mau bom

Acessibilidades mau bom

25. Para o sector do TURISMO da Praia da Tocha, se tivesse que alterar alguma coisa,
o que faria?

Muito obrigado pela colaboração,
Praia da Tocha, ____/____/____

ANEXOS

(modelo inquérito definitivo veraneantes Praia de Mira e Praia da Tocha)

INQUÉRITO AOS VERANEANTES

- PRAIA DE MIRA -

Responda assinalando com um X na opção que corresponde à sua realidade, bem como, registando a sua opinião sempre que solicitada.

O presente inquérito é anónimo e destina-se EXCLUSIVAMENTE para fins académicos, servindo para a elaboração de uma tese de doutoramento em Geografia Humana.

1. GÉNERO: masculino feminino

2. IDADE: _____

3. ESTADO CIVIL: _____

4. NACIONALIDADE: _____

5. NATURALIDADE: _____

6. RESIDÊNCIA: _____

7. INSTRUÇÃO/ESCOLARIDADE: _____

8. COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR QUE SE ENCONTRA AQUI DE FÉRIAS:

9. FILHOS: Não Sim Quantos: _____

10. PROFISSÃO: _____

11. RENDIMENTO (mês): Até 500€ De 500 a 1000€
Mais de 1000€

12. RAZÕES NA ESCOLHA DESTA LOCALIDADE:

13. FREQUÊNCIA:

a. Primeira vez sim: não:

b. Há quantos anos vem? _____

c. Épocas específicas: _____

d. Regressará sim: não:

14. TRANSPORTE UTILIZADO: Próprio Público

15. ESTADA ATUAL: Alojado Vem de fora Diariamente
Casual

16. ESTADA EM ANOS ANTERIORES: Alojado Vinha de fora

17. CARACTERÍSTICAS DO ALOJAMENTO QUE OCUPA:

a. Hotelaria

Pensão completa Meia pensão Com pequeno almoço

b. Campismo

Tenda Autocaravana Bungalow

c. Casa de amigos

d. Casa arrendada

Independente Partilhada c/ senhorio C/
serventia cozinha

S/ serventia cozinha WC privado WC
partilhado

18. RAZÕES NA ESCOLHA DESTE ALOJAMENTO:

19. DURAÇÃO DA ESTADA: _____

20. PREÇO MÉDIO POR NOITE:

05€ - 10€ 10€ - 15€ 15€ - 20€ + 20€

21. UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS:

a. Cafés/bares

Frequência: _____

b. Restauração

Frequência: _____

c. Mercados/supermercados

Frequência: _____

d. Satisfeito

e. Pouco satisfeito

f. Sugestões:

22. INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS NA LOCALIDADE:

a. Vias de comunicação

Satisfeito Não satisfeito

b. Prestação de bens e serviços

Satisfeito Não satisfeito

c. Infraestruturas balneares

Satisfeito Não satisfeito

d. Aspectos a melhorar

23. QUE OUTRAS PRAIAS COSTUMA FREQUENTAR? VISITA ESTRANGEIRO?

24. QUANDO ESTÁ NA PRAIA DE MIRA QUE OUTROS LUGARES COSTUMA VISITAR?

25. MENCIONE ALGUNS ASPECTOS QUE MAIS APRECIA NESTA PRAIA?

Muito obrigado pela colaboração,
Praia de Mira, ____/____/____

INQUÉRITO AOS VERANEANTES

- PRAIA DA TOCHA -

Responda assinalando com um X na opção que corresponde à sua realidade, bem como, registando a sua opinião sempre que solicitada.

O presente inquérito é anónimo e destina-se EXCLUSIVAMENTE para fins académicos, servindo para a elaboração de uma tese de doutoramento em Geografia Humana.

1. GÉNERO: masculino feminino

2. IDADE: _____

3. ESTADO CIVIL: _____

4. NACIONALIDADE: _____

5. NATURALIDADE: _____

6. RESIDÊNCIA: _____

7. INSTRUÇÃO/ESCOLARIDADE: _____

8. COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR QUE SE ENCONTRA AQUI DE FÉRIAS:

9. FILHOS: Não Sim Quantos: _____

10. PROFISSÃO: _____

11. RENDIMENTO (mês): Até 500€ De 500 a 1000€
Mais de 1000€

12. RAZÕES NA ESCOLHA DESTA LOCALIDADE:

13. FREQUÊNCIA:

a. Primeira vez sim: não:

b. Há quantos anos vem? _____

c. Épocas específicas: _____

d. Regressará sim: não:

14. TRANSPORTE UTILIZADO: Próprio Público

15. ESTADA ATUAL: Alojado Vem de fora Diariamente
Casual

16. ESTADA EM ANOS ANTERIORES: Alojado Vinha de fora

17. CARACTERÍSTICAS DO ALOJAMENTO QUE OCUPA:

a. Hotelaria

Pensão completa Meia pensão Com pequeno almoço

b. Campismo

Tenda Autocaravana Bungalow

c. Casa de amigos

d. Casa arrendada

Independente Partilhada c/ senhorio C/
serventia cozinha

S/ serventia cozinha WC privado WC
partilhado

18. RAZÕES NA ESCOLHA DESTE ALOJAMENTO:

19. DURAÇÃO DA ESTADA: _____

20. PREÇO MÉDIO POR NOITE:

05€ – 10€ 10€ – 15€ 15€ – 20€ + 20€

21. UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS:

a. Cafés/bares

Frequência: _____

b. Restauração

Frequência: _____

c. Mercados/supermercados

Frequência: _____

d. Satisfeito

e. Pouco satisfeito

f. Sugestões:

22. INFRAESTRUTURAS PÚBLICAS NA LOCALIDADE:

a. Vias de comunicação

Satisfeito Não satisfeito

b. Prestação de bens e serviços

Satisfeito Não satisfeito

c. Infraestruturas balneares

Satisfeito Não satisfeito

d. Aspectos a melhorar

23. QUE OUTRAS PRAIAS COSTUMA FREQUENTAR? VISITA ESTRANGEIRO?

24. QUANDO ESTÁ NA PRAIA DA TOCHA QUE OUTROS LUGARES COSTUMA VISITAR?

25. MENCIONE ALGUNS ASPECTOS QUE MAIS APRECIA NESTA PRAIA?

Muito obrigado pela colaboração,
Praia da Tocha, ____/____/____